



Anais da VII Jornada Internacional de Estudos sobre o Espaço Literário

ESPAÇO E POESIA

Volume 7 | Nº 7 | 2019

ufpi | uespi | uema

teresina_2019



Anais da VII Jornada Internacional de Estudos sobre o Espaço Literário

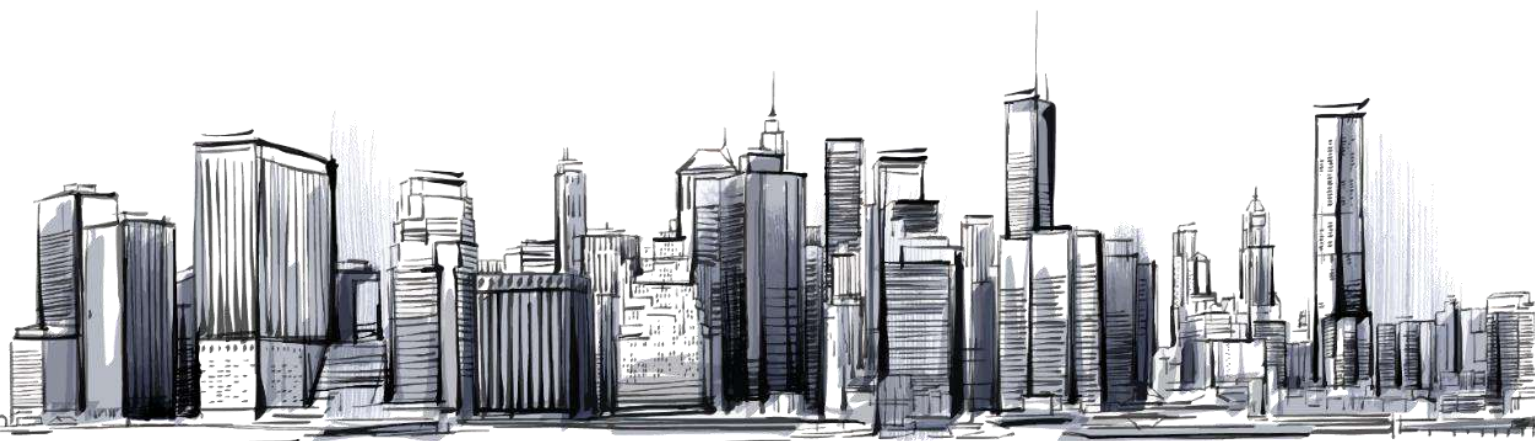
ESPAÇO E POESIA

Volume 7 | Nº 7 | 2019

[organização]

André Pinheiro

Silvana Pantoja



Expediente

VII JOEEL – Jornada Internacional de Estudos sobre o Espaço Literário

Universidade Federal do Piauí - UFPI
Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Comissão Científica:

Alexander Meireles da Silva | Universidade Federal de Goiás - Catalão
Alexandre Bonafim | Universidade Estadual de Goiás
Ana Maria Costa Lopes | Instituto Politécnico de Viseu
Carlos André Pinheiro | Universidade Federal do Piauí
Fernando Alexandre Lopes | Instituto Politécnico de Viseu
Igor Rossoni | Universidade Federal da Bahia
Jorge Marques de Moraes | Colégio Pedro II - Rio de Janeiro
Kléber José Clemente dos Santos | Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Luciana M. Collucci de Camargo | Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Márcia Rejany Mendonça | Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
Maria das Graças Meirelles Correia | Instituto Federal da Bahia
Maria Imaculada Cavalcante | Universidade Federal de Goiás - Catalão
Maria João Simões | Universidade de Coimbra
Marisa Martins Gama-Khalil | Universidade Federal de Uberlândia
Oziris Borges Filho | Univ. Federal do Triângulo Mineiro/Univ. Federal de Goiás
Sidney Barbosa | Universidade de Brasília
Silvana Pantoja | Universidade Estadual do Maranhão/Universidade Estadual do Piauí

Comissão Organizadora:

André Pinheiro | Oziris Borges Filho | Silvana Pantoja | Sidney Barbosa

Comissão de Apoio:

Alana Santos | Alody Costa | Allysson de Castro | Bruno Lima | Caio Carvalho | Douglas de Sousa |
Eliene Dias | Iara Mourão | Karine Lima | Mateus Reis | Rhusily Lira | Samara Vieira | Sandra de
Oliveira | Simone Nunes | Teresa Porto

Diagramação e Arte:

André Pinheiro

Pinheiro, André. Pantoja, Silvana (orgs).

TOPUS: Barbosa, Sidney. Borges Filho, Oziris (líderes do grupo de pesquisa).

Anais da VII JOEEL – Jornada Internacional de Estudos sobre o Espaço Literário. Volume 7, Número 7. UFPI-UESPI-UEMA. Teresina, 2019.

ISSN: 2319-0272

166 p.

I. Anais. II. Título.

1. Espaço literário. 2. Teoria da literatura. 3 Espaço e poesia.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	08
PROGRAMAÇÃO	09
RESUMOS	19
SOBRE OS PARTICIPANTES	85
PROGRAMAÇÃO CULTURAL	93
FOTOS	100
RESUMOS EXPANDIDOS	107

ESPAÇOS EM PERSPECTIVA NO CORDEL DE SALETE MARIA DA SILVA

Ana Célia Sousa de Oliveira | Maria das Graças Meirelles Correia 109

MEMÓRIAS: A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE PARNAÍBA/PI NO FINAL DO SÉCULO XIX NA OBRA DE HUMBERTO DE CAMPOS

Alexandre César Mendes Araújo 116

MUITOS OBJETOS E UM CASAL: O LUGAR DA (DES)AFETIVIDADE NOS CONTOS A CEIA E OS OBJETOS, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Bruna Gabrielle de Sousa Rocha | Danilo de Oliveira Nascimento 122

GEOGRAFIA E GEOMETRICIDADE NA OBRA POÉTICA DE JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO

Eloíse Gomes Santiago | Maria das Graças Meirelles Correia 128

AO PÓ VOLTARÁS: ESPAÇOS LITERÁRIOS NA POÉTICA DE SANDRO PENELÚ

Evelyn Letícia de Pinho Santos | Maria das Graças Meirelles Correia 134

O ESPAÇO DA RODA E A RODA NO ESPAÇO DO SAMBA NA BAHIA

Gutiery Silva da Anunciação | Maria das Graças Meirelles Correia 139

ESPAÇOS EM TRANSE: FLUXOS E IDENTIDADES NA OBRA DE EDERVAL FERNANDES

João Victor de Jesus Santos | Maria das Graças Meirelles Correia 147

INTERSECÇÕES ENTRE OS PROCEDIMENTOS DIEGÉTICOS DE NATALIA GINZBURG E DE CARLO GINZBURG: princípios basilares para uma micro-história literária

Jucelino de Sales 154

ESPAÇO E MEMÓRIAS NA NARRATIVA DE LÍLIAN ALMEIDA

Maria Aparecida Brandão Farias | Maria das Graças Meirelles Correia 160

APRESENTAÇÃO

A *JOEEL - Jornada Internacional de Estudos sobre o Espaço Literário* é um evento científico promovido anualmente pelo **TOPUS – Grupo Interinstitucional de Pesquisa sobre Espaço, Literatura e Outras Artes**, cadastrado no Diretório de pesquisa do CNPq, com sede situada na Universidade de Brasília – UnB.

Iniciando suas atividades em novembro de 2012, o grupo **TOPUS** nasceu para preencher uma lacuna importante no que se refere à pesquisa do espaço ficcional na área dos estudos literários. Trata-se, portanto, de um ambiente de debate com vista a aprofundar o conhecimento sobre a categoria estruturante do espaço presente em obras literárias e também em outras modalidades artísticas.

Através de uma parceria travada com algumas instituições de ensino superior em Portugal, o **TOPUS** promove anualmente a realização deste evento. Nos anos ímpares, ele ocorre no Brasil (com mudança de sede a cada nova edição) e nos anos pares em Portugal (sempre na cidade de Viseu, localizada na região central do país). Até o presente momento, o evento conta com o seguinte histórico de execução:

- 2013 - Uberaba-MG | Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM
- 2014 - Viseu | Instituto Politécnico de Viseu/Escola Superior de Educação de Viseu
- 2015 - Brasília-DF | Universidade de Brasília - UnB
- 2016 - Viseu | Instituto Politécnico de Viseu/Escola Superior de Educação de Viseu
- 2017 - Rio de Janeiro-RJ | Colégio Pedro II
- 2018 - Viseu | Instituto Politécnico de Viseu/Escola Superior de Educação de Viseu
- 2019 - Teresina-PI | Universidade Federal do Piauí/Universidade Estadual do Piauí/Universidade Estadual do Maranhão

O evento segue normalmente o preceito de que, quando for realizado no Brasil, deve-se homenagear um escritor português. Por outro lado, quando realizado em Portugal, o evento deve prestar homenagem a um escritor brasileiro. Essa estratégia foi pensada com vista a estimular o trâmite cultural entre as duas nações. Para esta edição a ser realizada em Teresina, contudo, pela primeira vez o tema norteador da jornada terá um direcionamento teórico: **ESPAÇO E POESIA** – um aspecto ainda pouco explorado pelo enfoque da Teoria Literária, quando comparado ao montante de estudos voltados para a investigação de prismas espaciais na prosa de ficção.

A Comissão Organizadora

PROGRAMAÇÃO



SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL

26 de junho (quarta)

11

ESPAÇO E POESIA | Sala 1

17h – 19h (20 min)	MODOS DE HABITAR A CIDADE NA POESIA DE REUBEN Antonio Eduardo Soares Laranjeira UFBA
	ENTRE BRASIL E ESPANHA: PAISAGENS ESPELHADAS NA POESIA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO Regina Célia dos Santos Alves UEL
	A FACE IMÓVEL DO POETA DIANTE DA GUERRA: MANOEL DE BARROS E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL Jeymeson de Paula Veloso IFMA
	O ESPAÇO EM CANTIGAS DE SANTA MARIA DE DOM ALFONSO X: A RELAÇÃO ENTRE TEXTO POÉTICO E IMAGEM Carlos Henrique Durlo UEM
	POR UMA ANÁLISE ESPACIAL DO POEMA “O OPREÁRIO EM CONSTRUÇÃO”, DE VINÍCIUS DE MORAES Lasaro José Amaral UFG

ESPAÇO E ROMANCE | Sala 2

17h – 19h (15 min)	PERCURSOS LITERÁRIOS: O RIO DE JANEIRO POR JOAQUIM MANUEL DE MACEDO E LISBOA POR JOSÉ CARDOSO PIRES Claudia Barbieri Masseran UFRRJ
	A ESTRADA EM LES CHOUANS, DE HONORÉ DE BALZAC Rosária Cristina Costa Ribeiro UFAL
	O ESPAÇO DO CORPO E CORPO NO ESPAÇO DA TRAMA ROMANESCA EM VIVA O POVO BRASILEIRO Maria das Graças Meirelles Correia IFBA
	A REALIDADE E O FANTÁSTICO ENTRE FRONTEIRAS EM AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE, DE JOSÉ SARAMAGO Carolina de Aquino Gomes UFPI/UFC
	O ESPAÇO NA LITERATURA DE JORGE AMADO Douglas Rodrigues de Sousa UESPI/UEMA
	CONCEPÇÃO DO ESPAÇO NA NARRATIVA MEMORIALÍSTICA EXERCÍCIO PARA CLARINETA, DE IGOR ROSSONI Camila dos Santos de Apolônio UFBA

ESPAÇO E NARRATIVAS CURTAS | Sala 3

17h – 19h (15 min)	PERSONAGENS DE ALVENARIA: O ESPAÇO COMO PROTAGONISTA EM TRÊS NARRATIVAS CURTAS Emile Cardoso Andrade UFG
	125 NA DETENÇÃO SOLITÁRIA: MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA Helenice Fragoso dos Santos UNEAL
	METÁFORAS DO ESPAÇO NO CONTO "VISITA", DE CAIO FERNANDO ABREU Raquelle Barroso de Albuquerque UFPI
	A POÉTICA DO ESPAÇO DOS RIOS EM ÓRFÃOS DO ELDORADO Marcos Vinicius Medeiros da Silva UFC
	A POÉTICA DO CANTO: DA FENOMENOLOGIA DE BACHELARD A GRACILIANO RAMOS Jurema da Silva Araújo UERN Cristiane Viana da Silva Fronza UERN
	CAIM: UMA LEITURA DA OBRA SARAMAGUIANA SOB À LUPA DA GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL Adriane Gonçalves Carvalho UFMA

ESPAÇO E OUTRAS ARTES | Sala 4

17h – 19h (15 min)	ENCARCERAMENTO E LIMITAÇÃO DO CORPO E DO ESPAÇO NO TEATRO DO ABSURDO: UMA LEITURA DE ESPERANDO GODOT E FIM DE PARTIDA, DE SAMUEL BECKETT Tiago Barbosa Souza UFPI
	LUGARES QUE SE MOVEM EM VERSOS E EM TELA Diogo dos Santos Souza UFAL
	HERITAGE VS. QUEER: SOBRE A DIFERENÇA DOS ESPAÇOS NA ADAPTAÇÃO DE MAURICE José Ailson Lemos de Souza UFBA
	REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NA NARRATIVA FILME DEMÊNCIA, DE CARLOS REICHENBACH Teresa Cristina de Oliveira Porto UFPI
	NÁPOLES E A MEMÓRIA EM FRAGMENTOS: RECONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS NO FILME L'AMORE MOLESTO, DE MARIO MARTONE Emília Rafaelly Soares Silva UFC
	ENTRE O SUJEITO E A CIDADE: REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DO CORPO E A CIDADE DE TERESINA ATRAVÉS DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS Karine de Araújo Lima UFPI André Pinheiro (orientador)
	O ESPAÇO-TEMPO NAS PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS NEORREGIONALISTAS COMO ELEMENTOS CONFIGURADORES DE UMA NOVA ESTÉTICA Herasmo Braga de Oliveira Brito UESPI

ESPAÇO, HISTORIOGRAFIA E CRÍTICA LITERÁRIA | Sala 5

13

17h – 19h
(15 min)

INTERSECÇÕES ENTRE OS PROCEDIMENTOS DIEGÉTICOS DE NATALIA GINZBURG E DE CARLO GINZBURG: PRINCÍPIOS BASILARES PARA UMA MICRO-HISTÓRIA LITERÁRIA

Jucelino de Sales | UEG/SEEDF/UnB

O ESPAÇO LITERÁRIO: REFLEXÕES

Marli Lobo Silva | PUC-GO

O SUBÚRBIO EM CLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO

Marcio Antônio da Costa Santos | UFG-CATALÃO

"SUOR" E "SONHAR É POSSÍVEL?"

Leice Daiane de Araújo Costa | UFBA

EURICO, O PRESBITERO NOS CURSOS DE LITERATURA DE CÔNEGO FERNANDES PINHEIRO E SOTERO DOS REIS: ENSINO DE LITERATURA, NACIONALIDADE E MEMÓRIA CULTURAL

Luís Fernando Portela | UFRGS

ESPAÇO, IDENTIDADE E MEMÓRIA: COMO CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS EM O VÔO DA GUARÁ VERMELHA

Regina Célia Costa Lima | UESPI

27 de junho (quinta)

ESPAÇO E POESIA | Sala 1

17h – 19h
(15 min)

DIÁRIOS DE UM TRISTE VIAJOR SEM ABRIGO: PAISAGENS DA AUSÊNCIA EM GONÇALVES DIAS

Renata Ribeiro Lima | UFF

Ida Maria Alves (orientadora)

A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO EM POEMAS DE DA COSTA E SILVA

Raimunda Celestina Mendes da Silva | UESPI

IMAGENS URBANAS NO CORREIO DA MANHÃ: DRUMMOND NARRA O COTIDIANO DA CIDADE

Moema de Souza Esmeraldo | PUC-RJ

CONSTÂNCIA E REPETIÇÃO: O ESPAÇO-TEMPO NA POESIA DE H. DOBAL

Josivan Antonio do Nascimento | UFPI

O PAPEL DO ESPAÇO LITERÁRIO PARA A CONSTRUÇÃO DA CRÍTICA AO SEGUNDO IMPÉRIO FRANCÊS EM LES CHÂTIMENTS, DE VICTOR HUGO

Maria Iara Zilda Návea da Silva Mourão | UFPI

A MITOLOGIA COMO TEMA CENTRAL NA OBRA OS LUSÍADAS

Ritaiane Brito Oliveira | UESPI

ESPAÇO E ROMACE | Sala 2

17h – 19h (15 min)	PAISAGENS REINVENTADAS: UM OLHAR SOBRE LISBOA Francisca Marciely Alves Dantas UFPI
	AS DETERMINAÇÕES DO ESPAÇO NARRATIVO NA CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE DE LUÍS DA SILVA NO ROMANCE ANGÚSTIA, DE GRACILIANO RAMOS Rosilene Pimentel Santos Rangel Faculdade Estácio de Sergipe
	DICKENS INDICA O ROTEIRO: CONHECENDO A LONDRES DE OLIVER TWIST NO SÉCULO XXI Juliana Sales Viegas Castelo Branco UFPI
	A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO DO OESTE: UMA ANÁLISE DO ROMANCE ALL THE PRETTY HORSES, DE CORMAC MCCARTHY Francisco Romário Nunes UFBA
	RETORNO AO BAIRRO: A MEMÓRIA EM MÃOS DE CAVALO Claudionor Ramalho Santana UESPI
	A MULHER E A QUINTA: A CASA NA FICÇÃO DE AGUSTINA BESSA-LUÍS Fernanda Barini Camargo UNESP

14

ESPAÇO E NARRATIVAS CURTAS | Sala 3

17h – 19h (15 min)	O ESPAÇO FICCIONAL EM NARRATIVAS FANTÁSTICAS: UMA ANÁLISE DO CONTO ONÍRICO DE CAIO FERNANDO ABREU Livia Maria Rosa Soares UERN
	A TEMÁTICA DO SERTÃO NORDESTINO EM O MENINO-CANDEIEIRO: ESPACIALIZAÇÃO E SENTIDOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR INFANTO-JUVENIL Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha UFPI Silvano da Cruz Frazão UFPI
	A RELEVÂNCIA DO ESPAÇO NA CONFIGURAÇÃO DO FANTÁSTICO EM NARRATIVAS CURTAS: UMA LEITURA DO CONTO "DE HIDROGÊNIO" Maria de Lourdes Dionizio Santos UERN
	A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO PELA ÓTICA DO NARRADOR-PERSONAGEM NA NARRATIVA UM, DOIS E JÁ, DE INÉS BORTAGARAY Cleane da Silva de Lima UFPI Luzimar Silva de Lima UFPI Diógenes Buenos Aires de Carvalho (orientador)
	O ESPAÇO NA OBRA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: UM PERCURSO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DO PERSONAGEM BILLY SANCHEZ ÁVILA EM "O RASTRO DO TEU SANGUE NA NEVE" Viviane de Jesus Farias Ribeiro Pinheiro UFMA Márcia Manir Feitosa (orientadora)
	A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NA OBRA O PÊNDULO DO RELÓGIO, BASEADA NA TEORIA DO NEORREGIONALISMO BRASILEIRO Vitória Karolline dos Santos Sousa

ESPAÇO E OUTRAS ARTES | Sala 4

17h – 19h (15 min)	O ESPELHO EM AS MENINAS, DE VELÁZQUEZ: UMA RELAÇÃO HETEROTÓPICA Patrícia Pilar Farias UFPI
	O ESPAÇO NA NARRATIVA FÍLMICA A HORA DA ESTRELA Maria Fátima Paula dos Santos UESPI
	O ESPAÇO VITORIANO NA ADAPTAÇÃO FÍLMICA DO ROMANCE JANE EYRE, DE CHARLOTTE BRONTË Giselle Andrade Pereira UFC
	O ESPAÇO LITERÁRIO NA OBRA COIVARA DA MEMÓRIA, DE FRANCISCO DANTAS, SOB A ÓTICA DO NEORREGIONALISMO BRASILEIRO Josineide Carvalho Costa UESPI
	ESPAÇO-CONFLITO E ESPAÇO-LEMBRANÇA: UMA ANÁLISE NEORREGIONALISTA DO ROMANCE ESSA TERRA, DE ANTÔNIO TORRES Karolina de Fátima Santos Sousa UESPI
	A PRESENÇA DO ESPAÇO NA OBRA A LUZ DA ESTRELA MORTA, DE JOSUÉ MONTELLO, BASEADA NA TEORIA DO NEORREGIONALISMO BRASILEIRO Maryelly Brasilino Silva UESPI

ESPAÇO, HISTORIOGRAFIA E CRÍTICA LITERÁRIA | Sala 5

17h – 19h (15 min)	"MEMÓRIAS": A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE PARNAÍBA-PI NO FINAL DO SÉCULO XIX NA OBRA DE HUMBERTO DE CAMPOS Alexandre César Mendes Araújo UESPI
	A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO NA OBRA CABEÇA A PRÊMIO, DE MARÇAL AQUINO Valdenise Maria Mendes Ribeiro UESPI
	A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO E MEMÓRIA NA OBRA O BAILE DA DESPEDIDA, DE JOSUÉ MONTELLO Ana Paula Oliveira Pereira UESPI
	ANÁLISE DO ESPAÇO NA OBRA OS HOMENS DOS PÉS REDONDOS Daniela Sousa da Rocha UESPI
	ESPAÇO-LEMBRANÇA COMO ELEMENTO CONFIGURADOR DA IDENTIDADE NEGRA NO PERSONAGEM DAMIÃO, EM OS TAMBORES DE SÃO LUÍS Janaira Caroline da Silva Rodrigues UESPI
	O ESPAÇO E A MEMÓRIA NO ROMANCE NEORREGIONALISTA BEIRA RIO BEIRA VIDA, DE ASSIS BRASIL Jéssica Sabrina Souza Pereira UESPI

28 de junho (sexta)

ESPAÇO E POESIA | Sala 1

14h – 16h (15 min)	<p>“O HOMEM ESTÁ NA CIDADE”: POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE ESPAÇO E PAISAGEM EM POEMA SUJO, DE FERREIRA GULLAR Susane Martins Ribeiro Silva UEMA/FAPEMA Silvana Maria Pantoja dos Santos (orientadora)</p>
	<p>TOPOGRAFIA: VÉRTEBRAS – UMA ANÁLISE DO ESPAÇO CIDADE SOB O OLHAR DO EU LÍRICO Simone Nunes Barbosa Silva UFPI</p>
	<p>REVERBERAÇÕES DO SUJEITO LÍRICO NA POESIA DE DORA FERREIRA DA SILVA Rannyelle Silva de Oliveira UEG</p>
	<p>AS CONFIGURAÇÕES DO ESPAÇO DA CASA EM A CASA E O CHEIRO DOS LIVROS, DE MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA Klleber Moreira de Mendonça Júnior UEG</p>
	<p>CENOGRAFIA URBANA E CORPO NA POÉTICA DO ESCRITOR SANDRO ORNELLAS Lidiane Sacramento de Souza UFBA</p>
	<p>OS ESPAÇOS DOS AFETOS EM FLORES INCULTAS, DE LUÍZA AMÉLIA DE QUEIRÓZ Francisco Brunno Carvalho Reis UESPI</p>

ESPAÇO E ROMACE | Sala 2

14h – 16h (15 min)	<p>AS FIGURAS FEMININAS NA OBRA A NOITE DAS MULHERES CANTORAS, DE LÍDIA JORGE Cristiane Viana da Silva Fronza UERN Jurema da Silva Araújo UERN</p>
	<p>A EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO E MEMÓRIA COMO FORMA IDENTITÁRIA DAS PERSONAGENS EM BEIRA RIO BEIRA VIDA Marília dos Reis Silva UESPI</p>
	<p>“O SERTÃO ESTÁ EM TODA A PARTE”: HOBBSAWM, INTÉRPRETE DO SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA Everton Luís Farias Teixeira UFPA</p>
	<p>ESPAÇO E IDENTIDADE: A PROPÓSITO DE O IRMÃO ALEMÃO, DE CHICO BUARQUE Alícia da Silva Carvalho UESPI Leila Patrícia de Sousa Rocha UESPI</p>
	<p>O ESPAÇO COMO UM ÍNDICE DA MEMÓRIA CULTURAL EM BUDAPESTE, DE CHICO BUARQUE Allysson Davi de Castro UFPI</p>
	<p>INCURSÃO SOBRE O CRONOTOPO NO DISCURSO ROMANESCO: APRECIÇÃO SOBRE “CADEIA”, DE VIDAS SECAS Maria de Lourdes Dionizio Santos UERN</p>
<p>O NOSSO REINO, DE VALTER HUGO MÃE: A GEOGRAFICIDADE DOS ESPAÇOS SAGRADOS Natasha Castro de Souza UFMA</p>	

ESPAÇO E NARRATIVAS CURTAS | Sala 3

14h – 16h
(15 min)

ITINERÁRIO ENTRE SÃO LUÍS E BELÉM EM UM ROSTO DE MENINA, DE JOSUÉ MONTELLO

Gabriel Vidinha Corrêa | UFMA

Márcia Manir Miguel Feitosa (orientadora)

ESPAÇO E SUJEITO COMO ELEMENTOS ENTRELAÇADOS NO CONTO "A TERCEIRA MARGEM DO RIO", DE GUIMARÃES ROSA

Nádia Suelem Rodrigues Silva | Faculdade Santa Fé

ENTRE A CONVENIÊNCIA E O DESEJO: A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO EM "AS CEREJAS", DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Caio da Silva Carvalho | UESPI

Silvana Maria Pantoja dos Santos (orientadora)

UMA REFLEXÃO SOBRE O ESPAÇO LITERÁRIO NO CONTO "UMA VELA PARA DARIO", DE DALTON TREVISAN

Odilene Silva do Nascimento Almeida | UEMA

"VENHA VER O PÔR-DO-SOL", DE LYGIA FAGUNDES TELLES: ONDE SE VIVENCIA UMA GEOGRACIDADE TRAUMÁTICA

Aremys Nascimento Santos | UFMA

17

ESPAÇO E ROMANCE II | Sala 4

14h – 16h
(15 min)

O SERTÃO-VIDA EM A HARPA DO CAÇADOR

Flaviana de Castro Silva | UFPI

REDUÇÃO ESTRUTURAL EM O CASTELO, DE FRANZ KAFKA

Sandra Helena Andrade de Oliveira | UFPI/IFPI

André Pinheiro (orientador)

O ESPAÇO DE (DES)ABRIGO EM O TIGRE NA SOMBRA, DE LYA LUFT

Leane Amaral Paz Andrade | UESPI

Silvana Maria Pantoja dos Santos (orientadora)

O ESPAÇO BUCÓLICO DIANTE DA MODERNIZAÇÃO EM A HORA DOS RUMINANTES

Glauber Honorato da Silva | UEG

CAMPO DE CRUZES: DITADURA E AS MUDANÇAS NO ESPAÇO DA AMAZÔNIA EM CINZAS DO NORTE

Lucas Lima Moura | UFPI

Nádia Grings Batista | UFPI

O DUPLO NA CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS INSÓLITOS EM A MORTALHA DE ALZIRA, DE ALUISIO AZEVEDO

Flamilla Pinheiro Costa | UFMA

ESPAÇO E NARRATIVAS CURTAS II | Sala 5

14h – 16h (15 min)	A LINGUAGEM ENTREPOSTA NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO FICCIONAL E O VALOR DA MORTE NO CONTO “REFLUXO”, DE JOSÉ SARAMAGO José Mateus Abreu Reis UFPI
	DEMÔNIOS: UM ESPAÇO DISFORME EM CONSTANTE MUTAÇÃO Rafael Rodrigues de Sá UFPI
	A CRÍTICA FEMINISTA NO CONTO “UMA GALINHA”, DE CLARICE LISPECTOR Leila Patrícia de Sousa Rosa UESPI
	O ENTRE-LUGAR DO CORPO EM INQUILINA DO INTERVALO, DE MARIA LÚCIA DAL FARRA Ingrid Suanne Ribeiro Costa UFPI
	DESLOCANDO SENTIDOS: O ESPAÇO COMO ELEMENTO DE SIGNIFICAÇÃO EM “LA PIERRE QUI POUSSE”, DE ALBERT CAMUS Irismar Lustosa Rocha UFPI Isadora Aragão Carvalho UFPI
	MUITOS OBJETOS E UM CASAL: O LUGAR DA (DES)AFETIVIDADE NOS CONTOS “A CEIA” E “OS OBJETOS”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES Bruna Gabrielle de Sousa Rocha UFMT Danilo de Oliveira Nascimento (orientador)
ECOTOPOGRAFIA NA NARRATIVA CONTOS DO NASCER DA TERRA, DE MIA COUTO Samara Camila Abreu Vieira UFPI André Pinheiro (orientador)	
ESPAÇO E LITERATURA Sala 1	
17h – 19h (15 min)	O LUGAR DA CATEGORIA ESPACIAL E O EFEITO ESTÉTICO EM “CASA TOMADA”, DE JULIO CORTÁZAR Eliene da Silva Dias UESPI Alody Costa Cassemiro UESPI
	O ESPAÇO E O NÃO LUGAR EM HOTEL ATLÂNTICO, DE JOÃO GILBERTO NOLL Alody Costa Cassemiro UESPI Eliene da Silva Dias UESPI
	A ABÓBODA, DE ALEXANDRE HERCULANO: FIGURAÇÃO DO ESPAÇO NUMA NARRATIVA CURTA Hugo Lenes Menezes IFPI
	ESPAÇO E PERSONAGENS EM O CASAMENTO DA PANFUSA Alexia Ravena Dias Santos UESPI Raimunda Celestina Mendes da Silva (orientadora)
	REVIVÊNCIA DOS ESPAÇOS DE INTIMIDADE NA POESIA DE INÊS PEREIRA MACIEL Rhusily Reges da S. Lira UESPI Silvana Maria Pantoja dos Santos (orientadora)

RESUMOS



A FACE IMÓVEL DO POETA DIANTE DA GUERRA: MANOEL DE BARROS E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

JEYMESON DE PAULA VELOSO | IFMA - CAMPUS BACABAL

O presente trabalho pretende realizar uma análise dos espaços constitutivos da guerra na obra poética Face Imóvel (1942), de Manoel de Barros, poeta de importância fundamental para o Modernismo brasileiro. O referido poeta, constantemente estudado pela sua poética ligada ao pantanal e a sua linguagem peculiar que subverte muitas vezes o signo e a relação com seu significado, também percorreu os caminhos da reflexão social. Este estudo coloca no centro da discussão as espacialidades apresentadas pelo poeta no respectivo livro, tendo em vista o conflito que assolou o mundo de 1939 a 1945. Para tanto, nos apropriaremos das teorias sobre o espaço na literatura e dos conceitos sociológicos de análise literária, especialmente as discussões sobre espacialidade realizadas por Antonio Candido (2004) ao nos mostrar que, na representação literária, não ocorre uma mera e direta transposição do plano geográfico para o discursivo-literário, o que o escritor constrói é a apreensão de um significado novo que emerge dos espaços "reais", através do trabalho artístico da palavra; Luís Alberto Brandão (2007), principalmente a sua primeira expansão dos estudos sobre o espaço apresentada no referido artigo que seria a "expansão das representações heterotópicas" que indaga até que ponto a literatura é capaz de fazer uso do que em determinado contexto cultural, é identificado como espaço. A partir dos estudos do teórico Oziris Borges Filho (2007) buscaremos as relações entre espaços internos (casa, palácio, bordel) e externos (praça, front, rua, estrada), além de aprofundarmos as observações sob um viés mais psicológicos e íntimos transmitidos nos poemas. Não esquecendo de Gaston Bachelard (1993) e da sua classificação dos espaços tópicos, atópicos e utópicos que nos auxiliarão a discutir sobre a topofilia e a topofobia presente nas espacialidades apresentadas na obra de Manoel de Barros.

ESPAÇOS EM TRANSE: FLUXOS E IDENTIDADES NA OBRA DE EDERVAL FERNANDES

JOÃO VICTOR DE JESUS SANTOS | IFBA - CAMPUS SANTO AMARO

O presente estudo objetiva analisar o espaço da memória construída pelo fluxo migratório na perspectiva das relações transatlânticas Portugal-Brasil-Portugal presentes nos poemas "Três tristes tópicos" e "Saudade da Bahia", que integram a obra Novas ofertas de emprego para Ederval Fernandes (Boto-corrora/paraLeLo13S, 2018), do poeta baiano Ederval Fernandes. A partir desse enquadramento, é passível a análise das trocas culturais abordadas pelo eu-poético nas conjunturas de colônia-metrópole e colonizador-colonizado, num espaço tempo do passado; bem como as inter-relações entre ambos os países na contemporaneidade. Tais cenários se constituem fundamentados em ótica melancólica e trágica, baseados em sentimentos de não-pertença e saudosismo transcritos simbolicamente nos poemas a partir de ironias e intertextualidades. Nesse sentido, essas imagens são construídas diante de referências tanto brasileiras como ibéricas, trazendo elementos identitários edificados, – ao longo dos séculos – nesses processos transatlânticos. Por sua vez, mostra ainda como estes mesmos processos são geradores de matrizes identitárias. Em "Três tristes tópicos", aparece uma alusão ao processo colonial, por intermédio dos espaços da cidade de Feira de Santana, município do estado da Bahia, no nordeste brasileiro e, de modo concomitante, referencia o discurso colonialista, que basileou o modus operandi da dominação europeia no Novo Mundo. Para tanto, retoma uma visão melancólica ao intertextualizar, desde o título, com o livro Tristes Trópicos, (Companhia das Letras, 1996) do antropólogo francês Claude

Lévi-Strauss, de modo a representar também contestações ao eurocentrismo. Nesse seguimento, "Saudade da Bahia", ainda por meio de processos intertextuais e irônicos, elenca sentidos identitários e o modo como estão sendo reconfigurados na contemporaneidade, devido aos espaços e trânsitos reeditados por meio desse fluxo migratório. A leitura de ambos os poemas resulta, dentre inúmeras, numa interpretação fundamentada em como são representadas tais espacialidades, afetadas ou participantes dos processos coloniais. Por meios dos referidos poemas, o leitor, sobretudo os falantes de língua portuguesa, podem se identificar com os elementos referenciados – textos, lugares, paisagens e sentimentos – reveladores de aspectos linguísticos, étnicos e civilizatórios que constituem estes trânsitos.

COMO A GEOGRAFICIDADE PODE INTERFERIR NA AMBIGUIDADE DA POESIA?

ISABELLE MARIA DE ALENCAR BRITO | UFPI

A condição do homem na sociedade corresponde a geograficidade, a mesma pode provocar efeito ambíguo em diversas obras, varia de acordo com o conhecimento e análise de cada leitor. Amor à terra, afetos e muitos sentimentos podem vir à tona quando paramos de ver a terra apenas como utilitária, mas sentimos como parte essencial da vida. Neste trabalho de pesquisa, faremos uma análise mais profunda do Poema do Beco (Bandeira, M. 1936) e do poema "Quando eu morrer quero ficar" (Andrade, M. 1945), onde poderemos observar onde está presente a ambiguidade e porque ela existe. Porém, para que haja essa minuciosa análise, é preciso ter, pelo menos um pouco, de conhecimento acerca da biografia dos autores, o que também será trago, de forma breve, no corpo de texto do trabalho. Poucos sabem o que está por trás do Poema do Beco e qual a verdadeira visão do autor quando escreveu-o. Para que haja a interpretação do texto no sentido que o autor escreveu, é necessário o conhecimento do seu espaço geográfico, social e psicológico. No caso do poema de Manuel Bandeira, é necessário que saiba a causa da sua morte para chegar em uma das possíveis interpretações do texto. No caso do poema de Mário de Andrade, é necessário que haja algum conhecimento prévio de sua biografia. Por aí vai, para que exista a compreensão do espaço geográfico, na maioria das vezes, precisa-se entender o espaço como um todo, o que buscarei trazer, de forma mais clara, ao longo do trabalho.

ESPAÇO UTÓPICOS E HETEROTÓPICOS EM DOM QUIXOTE, DE MIGUEL DE CERVANTES

ALÉXIA RAVENA DIAS SANTOS | UESPI

A obra Dom Quixote de Miguel de Cervantes é considerado o primeiro romance moderno e o segundo mais lido da história, tendo influenciado várias gerações de escritores. É uma narrativa com muitas aventuras e desventura. Cervantes criou o personagem Alonso Quijano, um apaixonado por romances de cavalaria, que decide se tornar um cavaleiro andante a sair por toda a Espanha na companhia de seu escudeiro Sancho Pança em busca de aventuras como as que lê nos livros. Quando começa esse movimento em busca de aventuras, Dom Quixote entrelaça sua história a de Sancho Pança e aos lugares por onde passa. O espaço ficcional estrutura-se de forma física, social e também imaginária, sendo capaz de gerar sentidos múltiplos, por meio de processos relacionais com outros elementos da trama. Diante disso, objetiva-se com esse trabalho analisar a relevância dos espaços na obra, atentando para o modo como os mesmos são modificados pela visão do personagem. É evidente que a forma de viver do personagem está em rota colisão com o padrão racionalizado. A utopia cria um espaço entre as possibilidades e a realidade e, é dentro desse espaço, que o homem se realiza, ele começa a ver diferente a partir da utopia e do projeto que o entusiasma. Dom Quixote apresenta aos leitores um viés da loucura do homem que deseja resgatar a glória, evidenciando heterotopias, as causas perdidas, e Sancho Pança representa a razão e a amizade, via utopias. Por meio dessa análise, vemos que apesar de a narrativa se construir a partir de características espaciais opostas, é possível apontar que a relação entre personagem e espaço apresenta uma certa coerência que parte das impressões que o protagonista deposita sobre o espaço, já que esse é fulcro em torno do qual a narrativa literária se estrutura.

O ESPAÇO DA CIDADE EM A CIDADE SUBSTITUÍDA, DE H. DOBAL

PABLO RODRIGO DA SILVA MARTINS | IFPI

A cidade se constitui como um espaço formado por/para as pessoas. E nesse espaço há um pulsar de vitalidade, construído a partir de relações sociais. Levando isso em consideração, percebe-se que o espaço da cidade, projetado para a coletividade, é entremeado por manifestações socioculturais que modelam tal espaço, inscrevendo nas fissuras do espaço marcas identitárias, construindo um todo representativo. O espaço urbano visto sob a perspectiva subjetiva constitui-se de experiências que expõem a realização da vida em sociedade e as ressonâncias desse uso. Essa perspectiva é estabelecida a partir das trocas simbólicas entre os indivíduos e espaço urbano, pois "cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares" (CALVINO, 2012, p. 34). Assim, este escrito tem por objetivo analisar a representação da cidade, a partir dos espaços de referência que a compõe, na obra A cidade substituída, do teresinense H. Dobal, sendo essa representação uma das quatro abordagens do espaço na literatura, como assevera Brandão (2013). O espaço da cidade na literatura não é composto apenas por elementos concretos, como as ruas, as praças, o bar, as casas, a igreja matriz – o cenário onde ocorre a tessitura literária – mas também é composta pelos usos que dela são feitos, criando uma identidade que se fixa em cada habitante que mantém contato com ela. Na obra em destaque, o eu lírico pratica a flâneire, e, percorrendo os espaços urbanos, percebe que os espaços de referência da cidade, por intermédio da ação do tempo, transfiguram-se, impactando a relação indivíduo-espaço.

GEOGRAFIA E GEOMETRICIDADE NA OBRA POÉTICA DE JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO

ELOISE GOMES SANTIAGO | IFBA

O presente artigo "Geografia e geometricidade na obra poética de José Inácio Vieira de Melo" visa a refletir sobre as espacialidades verificáveis no poema "Vingança", dentro do capítulo A Calçada dos meus quinze anos, contido na obra Roseiral (Escrituras, 2010), do escritor alagoano radicado na Bahia, José Inácio Vieira de Melo. A partir da compreensão da ideia de espaço como continente de objetos materiais e imateriais, busca-se analisar a manifestação dos espaços interiores e exteriores que ocorrem no referido poema. Nesse sentido, além dos lugares evidentemente materializados no texto, observa-se a recorrência espacial remontada pelas reminiscências memorialísticas angustiantes do eu-lírico entrecortadas aos espaços exteriores, ressaltando, deste modo, um processo de intensificação do vazio, do abandono, do medo e, de certo modo, do rancor, do ódio e da necessidade de vingança a partir das respectivas reverberações vivenciais do próprio eu-poético. Tais sentimentos, no escopo do poema, funcionam como fundamentos catárticos que permitem ao eu-lírico evadir-se do estado de desreferencialidade espacial e posicionar-se frente ao mundo em um ponto determinado. Para tanto, toma-se como referência bibliográfica, dentre outras, as obras O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica (2011), do autor Eric Dardel, e o texto Afinal de contas, que espaço é esse? (2009) de Oziris Borges Filho, que norteiam interfaces entre geografia e literatura, respectivamente. Em síntese, o artigo desenvolvido nos encaminha para percepção de todos esses conceitos anexados na obra poética do autor José Inácio Vieira de Melo, tais conclusões foram possíveis alicerçadas na análise do texto Vingança do livro Roseiral que permite o entendimento dos sentimentos presentes no cerne mais profundo do eu-lírico.

CONSTÂNCIA E REPETIÇÃO: O ESPAÇO-TEMPO NA POESIA DE H. DOBAL

JOSIVAN ANTONIO DO NASCIMENTO | UFPI

A constância do espaço-tempo na poesia é uma presença icônico-transuasiva que se manifesta a partir do fluxo de introspecção dado por uma semiose verbal. O arcabouço sintático do poema apresenta, nesse sentido, um universo sígnico capaz de refletir uma presença cognoscível a partir do objeto como ausência. No tocante a este aspecto, este artigo propõe explicar e compreender a medida da constância do espaço-tempo como fenômeno poético em alguns poemas da parte I de a Província deserta (2007), de H. Dobal. Esta obra é dividida em três partes: as informações da natureza, os dias na cidade e londinium. Os poemas selecionados para a análise nesse artigo são apenas da primeira. O estudo ancora ideias que

servirão de base para o desenvolvimento de uma pesquisa de tese, no Doutorado em Letras da UFPI, sobre a constância perceptiva na obra indicada anteriormente. Para a realização deste artigo. São consideradas fundamentais as contribuições filosóficas de Peirce (2010, CP. 1931-1958, 8 vols.) no que tange às categorias de signo e conceito de semiose. Ademais, são relevados ainda alguns conceitos de Badiou (2002), Chandler (2007), Deleuze (2006), Heidegger (2005), Paz (2009), Pignatari (2004), Sebeok (2001), Santaella (1998) e trabalhos em periódicos que versam sobre a poesia de H. Dobal na vertente deste estudo. A organização desta pesquisa é feita a partir do mapeamento da paisagem poética constituída nos poemas selecionados para discutir de que modo os conceitos de semiose, constância e repetição contribuem para a medida e entendimento do espaço-tempo na poesia de H. Dobal. Por se tratar de um estudo ainda em desenvolvimento, não há resultados prontos. Contudo, as hipóteses lançadas sobre esse estudo evidenciam que o espaço-tempo em H. Dobal possui uma eternidade constituída na finitude e repetição do mesmo.

A EVOCAÇÃO DO LUGAR NA LÍRICA MEMORIALISTA EM BOITEMPO - MENINO ANTIGO DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

EMILLY SILVA RODRIGUES / TÁRCILA BEATRIZ DA SILVA DUARTE (ORIENTADORA) | UFMA

Três obras marcam o ápice da lírica memorialista de Carlos Drummond de Andrade, são elas: *Boitempo & Falta que Ama* (1968), *Menino Antigo* (1973) e *Esquecer para lembrar* (1979). Esta comunicação trata da edição *Boitempo – Menino Antigo* (2017) na qual as obras, citadas anteriormente, estão contidas. A mítica cidade natal do poeta, Itabira, surge nos esforços da evocação da infância, "eu conto o meu presente. / Com volúpia voltei a ser menino" (ANDRADE, 2017). Estas recordações surgem acompanhadas das imagens que remetem a cidade natal, e que vão desde a casa do poeta às ruas, "Rua de Santana / e Rua de Baixo / entraram em guerra" (ANDRADE, 2017). Itabira adquire para Drummond o valor de lugar, tal como é concebido na *Geografia Humanista Cultural* (GHC), onde o autor "constrói histórias/estórias, sentimentos e devaneios constituindo seu mundo vivido" (ANJOS, 2014). Assim, este trabalho objetiva abordar os principais pontos, nos versos de Drummond, que aludem à construção da concepção de lugar. Não obstante, a indubitável presença memorialista remete a concepção, dentro da GHC, a qual o lugar, construído através da experiência, é mantido vivo por nossa memória. Este será, portanto, o segundo ponto apresentado, considerando a concepção de memória coletiva e tendo como auxílio os estudos de George Carney sobre memória e lugar. Por fim, ao considerar o lugar inseparável do sujeito, é possível afirmar que este contribui significativamente para a construção de sua identidade. Considerando que a busca pelo passado se torna uma forma de construir a si mesmo, usada por Drummond, de modo que a casa da infância é o ponto de partida para a evocação das memórias do eu-lírico. Este trabalho tem como suporte teórico os estudos de Yi-Fu Tuan em *Espaço e Lugar* (1983) e Chantal Castelli no estudo do espaço e memória na obra *Boitempo*.

"TOPOGRAFIA: VÉRTEBRAS": UMA ANÁLISE DO ESPAÇO CIDADE SOB O OLHAR DO EU LÍRICO

SIMONE NUNES BARBOSA SILVA | UFPI

É através da percepção que os sujeitos estabelecem relação com o espaço. A maneira como vemos, qualificamos e conceituamos o mundo à nossa volta, nos é dada por meio dessa experiência e, é a partir dela, que estabelecemos interações com o lugar em que vivemos, pois, para cada sujeito, ela se torna única, singular, pessoal e intransferível. A relação sujeito-cidade pode proporcionar diversas formas e diferentes tipos de olhares e impressões que podem ir desde a topofilia à topofobia, a depender da maneira que o ser humano percebe o meio ambiente à sua volta, bem como o espaço da urbe. Tendo em vista a impossibilidade de se dissociar o espaço do modo que ele é sentido e percebido pelos sujeitos, este trabalho tem como objetivo analisar o livro "Topografia: Vértebras" por meio do eu lírico na relação sujeito-cidade, buscando estabelecer, nos poemas, a forma particular dele ver e sentir o espaço urbano. Para tanto, relacionamos com os estudos da "Topofilia" de Tuan (1980), que trata dos laços afetivos que o ser humano desenvolve com o meio ambiente através das relações biológicas, isto é, os órgãos dos sentidos que são os responsáveis por promover essa interação entre espaço e sujeito, bem como na

relação de distância-proximidade que o ser humano estabelece com o espaço circundante a ele, através dos sentidos. Contaremos, ainda, com o aporte teórico de Beatriz Sarlo (2014), Toporov (2016) dentre outros. Para fins metodológicos, a pesquisa é qualitativa de cunho bibliográfico, e quanto aos corpos dessa pesquisa, selecionamos poemas do livro que abordam o tema cidade. Ao final deste estudo pretendemos destacar, através da experiência perceptiva do eu lírico, a forma que o espaço urbano age nele e como ele percebe esse espaço de volta.

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NO LIVRO DEZENOVE POEMAS DESENGONÇADOS, DO ESCRITOR RICARDO AZEVEDO

FRANCISCO DE ASSIS OLIVEIRA FILHO | UFPI

A literatura infanto-juvenil é a temática mais relevante da obra de Ricardo Azevedo, dada a reincidência da escritura de vários livros para crianças e jovens. Portanto neste trabalho, tem-se como objetivo, com base no livro Dezenove poemas desengonçados do escritor, ilustrador, compositor e pesquisador Azevedo, analisar as imagens de espaço que os constituem, ou seja, como o autor descreve o espaço para formar o cenário cultural do Brasil, em sua diversidade e complexidade. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e de análise, no qual se discute a visão que a criança tem sobre os mais diferentes espaços que constituem a vida e o movimento da infância. Após a observação do objeto de estudo, é possível constatar nos poemas um jogo lúdico e plurissignificativo que possibilita a criança a participar da leitura do texto, já que possui uma linguagem lúdica tanto no aspecto temático como na composição linguística por meio de ritmos e rimas. Logo se percebe uma linguagem temática e formal onde apresenta o conviver da criança em uma sociedade heterogênea e cheia de diferenças.

A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NOS MANUSCRITOS DO POEMA SANTARÉM DE ELIZABETH BISHOP

ROSÂNGELA SILVA MOREIRA | UNEB

O objetivo deste trabalho é desenvolver um estudo genético dos manuscritos do poema Santarém da autora norte americana Elizabeth Bishop (1911-1979) para investigar como a espacialidade é construída em seu processo de criação. Por meio da topoanálise (BORGES, 2008), verificamos como Bishop trabalhou o espaço no texto estudado, que começou a ser escrito após uma visita à cidade que dá nome ao poema e somente foi publicado alguns anos depois dela ter se afastado do Brasil, onde viveu por quase duas décadas. Segundo Anastácio (1999) o trabalho da escritora reflete os lugares por onde ela transitou ou morou ou, até mesmo, os lugares imaginários nos quais ela gostaria de estar, os quais, por vezes, se materializam por meio da escrita poética. Ao traçar um paralelo entre os documentos originais que se encontram preservados em Vassar College, o texto publicado de 1978 e a correspondência escrita por Bishop, fomos capazes de apontar as semelhanças entre a representação que se constrói a partir do real e aquela que pertence ao universo do ficcional, bem como observar de que modo às diversas espacialidades aparecem em seu texto.

REVERBERAÇÕES DO SUJEITO LÍRICO NA POESIA DE DORA FERREIRA DA SILVA

RANNYELLE SILVA DE OLIVEIRA | UEG

Este artigo tem como objetivo compreender o poder que a poesia expressa na obra de Dora Ferreira da Silva ao nortear a temática mitológica que envolve as deusas e sua vitalidade para contribuir em uma reflexão profunda sobre a própria essência da identidade humana. O fazer poético vai sendo construído pela via da subjetividade lírica, com uma linguagem singular que a poetisa desdobra e revela. Também problematiza questões de perda de identidade, imposição dos valores patriarcais e a presença do feminino sendo vislumbrada como uma luz que ressurge para alimentar esperança, sonhos e vivacidade. E por este parâmetro reconstitui um sujeito lírico com aspectos de luta e vigor, deturpando a conjuntura que confere ao "eu" feminino, conhecido geralmente por ser dotado de fragilidade. Faz menção acrescentar que houve para o embasamento teórico, autores como: Octavio Paz, Dominique Combe, Goiandira Camargo, Michel Collot dentre outros, para enriquecer, enquanto fortuna crítica, a pesquisa.

O ESPAÇO EM CANTIGAS DE SANTA MARIA DE DOM ALFONSO X: A RELAÇÃO ENTRE TEXTO POÉTICO E IMAGEM

CARLOS HENRIQUE DURLO | UEM

As Cantigas de Santa Maria, obra poética do século XIII, cuja autoria é designada a Dom Alfonso X, o Rei Sábio, apresentam-nos diversos santuários, verdadeiros espaços sagrados, nos quais Santa Maria realizou incontáveis milagres relatados nos textos poéticos e nas representações de imagens denominadas iluminuras. Esta comunicação tem por objetivo apresentar um estudo das cantigas de milagre (miragre) e das imagens (iluminuras), cujo ponto de partida é a relevância dos diversos espaços sagrados como divulgadores da fé e dos feitos miraculosos de Maria, considerados como produtores de sentido e reveladores dos milagres recebidos em diversas cidades localizadas em Portugal e na Espanha. Tendo que o nosso objetivo não decorre do aprofundamento do estudo da ambientação, vale apenas ressaltar que o espaço não deve ser confundido: O espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é patente e explícito; o segundo é subjacente e implícito. O primeiro contém dados de realidade que, numa instância posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica (DIMAS, 1985, p. 20), cujo exemplo são as Cantigas de Santa Maria (CSM). Embora as ações das personagens ocorram em um espaço que contém dados da realidade (vilas, santuários, bosques etc.) há uma experiência de mundo (religiosa e social implícita arraigada, transformando o espaço em lugar à medida que as ações ali se desenrolam, tendo em vista que "o espaço é definido como um conjunto de signos que produz um efeito de representação" (BORGES FILHO, 2015, p. 17). Entre os autores estudados, apoiamo-nos teoricamente nas reflexões de Alfonso X (1843), Ângela Vaz Leão (2007, 2011, 2015, 2016), Antonio Candido (2006), Alfredo Bosi (1996, 2015), William Carrol Bark (1966), Jérôme Baschet (2006), Johan Huizinga (2010), Jacques Le Goff (2013), Antonio Dimas (1985), Oziris Borges Filho (2007, 2009, 2015), Yi-Fu Tuan (2013), Michel Collot (2013, 2015), Anne Cauquelin (2007) e Alberto Manguel (2001).

26

OS ESPAÇOS DOS AFETOS EM FLORES INCULTAS, DE LUÍZA AMÉLIA DE QUEIRÓZ

FRANCISCO BRUNNO CARVAHO REIS | UFPI

Luíza Amélia de Queiróz, enquanto escritora parnaibana, escreveu sobre o seu passado registrando os momentos que mais lhe marcaram cujas impressões encontram-se no tempo presente. Dessa forma, o eu lírico de Flores incultas discorre sobre percepções deixadas pelo seu corpo no processo de recordação nos espaços por ele habitados, pois as percepções é justamente o contato do corpo físico com o ambiente. Assim, são os lugares da casa, em frente à janela e nos mais distintos locais que provocam o aparecimento das lembranças e sua conseqüente atualização, pois eram cronotopos os quais a voz poética utilizava para se refugiar dos problemas quotidianos refletindo sobre os mesmos. Quando no presente, esses espaços são revistados, e com ele, o peso sentimental das memórias são reavivados cuja atualização do passado no presente ocasiona a volta da voz que fala no poema aos problemas passados coexistindo ambos os tempos não havendo, assim, nenhuma diferença entre eles, por isso a denominação espaços dos afetos, uma vez que os lugares visitados proporcionam sentimentos de nostalgia dos episódios pelo sujeito poético vividos e eles serão encenados no agora. O presente se remete ao passado em forma de imagens, estas ecoam na memória do sujeito que recorda fazendo com que as cenas pretéritas sejam revividas. Sentimentos de perdas, angústias e dores são avultados o que torna o sujeito poético enlutado e melancólico por não conseguir desprender-se do que ocorreu antes. São lembranças da família, dos irmãos, da irmã mais nova, Preselina; da mãe que vieram a luto de forma repentina e precoce. Portanto, são utilizados como referenciais teóricos Bergson (1999), Bachelard (2003), Ponty (2011), dentre outros não menos importantes. Consoante ao exposto, a pesquisa possui cunho bibliográfico uma vez que as principais informações são retiradas dos manuais sobre memória.

ENTRE BRASIL E ESPANHA: PAISAGENS ESPELHADAS NA POESIA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

REGINA CÉLIA DOS SANTOS ALVES | UEL

Durante aproximadamente 40 anos entre as décadas de 1940 e 1980, João Cabral de Melo Neto atuou como diplomata brasileiro em vários países da Europa e também na África. A vivência por longo tempo

em terras estrangeiras (Londres, Sevilha, Madrid, Marselha, Genebra, Porto, etc) permitiu ao escritor a experiência com lugares e culturas diversas que deixaram marcas expressivas em sua produção. Em seus poemas, produzidos no decorrer de carreira longa, quase 60 anos, é frequente não apenas o Nordeste brasileiro, especialmente Pernambuco, sua terra natal e espaço primordial de seus textos, mas diversos outros lugares por onde passou e viveu, em particular a Andaluzia, sempre referenciada pelo poeta. No poema "Autocrítica", do livro *Escola das facas*, publicado em 1980, João Cabral apresenta o norte espacial de sua poesia, ancorado, sobretudo, entre o Brasil e a Espanha: "Só duas coisas conseguiram/ (des)feri-lo até a poesia:/ o Pernambuco de onde veio/ e o aonde foi, a Andaluzia./ Um, o vacinou do falar rico/ e deu-lhe a outra, fêmea e viva,/ desafio demente: em verso/ dar a ver Sertão e Sevilha." Muito da poesia de João Cabral, assim, transita por esses dois lugares emblemáticos, o Sertão – Pernambuco, de feição dura e masculina – e Sevilha – o outro, o estrangeiro, construída enquanto imagem do feminino. No presente trabalho, intencionamos, a partir do conceito de paisagem enquanto espaço percebido, ligada indelevelmente a uma subjetividade que redimensiona e reconstrói o espaço em uma perspectiva holística, mostrar, em alguns poemas do escritor brasileiro, como paisagens de Pernambuco e da Espanha se compõem num processo de espelhamento, em que uma está contida na outra, num movimento de entrecruzamento geográfico, cultural e humano a compor imagens irredutíveis a determinações de caráter meramente referencial e material.

A MITOLOGIA COMO PAPEL CENTRAL NA OBRA "OS LUSÍADAS"

RITAIANE BRITO OLIVEIRA | UESPI

O presente trabalho tem como fundamentação apresentar as características e os desdobramentos da mitologia grega presente na obra "Os Lusíadas". O grande poema épico se constrói através da intervenção dos deuses, divididos em partidas, em determinadas ações humanas que apresentavam uma unidade de conjunto e um desfecho. Os deuses desejam, palpitam e lutam em contraste com os homens heroicos portugueses.

"O HOMEM ESTÁ NA CIDADE": POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE ESPAÇO E PAISAGEM EM "POEMA SUJO", DE FERREIRA GULLAR

SUSANE MARTINS RIBEIRO SILVA / SILVANA MARIA PANTOJA DOS SANTOS (ORIENTADORA) | UEMA/FAPEMA / UEMA/UESPI

Poema-livro escrito pelo autor maranhense Ferreira Gullar, na década de 70 do século passado, durante seu exílio na capital argentina, "Poema Sujo" é uma obra que materializa as impressões do eu-lírico sobre os espaços da cidade de acolhimento. Marcado por traços mnemônicos que reconsideram espaços significativos de um sujeito adulto sobre o tempo de menino de outrora, o eu-lírico destaca, com intensidade, situações expressivas que caracterizam sua identidade. Diante do exposto, propomos analisar o modo como os espaços citadinos são revisitados e o modo como dialoga com a paisagem, sobretudo a que evidencia o "sujo" do lugar. Frente a essas condições, avaliam-se as circunstâncias dos espaços postos ao longo do poema e como estes apresentam-se no processo de memorização, condicionando, assim, no valimento significativo da formação do indivíduo. A pesquisa tem como base as teorias relacionadas ao espaço literário estabelecidas por Luís Brandão (2013) e de temáticas relacionadas às propostas por Oziris Filho e Sidney Barbosa (2009), assim como as prerrogativas acerca da percepção da paisagem de Antonio Feitosa (2013) e Michel Collot (2013). Salienta-se a intenção de mostrar como os espaços apresentados ao longo do poema induzem na (des)construção do sujeito e como este, através daqueles, condiciona-se como ser fortalecido em relação às adversidades. A análise coopera para os estudos acerca de possíveis diálogos entre a(s) categoria(s) do espaço e a percepção da paisagem, ao discutir sobre o espaço e suas condições, o insistente influxo do meio sobre o indivíduo e como o sujeito possui a capacidade de encarar tal influência, ressaltando também o fortalecimento da identidade do sujeito, tendo como alicerce a junção entre espaço e paisagem.

H. DOBAL: UMA CIDADE MODERNA EM SIGNOS E SIGLAS

ENÉIAS NAPOLEÃO ARAÚJO BRASIL | UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

Almejamos com este trabalho analisar o modo como o espaço urbano moderno é ressignificado na obra poética Os signos e as siglas (2005), de H. Dobal, inferindo como a cidade é percebida pelo eu lírico a partir de recursos intrapoéticos. Para isso, realizamos o embasamento em teorias que abordam a relação entre cidade e modernidade, como Rossi (2001), Coelho (2005), Simmel (2009, e Berman (2014). A obra Os signos e as siglas (2005) desvela uma crítica que se pauta na condenação da experiência cidadina que provoca no homem sensações de declínio e frustração, bem como a fragmentação de sua identidade e o empobrecimento de vivências e afetividades.

O PAPEL DO ESPAÇO LITERÁRIO PARA A CONSTRUÇÃO DA CRÍTICA AO SEGUNDO IMPÉRIO FRANCÊS EM LES CHÂTIMENTS, DE VICTOR HUGO

MARIA IARA ZILDA NÁVEA DA SILVA MOURÃO | CAROLINA SCHLEIER COCCO | ANDRÉ PINHEIRO (ORIENTADOR) | UFPI / USP-PARIS IV SORBONNE / UFPI

Em um contexto de golpe de estado e de supressão da liberdade, a poesia pode se revelar como um meio eficaz de denúncia social, através do qual o poeta se posiciona sobre os acontecimentos do mundo, mas sem deixar de lado o exercício do trabalho artístico com a palavra. Nessa esteira, os poemas de Les Châtiments (1853), escritos por Victor Hugo exilado durante o Segundo Império francês, apresentam-se como uma resposta a esse momento histórico conflituoso. O conjunto de poemas é dividido em sete livros: "La Société est sauvée", "L'Ordre est rétabli", "La Famille est restaurée", "La Religion est glorifiée", "L'Autorité est sacrée", "La Stabilité est assurée" e "Les Sauveurs se sauveront". Os títulos por si só já revelam o tom irônico a partir do qual Hugo aborda a matéria do Segundo Império em seus poemas. Na composição dessas denúncias através da sátira e da ironia, o papel do espaço literário se estende para além da função representativa (que é importante para metaforizar o posicionamento do poeta frente à situação política do seu país) e passa a configurar também como elemento estruturante da obra. Através de um movimento de representação contrastante, em vários poemas o autor exalta a ordenação da natureza como uma maneira de se contrapor à injustiça e à desordem imperante na política da época. Nesse sentido, analisaremos neste trabalho o modo pelo qual o espaço literário (circunscrito, sobretudo, a imagens de exaltação da ordem da natureza, que aparece sintetizada pela constante oposição de elementos associados ao dia e à noite) torna-se elemento fundamental para a composição da crítica ao Segundo Império francês em alguns poemas de Les Châtiments. Para tanto, serão utilizados como suporte teórico importantes estudos acerca do espaço ficcional – como aqueles realizados por Borges Filho (2007) e Brandão (2013) – e estudos sobre as tensões sociais presentes em uma obra literária – como os argumentos apresentados por Walter Benjamin, Georg Lukacs e Jaime Ginzburg.

A RELAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL NO POEMA THE BURGLAR OF BABYLON: A (DES)TERRITORIALIZAÇÃO DE MICUÇÚ

DOUGLAS LIMA RODRIGUES | UESB

Este pré-projeto propõe analisar de forma crítica o processo criativo do poema The Burglar of Babylon da autora Elizabeth Bishop (1911-1979). Como aporte teórico-metodológico adota-se a crítica genética que dialoga com outras teorias que ajudam responder questões referentes à gênese a ser analisada. Levando em consideração que a espacialidade se torna uma temática frequente na escrita poética de Bishop, a multiterritorialidade (HAESBERT, 2007) e a toponímia (BORGES FILHO, 2008) tornam-se ferramentas teóricas importantes para a compreensão de sua obra. The Burglar of Babylon narra a história de Micuçu, meliante pernambucano que migrou para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida. Residindo no morro da Babilônia, favela carioca, não lhe foram concedidas oportunidades. Desse modo, envolveu-se com a criminalidade, cometendo inúmeros delitos, tornando-se famoso nos tabloides jornalísticos. Assim como retratado, sua fuga parece ter funcionado como um entretenimento para os ricos que observavam a partir do terraço dos apartamentos o conflito no qual Micuçu estava envolvido ao ser caçado pela polícia. Esse poema, produzido em forma de balada, atemporal, descreve a

desigualdade social que assola o Brasil, especialmente a população carente que vive nas periferias das grandes cidades que, sem oportunidades iguais, muitas vezes corrompe-se e passa a cometer atos criminosos. Explorar os manuscritos da autora com enfoque na espacialidade é mergulhar em uma geografia metaforizada e reflexiva, até nos detalhes aparentemente banais; além disso, tal poesia estabelece uma relação entre o sujeito criador e o espaço visitado e observado, o que resulta, de acordo com Barbosa (2011), em uma territorialidade ficcional surgida no momento em que o poema é escrito. Bishop mapeia e apropria-se das peculiaridades dos cenários sociais das favelas e descreve poeticamente os territórios marginalizados e suas relações com outros espaços e seus sujeitos.

MODOS DE HABITAR A CIDADE NA POESIA DE REUBEN

ANTONIO EDUARDO SOARES LARANJEIRA | UFBA

"As aventuras de Cavalodada em + realidades q canais de TV" (2013) é um dos livros publicados pelo poeta maranhense Reuben que, por se configurar através de processos de intermedialidade, se inscreve no âmbito do discurso literário pop, tal como proposto por Evelina Hoisel (2014), considerando-se as convergências entre literatura e outras linguagens. Nos estudos sobre intermedialidade, desenvolvidos por Claus Clüver (2011) e Irina Rajewski (2013), afirma-se que o termo, em um sentido amplo, corresponde a fenômenos que transcorrem entre mídias. Rajewski, debruçando-se sobre a intermedialidade no contexto dos estudos literários, propõe três subcategorias individuais de intermedialidade: a transposição intermediária, a combinação de mídias e as referências intermediárias. Conforme a teórica, ao perceber tais limites entre mídias como frutos de convenções discursivas, variáveis historicamente, é relevante buscar compreender de que maneiras algumas qualidades intermediárias específicas se materializam nos objetos de estudo promovem reflexões sobre como esses procedimentos podem estar relacionados com a produção de sentidos, a partir da leitura dos textos literários. Através de uma abordagem transdisciplinar, pretende-se pensar como a concepção intermediária do trabalho de Reuben – cujos poemas traduzem vivências alternativas do espaço urbano – pode estar relacionada com uma interpretação crítica dos modos de habitar a cidade, no contexto do capitalismo globalizado. Para tanto, mobiliza-se a noção de "direito à cidade" (de Henri Lefebvre), lida por David Harvey (2014) em "Cidades Rebeldes", que expõe os contrapontos entre o desejo dos sujeitos ao que o desenvolvimento urbano sob as forças do capitalismo impõe. Espera-se, assim, discutir como, na poesia de Reuben, para os sujeitos nela representados, a reivindicação do direito à cidade é também um meio de demandar algum poder sobre os processos de urbanização.

POESIA NA TELA: UM ESTUDO DE CASO DE UM AUTISTA

DANIELA COELHO DO NASCIMENTO | FACULDADE ÚNICA

O trabalho tece uma aproximação entre poesia e pintura. Intercalando ao longo dessa relação a abordagem do transtorno do espectro autista- TEA, tendo em vista a sua percepção detalhada e única para compreender ao seu modo o diálogo entre essas artes. Interpretar a poesia no seu caráter visual é o que se pretende conseguir por esse estudo. Enxergar na imagem a poesia amplia as possibilidades de identificar a poesia nas suas diversas formas. Desse modo, possui um olhar atento e sensível para o mundo. Portanto, o objetivo desse artigo é reconhecer a poesia como arte concreta, participando da realidade, e a abstrata a partir da construção de imagens icônicas no universo autista. Debruçar sobre a poesia guardada no interior e exposta na pintura de um autista aciona a nossa sensibilidade no que tange a apreciação da arte. O estudo de caso apresentado ressalta o elo indissolúvel de poesia e pintura.

"DIÁRIOS" DE UM TRISTE VIAJADOR SEM ABRIGO: PAISAGENS DA AUSÊNCIA EM GONÇALVES DIAS

RENATA RIBEIRO LIMA | UFF

Antônio Gonçalves Dias é frequentemente tido como o poeta nacional por excelência, que teria consagrado a paisagem tropical brasileira como um dos elementos mais importantes do sentimento nacional. No entanto, numa análise mais detida de sua obra poética e até mesmo de sua correspondência pessoal – gênero no qual também exercitava sua veia literária e registrava impressões dos lugares –, não

se encontra, à primeira vista, essa paisagem descrita. "O poeta maranhense não foi propriamente um cantor da paisagem brasileira. Seus mais célebres versos – os da 'Canção do Exílio' – falam da condição superior da natureza brasileira, é verdade, mas limitam-se a dizer 'tem mais': mais palmeiras, mais flores, mais vida, mais estrelas..." afirma a pesquisadora Maria Aparecida Ribeiro (1994, p. 99). Percebe-se, aí, um aspecto peculiar e recorrente dos modos de representação do espaço expressos na pena gonçalvina (poética e epistolar): a construção de paisagens da ausência, isto é, a idealização constante de um lugar ausente diante de um espaço hostil, feita mais pela via da sugestão do que pela descrição. Para analisarmos essa questão, faremos uso das concepções de espaço, lugar, paisagem, experiência, lugaridade e não lugaridade, dentre outras desenvolvidas por teóricos da Geografia Humanista Cultural, como Yi-Fu Tuan, Edward Relph, Eric Dardel, Jean-Marc Besse, Lívia de Oliveira e Eduardo Marandola Jr., a fim de compreender mais a fundo a relação do poeta com os lugares por onde passou, como Coimbra, Rio de Janeiro e Lisboa, conforme os registros literários de suas cartas e poesias. A paisagem "relacional", em relação a outra ausente, será o objeto de estudo na obra deste eterno "poeta exilado".

CENOGRAFIA URBANA E CORPO NA POÉTICA DO ESCRITOR SANDRO ORNELLAS

LIDIANE SACRAMENTO DE SOUZA | UFBA

O presente trabalho objetiva discutir a composição do espaço cenográfico que se apresenta em textos líricos, a partir da compreensão dos elementos que compõem o espaço urbano. Para tanto, toma como pressuposto a relação que o corpo-sujeito, enquanto objeto artístico estabelece com o ambiente cênico. Por conseguinte, o foco de análise se concentra no poema "Rua Oswaldo Cruz", do livro *Trabalhos do corpo e outros poemas físicos* (Letra Capital, 2007), o qual, após a leitura foi selecionado por apresentar uma inscrição cenográfica cotidiana, imposta arquitetonicamente na sociedade permitindo, de forma implícita, a vulnerabilidade desses corpos atuantes. A fundamentação deste trabalho tem como base o pensamento do teórico Henri-Pierre Jeudy, que discute o uso do corpo como objeto de arte em diversas áreas, tomando como foco a literatura. Por meio de ponderações expressas no livro *O corpo como objeto de arte* (Estação Liberdade, 2002), foi possível realizar uma reflexão analítica sobre como o corpo é representado na poética do autor em tela. Neste estudo, o corpo é pensado, tanto como corpo-sujeito, ou seja, a relação que esse corpo enquanto sujeito estabelece com o espaço cenográfico; quanto como corpo-objeto, que parte da ideia de que o corpo é o elemento final para compor a cenografia poética. Por meio dessa percepção de corpo e espaço cenográfico, as reflexões a cerca do poema selecionado se iniciam a partir do título que já remete a um espaço geográfico, entendido como um caminho público por onde veículos e pessoas circulam em uma cidade. No decorrer dos versos surgem elementos que constituem a cena urbana como, por exemplo, os automóveis, cuja poluição se relaciona com o corpo-sujeito que se situa, passivamente, no ambiente cênico. Entretanto, é perceptível que esse corpo-sujeito está ciente que tal passividade irá acelerar a sua degeneração, metamorfoseando esse corpo em objeto de arte.

O ESPAÇO SERTÃO EM A HARPA DO CAÇADOR

FLAVIANA DE CASTRO SILVA | UFPI

ESTE ARTIGO TEM COMO OBJETIVO ANALISAR A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO SERTÃO EM ALGUNS POEMAS QUE COMPÕEM O LIVRO A HARPA DO CAÇADOR, ÚNICA OBRA PUBLICADA DO POETA PIAUIENSE TEODORO DE CARVALHO E SILVA CASTELO BRANCO. POR SE TRATAR DE UMA OBRA QUE EXPLORA O AMBIENTE SERTANEJO PIAUIENSE, DESCREVEREI DE QUE FORMA ESSE ESPAÇO É ABORDADO E O QUE ELE SIMBOLIZA PARA O EU LÍRICO QUE SE PROJETA NO CORPUS ANALISADO. A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE LUÍS ALBERTO BRANDÃO SANTOS E SILVANA PESSOA OLIVEIRA (2001) E DE MAURICE BLANCHOT (1987), TENTAREI MOSTRAR QUE O SERTÃO ECOA COMO UMA EXTENSÃO DO MODO DE VIDA DO HOMEM QUE ALI HABITA COM TODOS OS SEUS ENCANTOS E DIFICULDADES. PONTUAL TEM SIDO A CRÍTICA ACERCA DA REFERIDA OBRA EM ALGUNS ASPECTOS RESSALTANDO O SEU CARÁTER DE RELEVÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DO REPERTÓRIO DA LITERATURA PIAUIENSE. É NO FORTALECIMENTO DESSA PERSPECTIVA QUE SE PAUTA ESTE ARTIGO.

ESPAÇO E NOSTALGIA NO POEMA NOME DE EDIMILSON PEREIRA

SIDNEI SOUSA COSTA | UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A nostalgia pode ser definida como uma dor imaterial causada a um indivíduo por uma tristeza ou um desejo de retorno a um lugar. O espaço e a poesia criam um enlace para aproximar escrita e a memória. O poema "Nome" de Edimilson de Almeida Pereira, nesta comunicação será utilizado como corpus para análise e discussão na percepção sobre o espaço e a nostalgia na poesia. Edimilson Pereira em sua sexta década de vida tem apresentado uma profícua obra de crítica literária e poesia. O que traduz um longo percurso de vida, como escritor, pesquisador e professor de literatura. Edimilson Pereira leva o seu texto a uma análise de cunho etnográfico e com a perspectiva de compreensão da diversidade das criações literárias e culturais proveniente da diáspora africana no Brasil. O reconhecimento de sua obra tem sido demarcado por um conjunto de premiações ininterruptas e pelos leitores que tem reconhecido na escrita poética de Pereira uma magia literária profunda.

REVIVÊNCIA DOS ESPAÇOS DE INTIMIDADE NA POESIA DE INÊS PEREIRA MACIEL

RHUSILY REGES DA SILVA LIRA | UEMA - CAMPUS TIMON

*Este trabalho tem como objetivo analisar os espaços de referência que comportam as memórias do sujeito poético nas obras *Despida* (2014) e *Recôndito* (2016), da escritora maranhense Inês Pereira Maciel. *Despida* contempla fatos que situam a memória no ambiente doméstico, do qual sobressaem cenas da infância, da casa paterna com seus micros espaços, as relações amorosas, os vínculos familiares e a relação com o lugar/cidade. *Recôndito* engloba poemas que versam sobre temas universais como vida, morte, amor e sofrimento, com ampla referência ao íntimo e à descrição de sentimentos e lembranças. Ambas tratam de perdas, tristezas, anseios e perplexidades, utilizando-se dos espaços habitados. A pesquisa está fundamentada na visão de Halbwachs (2006), Bachelard (1993), Brandão (2013), dentre outros. Entendemos que a relação entre memória e espaço seja relevante para o estabelecimento da condição de pertencimento, uma vez que a memória é compreendida por meio de práticas sociais em torno dos espaços ocupados, como a cidade, a casa natal, a rua da primeira infância, bem como os elementos que podem compor tais espaços: fotografias de família, objetos da sala de estar, do quarto, flores do jardim. Como diz Bachelard (1993 p. 24), "é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida". Os objetos biográficos, assim como os espaços de referência são relevantes na ressignificação do vivido, colocam-se em constante interação com os sujeitos que os vivenciam, de modo a revelar sensações e percepções. É por meio da vivência e da interação que a memória coletiva e individual se enlaça ao espaço.*

ESPACIALIDADE E IDENTIDADE NA POÉTICA SERTANEJA DE PATATIVA DO ASSARÉ

ERNANE DE JESUS PACHECO ARAUJO | IFMA - CAMPUS BARREIRINHAS

*Propõe-se pensar a relação entre espacialidade e identidade na poesia de Patativa do Assaré. Reflete-se como a identidade é construída tendo como referência o lugar do sujeito poético. Problematiza-se especificamente a obra *Inspiração Nordestina* (2003), a partir dos seguintes teóricos: Hall (2014, 2015), Woodward (2014), Benjamin (1987), Bachelard (2008), Melo (2011) que discutem a relação entre espaço e sujeito no processo de construção identitária. Entende-se a identidade como um processo dinâmico que estrutura-se de acordo com as mudanças no sistema social. Assim, fala-se não mais em identidade, todavia em identidades, que dependem da posição que o sujeito assume nas interações sociais. Na poética sertaneja de Patativa do Assaré, o eu poético constrói identidades em função da sua posição-de-sujeito na espacialidade que ocupa, desdobrando-se em diversas identidades sertanejas: caboclo, vaqueiro, roceiro, violeiro etc. O espaço do sertão não é pensado apenas na perspectiva de uma geografia física, mas como um espaço subjetivo, que está para além da materialidade, perpassando pelos sentimentos, emoções e ideologias do sujeito que nele se situa. Dessa forma, o espaço carrega memórias, recordações e experiências vivenciadas pelo eu lírico que são acessadas num dado momento, imprimindo-lhe sentidos e sensações singulares. Por conseguinte, as identidades modulam-se de acordo com as reconfigurações do sujeito poético, atreladas a um elemento individual e a uma memória coletiva que lhe*

permitem acessar e conectar as experiências coletivas, que constroem identidades de grupo, neste caso, as identidades sertanejas.

A BOCA EM FORMA DE FLOR: ESPAÇO, SEXO E INTIMIDADE EM RUPI KAUR

CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO | UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA

A obra da escritora indiana Rupi Kaur, possui elementos estéticos e ideológicos que consagram uma poesia focada no vazio do ser humano, salientando uma necessidade de preenchimento existencial, arraigada pela valorização do sexo, suplantada por um feminismo ao qual endossa, uma argumentação de artimanhas literárias focadas na luta contra o machismo, e também de denunciar a dor do esquecimento, contando para isso com um "ethos", de realizar uma literatura que transite, entre a vivência pessoal da autora, e a conscientização de problemas políticos, em torno da união entre diferentes gêneros humanos. Seu micro-espaço de escritura, lança postulações filosóficas na crítica de signos lingüísticos, que não possam despertar uma estética de recepção ao questionamento da própria leitura, pois a autora brinca com princípios ontológicos, ao despertar maiêutico, navegando por suas provocações "amargas", a uma vida cotidiana, ao qual o prazer e luxúria são caminhos, para um psicologismo amargo de carência a projeção de um futuro de individuação e não de individualismo. Nas perspectivas teóricas freudianas, Kaur faz um método catártico dentro da poesia, ao esgarçar o sexo, como um esboço de união platônica entre corpo e mente, em suas obras "Outros Jeitos de Usar a Boca" e "O Que Sol Faz Com As Flores", empreendendo ditames psicanalíticos na necessidade de uma fuga histórica do pecado, sendo isso um baluarte espacial de introspectividade da ética, no quesito de relacionamentos congênitos de respeito e afetividade, exaurindo um inconsciente de orgulho e preconceito de cada um traz, como usufruto de "estar e se ausentar", de um senso-comum, onde as pessoas não mais se importam uma com as outras. O objetivo desse trabalho é traçar um cabido comparativo entre a poesia e psicanálise, como sendo artifícios de práxis, a um conhecimento da criação de vários espaços íntimos libertários existentes nas pessoas.

ESPAÇOS EM PERSPECTIVA NO CORDEL DE SALETE MARIA DA SILVA

ANA CÉLIA SOUSA DE OLIVEIRA | IFBA - CAMPUS SANTO AMARO

O presente artigo visa a análise dos topus sociais fundamentados pela cordelista Salete Maria da Silva, no texto Lugar de Mulher (Vento Leste, 2009). Por intermédio desta construção literária, a autora referencia lugares que sugerem acomodar e sustentar discursos segregacionistas, tangenciais às relações de gênero. Ao relacionar "mulher" enquanto ser retratado não apenas biologicamente, mas construído socialmente, e "lugar", como termo de significado plurívoco, que pode alcançar diversas esferas, o cordel revela uma multiplicidade de espaços – compreendidos como públicos, privados e transitórios – cujas delimitações culturais legitimam discursos de subalternização do gênero feminino. Portanto, ao sugerir, por meio do discurso artístico, que lugar de mulher é em todo lugar, a autora o faz como estratégia pedagógica para que o leitor repense como as relações sociais acontecem nos referidos espaços, oportunizando-lhe entender como se constroem esses topus e até onde tal conjuntura pode atuar na sociedade, potencializando estruturas sexistas, patriarcais e androcêntricas. Nesses termos, objetivando romper com preceitos patriarcais, que definem espaços e papéis, o discurso em foco constrói-se a partir de uma perspectiva. Esta – recurso da pintura aplicado à construção do discurso literário – é utilizada para que o leitor enxergue, pelos olhos da autora, uma ótica distinta sobre o discurso patriarcal. Assim, a análise propõe-se a mostrar como os recursos literários instigantes das múltiplas espacialidades presentes na obra convida o leitor a rever, em profundidade, os termos sob os quais o discurso patriarcal é construído. Desta maneira, para a compreensão de como ocorre o desmonte do discurso patriarcal no texto, são analisados espaços sociais – enquanto construções socio-históricas que delimitam espaços convencionalmente permitidos ou não à entidade feminina; espaços públicos – onde tais representações sociais são praticadas, e os espaços de transição, instâncias metafóricas, aplicadas sugestivamente à ideia de "não lugares", onde pessoas apenas transitam.

ESPAÇOS DE MEMÓRIA NA POESIA DE MARCO DE MENEZES

DIEGO GRANDO | PUC-RS

A poesia de Marco de Menezes (Uruguaiana/RS, 1968), tanto em "Fim das coisas velhas" (2009) quanto em "Pequena madrugada antes da meia-noite" (2016), tem na memória um dos seus eixos estruturantes. Se a infância e a família são as principais formas de trabalhar o aspecto temporal da memória, é sua dimensão espacial, pela recorrência de certos lugares, que parece conferir coerência interna à obra poética de Menezes. A casa, por exemplo, é um desses lugares: aparece como espaço ora interior, ora exterior, dando a ver, se tomarmos os poemas em seu conjunto, um trânsito incessante entre o íntimo e o social, entre o afetivo e o histórico. Os lugares geográficos, por sua vez, configuram outro conjunto de espaços recorrentes, deixando entrever uma teia mais ampla: Uruguaiana, a cidade natal, e suas cercanias, lembrada no passado e revisitada no presente; Caxias do Sul, a cidade da adolescência e da vida adulta, que guarda a lembrança de amigos perdidos e, ao mesmo tempo, testemunha silenciosamente as transformações urbanas das últimas décadas; os lugares distantes e míticos, Ítaca, Londres, África, Manchúria, acessíveis pela imaginação, colocados em pé de igualdade com os outros. Num movimento contínuo entre cenário e tema, o espaço se torna, no projeto poético de Menezes, indissociável da memória, confundindo-se com ela, conferindo-lhe materialidade e impregnando-a de mistério, constituindo uma geografia íntima compartilhada com o leitor. Assim, pretende-se, neste trabalho, esboçar um panorama das diferentes manifestações do espaço na poesia de Marco de Menezes, bem como das estratégias que o poeta encontra para representá-lo.

33

A INVASÃO DA POESIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

JOSUÉ RODRIGUES FRIZON | UFRGS

O presente trabalho busca apresentar e refletir, por meio de um relato de experiência, a realização de uma mediação de leitura com poemas. Direcionada, inicialmente, a 11 turmas de alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental, de uma escola privada, localizada no município de Marau, no norte do Rio Grande do Sul, a atividade tem reflexos até os dias atuais. Durante dois anos letivos (2011 e 2012) foram realizadas, em ambientes como biblioteca escolar e salas de aula, atividades com o objetivo de cativar os educandos e sensibilizá-los para, citando José Paulo Paes, o "brincar com as palavras", por meio de uma seleção de poemas. Ao iniciar este projeto, não tínhamos maiores pretensões a não ser a própria sensibilização dos envolvidos num primeiro momento. Tais atividades, com o passar dos meses, geraram algumas experiências significativas e que rendem memórias poéticas por parte de seus participantes. Nosso intuito é observar e narrar como essa mediação ocorreu e se consolidou em memória afetiva na vida daquelas crianças (que hoje são jovens e frequentam os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio), as quais reencontramos em sala de aula neste ano letivo de 2019. Desde o processo de apreensão de vocabulário até a criação de textos poéticos, passando por "invasões poéticas" e sarais, a poesia, os poemas trabalhados, aos poucos fizeram parte das atividades escolares das turmas envolvidas e, não somente isto, foram levados para as famílias dos alunos, para outras instituições escolares, invadindo diferentes espaços, atingindo não apenas os objetivos a que nos propomos, mas indo além, como de fato é a poesia quando nos cativa.

AS CONFIGURAÇÕES DO ESPAÇO DA CASA EM "A CASA E O CHEIRO DOS LIVROS", DE MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA

KLLEBER MOREIRA DE MENDONÇA JÚNIOR | UEG

O espaço da poesia lírica reivindica na/da palavra um lugar de ascendência da subjetividade, na existência do ser no mundo, entre os espaços mais íntimos, de proteção e de rememoração da experiência humana – a casa. Gaston Bachelard (1993, s.p.) dirá que "a casa é um ser". Assim, é impossível considerar a casa apenas como um espaço físico em sua tridimensionalidade arquitetada, mas como um espaço que constitui uma relação topofílica e imanente com indivíduo que por ela passa ou habita. Nas poéticas de Maria do Rosário Pedreira é verossímil encontrar a casa à vista de um sujeito lírico sempre a ela associado. Sujeito lírico e casa se fundem num só eixo por meio da rememoração do passado próximo e

do distanciamento desse sujeito a um "outro" ausente e amado por ele, entre momentos da experiência poética no presente e passado, dentro dos espaços internos e de intimidade da casa e em meio a objetos nela contidos – o quarto, a cama, a sala, a mesa -, através dela – pelas janelas -, ou fora dela - no jardim. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é promover um estudo sobre as configurações dos espaços de intimidade da casa no livro de poemas "A Casa e o Cheiro dos Livros" (2002), da poeta portuguesa contemporânea Maria do Rosário Pedreira, a fim de perceber como esses espaços da intimidade se deslindam e se constituem no centro poético dos poemas da autora supracitada. Para tal estudo, serão utilizados autores como Bachelard (1993) e Yi-Fu Tuan (1983) sobre espaço e poesia, Hegel (1993) e Staiger (1973) sobre o caráter da poesia lírica, Hugo Friederich (1991), Octávio Paz (1984) e Michel Hamburger (2008) a respeito de poesia e modernidade, Ida Alves (2003) e Paula (2006) sobre a poesia portuguesa contemporânea, e o livro supracitado da autora.

POR UMA ANÁLISE ESPACIAL DO POEMA 'O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO' DE VINÍCIUS DE MORAES

LASARO JOSÉ AMARAL | UFG - REGIONAL CATALÃO

O poema 'O operário em construção' do poeta Vinícius de Moraes apresenta espaços diversos ao longo mesmo. A categoria do espaço tem fundamental importância no texto, de forma que o operário, a partir do momento em que faz uma reflexão à mesa de sua casa, percebe que tudo à sua volta era feito por ele e que não precisava concordar com todas as imposições do patrão. Começa então a dizer não e sofre com delações dos colegas de trabalho e assédio do patrão. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo analisar o espaço no qual se desenrola a história do poema. Este trabalho se fundamenta pela teoria da Topoanálise de Borges Filho (2007). Para uma melhor análise e interpretação da ligação entre as memórias, identidade e os espaços descritos no poema, também serão utilizadas as teorias de Bachelard (2008), Brandão (2013), Tuan (1980), Candau (2014), Silva (2008), Hall (2008), entre outros. O objetivo é verificar a configuração espacial do poema, bem como a forma com que o personagem transita por espaços onde habita e trabalha protagonizando momentos de tristeza e aflição. O operário transita por espaços diferentes e ajuda a construir tudo que há à sua volta, principalmente casa, cidade e nação. Porém, sem ser consultado ou ouvido sempre é obrigado a concordar com os mandos e desmandos do patrão até o momento em que se rebela através de uma reflexão e começa a dizer não. Após ser visto com indiferença quando das primeiras delações e começar a fazer com que outros operários também dissessem não é levado pelo patrão ao alto de uma das construções e assediado, assim como Jesus Cristo o fora por satanás, na tentativa de fazer com que o operário o adorasse e abandonasse o que lhe fazia dizer não.

MOBILIDADE E NARRAÇÃO EM TRÊS ROMANCES BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS

NAIARA SPERETTA GHESSI | UNESP - ARARAQUARA

Este trabalho tem como intuito a elaboração de uma análise comparativa dos romances Azul Corvo, publicado em 2010 por Adriana Lisboa, Mar Azul, publicado em 2012 por Paloma Vidal e A Noite da Espera, publicado em 2017 por Milton Hatoum, de modo a relacionar as escritas íntimas empreendidas por seus narradores com a mobilidade que delinea as suas trajetórias. Ao refletir sobre o romance brasileiro contemporâneo não se pode perder de vista o contexto no qual essas narrativas estão sendo produzidas. Ou seja, situações como a intensificação da mobilidade – de pessoas e de capital, fluidez, estreitamento de fronteiras e descentralização são alguns dos desdobramentos da globalização e que estão intimamente relacionados à insurgência de personagens migrantes, deslocados e estrangeiros na narrativa brasileira das últimas décadas. O ponto de partida deste trabalho reside sobre as questões de memória, trânsito e identidade presentes nos três romances, haja vista que seus principais personagens são migrantes e, via escritura, objetivam (re)construir as suas identificações e raízes. A reflexão aqui proposta faz-se importante uma vez que se multiplicam, na narrativa contemporânea brasileira, personagens à procura de si mesmos e de um sentido para suas existências. O que se coloca em questão, nesse caso, é o significado de seus deslocamentos e a dimensão relacional que se cria, de um lado, entre o modo como a representação do sujeito se dá a partir da construção do espaço e, de outro, entre a representação do espaço e a dimensão subjetiva que o constitui. Assim, a hipótese defendida por este trabalho é a de que o exercício de escrita realizado por esses personagens, bem como o seu deslocamento para outro(s) espaço(s), contribui para um mergulho em si mesmos na tentativa de (re)construir – e/ou buscar compreender - suas origens e identidade.

NÁPOLES E A MEMÓRIA EM FRAGMENTOS: RECONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS NO FILME L'AMORE MOLESTO DE MARIO MARTONE

EMÍLIA RAFAELLY SOARES SILVA | UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Esse estudo objetiva analisar a reconstrução dos espaços, sob a ótica da memória fragmentada da personagem Delia, na adaptação de Mario Martone para o cinema da obra homônima L'amore molesto (1992) de Elena Ferrante. Esse foi o primeiro romance publicado pela autora italiana e já apresenta uma personagem que permeará por praticamente toda a sua produção posterior: Nápoles. Marcada por seu dialeto peculiar e machismo, essa cidade do sul da Itália é o terreno fértil em que Ferrante anuncia seu realismo. Em 1995 essa obra é adaptada ao cinema, com utilização de linguagem e de técnicas específicas, a partir do diálogo com o texto literário por meio de reconstrução de imagens, sonorização, ritmo, montagem, fotografias e de outras formas de manipulações. Mario Martone teve como desafio adaptar uma obra que lida com o trauma da protagonista que recobra sua memória quando se vê obrigada a reexplorar espaços (privados e públicos) na cidade de Nápoles, tais como: casa, confeitaria, praia, porão, ruas e praças, dentre outros. Há fusão de vários elementos e de personagens que pouco a pouco revelam o suspense íntimo, como uma descoberta de si mesmo. A personagem principal, ao retornar a sua cidade natal por conta do falecimento de sua mãe, depara-se com uma verdade que aparece por meio da memória involuntária. Investigaremos, portanto, como a produção fílmica apresenta os espaços e a reconstrução da memória advinda deles. Para nossa análise, trataremos as

discussões de Benjamim (1996; 2006), Stam (2008), Brandão (2013), Bohleber (2018) e Halbwachs (2015).

O ESPAÇO COMO UM ÍNDICE DA MEMÓRIA CULTURAL EM BUDAPESTE, DE CHICO BUARQUE

ALLYSSON DAVI DE CASTRO | UFPI

Por ser uma pauta cada vez mais recorrente no âmbito dos estudos literários, a categoria do espaço hoje pode ser analisada a partir de diversas perspectivas teóricas. Uma das formas mais profícuas de análise, contudo, consiste em examinar a composição desse elemento estrutural a partir do vínculo que ele mantém com os diversos mecanismos de recordação. Como a memória é um dos componentes definidores do espaço, ela acaba por lhe imprimir um caráter mais orgânico e humanizador. De certo modo, os diferentes tipos de memória (pessoal, coletiva, histórica e cultural) fundamentam a construção do texto literário e o vinculam a uma tradição constituída. Budapeste (2013), o terceiro romance de Chico Buarque, é um exemplo claro desse procedimento, visto que a narrativa apresenta traços definidores das culturas brasileira e húngara – formalmente representadas pelo processo de escritura conduzido por um ghost writer. Diante disso, o presente artigo pretende analisar o modo como a memória cultural, aqui compreendida como um conjunto de heranças simbólicas materializadas em suportes mnemônicos, foi estruturada nos espaços representados no romance Budapeste. Acreditamos que os espaços apresentados pelo narrador denunciam diferentes aspectos da composição sociocultural do Brasil e da Hungria. A pesquisa está ancorada em estudos que relacionam o texto literário aos processos de recordação e organização cultural, como Assmann (2011), Blanchot (2019), Candau (2018), Halbwachs (2013), dentre outros.

36

O ESPAÇO LITERÁRIO NA OBRA COIVARA DA MEMÓRIA DE FRANCISCO DANTAS SOB A ÓTICA DO NEORREGIONALISMO BRASILEIRO

JOSINEIDE CARVALHO COSTA | UESPI

Este artigo tem como objetivo analisar a configuração literária do neorregionalismo brasileiro, em observância de alguns dos seus elementos, atermo-nos a discutir o elemento espaço como configurador dessa nova tendência. Destaca-se que a maior parte dos romances neorregionalistas segue a tônica da escrita como fator de resistência e memória dos aspectos regionais no tocante a sua valorização. Acreditamos que este trabalho levanta um problema pouco iluminado nas discussões sobre a configuração de um novo regionalismo brasileiro advindo do meio urbano e das escrituras de autores no oferecimento de uma nova disposição dos espaços nos enredos. Utiliza-se para estudos da caracterização do Neorregionalismo Brasileiro a obra Coivara da Memória, de Francisco Dantas. Pretende-se analisar como o regionalismo surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização; como ocorre a transição entre o espaço rural e o espaço urbano no neorregionalismo; demonstrar a tensão dialética entre o local e o universal vivenciados pelos personagens e por fim, como esse espaço se estabelece como um dos componentes da substância de formação identitária. A presente pesquisa caracteriza-se, essencialmente, como bibliográfica. Utilizando-se como base os seguintes autores: Brandão (2013), Brito (2017), Dantas (2001). Buscou-se, primeiro, a fundamentação necessária para caracterizar essa nova tendência literária brasileira. Em seguida, a análise do espaço para configuração do Neorregionalismo Brasileiro. E por último, os estudos sobre a memória neorregionalista como instrumento de resistência à crescente globalização da cultura com sua homogeneização.

O ESPAÇO DO CORPO E CORPO NO ESPAÇO DA TRAMA ROMANESCA EM VIVA O POVO BRASILEIRO

MARIA DAS GRAÇAS MEIRELLES CORREIA | IFBA

Para o filósofo Jean-Yves LeRoup, o copo é um espaço possível de detectar significados que revelam acontecimentos, doenças e prazer, sendo a memória mais remota da existência humana. Com base nestas concepções, o presente trabalho analisa as marcas traumáticas no espaço corpóreo da negra Venância, personagem do romance Viva o povo brasileiro, após o trauma do estupro a que foi submetida pelo seu senhor, o barão de Pirapuama. A cena é apresentada ao leitor entre as páginas 117 a 121 da

obra, marcando, assim, a trajetória da personagem que é fundamental para a trama romanesca. Nestes termos, o estudo em tela analisa o espaço do corpo na medida em que mostra – por intermédio da correlação com uma perspectiva historiográfica de leitura da narrativa ficcional – como este corpo, escravizado, violentado, subjugado, manifesta-se imprescindível ao desenvolvimento do enredo. Publicado em 1984, o romance é obra prima de escritor baiano João Ubaldo Ribeiro, quem opta pela metaficção historiográfica com o objetivo de revistar a participação dos afro-brasileiros na constituição do país. Desta maneira, entende-se que, ao constituir um discurso elucidativo da violência que aniquila o corpo dos negros, de modo dialético, o narrador visa a torna-lo revelador de como tais corporeidades foram capazes de, em resistência, existir e fecundar, gerando a nação brasileira. Assim, compreende-se a referida personagem como fundamental para recuperar a saga de os oprimidos na história do país, sendo a concretização alegórica da América, cujo destino foi receber os europeus e gerar seus filhos no própria ventre. Venância, após o estupro, passa a gestar a Maria da Fé, a heroína do romance que, por meio da luta revolucionária busca conscientizar as camadas populares de sua capacidade de liberta-se dos processos de sujeição e sofrimentos a que foram submetidos na constituição do Brasil.

O ESPAÇO E O NÃO LUGAR EM HOTEL ATLÂNTICO, DE JOÃO GILBERTO NOLL

ALODY COSTA CASSEMIRO / ELIENE DA SILVA DIAS | UESPI

A globalização por ser um processo de interação, comercialização e de trocas, proporcionou com o seu advento um maior contato entre a sociedade e as transformações sociais, que por sua vez integrou o homem a uma complexa dinamização de informações. O Sujeito ao ter contato com a esfera do mundo globalizado começa a interagir e envolver-se com novas culturas, além de compartilhar com os demais os seus costumes e hábitos. Nasce, então, o sujeito da pós-modernidade, cuja relação com os outros, o tempo e o espaço sofre influências diretas desse processo. Nesse sentido, a obra *Hotel Atlântico* (1989), de João Gilberto Noll, reflete para o leitor o típico sujeito pós-moderno, com identidade instável, e que ao escolher viver em uma odisséia pelo Brasil, transita por diferentes espaços, não construindo relações eles. Assim sendo, este trabalho tem por objetivo analisar a presença do protagonista nos espaços por onde ele percorre ao longo de suas viagens, a fim de se verificar se os espaços de circulação percorridos por ele configuram-se em ser o que Marc Augé define como “não lugares” (2002). Para tanto, a leitura leva em consideração os trabalhos de Augé (2002), Certeau (1998), Hall (2005), entre outros, o que torna este trabalho uma pesquisa cuja metodologia se dá a partir de levantamento bibliográfico. Percebe-se que os lugares percorridos pelo protagonista não permitem que ele tenha relações com o passado, com a história e com a memória, havendo apenas relações de modo contratual, o que os configura como não lugares, ou seja, espaços que não se realizam completamente e que acabam influenciando na fragmentação da identidade da personagem da narrativa.

RETORNO AO BAIRRO: A MEMÓRIA EM MÃOS DE CAVALO

CLAUDIONOR RAMALHO SANTANA | UESPI

O contato social, no âmbito narrativo, se dá em espaços de forma que desempenham papel importante na trama, pois como afirma Abdala Junior (1995) o espaço estabelece relação entre a tensão do personagem, distinguindo, assim, o espaço social (físico) do espaço psicológico (as impressões do personagem com relação ao espaço físico), nesse sentido, embora Luckács (2009) não tenha usado a relação entre esses espaços, ele menciona o mundo interno do personagem para exemplificar a tipologia da forma romanesca, sendo que, segundo o autor, há narrativas em que o mundo é mais vasto que a alma do personagem, como também pode ocorrer a junção das duas formas romancescas. Essa relação do ambiente é também apontada por Candido (2014) como construção do enredo narrativo em que o personagem vive e dele torna-se inseparável. Cabe também mencionar a importância do espaço como constituinte exemplificada por Cândido (2015) em “A dialética da malandragem” apontando a relação dos personagens como o recorte social, dividindo a narrativa em dois hemisférios, o bom e o ruim, nos quais os personagens transitam de um ao outro hemisfério. Com base no exposto busca-se analisar a obra *Mãos de cavalo* de Daniel Galera, uma vez que o livro tem o foco voltado para a memória individual

do personagem, apresentando *Hermano*, o *Mãos de cavalo*, personagem que é atormentado pelo passado e que o faz refletir sobre toda a sua trajetória de vida. O interessante é que sua trajetória se confunde com a trajetória do carro que dirige, rumo ao bairro de origem, pois a medida que vai se aproximando do bairro vai fazendo cada vez mais evocação da memória da adolescência. O objetivo é demonstrar a importância da ambientação para o efeito da obra e seu desfecho.

ESPAÇO-CONFLITO E ESPAÇO-LEMBRANÇA: UMA ANÁLISE NEORREGIONALISTA DO ROMANCE *ESSA TERRA DE ANTÔNIO TORRES*

KAROLINA DE FÁTIMA SANTOS SOUSA | UESPI - CAMPUS JOSEFINA DEMES

O trabalho trata-se da análise da obra *Essa Terra de Antônio Torres*, seu terceiro romance que teve destaque na década de 70, definindo o perfil de suas obras seguintes. Tem como objetivo principal: analisar o comportamento e conflitos dos personagens diante do espaço em que estão inseridos; observar o nível de valorização do espaço considerando a memória dos sujeitos; e analisar a influência social do espaço nas atitudes dos personagens. Neorregionalismo, a nova tendência da literatura brasileira de Herasmo Braga foi usado como objeto de estudo para o desenvolvimento analítico desse trabalho, fazendo associações de conceitos como espaço-conflito e espaço-lembrança para o aproveitamento de todos os aspectos que contribuem para o desenvolvimento da narrativa, esse método empregado resultou na compreensão dos conflitos internos dos personagens com o espaço após a transição dos mesmos, diante dos problemas que enfrentaram bem como a caracterização do rumo que suas vidas tomaram.

O ESPAÇO EM ANDRÉ DE LEONES: UMA LEITURA DE "HOJE ESTÁ UM DIA MORTO" (2006) E "ABAIXO DO PARAÍSO" (2016)

BRUNA MARQUEZAN SILVA | UEG

Este trabalho versa sobre a forma como a cidade está inserida em *"Hoje está um dia morto"* e *"Abaixo do paraíso"*, obras do escritor goiano André de Leones lançadas em 2006 e em 2016, respectivamente. Para tanto, trazemos uma metodologia pautada em leituras e pesquisas teóricas de autores que tratam sobre a abordagem da cidade na literatura, bem como do conjunto literário de André de Leones, e na realização de entrevistas com o escritor. Com a realização desta pesquisa, pretendemos compreender como a temática cidadina surge dentro das produções literárias goianas, com foco nos romances de André de Leones. Acreditamos que tal análise, no contexto narrativo dos romances citados, possibilita o desvelar de como a literatura não é alheia a influxos externos, e que o bom autor jamais se isenta de retratar os problemas e dilemas de seu tempo. Procuraremos, durante a pesquisa, que é parte de uma dissertação de Mestrado intitulada *"Cidade e violência em André de Leones: uma leitura de 'Abaixo do paraíso'"*, trabalhar a literatura não somente enquanto arte, mas também, e fundamentalmente, enquanto instrumento de análise social e importante ferramenta na compreensão histórica, social, política e econômica de um povo. Não obstante, pretendemos contribuir para uma maior valorização da literatura produzida em Goiás na pessoa de um escritor cujas obras permeiam as cidades de Silvânia, Goiânia, Anápolis e Brasília e são recheadas por personagens diretamente influenciadas pelo contexto do mundo globalizado e que vivem na eterna busca por um lugar onde possam se encontrar enquanto indivíduo e reparar possíveis erros do passado.

O ESPAÇO DE (DES) ABRIGO EM O TIGRE NA SOMBRA DE LYA LUFT

LEANE AMARAL PAZ ANDRADE | UESPI

Os espaços de vivências revelam muito sobre a intimidade do ser, podendo desencadear lembranças individuais e coletivas permeadas por sensações e sentimentos ligados ao passado despertando, de forma impensada, uma ressignificação do vivido. Considerando a relevância deste cenário, seus objetos e os vínculos que a ele se formam, propõe-se nesta investigação analisar a obra *O tigre na Sombra* (2012) de Lya Luft, com ênfase em passagens de rememoração que contemplam os espaços de abrigo, a fim de discutir laços que prendem e desamparam a narradora-personagem como forma de reconstruir um novo

olhar a própria história. A narrativa retrata os momentos vividos na casa dos avós maternos, lugar de acolhida, proteção, bem-estar e mais que isso, um refúgio aos desafetos presente na conturbada relação com a mãe, como também ao insucesso dos relacionamentos amorosos. As vozes e as imagens representam, de modo singular, os personagens. São as palavras rememoradas que os levam a identificar as experiências e os sentimentos que estão vivos na protagonista, Dolores. Este trabalho se baseia nas visões de Halbwachs (2006) destacando as imagens espaciais como elemento integrador do próprio eu; Bachelard (2005), ao evidenciar a reconstrução de experiências através de lembranças que reconfortam e valorizam as moradas; Brandão (2014) e Borges Filho (2007) em discussões sobre o espaço e a sua representação na obra literária, além de outros que venham a complementar este estudo. Sendo assim, destaca-se previamente em *O Tigre na Sombra* a imagem da casa do mar, com seu barulho e cheiro de maresia que aciona lembranças de vivências topofílicas da narradora-personagem que se contrapõem a sentimentos relacionados a outros espaços.

REDUÇÃO ESTRUTURAL EM O CASTELO, DE FRANZ KAFKA

SANDRA HELENA ANDRADE DE OLIVEIRA | IFPI

No percurso dos estudos literários, o diálogo estabelecido entre literatura e sociedade sempre deu margens para grandes discussões. A despeito do posicionamento teórico que se adote, hoje não restam dúvidas de que o texto literário comporta uma dimensão social. Com efeito, o segmento da sociedade pode atuar tanto na composição temática de uma obra, quanto nos seus mecanismos de estruturação formal. Segundo bem postula o crítico Antonio Candido, na fenomenologia da criação literária, ocorre o processo de redução estrutural operante em *O castelo*, de Franz Kafka. Pretende-se evidenciar as estratégias empregada pelo autor para dar forma literária aos aspectos históricos e sociais de seu tempo. Dentre as estruturas empregadas, o espaço ocupa um lugar de destaque nessa discussão, pois é nessa categoria estruturante da narrativa que comumente repousa o perfil do mundo burocrático retratado no romance. Além do estudo de Candido (2014) anteriormente citado, esta pesquisa tem como aporte teórico sobre espaço realizadas por Brandão (2001), Borges Filho (2007), Santos (2012), dentre outros. A partir das análises pode-se inferir inicialmente que a redução estrutural é o caminho para reconhecer como os aspectos sociais, políticos e humanos da sociedade são constituídos no romance de Kafka.

A MULHER E A QUINTA: A CASA NA FICÇÃO DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

FERNANDA BARINI CAMARGO | UNESP

Este trabalho tem a desafiadora ambição de construir um panorama sobre o espaço na extensa literatura romanesca da escritora portuguesa Agustina Bessa-Luís (n. 1922). Com vistas a cumprir tal tarefa, diante da vasta obra da ficcionista, defino como recorte de análise quatro romances: *Fanny Owen* (1979), *Eugénia e Silvina* (1989), *Vale Abraão* (1993) e *Joia de Família* (2001). Observa-se, nesta seleção da ficção agustiniana, um obsessivo interesse em retratar famílias, sobretudo da aristocracia decadente, cujas casas compõem a paisagem que cerca o rio Douro. Falam-se dos Owen, dos Nunes, dos Paiva, dos Clara e de suas quintas e solares. Tais ambientes domésticos possuem nomes próprios (o Vilar do Paraíso, a Malhada, o Romesal, as Jacas, o Vesúvio, o Salto da Senhora), os quais remetem às personagens femininas, aos seus arcos diegético e às suas trajetórias. Importam à romancista, por exemplo, as genealogias femininas representadas pelas figuras da mãe, da avó, de tias e de criadas que se dedicam às famílias do Douro. As identidades enigmáticas e conflituosas das protagonistas relacionam-se frequentemente a telhados que desabam, revelando mulheres que têm como preocupação a preservação do patrimônio familiar e da tradição, empenhando todos os seus esforços e estratégias para conseguir-lo. Elas dissimulam perante a sociedade e inserem, cada qual ao seu modo, fissuras no sistema patriarcal circundante. Portanto, debater os efeitos de sentido do espaço doméstico, pelas representações da casa como motivo fundamental da fábula agustiniana, e a maneira pela qual esses espaços incidem sobre a leitura que se faz das personagens femininas, é o escopo desta comunicação.

A ESTRADA EM LES CHOUANS DE HONORÉ DE BALZAC

ROSÁRIA CRISTINA COSTA RIBEIRO | UFAL

Les Chouans ou la Bretagne en 1799 (1829) é o primeiro romance publicado por Honoré de Balzac como Balzac e torna-se a primeira obra a compor da Comédie Humaine. Nosso trabalho tem por objetivo explorar a espacialidade de estrada como espaço de transição, de fronteira e sua neutralidade, uma vez que é um espaço percorrido por todas as personagens dessa narrativa, e sua relação com a estrutura da espacialidade do romance histórico tradicional. Para tal análise, partimos de um tratamento direto do texto literário, bem como do levantamento bibliográfico sobre a espacialidade no contexto do romance histórico tradicional, abordando diversas linhas de análise distintas (BACHELARD, 1984; BAKTHIN, 1978; LUKACS, 1965). Ao que se refere ao deslocamento pelo oeste francês, é preciso dizer que grande parte do romance balzaquiano tem como espaço a estrada. Em quase três quartos do livro as personagens estão se deslocando: seja a demi-brigand de Hulot, de Fougères a Mayenne (deslocamento leste-oeste), seja o quarteto Marie de Verneuil, Montauran, Madame du Gua e Francine que vão de Mayenne à Alençon (deslocamento oeste-leste), onde nunca chegam. Essa espacialidade se mostra, assim, como essencial para o desenvolvimento da trama e para a composição das personagens típicas, tão caras a esse tipo de romance. Dessa forma, concluímos que os espaços neutros, neste caso a estrada, são espaços fundamentais para o desenvolvimento da obra, uma vez que dele dependem as demais características da narrativa. Outra conclusão à qual chegamos é que, de modo geral, o espaço no romance apresenta duas características principais. A primeira é a representação da province e estabelecimento do território em sua divisão política, no Oeste francês; já a segunda peculiaridade diz respeito aos trechos que ressaltam as características do périplo a ser seguido, a saber, o interregno entre Mayenne e Alençon. São nesses excertos que concentraremos nossas análises.

40

CAMPO DE CRUZES: DITADURA E AS MUDANÇAS NO ESPAÇO DA AMAZÔNIA EM CINZAS DO NORTE

LUCAS LIMA MOURA / NÁDIA GRINGS BATISTA | UFPI.

O romance Cinzas do Norte, de Milton Hatoum, é narrado em perspectiva memorialista por Lavo, e conta a estória de Mundo e suas relações conflituosas com os pais e as políticas desenvolvidas pelos governos militares em sua cidade; ambientada em Manaus, capital do estado do Amazonas, a obra se desenvolve entre as décadas de 1960 e 1980. No decorrer da narrativa, percebemos, ao passo das intransigências retratadas, um sentimento de resistência e confronto edificar-se, particularmente no que concerne à representação da personagem Mundo, tanto na maneira de lidar com os pais como na sua reação às políticas intervencionistas do governo militar que transformaram os cenários e a natureza de Manaus. Com efeito, o presente artigo analisa, por meio do romance, se os arbítrios contidos nos projetos de desenvolvimento para a região Amazônica no período da Ditadura Civil Militar, intervieram nas mudanças urbanísticas da cidade de Manaus; e se a utilização dos conceitos da topoanálise, são relevantes no estudo da composição desta obra literária. Deste modo, utiliza-se como suporte teórico as contribuições de Bertha K. Becker (2001), Daniel Aarão Reis (2010) e Ozires Borges Filho (2008). Ademais, constata-se na obra que as políticas intervencionistas do regime militar transformaram sobremaneira os ambientes urbanos na Amazônia e que Cinzas do Norte, ao localizar seu enredo em Manaus, possibilita que o estudo do espaço possa ser aplicado na perspectiva crítica da análise do romance. Com efeito, cenários são construídos e os microespaços configurados na obra, demonstram as disputas pelos territórios na Amazônia, e também as resistências resultantes dos desmandos edificados pelos governos do período.

A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO DO OESTE: UMA ANÁLISE DO ROMANCE ALL THE PRETTY HORSES DE CORMAC MCARTHY

FRANCISCO ROMÁRIO NUNES | UFBA

A representação do espaço do oeste é um aspecto constante na literatura norte-americana e atravessa toda a sua história literária, desde os primeiros escritos coloniais acerca da paisagem até a contemporaneidade. No passado, escritores como James Fenimore Cooper e Mark Twain imaginaram o

oeste como um espaço fonte de histórias americanas por excelência, onde os personagens constroem uma espécie de mitologia do oeste. Na contemporaneidade, o escritor Cormac McCarthy demarca as novas configurações desse espaço e problematiza a posição do homem americano nesse território. No romance *All the pretty horses* (1992), a exemplo, McCarthy narra a história do jovem John Grady Cole na metade do século XX, um personagem que sintetiza a perda de um modo arcaico de viver no oeste e simboliza a ruptura do sujeito com o espaço. O objetivo desse trabalho, portanto, é analisar a representação do espaço do oeste na narrativa *All the pretty horses* em face das transformações do mesmo, resultantes dos processos de industrialização do país e das novas configurações histórico-sociais. Para embasar as discussões acerca do oeste de McCarthy utilizamos Frye (2016), Ellis (2006), Guillemin (2004) e Owens (2000); sobre a categoria espaço na literatura, apoiamos-nos em Genette (2015) e Brandão (2013). A partir da compreensão dos aspectos de representação do espaço do oeste na literatura norte-americana, analisamos o romance de McCarthy. Partimos do pressuposto que, na obra em questão, o oeste é um espaço que se autodefine em relação com os personagens, ou seja, está intimamente ligado à psicologia e aos modos de existir dos sujeitos que o habitam.

ESPAÇO(S) NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

MYLENA DE LIMA QUEIROZ | UEPB

O livro que trouxe à tona os escritos de Carolina de Jesus (1914 - 1977), cujo trabalho foi iniciado anos antes e amparado pelo jornalista Audálio Dantas, "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", publicado em 1960, foi motivo de crítica tanto por parte de outros escritores, que consideravam que a autora só conseguira o reconhecimento da crítica e dos leitores pelo lugar de onde veio; quanto por parte dos seus colegas da própria comunidade, que alegaram invasão dos seus espaços, retratados por Carolina no seu livro-diário. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é apresentar a complexidade da noção de espaço narrativo que figura no centro da "literatura verdade" de Carolina Maria de Jesus, considerando a "realidadeficção", proposta pela crítica literária argentina Josefina Ludmer, perceptível também na obra da escritora mineira. Para empreender esta análise, apoiamos-nos nas reflexões de Anatol Rosenfeld e de Josef Frank, tendo em vista a espacialização da narrativa, como também em trabalhos de Genette e de outros autores que teorizam aspectos relacionados à categoria do espaço. Buscamos, no entanto, propor uma abertura da concepção de espaço narrativo, voltando nossos olhares à problemática particular da maneira prismática como temos acesso ao espaço narrado, vivido, lido e problematizado por Carolina Maria de Jesus na obra que não apenas mapeia os dias e descortina o cotidiano dos moradores da antiga favela do Canindé: "o quarto de despejo" de São Paulo; como também reivindica, desde o título, uma atenção àquele espaço, para além da categoria narrativa.

CAIM: UMA LEITURA DA OBRA SARAMAGUIANA SOB À LUPA DA GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL

ADRIANNE GONÇALVES CARVALHO | UFMA

A Geografia, em sua perspectiva científica, se encontra em incessante investigação dos eventos socioespaciais. Com um vasto campo de linhas de estudo, como, por exemplo, a Geografia Pragmática, também conhecida como Teorética, ou a Geografia Radical, visa compreender melhor o meio ambiente e o espaço. No entanto, em uma perspectiva mais humanista, encontramos a Geografia Humanista Cultural, doravante GHC, a qual, por sua vez, visa estudar as relações do ser humano com o espaço em uma perspectiva interacional. No presente artigo, nos alinhamos aos preceitos da GHC para uma análise da obra *Caim* (2009), de autoria do escritor português José Saramago (1922-2010). Por se tratar de um livro em que a subversão de conceitos é o que dá vida à narrativa, não é de se estranhar que cada detalhe adquira um enorme peso no texto, de forma que o espaço se manifesta em distintas facetas durante a leitura da obra, as quais, dependendo do contexto, contêm os mais diferentes sentidos e significados, o que desperta no personagem fulcral da obra, o próprio Caim, sentimentos e ações conflitantes, e que o levam a ações e decisões que permeiam todo o fio condutor do romance. Assim, o espaço, que em algumas análises nada mais é que o pano de fundo da leitura, exerce papel de grande valor no

direcionamento da obra, nos levando a percebê-lo como fator inerente às significações que o texto saramaguiano incorpora. Para uma análise mais aprofundada, faremos uso de autores basilares da área como Yi-Fu Tuan (2012 e 2013) e Eric Dardel (2015), nomes que ajudam a entender e aplicar de forma mais clara os conceitos da GHC.

O ESPAÇO BUCÓLICO FRENTE À MODERNIDADE EM A HORA DOS RUMINANTES

GLAUBER HONORATO DA SILVA | UEG

Este trabalho propõe discorrer acerca do romance A Hora dos Ruminantes do escritor goiano JJ. Veiga; abordando a chegada da tradição modernista no lugarejo ficcional da narrativa Veiguiana. No implicar desse prisma temático de invasão, temos a instalação dos mecanismos de vigilância na cidade pré-moderna de Manarairema, onde há uma comunidade bucólica que dialoga estética e culturalmente com vilarejos goianos, mas que ao se deparar com a iminente profecia do progresso moderno, transfiguram-se em um espaço de opressão e vigilância, deixando nos resquícios da memória o culto à oralidade e a vivência bucólica da vida rural. Trata-se de uma história de invasão; temos a cidade de Manarairema invadida por homens modernistas e a promessa de melhoramento. Visto como acontecimento de invasão primária à narrativa, logo torna-se responsáveis por alterar as configurações espaciais da campesina Manarairema. Preocupa-se olhar o indivíduo lidando com as redefinições dos espaços na sociedade moderna e perceber como o lugar modernista redefine as normas que envolvem o ver, sentir e perceber das personagens. Essas reconfigurações de questões humanas encontram lugar comum nas obras selecionadas e permite ler as imagens e narrativas pelo embasamento teórico proposto por Foucault ao definir o panóptico moderno como estrutura sistemática de vigilância da "sociedade disciplinar" em sua obra Vigiar e punir (1987) e no estudo contemporâneo da pesquisadora Fernanda Bruno com sua obra Máquinas de ver, modos de ser (2013). Também preocupa-se elencar o apanhado histórico no que implica compreender o espaço da modernização em A condição humana da teórica Hanna Arendt (1958), e nos ensaios de Marshall Berman em Tudo que é sólido desmancha no ar (2007).

42

PAISAGENS REINVENTADAS: UM OLHAR SOBRE LISBOA

FRANCISCA MARCIELY ALVES DANTAS | UFPI

Sabendo da importância da escritora portuguesa Teolinda Gersão no panorama lusófono, no âmbito do romance português contemporâneo, o propósito deste estudo é analisar de que forma os personagens apreendem subjetivamente a paisagem na obra A cidade de Ulisses, publicada em 2011. Por se tratar de um romance que foi publicado após a Revolução dos Cravos, ocorrida em Portugal no ano de 1974, buscamos privilegiar o posicionamento crítico da autora, associando experiência e perspectiva imagética ao cenário cultural português. Considerando reflexões teóricas pertinentes à Geografia Humanista Cultural e tendo em vista as teorias de Yi-Fu Tuan e Eric Dardel, serão trazidos à luz os conceitos de paisagem, espaço e lugar, privilegiando o enfoque cultural e existencial que permeia a relação arquitetada entre sujeito e o seu entorno, quando da análise espacial da cidade de Lisboa. Desse modo, é possível perceber que o labor poético de Teolinda Gersão, observando as suas peculiaridades literárias, vincula a preocupação estética a um senso de consciência nacional, à medida que ela traz à tona, por meio de seus escritos, um país em constante transformação e a compreensão das relações sociais que são tecidas nesse contexto espacial.

O NOSSO REINO, DE VALTER HUGO MÃE: A GEOGRAFICIDADE DOS ESPAÇOS SAGRADOS

NATASHA CASTRO DE SOUZA | UFMA

O nosso reino (2004), do autor português Valter Hugo Mãe, é uma obra em que realidade e fantasia se interligam, revelando assim, por meio da paisagem e da rotina pacata de uma pequena e esquecida aldeia de pescadores, um confronto entre as estruturas religiosas existentes e o mundo experienciado através do olhar e da imaginação de uma criança. A partir da curiosidade de Benjamin, um menino de oito anos, nos é revelado todo o mistério e a magia dos "lugares sagrados" que ambientam a narrativa; espaços reais ou oníricos com os quais o protagonista desenvolve diferentes ligações ao longo de sua

busca por santidade. Nesta perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo analisar as relações estabelecidas entre os personagens apresentados na obra e estes lugares, dando assim ênfase aos elementos concernentes à geograficidade e aos sentimentos de topofilia e topofobia gerados a partir da experiência entre homem e lugar. À luz da Geografia Humanista Cultural, com base nos estudos propostos por Eric Dardel (1952) e Yi - Fu Tuan (1974) e apoiados na metodologia de caráter fenomenológico, propomos uma análise que entrelaça literatura e geografia, revelando assim a importância da subjetividade e da experiência humana como fatores essenciais para a compreensão da relação homem e espaço.

A IDENTIDADE NORDESTINA ATRAVÉS DO ESPAÇO EM ATALIBA, O VAQUEIRO

ANA CLEIA CARVALHO | UFPI

O presente trabalho " A identidade nordestina através do espaço em Ataliba, o vaqueiro", tem como objetivo geral investigar características da identidade nordestina através do espaço, na obra do piauiense Francisco Gil Castelo Branco. Para tanto serão identificados os tipos de espaço definidos por Antônio Dimas em Espaços e romance, a saber: físico, social e psicológico. A metodologia será topoanálise bibliográfica, pois o foco das análises estará voltado para os espaços existentes no romance. Pretende-se demonstrar por meio deste trabalho, como o nordeste pode ser identificado através dos diferentes espaços existentes na obra.

PERCURSOS LITERÁRIOS: O RIO DE JANEIRO POR JOAQUIM MANUEL DE MACEDO E LISBOA POR JOSÉ CARDOSO PIRES.

CLAUDIA BARBIERI MASSERAN | UFRRJ

Dois livros, dois autores, duas cidades, dois países, duas épocas. A primeira obra, Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro, de Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), foi publicado primeiro no formato de folhetim no Jornal do Comércio e, depois, impresso em dois tomos entre 1862 e 1863. A segunda obra, Lisboa Livro de Bordo: vozes, olhares, memorações, de José Cardoso Pires (1925-1998), teve a sua primeira edição em 1997. O que aproxima esses dois títulos, separados temporalmente por 145 anos, é o olhar que cada escritor lança para a cidade. São percursos sentimentais, roteiros subjetivos que buscam trazer ao conhecimento questões íntimas dos espaços urbanos. São cidades lidas e transcritas por dois artesãos das palavras, que perscrutam as ruas, as vielas, os monumentos. Os leitores são interpelados, convidados a seguir adiante, a conhecer mais um pouco as esquinas, os jardins, as igrejas. Esses roteiros, longe de serem escritos em linguagem objetiva, não são guias turísticos. O uso da primeira pessoa incute um caráter sentimental, memorialístico à escrita. A história oficial dilui-se nas vivências pessoais, nos casos anedóticos e então a crônica sobressai-se. Outro fator que aproxima as duas obras são as imagens dispostas ao longo dos volumes. No livro de Macedo, as páginas têm belas litografias impressas no Instituto Artístico e exercem a função de ilustrar os panoramas e a imponência dos edifícios. Na obra de Cardoso Pires, as ilustrações são muito diversificadas e englobam reproduções de fotografias, desenhos, artefatos cerâmicos, caricaturas que não dialogam diretamente com os textos. Assim, em ambos os títulos é preciso destacar a união entre o texto escrito e o imagético. Esta comunicação propõe a abordagem comparativista das duas obras, aproximando o olhar poético reflexivo dos narradores para as cidades do Rio de Janeiro e de Lisboa.

ESPAÇO E PERSONAGEM: O SENTIDO DA CIDADE SOB OS SENTIDOS DE JOÃO TERNURA

ANTONIO MATHEUS SANTOS CARDOSO | UESPI

O espaço é um elemento fundamental na construção de sentido de uma obra literária, apesar de ser objeto de estudo relativamente recente na teoria literária. Destaca-se, nessa questão, a importância do sujeito enquanto agente direto de construção desse espaço na narrativa, posto que o espaço é organizado de acordo com as necessidades biológicas e sociais dos seres que o habitam, bem como o espaço também constrói o sujeito, numa relação individual e particular, visto que essa interação se dá a partir da experiência, que é sempre única e pessoal. Definida esta relação indissociável entre sujeito e espaço na

concepção de ambos, este trabalho tem como objetivo analisar o romance "João Ternura", de Aníbal Machado, buscando investigar a maneira pela qual o espaço se dá através da particularidade das experiências da personagem João Ternura, considerando a sua transição entre o rural e o urbano. Para tanto, este estudo baseia-se nos estudos de Ozíres Borges (2007), situados nas interações entre sujeito e espaço, que é constituída através dos gradientes sensoriais - base de construção de como o sujeito se relaciona com o espaço a sua volta por meio dos sentidos. Ainda, apoia-se nas discussões de Tuan (1980), que tratam da afetividade presente na concepção do espaço pelo sujeito, dada através dos instrumentos biológicos de percepção do mundo – os órgãos responsáveis pelos sentidos. No que se refere à metodologia, esta pesquisa é qualitativa e de cunho bibliográfico, e quanto ao processo de coleta de dados para as análises, tem-se a obra romanesca de Aníbal Machado, "João Ternura". Ao fim deste estudo, tem-se a intenção de identificar a maneira pela qual a personagem João Ternura significa o espaço em que se encontra, bem como a ação que este mesmo espaço impele sobre ele.

ANÁLISE DO ESPAÇO NA OBRA OS HOMENS DOS PÉS REDONDOS

DANIELA SOUSA DA ROCHA | UESPI

O Neorregionalismo Brasileiro, nova tendência literária identificada em textos narrativos pelo professor doutor e crítico literário Herasmo Braga de Oliveira Brito, apresenta que os espaços abordados nas obras contemporâneas, ou seja, aquelas escritas a partir dos anos de 1960, deixavam de ser simplesmente cenários para participar ativamente na construção das personalidades e ações dos personagens. Assim sendo, o espaço de acordo com essa teoria constituiria como um elemento que configura ações, conflitos, confusões e constituições dos sujeitos. Este artigo, resultado de trabalho desenvolvido dentro do grupo de pesquisa NENIN – Núcleo de Estudos em Neorregionalismo, Imaginário e Narrativa, se propõe oferecer a análise da construção do espaço e sua influência sobre os personagens na obra *Os Homens dos Pés Redondos* da autoria de Antonio Torres com base na teoria do Neorregionalismo Brasileiro. Para realização deste trabalho, foram feitas leituras analíticas com as quais puderam ser observados pontos na obra que condizem com aquilo que é proposto pela teoria. Além de outras leituras de apoio para melhor embasar a análise realizada. Por meio da apreciação da obra de Antonio Torres percebemos que as características neorregionalistas do romance aparecem através da influência do espaço sobre os personagens *Estrangeiro* e *Dr. Fernandes*, ambos relacionados a dilemas culturais por terem se transferido de seus locais de origem, portanto, sobre o viés do espaço-conflito. No caso do primeiro, como o próprio apelido denuncia, apresenta seus conflitos em seu relacionamento com a personagem Manuela, que possui características de autonomia feminina. Já *Dr. Fernandes* nasceu e cresceu no campo, mas apesar de ter feito fortuna na cidade, nunca conseguiu se desligar de suas origens e isso influencia na maneira como ele vê e trata os funcionários de sua empresa. Além de BRITO (2017), também foi utilizado como referencial BRANDÃO (1964) e BOSI (1979).

ESPAÇO-LEMBRANÇA, COMO ELEMENTO CONFIGURADOR DA IDENTIDADE NEGRA NO PERSONAGEM DAMIÃO EM OS TAMBORES DE SÃO LUÍS

JANAIRA CAROLINE DA SILVA RODRIGUES | UESPI

O espaço apresenta relevância teórica para diversas áreas de conhecimento. No âmbito da teoria da literatura o termo ganhou diversas concepções principalmente ao longo do tempo. O espaço deixou de ser tratado como pano de fundo absoluto do universo ou como uma categoria pacífica da percepção no texto literário. Esta mudança foi percebida a partir dos estudos estruturalistas e foi denominada virada espacial, em que além de sofrer mudanças teóricas na sua concepção, o espaço passa a ser visto como categoria empírica que é socialmente determinada e determinante. (BRANDÃO, 2013, p.4). Tal transformação foi percebida por Brito (2017) ao analisar uma nova tendência da literatura brasileira contemporânea, que englobam obras escritas a partir de 1960, denominada de Neorregionalismo Brasileiro em que o espaço nas obras passa a ter uma nova configuração nos enredos, além de ser predominantemente urbano, deixa de ser mero elemento de composição do cenário, passando a ser partícipe dos enredos, atuando nos personagens de forma a influenciar suas personalidades e vivências

, podendo ser caracterizado como : espaço – conflito , espaço-personagem ou espaço-lembrança (BRITO, 2017, p.149). Este último será o foco de nossa análise. O espaço-lembrança é aquele que atua através da memória do narrador e demais sujeitos constituintes do enredo, dando-lhes o sentimento de pertencimento, por constituir-se uma referência e sendo orientador de suas ações e pensamentos (BRITO, 2017, p.149). A Obra *Os tambores de São Luís*, do escritor maranhense Josué Montello (1976), consiste em uma narrativa histórica de cunho memorialista, cujo espaço caracteriza-se como espaço-lembrança. O objetivo deste trabalho é demonstrar de que forma o espaço-lembrança é problematizado de forma a configurar a identidade negra do personagem protagonista Damião.

CONCEPÇÃO DO ESPAÇO NA NARRATIVA MEMORIALÍSTICA EM EXERCÍCIO PARA CLARINETA, DE IGOR ROSSONI

CAMILA DOS SANTOS DE APOLÔNIO | UFBA

O romance Exercício para clarineta, em termos discursivos, é interpelado por dois conjuntos de discursos: o primeiro deles, pela incidência do discurso verbal construído a partir da rememoração afetiva de tempo pretérito, é uma narrativa impregnada de memória sobre relação entre personagens, onde o narrador-personagem, alicerçado nos sentimentos de falta, escreve como forma de remissão décadas após a morte do avô-personagem; e o segundo, pela áudio-visão do discurso musical, constituído por partituras compostas pelo avô que era clarinetista; por conseguinte a voz do personagem avô só se manifesta por intermédio indireto a partir do registro musical. O livro é constituído por diversos ambientes de convívio entre os personagens e com vistas a refletir sobre a construção desses espaços no texto literário, o presente trabalho se dedica à análise da concepção do "espaço realista" no romance Exercícios para Clarineta, de Igor Rossoni (Vento Leste, 2010), com base nos conceitos apresentados em "Espaço e literatura: introdução à topoanálise" (2008), de Oziris Borges Filho. Nesse sentido, a ambientalização do livro é concebida a partir da memória do narrador-personagem que revisita, afetivamente, quando adulto, os locais de interação com o personagem avô durante a infância. Os sentimentos experienciados pelo narrador interferem em como são representados os cenários, a natureza e os ambientes. Ao analisar, a partir da topografia do romance, como aspectos da rememoração são influenciadores do espaço, o trabalho evidencia como os ambientes são construídos para harmonizar sentimentos manifestados pelo narrador durante a revisitação de situações tópicas em que, no passado, esteve em companhia do avô. Na narrativa não há elaboração de lugares fantasiosos, vez que os locais narrados apresentam verossimilhança com a realidade. Assim, em termos textuais, o "espaço realista" é assegurado por notas de rodapé que referenciam às localidades tópicas da realidade tangível.

AS DETERMINAÇÕES DO ESPAÇO NARRATIVO NA CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE DE LUÍS DA SILVA NO ROMANCE ANGÚSTIA (1936), DE GRACILIANO RAMOS

ROSILENE PIMENTEL SANTOS RANGEL | FACULDADE ESTÁCIO DE SERGIPE

No universo literário de Graciliano Ramos (1892-1953), os conflitos de classe, as relações sociais, a densidade psicológica de suas personagens, a questão literária presente em seus protagonistas-escritores, e os destinos humanos em uma dada realidade histórica compõem seu estilo peculiar de retratar homens concretos inseridos em uma realidade concreta. No romance Angústia (1936), a narrativa dos acontecimentos que constituem o cenário histórico permite observar a interação entre indivíduo e sociedade a partir das reflexões do narrador-personagem Luís da Silva sobre sua vida, apresentando a história de uma angústia que tem como pano de fundo a análise da estrutura social brasileira diante de uma nova realidade após as transformações políticas, sociais e econômicas dos anos de 1920 e 1930. O espaço narrativo caótico de conflitos, recessão, ditadura, assim como o movimento histórico e econômico que permeiam as relações sociais e a forma como os indivíduos lidam com as adversidades, seus próprios limites e escolhas é determinante em Angústia. A partir da caracterização desse espaço, emergem questões humanas presentes na realidade social e se percebe sua determinação na forma de viver e agir do narrador-personagem. As escolhas de Luís da Silva desvelam um tipo comum que lida com o dilema da não aceitação da sua atual condição social em um relato angustiante e, por

vezes, alucinatório e ambíguo, suscitando no leitor dúvidas sobre a veracidade dos acontecimentos. O comportamento de Luís é o de quem se observa sempre excluído, quase que invisível diante dos outros em uma cotidianidade social demarcada pela coisificação das pessoas e das relações, um processo de desumanização do homem. No percurso investigativo, o papel desempenhado pelo espaço no romance e como ele serve de base para os comportamentos do narrador-personagem é analisado com o objetivo de apreender as expressões determinadas pela sua personalidade.

IDENTIDADES FORJADAS NA ESTRADA: DESLOCAMENTO FEMININO EM "DORA SEM VÉU", DE RONALDO CORREIA DE BRITO

MANOELLE GABRIELLE GUERRA | UNESP-FCLAR

Este trabalho tem por objetivo discutir a relação que se estabelece entre a narrativa de estrada e a construção da identidade no romance Dora sem véu, de Ronaldo Correia de Brito, considerando a própria estrada como um espaço de transformação do sujeito. Publicado em 2018, a narrativa traz a história de Francisca, uma socióloga que viaja para Juazeiro do Norte à procura de desvendar o passado de sua avó. O cronotopo da estrada, proposto por Bakhtin (1998), mostra-se presente no deslocamento da protagonista e funciona como uma espécie de operador de uma metamorfose identitária que se dá ao longo do romance, levando Francisca a revisitar sua história e a de sua avó, a qual atravessou o sertão em busca de um milagre que salvasse sua família da seca que avassalou o Nordeste em 1932. O deslocamento de personagens femininas no interior de uma literatura marcada por espaços e trânsitos majoritariamente masculinos engendra uma reflexão sobre Francisca e seu papel como mulher em um espaço árido e bruto como aquele pelo qual passa. A narrativa de estrada, no romance em questão, configura-se como um relato da mudança, uma vez que, ao viajar em busca do passado da avó, a protagonista deixa de ser a socióloga observadora para tornar-se uma mulher que procura também uma parte de si e de sua identidade que está ligada a esse novo espaço; enquanto atravessa o sertão na boleia de um caminhão deromeiros, deixa seu mundo para trás, abrindo-se a novas concepções. A estrada torna-se, portanto, o espaço-tempo de gestação dessa transformação; ao chegar a Juazeiro, parte da jornada já foi cumprida, pois a travessia do sertão e a visão de um mundo outro fizeram Francisca repensar-se, trazendo à tona um novo sujeito, desconhecido, que, em dada medida, desloca-se a procura de si mesmo.

A EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO E MEMÓRIA COMO FORMA IDENTITÁRIA DAS PERSONAGENS EM BEIRA RIO BEIRA VIDA

MARLÍA DOS REIS SILVA / HERASMO BRAGA DE OLIVEIRA BRITO | UESPI-CAMPUS DOUTORA JOSEFINA DEMES

O presente trabalho visa analisar o espaço e a memória como fator da identidade sob a ótica do neorregionalismo brasileiro a partir da obra de Assis Brasil, Beira Rio Beira Vida. Trata-se de uma análise que utiliza de ideias e conceitos do espaço e memória da personagem principal Luíza em que vive uma vida marginalizada de prostituição a beira do cais presa a uma "sina". Com embasamento teórico em Brito (2017) e sobre as ideias de Candido (2002) destaca que as obras literárias se constituem a partir da verossimilhança, pois conforme as mudanças que ocorrem no universo real refrata nas narrativas e também pela visão de Yi-Fu Tuan (1930) que apresenta as experiências do o espaço e lugar na configuração de identidade de apego ou distanciamento. Pretende-se abordar esse diálogo de literatura e sociedade a questão do neorregionalismo brasileiro em função do espaço agente modalizador do caráter e a sua atuação na resistência da homogeneização da cultura e tradição os dilemas e as narrativas engajadas e a alteridade das personagens na obra Beira Rio Beira Vida. A presente pesquisa caracteriza-se, essencialmente como bibliográfica. Usando como base principal a teoria do Neorregionalismo Brasileiro de Herasmo Brito (2017) as concepções de Antonio Candido sobre Literatura e Sociedade (2002) e o espaço e lugar de Yi-Fu Tuan (1930).

ESPAÇO, IDENTIDADE E MEMÓRIA: COMO CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS EM O VÔO DA GUARÁ VERMELHA

REGINA CÉLIA COSTA LIMA | UESPI-CAMPUS DOUTORA JOSEFINA DEMES

O presente trabalho visa à análise da obra O Vôo da Guará Vermelha, de Maria Valéria Resende, com apoio na teoria do Neorregionalismo Brasileiro de Brito (2017), uma vez que apresenta características singulares como a autonomia feminina das personagens, a questão do espaço como coparticipante e a memória como contribuinte no enriquecimento das personagens e na valorização da cultura ocorrida da tradição. Através desse argumento, nota-se no romance elementos que apontam a alteração de comportamento das personagens com marcação atuante sobre eles, devido à migração do campo para a cidade, tornando esses aspectos mais presentes na narrativa. Nesse contexto de análise espacial nas narrativas, buscaremos compreender como o espaço e a lembrança contribui para a formação da identidade das personagens Irene e Rosálio. O referido romance, narra a história de dois protagonistas, que após saírem do interior, sobrevivem em meio a anseios e desalentos, em uma cidade grande. Após sua nova estadia, ela torna-se uma prostituta infectada com o vírus da AIDS e Ele sai do lugar de origem e passa por outros no encalço de aprender a ler, até se dar com Irene a concretização desse sonho. Com base nas ideias e conceitos de espaço fundamentada pelos estudos dos teóricos, a exemplo de Brito (2017) e Brandão (2013) que destaca, "o espaço da identidade, também é caracterizado por divergências, isolamento, conflito e embate". Os personagens a ser observados, se configuram através de seus imaginários, estão sempre remetendo ao seu passado, ao lugar de origem e aos detalhes de sua vida no campo. Diante do exposto faz-se uma análise mostrando as categorias do espaço presente na narrativa traçando um paralelo entre teoria e obra.

47

O ESPAÇO GROTESCO EM NOITE NA TAVERNA

MILENA PINHEIRO FRANÇA MACHADO SOUSA / MARIA CLARA MONTEIRO GUIMARÃES | UFPI

A segunda geração do romantismo é marcada pela influência do racionalismo iluminista vivido na Europa. A razão, o ser pensante, passa então a ser subjetivo, desvincula-se das ideias de padrão social e religioso, e volta seus olhares para o questionamento. Na literatura, a evasão da realidade ganha contornos trágicos, em que o indivíduo enxerga a morte como meio de fuga. São temas que tratam da melancolia, egocentrismo, angústia horror, sentimentos característicos do mal do século. Esses sentimentos, influenciam nas características literárias da estética Romântica, trataremos especificamente do espaço grotesco. O grotesco é aquilo que causa riso ou repugnância. Analisaremos esse espaço grotesco na obra Noite na Taverna, de Álvares de Azevedo, um dos autores no estudo da literatura romântica brasileira e ultra romântica, que abordou tão bem o tema, traduzindo com exatidão o entusiasmo dos românticos da segunda geração.

A EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO E MEMÓRIA COMO FORMA IDENTITÁRIA DAS PERSONAGENS EM BEIRA RIO BEIRA VIDA

MARÍLIA DOS REIS SILVA | UESPI-CAMPUS DOUTORA JOSEFINA DEMES

O presente trabalho visa analisar o espaço e a memória como fator da identidade sob a ótica do neorregionalismo brasileiro a partir da obra de Assis Brasil, Beira Rio Beira Vida. Trata-se de uma análise que utiliza de ideias e conceitos do espaço e memória da personagem principal Luíza em que vive uma vida marginalizada de prostituição a beira do cais presa a uma "sina". Com embasamento teórico em Brito (2017) e sobre as ideias de Candido (2002) destaca que as obras literárias se constituem a partir da verossimilhança, pois conforme as mudanças que ocorrem no universo real refrata nas narrativas e também pela visão de Yi-Fu Tuan (1930) que apresenta as experiências do o espaço e lugar na configuração de identidade de apego ou distanciamento. Pretende-se abordar esse diálogo de literatura e sociedade a questão do neorregionalismo brasileiro em função do espaço agente modalizador do caráter e a sua atuação na resistência da homogeneização da cultura e tradição os dilemas e as narrativas engajada e a alteridade das personagens na obra Beira Rio Beira Vida. A presente pesquisa caracteriza-se, essencialmente como bibliográfica. Usando como base principal a teoria do

Neorregionalismo Brasileiro de Herasmo Brito (2017) as concepções de Antonio Candido sobre Literatura e Sociedade (2002) e o espaço e lugar de Yi-Fu Tuan (1930).

INCURSÃO SOBRE O CRONOTOPO NO DISCURSO ROMANESCO: APRECIÇÃO SOBRE “CADEIA”, DE VIDAS SECAS

MARIA DE LOURDES DIONIZIO SANTOS | UERN

Trata-se de uma discussão a respeito do cronotopo postulado por Mikhail Bakhtin, observado no romance Vidas secas, de Graciliano Ramos. Partimos da leitura do capítulo “Cadeia”, integrante dessa obra, através do qual realizamos um exame sobre o cronotopo supramencionado no discurso literário. Essa investigação está amparada à luz de estudos sobre o cronotopo em Bakhtin, estabelecendo um diálogo entre o que foi postulado por este pensador, a respeito do cronotopo, bem como discussões consolidadas sobre o tema, a exemplo das que encontramos em trabalhos realizados por pesquisadores como Nele Bemong, Pieter Borghart, Oziris Borges Filho, Vladimir Nicolaevic Toporov, entre outros autores. Nessa perspectiva, propomos-nos discutir o cronotopo, ou a relação intrínseca entre o espaço e o tempo em Vidas secas, tendo em vista que o discurso literário do referido romance é tomado por estes elementos, de tal forma que o espaço ganha primazia, no cenário desta obra. Desse modo, em “Cadeia” conferimos diversas manifestações conotópicas que ilustram o pensamento Bakhtiniano, realçadas na representação artístico-literária da figura humana e das circunstâncias que a vida lhe impõe, no decurso do tempo-espaço e seus desdobramentos.

DICKENS INDICA O ROTEIRO: CONHECENDO A LONDRES DE OLIVER TWIST NO SÉCULO XXI

JULIANA SALES VIEGAS CASTELO BRANCO | IFMA-CAMPUS TIMON

Charles Dickens é conhecido por descrever cenários tão detalhadamente que, por vezes, a cidade é considerada não apenas um pano de fundo, mas sim um personagem à parte em seus trabalhos. Merece destaque a sua relação com a capital inglesa, que apesar de não ser sua cidade natal, foi onde o autor viveu boa parte de sua vida. Por conta de suas andanças pela cidade quando criança, Dickens habituou-se a observar o espaço urbano, fazendo com que Londres se tornasse para ele um ambiente de assimilação e de experimentação. O objetivo deste trabalho é analisar como o espaço da cidade foi retratado na obra dickensiana, mais especificamente em Oliver Twist, e a partir dos locais citados na obra, traçar um roteiro que permita conhecer a cidade nos dias atuais, comparando a evolução da Londres do século XIX para a Londres cosmopolita do século XXI. Para tanto, utilizamos a pesquisa bibliográfica visando fazer um link entre Geografia e Literatura, que possibilita a discussão de alguns conceitos geográficos de espaço e lugar trabalhados por Milton Santos (1999) e Yi-Fu Tuan (1983). Ainda, analisamos a divisão simbólica da cidade em leste e oeste, representando uma separação de classes sociais, na teoria proposta por Franco Moretti (2005). Concluímos que o espaço no romance de Charles Dickens tem lugar de destaque na narrativa, e que para compreender melhor seu trabalho, devemos buscar conhecer a cidade. Melhor ainda se a experiência puder ser in loco, visitando na atualidade alguns lugares que o próprio autor conheceu em seu tempo.

AS FIGURAS FEMININAS NA OBRA A NOITE DAS MULHERES CANTORAS, DE LÍDIA JORGE

CRISTIANE VIANA DA SILVA FRONZA E JUREMA DA SILVA ARAÚJO | UFRN

O trabalho versa sobre a obra A Noite das Mulheres Cantoras, de Lídia Jorge publicada em 2011 e teve como objetivo analisar a representação da imagem feminina na sociedade contemporânea portuguesa. O romance mostra ao público leitor o poder do espetáculo e do subitâneo universo televisivo, nominado na obra como “império minuto”. Esse romance é tipificado por uma profusa coerência temática e por uma nuance, presumivelmente, abaladamente ética, nesse sentido, é provável observar que essa obra está coadunada por um olhar que converte o espólio auferido do passado, sensibiliza preceitos medulares e dissemina ao legente uma consciência crítica do mundo. A escrita jorgeana retrata variados aspectos sociais, reiteradamente canalizada nos problemas da hodiernidade, traz à tona um testemunho da condição humana, porém, mais nomeadamente, da mulher de sua época, na qual ela própria por vezes

se reflete, de maneira autobiográfica, em alguns dos seus romances. Lídia Jorge apresenta ao público leitor questões alusivas aos problemas da situação feminina e sua submissão em uma sociedade baseada nas prerrogativas do patriarcado. A referida autora discute sobre questões políticas e morais identificadas com espaços de descomunal violência física e psicológica na qual ela inscreve uma condição ética e a inevitabilidade de recriar a hombridade humana. Esse trabalho tencionou examinar as figuras femininas no romance jorgeano, através de teóricos como Zolin (2005), Bourdieu (2009) e Butler (2003).

PASSAGEIRO DO FIM DO DIA: ESPAÇOS TENSOS

MARCELO DE SOUZA PEREIRA | COLÉGIO PEDRO II (RJ)

Pensar o espaço, principalmente no universo do romance, implica deslindar não apenas as forças que produzem espacialidades no texto mas, sobretudo, os efeitos que essas forças exercem sobre os sujeitos representados. Além disso, cabe ao analista, como argumenta Luiz Alberto Brandão, "interrogar em que medida a obra literária é capaz de fazer uso daquilo que em certo contexto cultural é identificado como espaço". Nesse sentido, um romance como Passageiro do fim do dia é um convite à reflexão. Pertencente à "fase social" da obra de Rubens Figueiredo, Passageiro do fim do dia (2010) chama a atenção para o modo como o espaço social afeta e constitui os sujeitos, ao mesmo tempo que os submete a um regime de precarização. Expostos às contradições derivadas das tensões espaciais (como centro e periferia, por exemplo), os sujeitos tornam-se também espacialidades que, em diferentes graus, interpelam o mundo em que vivem. Tendo em vista essa constatação, o objetivo da comunicação é investigar a relevância da categoria espaço no último romance publicado pelo autor. Com efeito, em Passageiro do fim do dia, o espaço ganha densidade na medida em que ele é ficcionalmente codificado como espaço de vivência da desigualdade, tanto no plano sincrônico quanto no diacrônico. No plano sincrônico, o espaço urbano se apresenta como território de tensões, as quais, via de regra, produzem a exclusão de determinados sujeitos sociais. No plano diacrônico, destaca-se a conexão que a espacialidade contemporânea brasileira estabelece com a experiência escravista. Na confluência dos dois planos, o espaço emerge como categoria complexa, que, longe de se apresentar como mero pano de fundo, configura-se como potente gerador de sentidos na narrativa.

ESTRANGEIRAS NO PRÓPRIO PAÍS: MULHERES NORDESTINAS E A METRÓPOLE EM DOIS ROMANCES DE MARILENE FELINTO

ISABELA CRISTINA DO NASCIMENTO | UNESP-ARARAQUARA

Este trabalho tem como propósito apresentar um dos aspectos verificados no deslocamento das personagens femininas dos romances "As mulheres de Tijucoapapo" (1982) e "O lago encantado de Grongonzo" (1987) da autora Marilene Felinto. Conforme aponta Adelaide Calhman de Miranda (2012), o contato de mulheres com os espaços urbanos não pode ser pensado sem levar em conta questões como a nacionalidade, raça, etnia e classe social, pois são marcadores de diferenças essenciais para analisar suas vivências. Desse modo, as barreiras linguísticas encontradas na relação que as protagonistas estabelecem com a metrópole para a qual migram é um dos fatores envolvidos em tais questões. Rísia e Deisi, assumindo suas marcas culturais de nordestinas, enfrentam, para além do sentimento de desilusão, um desajuste social oriundo da dificuldade de comunicação que faz parte de suas vidas e se intensifica diante da globalizada fala urbana. Esses impasses não são inéditos na literatura brasileira, porém na produção felintiana assumem diferentes contornos. Ao mesmo tempo em que as protagonistas lidam com os contrastes linguísticos regionais – atrelados ao contraste entre a paisagem citadina e o sertão –, adquirem o conhecimento da língua inglesa, no entanto, o domínio de outro idioma não repara a sensação de não-pertencer e nem impede a perda da fala. Ainda que ocupem o espaço da metrópole são indivíduos que não alcançam a inserção, pois conforme aponta Doreen Massey em sua abordagem alternativa do espaço (2009) "As margens não chegaram ao centro" verdadeiramente. Articulando os pressupostos da geógrafa com o conceito de Topofobia apresentado pelo crítico Oziris Borges Filho (2007), buscar-se-á verificar como o sentimento de não-pertencimento e a relação hostil estabelecida

com a urbe possuem como um dos principais propulsores a dificuldade de identificação linguística vivida por Rísia e Deisi – que interfere na própria construção narrativa.

LIMA OU PARIS: QUAL O MEU LUGAR? - UMA LEITURA DO ESPAÇO EM TRAVESSURAS DA MENINA MÁ

ANDRÉIA MENDONÇA MENEGUNDES | UFMA

Este trabalho consiste numa pesquisa em andamento e objetiva pensar o espaço na obra Travessuras da menina má, do escritor Mario Vargas Llosa, uma vez que na referida narrativa, acompanhamos por meio do ponto de vista do narrador-personagem Ricardo as aventuras e as experiências que ele e a menina má mantem com os diferentes espaços que transitam. A presente proposta ganha relevância à medida que a Literatura é uma área do conhecimento que traz como questão fundamental levar o homem a indagar sobre sua existência e, conseqüentemente, sobre sua condição social, histórica e espacial. Assim, o texto ficcional nos incita a uma reflexão sobre os sujeitos e suas experiências com os espaços. Busca-se compreender como as mudanças que ocorrem nos espaços habitados pelos sujeitos intervêm na sociedade e influenciam a sua condição no mundo a partir da contribuição do geógrafo Yi-Fu Tuan (2013), no livro Espaço e lugar: a perspectiva da experiência, que discorre sobre as categorias espaço e lugar, diferenciando-as: "As ideias de 'espaço' e 'lugar' não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa". (TUAN, 2013, p. 14). O método adotado para a análise da obra literária terá uma base fenomenológica, pois a abordagem escolhida, embora se atenha ao ficcional, parte da apreensão e percepção das experiências vividas pelos sujeitos. Tendo como base as ideias da Geografia Humanista Cultural e o corpus literário da obra Travessuras da menina má, este trabalho propõe um diálogo interdisciplinar e uma aproximação entre a Literatura e a Geografia, com o intuito de compreender as experiências humanas no mundo.

50

O ESPAÇO NA NARRATIVA: UMA LEITURA DO ROMANCE UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES DE CLARICE LISPECTOR

WILL WANDERKELLY DE FREITAS RIBEIRO | UERN

O presente trabalho tem por objetivo fundamental realizar um estudo do espaço no romance Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres (1969), publicado pela escritora modernista brasileira Clarice Lispector, e perceber os efeitos de sentidos criados pelo narrador ao construir o percurso espacial da narrativa. Nesta obra, o enredo evidencia a relação existente entre as personagens Loreley, professora primária, e Ulisses, professor de Filosofia, que se encontram por acaso numa rua movimentada na cidade do Rio de Janeiro, e a partir desse contato se inicia o processo de aprendizagem da personagem feminina por Ulisses, que utiliza os conhecimentos da Filosofia para orientá-la nessa busca. O romance apresenta uma grande variedade de espaço onde os fatos acontecem e com significativa relevância para o desenvolvimento da narrativa e desenrolar da trama que giram em seu entorno. Para compor o estudo sobre a categoria espaço no texto literário, recorreremos a distintas áreas do conhecimento por se tratar de um conceito amplo e adotaremos a contribuição teórica do filósofo Gaston Bachelard (2000), que analisa na própria literatura as construções dos diferentes espaços narrativos e suas significações, apontando tal estudo como topoanálise; Borges (2007), que faz um levantamento da ocorrência dessa categoria nas narrativas com suas funções e possibilidades, além de leituras que contribuirão significativamente para a composição deste trabalho, tais como Foucault (2006), Brandão (2013), e Osman Lins (1976) que buscam trazer à tona a importância desse elemento narrativo e evidenciá-lo em relação aos demais.

O ESPAÇO NA NARRATIVA: UMA LEITURA DO ROMANCE UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES DE CLARICE LISPECTOR

WILL WANDERKELLY DE FREITAS RIBEIRO | UERN

O presente trabalho tem por objetivo fundamental realizar um estudo do espaço no romance Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres (1969), publicado pela escritora modernista brasileira Clarice Lispector, e perceber os efeitos de sentidos criados pelo narrador ao construir o percurso espacial da narrativa. Nesta obra, o enredo evidencia a relação existente entre as personagens Loreley, professora primária, e Ulisses, professor de Filosofia, que se encontram por acaso numa rua movimentada na cidade do Rio de Janeiro, e a partir desse contato se inicia o processo de aprendizagem da personagem feminina por Ulisses, que utiliza os conhecimentos da Filosofia para orientá-la nessa busca. O romance apresenta uma grande variedade de espaço onde os fatos acontecem e com significativa relevância para o desenvolvimento da narrativa e desenrolar da trama que giram em seu entorno. Para compor o estudo sobre a categoria espaço no texto literário, recorreremos a distintas áreas do conhecimento por se tratar de um conceito amplo e adotaremos a contribuição teórica do filósofo Gaston Bachelard (2000), que analisa na própria literatura as construções dos diferentes espaços narrativos e suas significações, apontando tal estudo como topoanálise; Borges (2007), que faz um levantamento da ocorrência dessa categoria nas narrativas com suas funções e possibilidades, além de leituras que contribuirão indiretamente para a composição deste trabalho, tais como Foucault (2006), Brandão (2013) e Osman Lins (1976) que buscam trazer à tona a importância desse elemento narrativo em detrimento aos demais.

UMA CASA DE OSSOS E PALAVRAS: NAEL E A ARQUITETURA DE UMA METÁFORA EM DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM

FELIPE CAMARGO MELLO | UNESP

Os romances de Milton Hatoum são movidos por uma alternância entre o público e o privado, na qual os seus personagens perambulam pelos mais diversos espaços, geralmente, da cidade de Manaus, ao longo de suas narrativas. Este trabalho, pensando nessa oscilação, propõe-se a discutir o modo como o romance Dois irmãos, de Milton Hatoum, promove uma representação do espaço narrativo da casa libanesa como uma metáfora na narrativa, projetando seus significados não apenas no processo de falência e derrocada da família, mas também na mediação entre o público e o privado, o que significa dizer que desempenha, ainda, a mediação entre o individual e o coletivo, especialmente no que tange a experiência subjetiva ligada à vivência nesses espaços. Para pensar esse aspecto do romance hatoumiano é preciso problematizar a relação entre espacialidade e experiência subjetiva, uma vez que a casa liga-se a um núcleo identitário mais amplo, precisando ser compreendida, assim, não apenas como um cenário em que se inserem as ações das personagens, mas como um espaço que carrega as marcas das transformações sociais de Manaus. Diante disso, faz-se essencial uma abordagem da narrativa que considere um olhar para a criação de sentidos desses ambientes e como eles se atrelam às suas personagens e considerar Nael não apenas o narrador, mas um arquiteto que reconstrói a casa de Zana por meio de uma divisão entre a sua pré-história, os relatos que apreendeu das conversas com Halim e Domíngas, e a sua história, as próprias memórias de vivências dentro do seio familiar.

O ESPAÇO NA NARRATIVA: UMA LEITURA DE UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES DE CLARICE LISPECTOR

WILL WANDERKELLY DE FREITAS RIBEIRO | UNESP

O presente trabalho tem por objetivo fundamental realizar um estudo do espaço no romance Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres (1969), publicado pela escritora modernista brasileira Clarice Lispector, e perceber os efeitos de sentidos criados pelo narrador ao construir o percurso espacial da narrativa. Nesta obra, o enredo evidencia a relação existente entre as personagens Loreley, professora primária, e Ulisses, professor de Filosofia, que se encontram por acaso numa rua movimentada na cidade do Rio de Janeiro, e a partir desse contato se inicia o processo de aprendizagem da personagem feminina por Ulisses, que utiliza os conhecimentos da Filosofia para orientá-la nessa busca. O romance apresenta

uma grande variedade de espaço onde os fatos acontecem e com significativa relevância para o desenvolvimento da narrativa e desenrolar da trama que giram em seu entorno. Para compor o estudo sobre a categoria espaço no texto literário, recorreremos a distintas áreas do conhecimento por se tratar de um conceito amplo e adotaremos a contribuição teórica do filósofo Gaston Bachelard (2000), que analisa na própria literatura as construções dos diferentes espaços narrativos e suas significações, apontando tal estudo como toponímia; Borges (2007), que faz um levantamento da ocorrência dessa categoria nas narrativas com suas funções e possibilidades, além de leituras que contribuirão indiretamente para a composição deste trabalho, tais como Foucault (2006), Brandão (2013) e Osman Lins (1976) que buscam trazer à tona a importância desse elemento narrativo em detrimento aos demais.

O ESPAÇO COMO ELEMENTO ESTRUTURADOR DO ROMANCE LUZIA HOMEM

ELIZANDRA DIAS BRANDAO | UESPI

O presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre o espaço como elemento estruturador do romance *Luzia Homem*, do autor Domingos Olímpio Braga Cavalcat, onde é possível verificar a formação do determinismo social, este é condicionado pelos elementos estruturais da obra. É objetivo deste trabalho analisar os recursos ambientais e estruturais de que se vale o romancista para descrever o espaço e os elementos condicionantes para a formação do ambiente dentro da obra analisada. O naturalismo e a escola literária a qual a obra analisada está inserida, e a mesma traz uma visão determinista e cientificista dos personagens, considerando que o homem é produto das leis e naturais, ou seja, o homem é produto do meio em que vive, daí surge a necessidade de investigar os elementos estruturadores dentro do espaço da obra, e seus efeitos na formação da personalidade dos personagens. Para a realização desse trabalho baseou-se em pesquisas bibliográficas, e para uma melhor abrangência do tema proposto, o texto se fixará nos pressupostos teóricos de Bosi (2006), Coutinho (1986). Portanto é evidente que o espaço geográfico em que os personagens da obra estão inseridos, são um importante determinante para a formação das características físicas, cognitivas e comportamentais dos personagens, com a constante analogia a características animais (as suas zoomorfização), e por meio dessas características, a obra acaba se tornando assim um importante marco do naturalismo brasileiro.

A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NA OBRA "O PÊNDULO DO RELÓGIO", BASEADA NA TEORIA DO NEORREGIONALISMO BRASILEIRO

VITÓRYA KAROLLINE DOS SANTOS SOUSA | UESPI

O presente trabalho objetiva analisar a obra *O Pêndulo do Relógio* (2009) de Charles Kiefer, ressaltando a representação do espaço e suas respectivas singularidades, mostrando as mudanças que marcam os personagens em relação as transformações sofridas no espaço ficcional, tomando por base o aspecto do espaço, presente na teoria do Neorregionalismo Brasileiro, que possui três pilares: a Autonomia Feminina, o Espaço e a Memória. Anteriormente, nota-se que o espaço nas narrativas era algo estático, servia apenas como representação do lugar em que as histórias eram construídas. Com o passar do tempo, e com as transformações sociais que refletem nas narrativas, observou-se que o espaço, nas obras neorregionalistas, passou a atuar de diferentes formas sobre os personagens, deixando de ser algo estagnado, e passando a ser um constituinte da identidade dos personagens, estando ligado à forma como os indivíduos veem o mundo, pois serve como instrumento de significação e sentido. *O Pêndulo do Relógio* (2009) narra a história de Alfredo Müller, um pequeno agricultor que vivencia o período em que há uma mudança na sociedade em decorrência da introdução da soja, visto que os produtores que possuíam maior conhecimento e recursos, podiam inserirem-se no mercado de produção e venda, conquistando uma melhor condição de vida, enquanto os produtores sem recursos, tinham que recorrer ao banco para tentar fazer parte do mercado, mas era uma tentativa falha, e resultava em grandes dívidas com os bancos e perda de suas terras, representando a realidade de muitas famílias interioranas, nas quais ainda predomina o modelo patriarcal, em que o pai é responsável por nutrir e resolver os problemas da família. Destarte, serão analisados os aspectos relativos ao espaço, presentes na obra,

atentando-se as relações existentes com a identidade dos personagens. A análise tem como base os autores: Candido (2000), Brandão (2013) e Brito (2017).

A PRESENÇA DO ESPAÇO NA OBRA "A LUZ DA ESTRELA MORTA" DE JOSUÉ MONTELLO, BASEADA NA TEORIA DO NEORREGIONALISMO BRASILEIRO

MARYELLY BRASILINO SILVA | UESPI

O presente trabalho tem como objetivo analisar a presença do espaço no romance A luz da Estrela Morta (1981) de José Montello, visto que este é um dentre os três aspectos que caracteriza o Neorregionalismo Brasileiro. Com o intuito de caracterizar o romance como neorregionalista, foi possível observar que o espaço influencia e é influenciado pelos personagens pelo modo como é construída a narrativa e as características psicológicas dos mesmos. A obra narra um infortúnio vivido por Eduardo, que ao perceber que seu relógio, uma herança de família e de grande valor parou de funcionar exatamente no que seria a hora de sua morte, passa a ter lembranças do seu passado que ele vê e ouve no tempo presente. O espaço na obra é caracterizado como influenciador pois a medida que o tempo passa e o relógio ainda sem funcionar, o ambiente mórbido do seu apartamento começa a lhe causar alucinações, trazendo memórias e diálogos com seus parentes já mortos. Visto que o ambiente próximo ao relógio o incomoda, ele passa a vagar pela cidade, porém por mais que ele caminhasse ou viajasse para fugir da morte e do seu apartamento o ambiente que o cerca sempre acaba remetendo-o a lembrar a hora de sua morte temendo que ocorresse algo que pusesse sua vida em risco, conseqüentemente, antecipando sua morte. Observamos que a obra é de cunho filosófico o que contribui para a composição do espaço como um personagem que interfere nos sentidos e sensações, causando no personagem legítimo uma angústia de sempre estar à beira da morte, será observado também os comportamentos dos personagens de acordo com suas experiências vividas. Dessa forma serão analisados os elementos presentes de acordo com o espaço, com base teórica nos autores: Brito (2017), Candido (2000), Brandão (2013).

A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO E MEMÓRIA NA OBRA "O BAILE DA DESPEDIDA" DE JOSUÉ MONTELLO.

ANA PAULA OLIVEIRA PEREIRA | UESPI

O presente trabalho tem como objetivo analisar o livro O baile da despedida (1992) de Josué Montello, ressaltando no romance o espaço em que se passa. Mostrando ainda as mudanças que vão ocorrendo, tomando por base os aspectos de espaço que está presente na teoria Neorregionalismo Brasileiro. De acordo com a teoria do Neorregionalismo o espaço influencia e é influenciado pelos personagens do romance e podemos ver isso presente no decorrer do enredo o baile da despedida. O enredo se dá pelo deslocamento de um jornalista de sua cidade para ir até São Luiz do Maranhão em busca de informações sobre uma senhora de 80 anos, Dona Catarina, que no romance afirmava que era a última sobrevivente de um baile da monarquia que aconteceu em 1889. O jornalista tinha como propósito descobrir se as histórias que Dona Catarina contava tinha um fundo de verdade, pois acreditava ele que ela estava delirando, que era coisa de sua imaginação. Podemos observar nesse romance como o espaço influencia os personagens, na questão principalmente da memória que Dona Catarina adquiriu justamente por ser a última sobrevivente naquele lugar, no final do enredo reviravoltas aconteceram e foram muito importantes para a obra, com ela revelando se as histórias de Dona Catarina eram de fato verdades ou mentira. O espaço no romance foi caracterizado como baile da monarquia, nesse sentido o espaço influenciou e foi influenciado. A metodologia desse trabalho é de cunho bibliográfico e com análise de dados. Tem como base teórica os autores: BRITO (2017), CÂNDIDO (2000) E BRANDÃO (2013).

O DUPLO NA CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS INSÓLITOS EM A MORTALHA DE ALZIRA, DE ALUISIO AZEVEDO

FLAMILLA PINHEIRO COSTA | UFMA

O presente artigo foi concebido a partir do interesse em analisar obras fantásticas brasileiras, principalmente as relacionadas à autores maranhenses. Ao analisar a obra do escritor Aluísio Azevedo,

conhecido principalmente pelas obras *O Cortiço* (1890) e *O Mulato* (1881), sendo a última considerada a obra fundadora do naturalismo brasileiro, notamos a necessidade de estudar os seus romances e contos que possuem características do gênero fantástico. O objetivo dessa pesquisa é analisar o efeito do duplo na narrativa fantástica, propondo evidenciar como a configuração do duplo define os efeitos de sentidos gerados na narrativa fantástica, criando assim os espaços insólitos. A figura do duplo em narrativas literárias não é rara de ser encontrada, sendo um tema recorrente desde a Antiguidade e, que ressurgiu ao longo dos séculos. Em *A Mortalha de Alzira* de Aluisio Azevedo (1894), os efeitos ocasionados pelo Duplo, que são vivenciados pelo personagem Ângelo, originam uma confrontação do real com o sobrenatural, permitindo assim a construção dos espaços insólitos na narrativa. Esses espaços são os responsáveis pela hesitação e ambiguidade existentes na trama, assim como também são essenciais para questionar as facetas ocultas do homem e sua relação com a sociedade que está inserido. Para tanto, utilizaremos os estudos do escritor e crítico literário espanhol David Roas, *A Ameaça do Fantástico* (2014), a análise crítica sobre as vertentes do Insólito de Flávio Garcia (2012) e as análises dos espaços insólitos de Filipe Furtado em *A Construção do Fantástico na Narrativa* (1980) e Bachelard em *A Poética do Espaço* (2008).

ESTUDO DO ESPAÇO E DO LUGAR EM LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE

JOANICE DE JESUS GUIMARÃES | UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

Este artigo tem como objetivo analisar a geografia humanista em Leite Derramado, de Francisco Buarque de Holanda. Essa corrente pouco conhecida, mas que nas últimas décadas vem cada vez mais ganhando força e tendo seus estudos aprofundados por muitos pesquisadores, tem como principal teórico Yi-fu Tuan. Ele afirma que a geografia humanista "procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar [...]". (1982, p. 143). Pretendemos analisar as experiências do personagem Eulálio, com o lugar em que vive e que um dia viveu, sejam elas boas ou ruins. Assim, este trabalho traz à tona um olhar sobre o espaço e sobre o lugar, e também abordando dois termos criados por Tuan que é a topofilia, que trata do amor pelo lugar, da segurança que esse transmite. E a topofobia, que é o sentimento de aversão ao espaço. Nessa perspectiva, adotou-se como método de abordagem de pesquisa bibliográfica. Utilizando-se como base os autores: TUAN (2012), BACHELARD (1957), MARANDOLA (2014) HOLANDA (2009). Ao final da análise não se tem a pretensão de oferecer repostas definitivas para essas questões, mas sim evidenciar na literatura a importância do meio ambiente para a vida das pessoas, mostrando que a obra a ser estudada pode trazer reflexões quanto às transformações dos lugares e como em muitos casos essas mudanças podem afetar o ser humano. De como os sentimentos de topofilia e topofobia estão presente ao longo da narrativa. Palavras-chaves: Literatura, lugar, topofilia.

O ESPAÇO FICCIONAL EM SOB A REDOMA

ANA CLARA ALBUQUERQUE BERTUCCI | UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

O objetivo desse trabalho é entender como a obra de Stephen King, Sob a redoma, por meio do espaço físico se conceitua como ficção científica soft. O novum, desenvolvida por Darko Suvin, é entendido como sendo, "o dispositivo, artefato ou premissa ficcionais que põem em foco a diferença entre o mundo que o leitor habita e o mundo ficcional do texto de FC." (Roberts, p.37, 2018). A presença do elemento metaempírico, a redoma, é um forte elemento do espaço que dará suporte para entendermos a obra como ficção científica, já que se descobre ao final, que a redoma fora colocada por crianças alienígenas na cidade de Chester's Mill, e diante disso, há um desenvolvimento que permeará toda relação com a ciência, sendo desenvolvidas por meio das consequências ecológicas e meteorológicas. Theodore Sturgeon, entende que a palavra ciência se destaca dentro da ficção científica como um conceito mais abrangente, que se infere no sentido de conhecimento, ou seja, a ficção nada mais seria que uma ficção do conhecimento. Sendo assim, podemos, também, mobilizar dentro da narrativa o constante uso da ciência política, devido aos grandes acontecimentos que permearão a obra. Essa perspectiva se

desenvolve pelos personagens Jim Rennie – conhecido ao longo da obra como Big Jim, Peter Randolph e seus comparsas que tentam, por meio da violência física e psicológica, ter o controle da cidade e criar uma grande briga interna com quem vai contra seus ideais (principalmente Julia Shuamway e Dale Barbara), deixando explícito que ele não gostaria que a redoma saísse da cidade, para que dessa forma eles conseguissem todo poder e controle social, ou seja, o controle social (e a presença constante da ficção científica) só se dá devido a constância da redoma. Ao longo do trabalho gostaríamos de explorar mais a teoria da ficção científica, e como ela é desenvolvida pelo espaço ficcional, mostrando como ela abarca e se concretiza na obra de Stephen King, especialmente na ficção científica soft que se caracteriza pela abordagem humana e social dos fatos, visto que muitos acontecimentos se sucedem por intermédio da convivência em sociedade, consolidando-se pelos parâmetros de medo desenvolvido por Lovecraft e também pelo metaempírico apresentado por Filipe Furtado.

A COSTA DOS MURMÚRIOS: ESPAÇOS DA GUERRA

FÁTIMA LEONOR SOPRAN | UNESB

Esta comunicação tem como objetivo analisar e demonstrar a importância do espaço físico e psicológico na obra literária, *A Costa dos Murmúrios* (2004), de Lídia Jorge. O foco principal será o espaço da guerra que se realizou em Moçambique de 1961 a 1974. A obra dá "uma implacável visão da [G]uerra [C]olonial tal como vivida em Moçambique por mulheres de oficiais combatentes". (Saraiva e Lopes, 1989). O hotel Stella Maris é palco de vários episódios, protagonista de tristezas e alegrias, e nesse espaço as personagens transmitem sua visão daquele momento de luta. As personagens o Alferes Luís Alex, Evita, o jornalista, as mulheres que aguardavam o retorno de seus maridos, o capitão Forza Leal e sua bela mulher Helena de Troia ocupam espaços importantes e trazem à tona os conflitos vivenciados tanto por aqueles que participaram da guerra como também os que indiretamente estavam ligados ao episódio por laços de família ou amizade. Utilizou-se para aporte teórico Massey (2008), Jung (1984), Bravo (2000), Borges Filho (1979), Osman Lins (1987) entre outros para confirmar o espaço como desencadeador das atitudes das personagens. No romance, os espaços lembram as várias ações realizadas pelas personagens. Momento crucial que é evidenciado é a morte do Alferes Luís Alex por um jogo de roleta russa. Observa-se que, naquela noite de festa e de murmúrios da guerra, nada foi levado a sério, só no dia seguinte a costa da praia estava repleta de corpos dos negros. Confirma-se, na ótica de Massey (2008), que o espaço pode causar união e desunião; assim percebe-se o espaço da guerra.

VIDAS CINDIDAS POR ENTRE ESPAÇOS E LEMBRANÇAS EM O SILÊNCIO, DE TEOLINDA GERSÃO

GABRIELLA THAIS NASCIMENTO MORAES SOUSA | UESPI

O objetivo desta pesquisa tem como foco a análise da obra *O Silêncio*, de Teolinda Gersão. A pesquisa é bibliográfica, de cunho qualitativo; em *O silêncio*, publicado em 1995 aborda a história de Lavínia e Lídia, mãe e filha, respectivamente, que vivem histórias tecidas por relacionamentos afetivos que se assemelham, e que repercute nos ambientes por onde circundam. Lídia narradora - personagem deseja superar os estigmas que rondam a mulher. Apaixonada por Afonso um cirurgião de meia idade casado, o liberta de um casamento convencional e frustrado da qual acredita que o seu amor pode construir uma ponte entre os dois, mas o resultado é somente um embate, pois ele acaba silenciando-a. O espaço é de suma importância em narrativas literárias. Muitas vezes, antes de qualquer ação é possível prever quais serão as atitudes dos personagens, pois as ações podem ser indicadas por meio do espaço que a mesma ocupa, desta forma o espaço faz parte de toda a extensão da narrativa de *O silêncio*. Assim como a memória constitui de forma vital a identidade do ser, ambos estão ligados a todos os processos entre o sujeito e o ciclo social que habita. Na obra é possível constatar que as lembranças estão conectadas com o espaço. Neste sentido, é de vital importância estudar os seus aspectos na obra literária. Isso é evidente em *O silêncio* em todos os fatos vividos nos espaços naturais estão entrelaçados com a memória da narradora-personagem e com a memória da sua mãe, os quais moldam a sua personalidade.

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS, ALEGÓRICAS E EXISTENCIAIS EM O DESERTO DOS TÁRTAROS, DE DINO BUZZATI

DEIVIDY FERREIRA DOS SANTOS | UFPE

Os estudos referentes à literatura e à sociedade devem ser pensados como um todo indissociável, resultado de um tecido formado por características estruturais diversas, porém complementares, segundo Antônio Cândido (1995) em seu já clássico ensaio sobre teoria literária Literatura e Sociedade. A esse respeito, as narrativas memorialísticas, os aspectos alegóricos e os questionamentos existenciais, em narrativas literárias, são tomados como constituintes responsáveis pela caracterização social da obra de arte e pela composição de personagens. Dino Buzzati, escritor italiano e autor de O deserto dos tártaros (1940), obra traduzida para o português brasileiro, empreende uma narrativa em que subjazem questões de memória, de alegoria e de existencialismo, a partir da caracterização e do trabalho de resgate às reminiscências da personagem Giovanni Drogo. Desta maneira, pretende-se refletir sobre a construção da memória, através da personagem Giovanni Drogo e perceber como a discussão sobre a memória é trabalhada no filme Il deserto dei tartari, do cineasta Valerio Zurlini. Para atingir esse objetivo, nos apoiaremos nos postulados teórico-metodológicos de Porto (2011), Candau (2016) e Ramos (2011); em Sartre (1987), Heidegger (1967) e Husserl (1965); e, por fim, em Ceia (2000) e Kothe (1986). Configurando-se, predominantemente, pelo caráter bibliográfico o estudo aqui proposto está dividido em dois momentos: em um primeiro momento, haverá a revisão e a ampliação da bibliografia acerca dos processos memorialísticos, associando-os aos delineamentos do existencialismo e da alegoria. Em segundo lugar constituirá o objetivo desta etapa a investigação sobre a construção da personagem Giovanni Drogo. Como conclusão, pode-se afirmar que Buzzati, por meio dos aspectos de memória, de alegoria e de existencialismo, constitui uma obra singular em que ele coloca Drogo em evidência, fazendo com que ele volte a seu estado de espírito e que assim enalteça a sua forma de encarar e de enxergar o seu mundo interno e externo.

56

EUCLIDES NETO E O REGIONALISMO: UMA LEITURA DE OS MAGROS

JULIANA CRISTINA FERREIRA | UFU

O objetivo deste artigo é compreender o regionalismo de Euclides Neto representado na obra Os magros (1961). O romance descreve a sociedade e o modo de vida da região sul da Bahia, os costumes, crenças e tradições ligadas à produtividade cacaveira, no final da década de 1950. O narrador mostra como era a vida do fazendeiro que já havia se mudado para a capital da Bahia, Salvador, para seguir a modernidade que estava acontecendo no Brasil, enquanto os trabalhadores da lavoura cacaveira continuavam sendo explorados, excluídos e marginalizados no trabalho. Albuquerque Júnior (2011) esclarece que a modernização (no Nordeste) fazia com que o espaço "natural" cedia lugar para as indústrias norte americanas. Nesse sentido, Cesar (2003) afirma que Euclides Neto conseguiu representar n'Os magros o modo de vida tanto no espaço citadino vivido pelo patrão, com carro e casa luxuosa, como a exploração, a exclusão e a miséria no espaço rural, pois os trabalhadores moravam em casas de palha taipa e viviam na miséria, com baixos salários e eram explorados no trabalho. Cardoso (200) afirma que Os magros apresenta o ambiente histórico-social de forma contextualizada, de uma sociedade em que as relações humanas são determinadas pelo modo de produção capitalista do cacau. A metodologia ancora-se na leitura e análise do modo de vida do autor, a sua maneira de representar a região cacaveira na literatura e na análise da obra. Como resposta provisória da pesquisa, temos a escrita euclidiana que representa os espaços e a cultura na região do cacau, de maneira contextualizada.

O ESPAÇO DA CLAUSURA EM SOB A REDOMA

ANA CLARA ALBUQUERQUE BERTUCCI | UFU

O objetivo deste trabalho é entender como a obra de Stephen King, Sob a redoma, por meio do espaço físico, se conceitua como ficção científica (FC) soft. O novum, noção desenvolvida por Darko Suvin, é entendido como sendo "o dispositivo, artefato ou premissa ficcionais que põem em foco a diferença entre o mundo que o leitor habita e o mundo ficcional do texto de FC." (ROBERTS, 2018, p.37). A presença do

elemento metaempírico, a redoma, é um forte elemento do espaço que dará suporte para entendermos a obra como FC, já que se descobre, ao final, que a redoma fora colocada por crianças alienígenas na cidade de Chester's Mill, e diante disso, há um enredamento que permeará toda relação com a ciência, sendo essa relação implementada no enredo por meio das consequências ecológicas e meteorológicas. Theodore Sturgeon entende que a palavra ciência se destaca dentro da FC como um conceito mais abrangente, que se infere no sentido de conhecimento, ou seja, a ficção nada mais seria que uma ficção do conhecimento. Sendo assim, podemos, também, mobilizar dentro da narrativa o constante uso da ciência política, devido aos grandes acontecimentos que permearão a obra. Essa perspectiva se desenvolve pelos personagens Jim Rennie – conhecido ao longo da obra como Big Jim –, Peter Randolph e seus comparsas, que tentam, por intermédio da violência física e psicológica, ter o controle da cidade e criar uma grande briga interna com outros personagens que vão contra seus ideais, principalmente Julia Shuamway e Dale Barbara. O que fica evidente é que Big Jim não gostaria que a redoma saísse da cidade, para que dessa forma ele conseguisse todo poder e controle social, ou seja, o controle social (e a presença constante da ficção científica) só se dá devido à presença da redoma. Trabalharemos especificamente como o espaço fechado, propiciado pela redoma que cerca a cidade de Chester's Mill, desencadeia efeitos negativos, porque nesse espaço de clausura a população da cidade fica mais exposta ao controle de Big Jim, criando uma ambientação distópica. Ao longo do trabalho gostaríamos de explorar, também, aspectos teóricos da FC, relacionando-a a noções do espaço ficcional. Também serão articuladas noções inerentes ao medo, tendo como base principal Lovecraft, e referentes ao metaempírico, conceito cunhado por Filipe Furtado.

O ESPAÇO E A MEMÓRIA NO ROMANCE NEORREGIONALISTA BEIRA RIO BEIRA VIDA, DE ASSIS BRASIL

JÉSSICA SABRINA SOUZA PEREIRA | UESPI

Este trabalho se propõe a analisar a obra Beira Rio Beira Vida, de Assis Brasil, sob a ótica do Neorregionalismo Brasileiro. Sabe-se que, os romances neorregionalistas, em sua maioria, são caracterizadas pela presença de algumas singularidades, como a autonomia feminina das personagens, a questão do espaço como coparticipante, dinâmico e predominantemente urbano, assim como a presença de uma escrita permeada por traços memorialistas. Essas características, somadas a outras particularidades e a manutenção de elementos herdados da tradição regionalista modernista, possibilitam uma relação de solidariedade firmada entre o político e o literário em tempos de alteração social profunda. Nesse sentido, em Beira Rio Beira Vida é possível observar, em meio a uma narrativa desenvolvida pelo fio da memória, as influências exercidas pelo espaço na condução das experiências vivenciadas pelas personagens, sobretudo as femininas. Logo, nota-se a interatividade entre o sujeito, as subjetividades e a memória, bem como o impacto do espaço marginalizado sobre a conduta das personagens na obra de Assis Brasil. Deste modo, o objetivo é analisar como essa questão espacial interfere nas relações, decisões, conflitos e estigmas vivenciados pelas personagens na narrativa. Em vista disso, pretende-se abordar essa problematização do espaço na análise dessas questões dos dilemas contemporâneos, tal como a atuação deste na constituição identitária dos indivíduos e nas subjetividades da narrativa. A presente pesquisa caracteriza-se, essencialmente, como bibliográfica. Para tanto, é feita a seleção de alguns momentos da narrativa bem como o uso dos seguintes autores: Bachelard (1993), Brandão (2013), Brito (2017), Scholhammer (2011).

O SUBÚRBIO EM CLARA DOS ANJOS DE LIMA BARRETO

MARCIO ANTONIO DOSTA SANTOS | UFG-CATALÃO

O presente trabalho visa analisar a construção do espaço realizada em Clara dos Anjos de Lima Barreto. Como esse espaço torna-se um dos elementos mais importante na construção e caracterização e de seus conflitos. Com ele interfere no desenvolvimento da narrativa e como, através da ótica da teoria do espaço de Osman Lins ele é apresentado e exerce sua função no enredo.

ESPAÇO E IDENTIDADE: A PROPÓSITO DE O IRMÃO ALEMÃO, DE CHICO BUARQUE

ALÍCIA DA SILVA CARVALHO | UESPI

Em O irmão alemão, de Chico Buarque, o espaço em que transcorre o enredo é dividido em dois âmbitos, Brasil e Alemanha. Esses dois paralelos representam realidades distintas na vida do narrador-personagem. Enquanto um ambiente é carregado, desde a infância, de um afastamento paterno e incompatibilidades fraternas; o outro passa a ser uma projeção de busca por um passado ainda em parte desconhecido. Dessa forma, os espaços no romance contribuem para a incessante busca identitária que se torna uma obsessão para o protagonista, visualizada na procura da personagem principal pelo seu irmão alemão até então ocultado pelo pai e agora, depois de muitos anos, descoberto através de correspondências antigas achadas pelo filho brasileiro. Este trabalho, por conseguinte, objetiva interpretar o romance a partir das contribuições das teorias do espaço romanesco desenvolvidas por Lins e Brandão em seus trabalhos, e se justifica pela importância tanto de apresentar essa perspectiva que parte de elementos internos do romance, normalmente lido na chave redutora e, conseqüentemente, excludente da autoficção, quanto da de relacionar essa teoria com a representação da construção da identidade da personagem principal. Espero que as discussões apresentadas neste trabalho possam contribuir e/ou reforçar pesquisas no campo da literatura e, principalmente, colaborar para outros pesquisadores das áreas aqui trabalhadas.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DE ESPAÇO E DE IDENTIDADE NA OBRA REUNIÃO DE FAMÍLIA (2004), DE LYA LUFT

RAYRON LENNON COSTA SOUSA / PAULO NARLEY PEREIRA CARDOSO | UFPI

As discussões sobre Espaço e Identidade estão cada vez mais presentes nas análises e críticas literárias, haja vista, contemporaneamente, constituírem o habitat da memória dos textos literários. No entanto, mesmo que se investigue seus lugares partindo de uma única corrente, as compreensões partem de uma perspectiva dialética, o que acaba por corroborar com a diversidade de compreensões. Nesta acepção, dentro da literatura, a noção de espaço desempenha diversas funções, entre as quais destacam-se a caracterização de personagens, a contextualização social, econômica e psicológica, que por sua vez pode influenciá-los (os personagens), cujo palco da ação narrativa é também envolvida por esses fatores. Assim, o espaço é compreendido como fonte de influência para a construção das características implícitas e explícitas das personagens no texto literário. Acerca da noção de espaço alinhavada com a referida proposta, a casa é compreendida como o nosso primeiro universo, é onde primeiro nos enraizamos, uma de nossas primeiras referências de espacialidade. Dessa forma, tendo em vista que as relações familiares desenvolvidas no espaço chamado de "casa" interferem na construção das identidades, a presente pesquisa se propõe a analisar as representações do espaço na obra Reunião de Família (2004), de Lya Luft, buscando discutir como o espaço interfere na construção da identidade da protagonista, Alice. A pesquisa é classificada como básica, precedida de revisão bibliográfica, caracterizada como explicativa. Como aporte teórico, utilizamos as discussões que versam sobre as relações entre espaço literário e identidade: Bachelard (2008), Tuan (2013), Hall (2014), dentre outros. Intenta-se discutir as relações entre a protagonista, Alice, e o espaço, a casa, e como esse espaço é decisivo na construção da(s) identidade(s) da protagonista.

TRANSFIGURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA OBRA FLORIANA E ZÉ ANÍBAL NO RIO DO BOTA-ABAIXO, DE MARIA JOSÉ SILVEIRA

CAMILA PEREIRA DE SOUSA / ALICE MARIA ARAUJO DA FONSECA | UFPI

O perpassar do século XIX para o século XX, no Brasil, foi determinado pelo início de uma nova estruturação da política governamental, a República. Esse marco caracterizou-se pelo processo de crescimento urbano e industrial, e, conseqüentemente, por transformações no modo de vida cidadão, a vista de também ordenar muitos problemas relacionados ao planejamento urbanístico. Tal processo pode ser notabilizado de forma mais intensa em grandes centros brasileiros, como São Paulo e Rio de Janeiro, representantes da entrada da modernidade no país. Destarte, alterações na arquitetura urbana,

realizadas sob influência de modelos importados da urbe europeia - um bom exemplo é Paris, símbolo delineado da modernidade -, puderam ser percebidas e apontadas de diversas maneiras. Nesse sentido, uma maneira de representação dessas mudanças deu-se através da literatura, seja por meio da apresentação das peculiaridades do espaço urbano, seja através dos vínculos sociais estabelecidos neste âmbito. Partindo desse pressuposto, o presente artigo possui como objetivo investigar a representação do espaço urbano na obra infantojuvenil *Floriana e Zé Aníbal no Rio do Bota-Abaixo* (2005), da escritora Maria José Silveira. Além disso, analisar como o advento da modernização e mudanças ocorridas nesse espaço refletem no cotidiano dos protagonistas da obra em questão. Em relação à metodologia empregada, trata-se de uma pesquisa de viés bibliográfico. E, para seu arremate, utilizamos como aporte teórico Pinto (2014), Tuan (2005), Massagli (2014), entre outros. Através da pesquisa, pôde-se averiguar como a modernização da cidade é representada na obra, principalmente no que concerne a mudanças estruturais e no modo como influenciaram inexoravelmente nas ações e comportamentos dos personagens.

O ESPAÇO LITERÁRIO NA OBRA COIVARA DA MEMÓRIA DE FRANCISCO DANTAS SOB A ÓTICA DO NEORREGIONALISMO BRASILEIRO

JOSINEIDE CARVALHO COSTA | UESPI

*Este artigo tem como objetivo analisar a configuração literária do neorregionalismo brasileiro, em observância de alguns dos seus elementos, ateremo-nos a discutir o elemento espaço como configurador dessa nova tendência. Destaca-se que a maior parte dos romances neorregionalistas segue a tônica da escrita como fator de resistência e memória dos aspectos regionais no tocante a sua valorização. Utiliza-se para estudos da caracterização do Neorregionalismo Brasileiro a obra *Coivara da Memória*, de Francisco Dantas. Pretende-se analisar como o regionalismo surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização; como ocorre a transição entre o espaço rural e o espaço urbano no neorregionalismo; e demonstrar a tensão dialética entre o local e o universal vivenciados pelos personagens. A presente pesquisa caracteriza-se, essencialmente, como bibliográfica. Utilizando-se como base os seguintes autores: Brandão (2013), Brito (2017), Dantas (2001). Buscou-se, primeiro, a fundamentação necessária para caracterizar essa nova tendência literária brasileira. Em seguida, a análise do espaço para configuração do Neorregionalismo Brasileiro. E por último, os estudos sobre a memória neorregionalista como instrumento de resistência à crescente globalização da cultura com sua homogeneização.*

A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO EM RIO SUBTERRÂNEO, DE O.G REGO DE CARVALHO

NÁTALI CONCEIÇÃO LIMA ROCHA | UESPI

*Atualmente, o estudo do espaço ficcional tem se tornado essencial, haja visto que ele não é mais considerado como ponto de passagem entre os personagens, mas além de disso, o espaço é um dos principais elementos que compõem uma narrativa literária, sendo responsável por exercer algumas funções junto aos personagens, tais como: situá-las no tempo, determinando o seu status social, as suas características e até mesmo a sua linguagem. Em *Rio subterrâneo* (2001), de O. G. Rego de Carvalho, os espaços nos quais as personagens circulam, além de serem cenários necessários para o desenrolar da obra, são também reflexo do que se passa no interior das personagens. Dessa forma, o presente artigo visa analisar como se dá a representação do espaço em *Rio subterrâneo*. Para o desenvolvimento deste trabalho, fez-se uso dos pressupostos teóricos de Lins (1976), Santos (2013), Bachelard (1993), entre outros. Logo, trata-se de uma pesquisa cuja metodologia se dá a partir de levantamento bibliográfico. *Rio subterrâneo* é uma obra pertencente à Literatura piauiense em que o personagem principal Lucínio é um sujeito introspectivo e que vive imerso em um mundo à parte, entre onirismos e devaneios. Narrada em terceira pessoa, a narrativa gira em torno do que se passa no âmago dos personagens, sendo difícil para o leitor perceber quando se está no presente ou no passado. Dessa forma, o espaço romanesco da obra é um constructo de impressões e percepções imagéticas que povoam os pensamentos dos personagens e espelham para o leitor os anseios e medos da juventude Oeirense.*

Espaço & Narrativas Curtas

A CRÍTICA FEMINISTA NO CONTO: UMA GALINHA, DE CLARICE LISPECTOR

LEILA PATRÍCIA DE SOUSA ROSA | UESPI

O trabalho tem como objetivo fazer uma abordagem acerca da perspectiva da mulher no conto Uma galinha (1960), de Clarice Lispector, tomando como base a Crítica Feminista, de Lúcia Osana Zolin, pois essa aponta que desde a década de 60 com o desenvolvimento do pensamento feminista, a mulher vem se tornando objeto de estudo em diversas áreas de conhecimento, como a Sociologia, Psicanálise, História e a Antropologia. Logo, Clarice Lispector provoca o leitor, a partir do espaço que a personagem está inserida, a refletir acerca do papel da mulher na sociedade, pois essa apresenta questões que força o leitor a observar a simetria entre duas personagens, uma mulher e uma galinha, isso se torna notório por meio das características e sentimentos usados pelo narrador ao descrever a trajetória do animal. Desta forma, o leitor é provocado e colocado frente a frente com problemas sociais, até hoje presentes na sociedade, como a submissão feminina e tradicionalismo patriarcal até hoje enraizadas em nossa cultura. Para elucidar as prerrogativas aqui levantadas foram utilizados como embasamento, teóricos como Braga (2017), Ribeiro (2014), Zolin (2005) e outros e é a partir desses que buscaremos mostrar o contexto sócio histórico que a obra está inserida, as possíveis leituras que podem ser realizadas e discutir como a mulher é apresentada nas narrativas do século XX. Esperamos que as discussões apresentadas neste trabalho possam contribuir e/ou reforçar pesquisas no campo da literatura e, principalmente, colaborar na valorização da escrita feminina, dando fala a uma voz por muito tempo silenciada.

A TEMÁTICA DO SERTÃO NORDESTINO EM O MENINO-CANDEIEIRO: ESPACIALIZAÇÃO E SENTIDOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR INFANTO-JUVENIL

DHEIKY DO RÊGO MONTEIRO ROCHA / SILVANO DA CRUZ FRAZÃO | UFPI

Os contextos espaciais no inventário da literatura infantojuvenil brasileira são profícuos e pertinentes à pauta das discussões atuais acerca da formação do leitor, considerando a elaboração estética e verossímil na tecitura do texto literário, que também permitem a construção de significados pelos leitores infantojuvenis. Nesse sentido, este trabalho propõe-se a investigar a função da representação do espaço na narrativa O menino-candeieiro, de Assis Brasil, por meio de categorias da espacialização e dos gradientes sensoriais, bem como da teoria literária, para a constituição da visão de mundo do leitor infantojuvenil a respeito do sertão nordestino. A escolha do objeto de estudo justifica-se em razão da temática do sertão nordestino ser atual e pertinente aos leitores e pesquisadores contemporâneos, bem como pelo motivo da obra infantojuvenil do autor piauiense, ainda, necessitar de estudos pela crítica acadêmica, suportando uma abordagem analítica atinente ao espaço e literatura. Desse modo, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório, em que o foco é a relevância do elemento narrativo espaço na composição da produção literária infantojuvenil do escritor Assis Brasil, considerando os pressupostos conceituais e funcionais sobre literatura e os princípios topoanalíticos e as perspectivas espaciais sobre espaço. Os principais estudiosos consultados são: Borges Filho (2007), Lins (1976), Compagnon (2010), Candido (2002), Coelho (2000, 2006, 2010), Jauss (1994), Zilberman (1984, 1989, 2003) e Magalhães (1984). O resultado da análise aponta que o espaço configura-se na obra literária de maneira integrada e articulada às ações das personagens, pois o narrador apresenta a vida no sertão nordestino, por meio de perspectivas espaciais, como espacialização e gradientes sensoriais,

propiciando a formação do leitor infantojuvenil, numa perspectiva crítico-reflexiva e emancipatória acerca do conhecimento do mundo e do ser.

A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO CIDADINO MANAUENSE NO CONTO "MARGENS SECAS DA CIDADE" (2013), DE MILTON HATOUM, À LUZ DA MEMÓRIA INDIVIDUAL E CULTURAL

RAYRON LENNON COSTA SOUSA / PAULO NARLEY PEREIRA CARDOSO | UFPI

As narrativas de Milton Hatoum são ambientadas em Manaus, região norte do país, especificamente na Amazônia Brasileira, espaço esse construído e evocado inúmeras vezes nas tessituras memorialistas de suas obras, tais como Relato de um certo oriente (1989), Dois Irmãos (2000), Cinzas do Norte (2005), Um Solitário à espreita (2013) entre outras. O autor é conhecido pelo teor memorialista de suas narrativas, cuja tessitura (re)desenha a Manaus do século XX. Narrativas essas se analisadas sob a perspectiva teórica do espaço e da memória cultural e individual apresenta-nos que sua autenticidade reside no processo de rememoração por seus protagonistas, ao passo que evocam lembranças ao revisitarem os mesmo espaços da infância, tanto do ponto de vista da narrativa, enquanto descrição do espaço, quanto da construção da memória individual a partir da memória cultural do protagonista, que é, neste conto em análise, um narrador intradieético. Nesse sentido, objetivamos analisar a evolução do espaço citadino da cidade de Manaus a partir da relação entre as memórias construídas na infância e a revisitación do espaço na vida adulta, partindo de uma análise contrastiva explicativa do tempo, inferindo, ainda, sobre o lugar da memória individual e cultural como constituidoras. A pesquisa é classificada como básica, precedida de revisão bibliográfica, caracterizada como explicativa, tendo como corpus de análise o conto Margens Secas da Cidade (2013) integrante da coletânea de contos Um Solitário à espreita. As discussões teóricas partiram de Assmann (2011), Halbwachs (2013), Candau (2018), Bachelard (2008), entre outros. Intenta-se que as discussões contemplem a evolução do espaço citadino manauense, entendido pelo narrador como movimento de declínio, a partir da relação entre memória individual, cultural e espacialidade.

O ESPAÇO NO CONTO "A CASA TOMADA" DE JULIO CORTAZAR

PATRICIA MARQUES DE FRANÇA LIMA | UFPI

O desordenamento do conhecimento e as mudanças nos modos de narrar estão produzindo uma forte tendência à sensibilidade, reflexividade e criatividade, moldando um estratégico modo de sentir e pensar, dando uma articulação entre a lógica e a intuição. Essa imaginação humana que formula e inventa cenários épicos e peculiares, é característica eminente da produção do autor argentino Julio Florencio Cortazar, romancista, cronista e contista que nasceu em 1914 e faleceu em 1984, tendo sido considerado um dos autores mais inovadores e originais de seu tempo. Em Cortázar, "a força e o fascínio da estranheza" e o aspecto "fantástico" que suas narrativas despertam derivam, nas palavras do crítico André Bueno, "de alterações e deslizamentos, inesperados e inusitados, na reprodução e aparente naturalidade da vida cotidiana". Daí percebe-se que, "sem intenção política expressa, dissolvendo as referências históricas e sociais, criando um clima de estranheza em meio ao cotidiano naturalizado", as narrativas de Cortázar articulam sob uma crítica "das formas da vida urbana criadas pelo capitalismo". Com isso, a leitura de suas obras oportuniza muito mais do que mero entretenimento. Julio critica a sociedade de sua época em sua obra e faz o leitor refletir e se materializar na mesma, diante de tanta complexidade de detalhes em sua narrativa, na representação dos personagens e utilização da memória como artifício enriquecedor de seu texto e na exaltação do espaço no qual se desenrola a trama: A Casa, que apresenta aspectos fantasmagóricos, mobilizados pela memória e pela esterilidade da rotina, representando parte dos significados postos em jogo pela narrativa. É importante a presença recorrente de referências de espaço como: casas, associadas a imagens e sentidos, frequentemente, muito próximos. Entre esses sentidos, um se destaca: o vínculo entre associações dependente de diferentes dimensões de subjetividade (tradição familiar, história pessoal, individualismo, configurações particulares do inconsciente), e outras associadas à história, enquanto produto de relações sociais e depositária dos sonhos e frustrações que, em comparação com qualquer sociedade, de várias épocas são

características presentes, porém, não tão expostas apesar de sua relevância. Nesse conto a vida cotidiana é o palco em que se combinam imagens estáticas, ruinosas, ambivalentes de casas e de uma história "paralisada" pelo medo, por situações sombrias e ilusões que enredam e imobiliza o sujeito, o que também ocorre na vida, e pode sufocar o indivíduo. O que Julio Cortázar demonstra é que o cotidiano não é tão inofensivo quanto aparenta.

O LUGAR DA CATEGORIA ESPACIAL E O EFEITO ESTÉTICO EM "CASA TOMADA" DE JULIO CORTÁZAR

ELIENE DA SILVA DIAS / ALODY COSTA CASSEMIRO | UESPI / SEMED-TIMON

O presente artigo busca analisar o conto "Casa tomada" de Julio Cortázar com o propósito de verificar o lugar da categoria espaço na construção de significados do texto, bem como as implicações desta na relação entre os personagens e o modo como são percebidos, proporcionando no leitor um efeito estético a partir da recepção do texto. Para tanto, serão apresentadas características espaciais da linguagem metafórica usada pelo autor como representação de uma realidade subjetiva dos personagens que se apresenta através da realidade objetiva da casa, além de situá-los fisicamente e temporalmente, mostrando a dimensão tanto expressiva, quanto geográfica e histórica do espaço enquanto categoria estruturante de uma narrativa. Dessa forma, considerando as análises empreendidas, foi possível perceber a natureza significativa do elemento estrutural espaço apresentado a partir do cenário da casa, evidenciando assim sua função no que se refere a relação social vivida pelos personagens da trama, de modo a propiciar um efeito estético sobre o receptor. O aporte teórico está centrado em Brandão (2001); Bachelard (2003); Candido (2014), dentre outros.

MUITOS OBJETOS E UM CASAL: O LUGAR DA (DES)AFETIVIDADE NOS CONTOS A CEIA E OS OBJETOS, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

BRUNA GABRIELLE DE SOUSA ROCHA / DANILO DE OLIVEIRA NASCIMENTO (ORIENTADOR) | UFMT

É evidente a pluralidade de sentidos que atravessam o vocábulo espaço, distribuída entre as múltiplas áreas de saberes, o que torna extensiva a definição desse termo e, conseqüentemente, acentua a sua complexidade, na perspectiva dos estudos literários. Nesse sentido, a pesquisa intitulada "Muitos objetos e um casal: o lugar da (des)afetividade nos contos A Ceia e Os Objetos, de Lygia Fagundes Telles" teve como objetivo central reconstruir a significação espacial dos contos A Ceia e Os Objetos, de Lygia Fagundes Telles, sendo necessário definir, para tanto, os lugares das personagens, a partir da compreensão funcional dos elementos cênicos/visuais que compõem o espaço narrativo de ambos os contos. Isso porque se observou nessas narrativas, de modo similar, pela abordagem metodológica quantitativa a priori (uma vez que foi quantificada a recorrência da enunciação dos constituintes cênicos), a enunciação enfática dos objetos materiais na descrição de seus espaços centrais, de modo que nos fosse possível inferir, qualitativamente, a construção da dicotomia aproximação/distanciamento entre as personagens, alicerçada pela imersão desses constituintes cênicos nos discursos das personagens. É necessário explicitar que a escolha do corpus (o gênero textual) foi motivada pela perspectiva sincrônica do Grupo de Pesquisa em Literatura e Espaço Literário (GRUPLES), cuja intenção é contribuir com a construção teórica do espaço literário, a partir de narrativas de literatura contemporânea brasileira, especificamente. Por conseguinte, esta pesquisa é predominantemente de cunho bibliográfico, haja vista que se objetiva buscar o conceito de espaço narrativo, sob o alicerce das teorias do espaço literário, de Barbieri (2009) e Borges, Oziris (2009, 2015).

AO PÓ VOLTARÁS: ESPAÇOS LITERÁRIOS NA POÉTICA DE SANDRO PENELÚ

EVELYN LETÍCIA DE PINHO SANTOS | IFBA

O presente artigo objetiva analisar como o espaço do Cosmos é representado na literatura. Para tanto, entende o espaço cósmico como o conjunto de tudo o que existe, desde a relação macrocosmo até o microcosmo. Então, a partir das teorias do astrofísico Carl Sagan, analisa o poema Escalada, da coletânea Passos (publicação independente, 2002), do escritor baiano Sandro Penelú. Verifica-se, assim, os espaços perpassados pelo eu lírico, apresentados por figuras, cujas representações são elementos

microscópicos que percorrem trajetórias espaciais de um macro espaço, no caso o espaço interplanetário do sistema solar, para outros, o do próprio planeta Terra. Em função disso, o estudo baseia-se no conceito de espaço literário, proposto por Oziris Borges Filho (2015) para entender as inter-relações entre os macro espaços distintos, que se interligam pelo deslocamento de micro partículas, constitutivas da vida na Terra. No poema, tais cenários são representados pela ótica transcendental, baseando-se no fato de o eu lírico ser capaz de ultrapassar um espaço a outro e, por conseguinte, readaptar-se a ponto de se transmutar de elemento físico para a condição cósmica em que se encontrava inicialmente. Assim, a leitura proposta focaliza tanto a análise temática quanto a da própria construção do significante, para compreender como o conceito de escalada, além de dito, está representado nos significantes que constituem o texto. Assim, a leitura do poema é apreendida por intermédio de um eu lírico, que é material, das ações possíveis e realizadas por ele bem como da trajetória que imprime sobre o espaço terrestre e o da galáxia.

"A ABÓBODA" DE ALEXANDRE HERCULANO: FIGURAÇÃO DO ESPAÇO NUMA NARRATIVA CURTA

HUGO LENES MENEZES | IFPI

A prosa moderna possui um marco tipicamente romântico na ficção histórica, que prefigura o estudo das mentalidades ao reconstituir espaços e ambientes, então uns dos mais valorizados elementos estruturais da narrativa, como exemplifica a trabalhada poeticidade das descrições físicas de Alexandre Herculano, amante da arte do espaço ou arquitetura. Com tal autor, na lusofonia, a ficção histórica surge em "Lendas e narrativas" (1851), compilação/recuperação de dados da memória fundadora nacional sob a forma de relatos curtos, aproveitados dos "Livros de linhagens" (séc. XIII e XIV) e dos "Cronicões" (1429), enquanto textos-fontes, ricos de potencialidades narrativas. Oriundos sobretudo do Medievo peninsular, semelhantes relatos histórico-populares são transfigurados pelo artífice verbal Herculano: ficcionista, poeta, memorialista, teatrólogo, ensaísta, jornalista polemista, paradigma dos arquivistas e bibliotecários lusitanos, primeiro historiador científico em vernáculo, pensador crítico, cidadão e representante público ético, educador prático e democrático. Nosso polígrafo, descendente de mestres de obras na construção setecentista do Convento/Palácio de Maфра, no distrito de Lisboa, é autor da série de ensaios "Monumentos pátrios" (1838-1839), estes considerados símbolos dos feitos de uma nação, da peregridade humana e revelação do "Volkgeist". Assim como, na França, a catedral de Notre-Dame de Paris inspira em 1831 o homônimo romance histórico de Victor Hugo, em Portugal, a "Crônica de el-rei D. João I" (1443), de Fernão Lopes, inspira a história herculaniana "A abóbada", épico conto centrado numa edificação projetada originalmente por D. Afonso Domingues, mestre arquiteto cego, idoso e ex-guerreiro-cavaleiro. Falamos da cúpula do Convento/Igreja de Santa Maria da Vitória, espaço interior do conto enfocado e monumento gótico da liberdade lusa pós-guerra contra a Espanha em 1385. Erigida na Vila da Batalha em retribuição a auxílio mariano e por ordem de D. João I, tal criação arquitetônica sinaliza uma mística dinástica sem precedentes. Destarte, objetivamos aqui abordar a figuração do espaço em "A abóbada".

CRUVIANAS: CRIADOR E CRIATURA NO PROFUNDO ESPAÇO DO SERTÃO

ÍVINE SILVA BRITO | IFBA

Neste artigo, estuda-se o espaço realista e o espaço imaginoso a partir da obra *Cruvianas: prosa d'encantar carneiros* (Quarteto, 2015), de Igor Rossoni. Para tanto, foca a definição de estudos do espaço literário proposto por Borges Filho (2015), para analisar a *Oração primeira - Poesia é alminha feminina de Deus que*, como sinédoque do livro, aponta o espaço realista criado a partir de memórias do espaço físico do sertão; do mesmo modo como relaciona o espaço imaginoso com a esfera da criação poética. Nesta instância, fundem-se como espaço criativo o "sertão profundo", do compositor baiano Elomar Figueira Melo com o do autor em tela, que se realiza na linguagem poética por intermédio das memórias do passado em que conviveu com o próprio compositor. Nestes termos, toma-se o conceito de "sertão profundo" como uma espécie de universo paralelo, onde, em uma realidade espaço-temporal específica, persistem valores éticos e morais ancestrais. No decorrer da narrativa, percebem-se

diferentes enfoques, hora o narrador descreve a realidade física, desmontando o imaginário do senso comum sobre o sertão, localizado no nordeste brasileiro, hora exprime a saudade ocasionada pela vivência naquele lugar tanto com a obra lítero-musical quanto com o sujeito Elomar. Deste tempo emerge a pulsão criativa de Igor Rossoni, que constitui um narrador cujo ato criativo se evidencia por intermédio das memórias de dor e ausência. Assim, a descrição da paisagem permite ao leitor imaginar a realidade do espaço físico, ao tempo em que o remete para o espaço psicológico onde encontra a instância da criação poética tanto a do compositor quanto a do literato.

UMA REFLEXÃO SOBRE O ESPAÇO LITERÁRIO NO CONTO UMA VELA PARA DARIO, DE DALTON TREVISAN

ODILENE SILVA DO NASCIMENTO ALMEIDA | UEMA

O presente trabalho tem como objeto de estudo a caracterização do espaço literário no conto *Uma vela para Dario*, de Dalton Trevisan, a partir da descrição física do lugar em que a cena se desenvolve e do protagonista. A problemática que sustenta a pesquisa encontra-se norteadada pela forma como a representação do espaço se constitui, tendo em vista os elementos composicionais do texto em análise, atrelado à forte temática que conduz o enredo, o desprezo e a indiferença humana frente à dor do outro. Nesse viés, a personagem é apresentada paulatinamente, de modo que o leitor acaba sendo levado a descobrir aspectos cruciais sobre a figura de Dario, numa espécie de teia que se inter cruza com a situação ao redor, notadamente, a sua partida desse mundo de maneira cruel e sem a mínima compaixão. Aos poucos, o espaço vai se consolidando como a representação de um cenário que corrobora uma sociedade apática e com as relações interpessoais cada vez mais rasas. A personagem acaba perdendo sua identidade, por meio do abandono e da frieza de quem encara a cena de sua morte como mais um moribundo que desvanece em meio ao caos, ou seja, Dario acaba sendo apenas um número que entra para uma lista infinita de "invisíveis" nas ruas da cidade. Metodologicamente, o trabalho encontra-se alicerçado numa abordagem narrativa, sendo definido por meio de uma pesquisa básica e de cunho qualitativo. O aporte teórico está norteadado pelos estudos sobre a teoria do espaço, a saber Blanchot (1987), Brandão (2013), Filho (2016), Bastos (2013), dentre outros.

ESPAÇOS E MEMÓRIAS NA NARRATIVA DE LILIAN ALMEIDA

MARIA APARECIDA BRANDÃO FARIAS | IFBA

O objetivo do estudo é entender como, na configuração do conto *Avó*, da escritora baiana Lilian Almeida (Oxe: Portal literatura baiana contemporânea, 2016) a instância narrativa perpassa o espaço da memória. Por sua vez, o espaço memorialístico consorcia reminiscências que remontam a lembranças de ancestrais. Nesse sentido, as recordações relacionam fatos do passado, com destaque para a posição social da mulher, com elementos da atualidade. Na análise do macro espaço que é físico, através da lembrança da personagem, surge outro espaço: o social. Dona Maembi, numa conversa com a diarista Graça, volta-se para o ambiente psicológico de onde encontra argumentos ao rememorar a figura da avó. Na narrativa, mesmo a Avó que intitula o conto sendo personagem secundária, ela responde por formar o espaço social que – ao longo da história – as mulheres ocuparam. Para empreender a análise, o artigo toma o conceito de espaço social da geografia e relaciona-o com os estudos do espaço literário, propondo-se a destacar também – por intermédio do conceito de identidade, advindo dos estudos culturais –, o modo como a personagem principal se observa diante do processo de evolução do papel da mulher na sociedade. Tais observações, apresentadas ao leitor no curso da narrativa, revelam características sociais e psicológicas da personagem, sua visão de mundo frente aos desafios que acerbam a igualdade de gênero bem como destaca seu lugar de fala no mundo contemporâneo. Desta maneira, a análise da narrativa observa como a fusão entre o espaço físico e limitado do apartamento transcende, por meio do espaço tempo da memória, para apresentar ao leitor, as modificações de corridas no espaço social ocupado pelo sexo feminino, buscando, por meio da literatura, apresentar teorias feministas.

125 NA DETENÇÃO SOLITÁRIA: MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA

HELENICE FRAGOSO DOS SANTOS | UNEAL

Examinar a representação do espaço da detenção solitária no conto intitulado "58" de Sérgio Sant'Anna, tomando tal elemento estruturador da narrativa como principal força de conflito é o interesse deste trabalho. Para tanto, buscou-se investigar como a elaboração do discurso pode funcionar como um fator de manutenção e sobrevivência na narrativa, tendo em vista que pela via da fala as personagens rompem situações adversas, resistindo a uma realidade cruel e hostil. O conto em questão integra o segundo livro de Sant'Anna intitulado "Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)", publicado em 1973, e compreende exemplo da capacidade da escrita sant'anniana de deslocar o leitor para situações perturbadoras. Sua trama é ambientada numa casa de detenção que revela todo clima de perturbação e tormento envolvido em torno desse espaço, cuja figuração funciona como fator de coerção dos desígnios das personagens.

65

A RELIGIÃO E O IMAGINÁRIO POPULAR RETRATADOS NO FOLHETO DE CORDEL "O DINHEIRO", DE LEANDRO GOMES DE BARROS

ALÍCIA D'ARAÚJO GUIMARÃES DE LIMA | UFPB

É inegável afirmar que a crescente visibilidade e valorização da cultura popular brasileira e, principalmente, a nordestina, tem provocado muitas pesquisas no que diz respeito à literatura de cordel no Brasil e, também, em outras partes do mundo contemporâneo. Dessa forma, por ser uma literatura feita do povo para o próprio povo, isto é, criada por classes mais populares da sociedade, os chamados "folhetos de cordel" abordam desde o imaginário cultural e mitológico até as fortes influências religiosas presentes em diferentes espaços de tempo. No entanto, o estudo teórico da Literatura Popular e os seus afinamentos ainda são escassos nas Universidades, visto que a procura pela disciplina na graduação, na maioria das vezes, é baixa. Ou seja, é preciso que a Literatura de Cordel seja apresentada e cada vez mais discutida nas Universidades Públicas brasileiras, de modo a incentivar os estudantes a valorizarem essa parte tão importante da cultura nordestina. Neste sentido, a presente pesquisa desenvolvida pelo Programa de Pesquisa em Literatura Popular (PPLP), no Campus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), objetiva-se analisar, sobretudo, a intertextualidade existente no folheto de cordel "O Dinheiro", de Leandro Gomes de Barros, destacando o forte diálogo com outros gêneros literários. Como objetivos específicos, propõe-se a verificar de que forma o cordel satírico influencia no imaginário e na cultura popular brasileira, realizando um paralelo com situações reais hodiernas. Adota-se uma abordagem qualitativa-interpretativista, cujo enfoque é de caráter bibliográfico. Em suma, as análises feitas realçam a atualidade do cordel, visto que proporcionam uma atualização de temáticas como a religião, a astúcia e a desonestidade, vistas em muitos cordéis de Leandro.

PERSONAGENS DE ALVENARIA: O ESPAÇO COMO PROTAGONISTA EM TRÊS NARRATIVAS CURTAS

EMILE CARDOSO ANDRADE | UEG

Esta comunicação procura observar como se desenvolvem a construção do espaço literário como sujeito na narrativa de terror A queda da casa de Usher (Edgar Allan Poe, 2003), no documentário Edifício Master (Eduardo Coutinho, 2002) e no romance gráfico O Edifício (Will Eisner, 1989). O espaço sempre foi uma categoria de análise narrativa imprescindível dentro dos estudos de teoria literária. A configuração do espaço no conto literário é uma instância fundamental na construção do efeito (segundo teoria do próprio Poe n'A filosofia da composição). No campo cinematográfico, é evidente que a construção da cena, do cenário, as relações entre campo e contracampo também interessam sobremaneira aos estudiosos de cinema, na medida em que a produção do espaço é um conceito artístico fundamental na produção de um filme. Em outra mídia, o romance gráfico se estrutura essencialmente pela junção de imagem e texto, formando um conjunto que se perfaz dentro de um espaço construído e pensado esteticamente. Sabendo que as configurações do lugar nas narrativas extrapolam os limites do texto tradicional, interessa-nos compreender – tanto no conto literário clássico de Edgar Allan Poe quanto no filme de Eduardo Coutinho e no quadrinho de Will Eisner – como o espaço toma o lugar de

protagonismo nessas obras e se torna são peça central das narrativas, constituindo-se sujeitos ativos do enredo e instâncias essenciais à configuração geral da trama. Como que dotadas de alma, estas habitações engendram ações e fazem-se perceber muito menos como espaços do que como agentes em movimento.

A POÉTICA DO ESPAÇO DOS RIOS EM ÓRFÃOS DO ELDORADO

MARCOS VINICIUS MEDEIROS DA SILVA | UFC

A narrativa Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum, está cercada pelo ambiente do rio Amazonas, espaço fluido, profundo, que representa o limite entre a vida e a morte. Esse espaço, que também abriga uma floresta de grandiosa exuberância, convida seus observadores a se aproximarem de seu universo, de seu mundo, de seu povo, a fim de que possam senti-lo, tocá-lo, experimentá-lo em todas as suas possibilidades. Essa aproximação os leva a perceber que a massa hídrica amazônica é embrionária e, muitas vezes, geradora de concepções míticas, tão assentadas nas águas literais da cultura mestiça da região. Assim, o meio amazônico, ao se revelar como cenário encantado, de forças míticas, oferece, tanto ao discurso da narrativa escrita como às histórias recolhidas no espaço da oralidade, o ambiente dos rios, constituído de elementos da natureza que terminam por se integrar ao mundo narrado. O rio, cenário mítico, simbólico para o material ficcional da narrativa, metaforicamente também pode ser entendido como o lugar mais íntimo e profundo do ser, onde os personagens são levados a uma imersão, um voltar-se para si mesmo. Espaço de transcendência, permitida pelo mergulho na memória, que, assim como os rios, é dinâmica, instável, fluida. Temos em Órfãos do Eldorado um narrador em primeira pessoa que se dedica a recompor os fios dos tempos através de relatos, num processo solitário, por vias da memória. Este trabalho tem por objetivo demonstrar como o narrador de Órfãos do Eldorado conta sua história particular entrelaçada pelo ambiente ao qual está inserido e de que modo o rio representa um espaço simbólico para a narrativa. Esta reflexão se fundamenta, sobretudo, em Gaston Bachelard (1993), Gilberto de Melo Kujawski (1991) e Maurice Halbwachs (1994), para os quais o espaço é um importante elemento construtor da memória.

ITINERÁRIO ENTRE SÃO LUÍS E BELÉM EM "UM ROSTO DE MENINA", DE JOSUÉ MONTELLO

GABRIEL VIDINHA CORRÊA / DRA. MÁRCIA MANIR MIGUEL FEITOSA (ORIENTADORA) | UFMA

Josué Montello é uma das figuras mais consagradas da literatura maranhense. Em suas obras reverberam as muitas faces do Maranhão e, em especial, da capital São Luís, cenário de muitos romances, crônicas e diários de sua vasta produção. Este trabalho tem por objetivo analisar o fenômeno do espaço na novela "Um rosto de menina" (1983), que narra a experiência de um jovem, quando de sua mudança de São Luís para Belém, com o propósito de cursar a faculdade, fato que o condiciona a uma série de experiências inusitadas, por não estar mais em sua terra natal. Sua estadia em uma pensão e, posteriormente, em uma casa de família, será o foco de nossa análise, com atenção especial aos sentimentos que ele postula ao espaço, muitas vezes, rememorando sua casa e a capital São Luís. A dualidade entre esse dois espaços encontra respaldo nos pressupostos teóricos da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, dada a ênfase sobre a expressão do Espaço, do Lugar e dos fenômenos a eles relacionados, tais como: Espaciosidade, Apinhamento e Pertencimento. Como principais teóricos para essa abordagem, recorreremos aos estudos de Dardel (2015), Tuan (2012, 2013), Relph (2014), Bachelard (2008) e Feitosa (2018).

IMAGENS URBANAS NO CORREIO DA MANHÃ: DRUMMOND NARRA O COTIDIANO DA CIDADE

MOEMA DE SOUZA ESMERALDO | PUC-RIO DE JANEIRO

O presente trabalho centra-se em questões relacionadas à coluna "Imagens", publicada por Carlos Drummond de Andrade, durante quase quinze anos, no jornal Correio da Manhã. Diante desse repertório, foram encontrados diversos textos que tematizam as transformações urbanas ligadas aos acontecimentos do dia a dia, apresentando-se como uma espécie de crônica-reportagem com críticas políticas pertinentes à experiência na urbe. Nesse sentido, o escritor mineiro produziu uma escrita

preocupada em narrar a cidade do Rio de Janeiro. Seja denunciando, criticando ou ironizando, Drummond elegeu afetivamente a cidade como tema. Críticas ao poder público, a governantes, e, principalmente, às transformações da cidade são encontradas nesses textos que se assemelham por apresentar questões ligadas à vida na cidade moderna. Sendo assim, a partir da leitura e observação, a escolha foi a de investigar as crônicas que têm o título de "Imagens urbanas", "Imagens de rua", "Imagens de pedestre" e "Imagens de lotação", além de outras que evidenciam a representação do imaginário da cidade urbana. O intuito é elencar tais textos para examinar os vestígios da construção de imagens dialéticas e evidenciar a sobrevivência de determinadas imagens ressignificadas em uma escrita que narra o espaço urbano sob o olhar do autor, importante intelectual brasileiro do século XX. Nesse diapasão, partirei de algumas considerações sobre o pedestre apresentadas por Michel de Certeau, na obra *A invenção do cotidiano*, e Walter Benjamin, em *Rua de mão única*. Não obstante, propõe-se a análise e o aprofundamento da discussão sobre crônicas e as representações do cotidiano da cidade, tendo em vista a obra *Espécies de espaço*, de Georges Perec e o livro *Everyday life*, de Michel Sheringham. Utilizar-se-á como suporte metodológico para análise as obras *Todas as cidades, a cidade*, de Renato Cordeiro Gomes, e *Apontamentos de crítica cultural*, de Beatriz Resende, em especial o ensaio "Cronista da cidade".

METÁFORAS DO ESPAÇO NO CONTO "VISITA", DE CAIO FERNANDO ABREU

RAQUELLE BARROSO DE ALBUQUERQUE | UFPI

No conto "Visita", de Caio Fernando Abreu, o personagem encontra-se em uma espécie de devaneio, ao descrever e vivenciar meticulosamente o espaço da casa, na qual, ao que parece, viveu por longos anos. Na narrativa, uma segunda presença, evocada através da lembrança de uma mulher, conhecida apenas pelo pronome "ela", traz à tona a onda de pensamentos e divagações do personagem. Este, vive cada espaço da casa, além de seus objetos, repletos de recordações e significados para cada fase de sua vida, rememorada pela lembrança da suposta "ela". O espaço, na narrativa, traz sempre uma carga de significação, ao passo que pode interagir sensorialmente com os personagens, trazendo cargas de sentidos e sensações latentes ou suspensas na narração. Desta forma, o trabalho destina-se a sondar as atmosferas sugeridas no texto, através das metáforas do espaço e dos objetos descritos, sob o viés da teoria do espaço, sob a óptica de pesquisadores e autores contemporâneos, como Brandão (2013), Tuan (2013), Borges Filho (2009), Bachelard (1978), dentre outros. O espaço literário vem ganhando, com mais ênfase, o enfoque da teoria e da crítica literária, nas últimas décadas. Antes, ao ser vinculado ao tempo, muitas vezes de forma indissociada, foi limitado e incompreendido como elemento essencial para o reflexo de sentimentos e sensações que o texto busca passar ao leitor. Pesquisas que privilegiam tal categoria trazem o objetivo de evidenciar a importância do espaço e de como este deve ser enfatizado para a melhor compreensão das atmosferas do texto. Caio Fernando Abreu utilizou com maestria os espaços de suas narrativas para trazer à tona não apenas histórias, mas os sentidos corporais, as sensações, emoções e metáforas ligadas aos personagens. Esta pesquisa, desta forma, traz a análise de um texto deste grande escritor e reflete sobre a forma lírica do mesmo de tocar o leitor, de forma atemporal.

ESPAÇO E SUJEITO COMO ELEMENTOS ENTRELACADOS NO CONTO "A TERCEIRA MARGEM DO RIO" DE GUIMARÃES ROSA

NÁDIA SUELEM RODRIGUES SILVA | FACULDADE SANTA FÉ

O conto "A terceira margem do rio" publicado na obra *Primeiras Estórias* do escritor Guimarães Rosa é uma breve narrativa protagonizada por um homem que toma a decisão de residir em uma canoa na margem do rio. Desfaz-se da família, do ofício e dos laços humanos e passa a fazer parte do espaço do rio. Seus laços são direcionados a permanência nas águas serenas que percorre o espaço e o tempo no movimento do tão desejado rio. A esses homem é atribuído à loucura, à solidão e infinitas perguntas sem respostas. Esse trabalho surgiu a partir do estudo realizado na disciplina de Literatura Brasileira que futuramente tornou-se trabalho acadêmico pela Faculdade Santa fé em São Luis - MA, e justifica-se por

compreender que na Literatura, estudar o espaço é uma tarefa indissociável das demais análises feitas e discutidas sobre os mais diversos questionamentos e temáticas, como por exemplo: o tempo, a imagem, e personagens, sendo possíveis fios interligados dentro da narrativa. Dalcagné e Azevedo apresentam a importância de analisar o espaço e a relação que existe com os indivíduos para se entender a construção das subjetividades encenadas nas narrativas. O estudo propõe comentar sobre a forte relação que o sujeito tem com o espaço e principalmente quando ele se vê atraído a ponto de tornasse parte dele. Bem como, relaciona a imagem construída a partir da composição do espaço por meio do Homem, da canoa e do rio. Além das autoras citadas, têm-se como referenciais os escritos de Oziris Borges, Alfredo Bosi, Yi-Fu Tuan, Osmar Lins entre outros.

DESLOCANDO SENTIDOS: O ESPAÇO COMO ELEMENTO DE SIGNIFICAÇÃO EM “LA PIERRE QUI POUSSE” DE ALBERT CAMUS

IRISMAR LUSTOSA ROCHA | UFPI

O presente trabalho surge com o objetivo de analisar o deslocamento de sentidos circunscrito no âmbito da espacialidade dentro do conto *La pierre qui pousse* (1957), do escritor franco-argelino Albert Camus (1913-1960), e o impacto que este assume para o desencadeamento do conflito interno da personagem, que resultará, por fim, em sua metamorfose. Partindo de autores como BARTHES (1977), FOUCAULT (2001), BACHELARD (2007), LOTMAN (1978), BHABHA (2013), HALL (2003), BRANDÃO (2001), dentre outros, cujos estudos estão voltados para concepção de espaço como mote significativo, seja dentro das narrativas ficcionais seja na sua função social e ideológica, procura-se ressaltar que os diferentes discursos que ecoam desses espaços, tais como o religioso e o ideológico, representando os pólos ideológico-social (bairros baixos versus Iguape) e religioso-cultural (a cerimônia das danças versus a procissão de Bom Jesus) dentro do conto, transitam de forma a constituírem espaços de múltiplas significações. De maneira a produzirem ao mesmo tempo, e a exemplo dos bairros do rio, espaços de conforto, desconforto e de desejo, uma vez que eles influenciam psico e fisiologicamente as ações e emoções da personagem. Assim, o filósofo do absurdo faz mais uma vez da solidão humana matéria criativa, retratando a condição de estrangeiro frente o estranhamento e a inadequação à nova realidade espacial, cujo cenário é o sudeste brasileiro. É, portanto, a partir dos vários sentidos assumidos no interior dos espaços da narrativa que D’Arrast consegue apreender sua “force libératrice”, desenvolvendo, assim, consciência da nova situação a qual pode, finalmente, estar integrado.

O ESPAÇO NA OBRA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: UM PERCURSO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DO PERSONAGEM BILLY SANCHEZ ÁVILA EM “O RASTRO DO TEU SANGUE NA NEVE”

VIVIANE DE JESUS FARIAS RIBEIRO PINHEIRO | UFMA

“O drama humano, a história de uma cidade, os detalhes de um conflito não se limitam à trama de significados e sentidos que estão encetados em si próprio. Sua força reside no que aquelas narrativas específicas carregam no sentido universal de seus temas, conflitos e entendimentos”. (MARANDOLA JR., 2010, p.07). Na esteira desse pensamento geográfico humanista, o presente estudo pretende, de maneira interdisciplinar, analisar o espaço no conto *O Rastro do Teu Sangue na Neve*, de Gabriel García Márquez. A abordagem espacial na obra parte diretamente das memórias e das experiências vividas pelo personagem Billy Sanchez de Ávila. Para que se estabeleça a análise, recorre-se às concepções da Geografia Humanista Cultural que, alicerçada pela fenomenologia, pensa o espaço para além das limitações físicas, apreciando a experiência e a intersubjetividade como elementos para análise espacial. A investigação se dá de forma qualitativa, uma vez que seu cerne se encontra na subjetividade do objeto analisado e nas suas formas singulares de atribuir significados à paisagem. O arcabouço teórico perpassa ainda pelas inter-relações entre espaço, representação literária e memória, com vistas a compreender a forma como tais elementos se entrelaçam na obra da Gabriel Garcia Márquez.

A POÉTICA DO CANTO: DA FENOMENOLOGIA DE BACHELARD A GRACILIANO RAMOS

JUREMA DA SILVA ARAÚJO / CRISTIANE VIANA DA SILVA FRONZA | UERN



Atidos à temática memórias da infância, analisamos o conto *Um cinturão*, do livro *Infância* (2003), de Graciliano Ramos, que narra, em tom memorialístico, a descoberta do mundo dos adultos. O livro, primeiramente publicado pela Editora José Olympio em 1945, hoje está em sua quadragésima oitava edição, pela Record, tendo sido levado a público em países como Argentina, França, Portugal, Holanda e Inglaterra. O conto narra um episódio dramático na vida de um menino: surrado, encolhido entre caixotes, ele compreende que aquela fora sua primeira aproximação com a justiça, no máximo entendimento que Júlio Cortázar (2006) afere: o de intensidade, ou seja, o pulsar da substância narrativa, núcleo ao redor do qual orbitam os demais elementos. O enfoque analítico desvenda a relação da memória com o canto a serviço da imaginação poética, pleiteada por Gaston Bachelard em sua *Poética do espaço* (1978), sugerindo, assim, uma toponálise do conto mencionado. Considerando a fenomenologia da imaginação de Bachelard (1978), analisamos os percursos da memória do narrador do conto a partir da adesão, enquanto leitores, à imagem poética do espaço íntimo do canto. Perseguindo esse propósito, nos debruçamos sobre o entendimento da imagem poética do canto para diluir o emaranhado narrativo que permite acessar, na virtualidade admissível, as múltiplas texturas com as quais as memórias da infância se revestem.

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO PELA ÓTICA DO NARRADOR-PERSONAGEM NA NARRATIVA *UM, DOIS E JÁ*, DE INÉS BORTAGARAY

CLEANE DA SILVA DE LIMA / LUZIMAR SILVA DE LIMA / DÓGENES BUENOS AIRES DE CARVALHO (ORIENTADOR) | UFPI/UESPI

A literatura sobre o espaço na narrativa compreende não somente os espaços físicos, psicológicos, tempo e perfis dos personagens, mas também acontecimentos de uma história que emanam desses elementos que são primordiais na ficção. O objetivo deste trabalho é analisar a construção da narrativa *Um, dois e já*, de Inés Bortagaray, pelo viés do espaço da narrativa percebido pela ótica do narrador-personagem - uma garotinha. Com esse intento a metodologia explora a pesquisa bibliográfica pelo método hipotético-dedutivo por meio dos fundamentos teóricos, afirmando os aspectos sociais e afetivos, os quais são empregados e percebidos pela definição de espaço explorados na pesquisa a partir do estudo do texto. Para tanto, os teóricos basilares desta pesquisa são: Brandão (2013), Borges Filho (2007), e Bachelard (1989). Logo, percebe-se as descrições dos lugares na obra cuja influência se faz nas características dos personagens, suas maneiras de agir e emoções. Portanto, a literatura disponibiliza uma gama de percepções e sentidos através do texto, os quais mediante os fatos contados na história, contribuem para que o leitor identifique, crie e perceba a formação da imagem do espaço contados pela narradora, bem como muito importantes para a construção da narrativa.

O ENTRE-LUGAR DO CORPO EM *INQUILINA DO INTERVALO*, DE MARIA LÚCIA DAL FARRA

INGRID SUANNE RIBEIRO COSTA | UFPI

A categoria espacial na Literatura é bastante significativa, uma vez que proporciona o reconhecimento mais verticalizado dos personagens, bem como as relações que estabelecem com a sociedade, além de estar intrinsecamente relacionada com as percepções corporais do sujeito. Por isso, o estudo do espaço ficcional na literatura foi a questão norteadora deste trabalho e foi tratado através de uma perspectiva transdisciplinar, considerando as pesquisas oriundas de variadas áreas do conhecimento, como a Filosofia, a Geografia e a Arquitetura. Por isso, fizemos uma pesquisa teórica que visa não apenas relacionar conhecimentos advindos de teorias diversas sobre o espaço, como também tenta ampliar as generalizações que porventura endossem essas teorias. Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo principal evidenciar a representação do espaço nos contos "Diário adolescente, pág.1" e "Diário adolescente, pág.2" da obra *Inquilina do intervalo*, de Maria Lúcia dal Farra. Esses dois contos evidenciam a descoberta do corpo por uma adolescente que tenta compreender o modo como a sua existência está atrelada ao interior do quarto e ao desejo de alcançar a exterioridade mundana. Os dois contos são aparentemente complementares, já que possuem a mesma temática, o mesmo cenário e a mesma narradora-personagem, o que nos proporcionou analisar a representação material e simbólica do

corpo, que é visto como fragmento do espaço ou como a própria moradia da personagem. Desse modo, o corpo é um espaço que contém múltiplas camadas de significação, além de marcar o entre-lugar da adolescente em meio ao interior do quarto e a exterioridade do mundo.

“VENHA VER O PÔR-DO-SOL”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES: ONDE SE VIVENCIA UMA GEOGRAFICIDADE TRAUMÁTICA.

AREMYS NASCIMENTO SANTOS | UFMA

Tofofobia é o termo que se usa para designar uma espécie de medo muito comum: o medo doentio de ser enterrado vivo. Talvez não exista quem, em seu estado natural de consciência, não possua este medo, ainda que de forma recôndita. No conto “Venha ver o pôr-do-sol”, de Lygia Fagundes Telles, esse terror se concretiza, ainda que de forma diferente. A partir das experiências vivenciadas num cemitério pelos personagens Ricardo e Raquel, verifica-se o quão surpreendente pode ser o desfecho do conto. Para Tuan (2013, p.14). “As ideias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço e vice-versa”. O espaço é assim vivenciado de maneira diferente pelos personagens, tal qual o significado de lugar. Em sentido trivial, como localização. Toda parte é um lugar, mas, em um nível mais complexo, lugar se refere às configurações diferenciadas do seu entorno, pois são focos que reúnem coisas, atividades e significados. Sempre que a capacidade do lugar de promover a reunião é fraca ou inexistente, temos não-lugares ou lugares sem lugaridade. (RELPH, 2012, p 25). Para a análise das variadas concepções de espaço e lugar, assim como das diferentes experiências espaciais das personagens, tem-se o aporte da Geografia Humanista Cultural, com enfoque qualitativo, buscando desse modo perceber como se dão essas relações na tessitura da obra de Lygia Fagundes Telles.

ESPACIOSIDADE E APINHAMENTO NO CONTO “CELA UM”, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE.

CAMILA CANTANHEDE VIEIRA | UFMA

Este trabalho se propõe a fazer uma análise de “Cela Um”, um dos doze contos que compõem o livro No seu Pescoço, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, originalmente lançado em 2009 e traduzido para o português em 2017. Neste conto, a partir da narração de uma jovem, filha de professores universitários moradores do campus, somos apresentados a Nnamabia, seu irmão, um jovem de “pele clara cor de mel” (ADICHIE, p.12, 2017), que ao longo de sua vida quase sempre sai impune das consequências de seus atos, até que é preso por suposto envolvimento em um atentado. Para a análise a que nos propomos, utilizaremos categorias da Geografia Humanista Cultural, mais especificamente de Yi-Fu Tuan, como espaço e lugar, espaciosidade e apinhamento, cujas reflexões encontram-se em sua obra Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência (2013). Dentre muitas possibilidades de análise, sua teoria se destaca, pois nos leva a perceber como a sensação e a consciência de liberdade se dão gradativamente, enquanto os acontecimentos vão se desenrolando na trama. Com uma densidade e profundidade temática e estilística intensas, Chimamanda, por meio de sua narrativa, como percebemos em seu romance Hibisco Roxo (2013) e em outros contos, evidencia comportamentos e atitudes que incomodam, apinham, sendo, por vezes, confundidos com uma falsa sensação de liberdade. Além de Tuan, estabeleceremos diálogo com a crítica literária que lança um olhar sobre as literaturas africanas de uma perspectiva colonial e pós-colonial, como Chinua Achebe (2012), cuja contribuição nos auxilia a compreender sentimentos e percepções que são construídos após grandes rupturas.

A LINGUAGEM ENTREPOSTA NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO FICCIONAL E O VALOR DA MORTE, NO CONTO REFLUXO DE JOSÉ SARAMAGO

JOSÉ MATEUS ABREU REIS | UFPI

O artigo tem como objetivo analisar o conto Refluxo, da coletânea de contos Objecto Quase, do escritor José Saramago para a construção de uma reflexão sobre a morte na contemporaneidade, com o auxílio da linguagem inserida nesta literatura, que colabora na construção de um espaço ficcional retratado nesta obra, um cemitério. Foi utilizado como metodologia, principalmente, esta obra de Saramago

publicada em 1978 e como resultado foi verificado a visão do escritor como homem contemporâneo, entreposto no seu local de fala, tratando da morte para a sociedade hodierna, utilizando ainda a linguagem para a construção desse painel, bem como o lugar protagonista da narrativa. Para analisar a linguagem, foi utilizado a obra de Barbosa, publicada em 1993. Vale ressaltar que por fazer parte de uma coletânea de contos em que objetos são humanizados e os seres humanos coisificados, terá uma breve análise desta coisificação humana e como ela altera o espaço retratado em *Refluxo*.

DEMÔNIOS: UM ESPAÇO DISFORME EM CONSTANTE MUTAÇÃO

RAFAEL RODRIGUES DE SOUZA / CAROLINA DE AQUINO GOMES (ORIENTADORA) | UFPI

Demônios (1891), de Aluísio Azevedo, é uma narrativa curta, essencialmente fantástica que utiliza todo o poder descritivo do Naturalismo para contar todos os horrores de uma interminável e insólita noite. O autor descreve os pormenores enfrentados pelo protagonista logo após um dramático despertar. Percebendo que a noite havia devorado o mundo, ele sai em busca da sua amada tentando sobreviver às mutações impostas por um ambiente hostil e em constante mutação. A descrição do espaço em *Demônios*, que a princípio poderia descaracterizar os contornos fantásticos segundo Furtado (1981), os empurrando-o para um plano secundário, produz um efeito contrário. Se na escola Naturalista a deterioração do espaço serve como uma clara mostra da degradação humana, para o fantástico esta mostra do binário realidade/fantasia, onde o fenômeno meta-empírico vai acontecer, serve para demarcar a importância do espaço dentro da narrativa, não apenas ancorado nas reviravoltas da narrativa, mas nas pistas deixadas pelo cenário. Há de forma bem demarcada um "antes" e um "depois" não apenas no foco narrativo, mas também no cenário. Dentro do conto podemos encontrar o espaço dividido em dois tipos de cenários: os "realistas" onde podemos reconhecer os traços do mundo que acreditamos ser o real, que dessa forma corresponde às leis naturais, e que entendemos como o mais próximo da nossa realidade. Temos também os cenários que podem ser classificados como "alucinantes", eles vão contestar o nosso conceito de realidade, subvertendo-a, levando-nos a lugares mais distantes. Dentro do conto, o diálogo com todos estes elementos cria um terror imersivo, servindo ao propósito do medo estético apresentado por França (2014). Aluísio Azevedo com seu estilo gótico-naturalista nos apresenta uma cidade decadente, imersa em trevas que é o espelho dos nossos sentimentos mais negativos.

A RELEVÂNCIA DO ESPAÇO NA CONFIGURAÇÃO DO FANTÁSTICO EM NARRATIVAS CURTAS: UMA LEITURA DO CONTO "DE HIDROGÊNIO"

MARIA DE LOURDES DIONIZIO SANTOS | UERN

Propomo-nos tecer uma discussão sobre o fantástico presente no conto "De hidrogênio", de Dino Buzzati, tomando o espaço como elemento significativo em que se desenvolve a história. Partimos do pressuposto de que a leitura do Fantástico torna-se fundamental para se pensar a realidade em que o espaço, tido como o lugar comum, ou familiar, passa a ser tomado pelo estranho, irracional, insólito ou sobrenatural; ou seja, pelo que extrapola a logicidade dos fatos narrados. Isso não seria compreensível ou concebível, se observado e analisado pelo prisma ordinário da razão, ou da lucidez humana. Contudo, percebe-se que o espaço, enquanto elemento estrutural da narrativa, surge, no conto, como o lugar da transgressão e da irreverência, marcas inerentes à inventividade artística, que não poderia faltar à narrativa fantástica. Nessa perspectiva, somos instigados a investigar o fenômeno fantástico no espaço do conto supramencionado desse autor italiano, no intuito de escavar tensões e efeitos estéticos que as imagens desse espaço evocam. Desse modo, tomamos como suporte crítico e teórico para fundamentar a leitura dessa obra, as reflexões de Tzvetan Todorov, Remo Ceserani, Marisa Martins Gama-Khalil, Olga Reiman, Júlio Cortázar, Maria da Glória Bordini, entre outros autores. Desse modo, verifica-se, na referida obra, que o espaço do fantástico está marcado pelo vazio que ocupa o interior humano, observável na solidão de seus personagens, os quais representam o indivíduo isolado em nossa sociedade moderna, com suas dúvidas, medos e incertezas diante das circunstâncias da vida e do mundo, quando são tomados de

surpresa pelo inusitado. Habitados a uma rotina que os automatiza, basta um telefonema antes da meia noite para que os seres dessa sociedade se ponham sobressaltados.

ESPAÇOS GENDRADOS E POLÍTICOS: UMA LEITURA DE "AMNESTY" DE NADINE GORDIMER

RUAN NUNES | UFF

Recentemente a discussão acerca do conceito de espaço se tornou um elemento importante em diversos estudos pós-coloniais. Compreender como os espaços são construídos e se tornam lugares (SMITH et al, 1996) é um passo importante na crítica de textos literários e oferece espaço para que vozes anteriormente ignoradas sejam ouvidas. Segundo Henrietta Moore (1988), levamos vidas espacialmente restritas e ignoramos as interseções entre poder, crenças, imagens e símbolos. Isso significa que repensar o espaço/lugar como fabricado a partir de ideologias é também apontar de que maneiras estes são gendrados (gendered) e mediados pelas geometrias de relações sociais. (MASSEY, 1994). Em outras palavras, há uma ligação entre espaço e gênero para além de meros componentes de narrativas. Indaga-se, portanto, de que maneiras o espaço, a partir de uma ótica que privilegia gênero, se torna um lugar, marcado por significados, conceitos e símbolos. Partindo destas posições teóricas sobre espaço/lugar e gênero, o presente trabalho busca oferecer uma breve revisão do conceito de espaço como gendrado e político enquanto analisa o conto "Amnesty" da autora sul-africana Nadine Gordimer, publicado em 1991. O conto selecionado narra a história de uma mulher cujo marido é preso e solto durante o período de segregação racial na África do Sul. Entretanto, o retorno do marido suscita indagações acerca da participação feminina no movimento antiapartheid e como, mesmo lutando pela libertação, a questão de gênero é trazida à tona através da percepção do engajamento como posição unicamente masculina. Gordimer utiliza a discussão de gênero e raça como motor para evidenciar a importância de discutir espaços/lugares não mais como conceitos inocentes, mas sim imbuídos de sentidos e ideologias, mesmo na luta contra a segregação.

ENCARCERAMENTO E LIMITAÇÃO DO CORPO E DO ESPAÇO NO TEATRO DO ABSURDO: UMA LEITURA DE ESPERANDO GODOT E FIM DE PARTIDA, DE SAMUEL BECKETT

TIAGO BARBOSA SOUZA | UFPI

Os corpos e o espaço que ocupam têm funções significativas na obra de Samuel Beckett. Seja através da representação desses elementos formulando e reforçando repetidamente a ideia de clausura e desesperança, seja pela negação da representação do real em nome da primazia do espaço-tempo da cena, aspecto típico do teatro do Absurdo, em que a realidade é circunscrita à esfera dramática. Esse importante movimento teatral do século XX recusou o realismo na representação dos personagens e da realidade cotidiana, fazendo da cena o próprio lugar de um novo real (Serreau, 1966), construindo um "realismo da presença" (Robbe-Grillet, 1953) que retira a primazia do texto teatral, deslocando-a para a performance, o que representa uma questão central do que seria chamado posteriormente teatro pós-dramático (Lehmann, 2002). Se em Fim de partida (2010), o encarceramento funda o ser/estar no espaço e no tempo da peça, em Esperando Godot (2015), é a espera que configura esse espaço delimitado, impreciso e desamparador. Desse modo, o presente trabalho visa à observação da representação do corpo mutilado, limitado e confinado espacial e abstratamente, e da forma como a sua relação com esse espaço determina a construção do enredo. A pesquisa tem por aporte teórico estudos como os de Esslin (2018), Robbe-Grillet (1953), Serreau (1966), Ryngaert (1993), Vasconcellos (2009), Brandão (2013) e Borges Filho (2007).

O ESPAÇO NA NARRATIVA FÍLMICA EM A HORA DA ESTRELA

MARIA FÁTIMA PAULA DOS SANTOS | UESPI

O cinema é a técnica e a arte de reprodução de imagens que transpõem para a tela um espaço relacional entre personagens e cenas, cenas e telespectadores com intuito de representar ações da vida do homem em sociedade. Assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões a respeito do espaço fílmico habitado por meio dos olhares dos personagens Macabéa e Olímpico no filme A Hora da Estrela (Suzana Amaral, 1985). A luz de Aumont et al(2012), o espaço contempla reflexões ligada ao campo (espaço enquadrado) e ao fora de campo (espaço não enquadrado) com interligações que fica sob ótica interpretativa do telespectador. A narrativa fílmica se constrói a partir da linguagem cinematográfica reproduzidas em diversos planos, que segue em sequências de cenas. Na tela são projetada sonhos, ilusões, devaneios dentro de um plano possibilitando, assim, uma compreensão alusiva ao audiovisual. Nessa perspectiva, o cinema rompe com os limite da realidade e, passa recriar seus próprios elementos a partir do cotidiano. O cenário do filme A hora da estela centra-se em mostrar a cidade grande, no caso São Paulo, em que os migrantes nordestinos Macabéa e Olímpico almejam ascensão tanto profissional como pessoal, apesar de se farejarem como bichos. Para efetivação desse estudo, também, será usado como embasamento teórico Marcel Martin(2005), Ismail Xavier (2005) dentre outros, sobretudo, do espaço literário, com a finalidade de realizar discussão e reflexão sobre o espaço fílmico numa percepção em torno de questionamentos dos valores da sociedade moderna, do papel social do artista e da própria existência humana.

ENTRE O ESPAÇO E O LUGAR: REPRESENTAÇÕES DA CIDADE NAS CANÇÕES DE CHICO BUARQUE

MARIA DAISE DE OLIVEIRA CARDOSO | UNB

Na tentativa de refletir sobre os processos contemporâneos sociais, especialmente os registrados nas letras de canções, a presente pesquisa tem por objetivo analisar três composições de Chico Buarque que evidenciam como a construção artística, mais diretamente a poesia para ser cantada, pode, através da hibridação entre música e letra, representar a cidade ao ecoar vozes silenciadas. Canções como "Carioca" (1998), "Subúrbio" (2006) e "Caravanas" (2017) são exemplos de textos que incorporam em sua tessitura realidades similares: sujeitos que enfrentam o crescimento da cidade e, ao mesmo tempo, são forçados a se ajustarem em meio aos processos fragmentados que a sociedade impõe, ou seja, vivem entre o espaço e o lugar no meio urbano. Essa progressão encontra-se marcada tanto na letra como na música, pois são canções que foram ganhando arranjos mais próximos ao texto narrado – tanto o "choro-canção" (presentes nas duas primeiras canções) quanto o "beatbox", presente em "Caravanas", mostram como é possível agregar aos elementos textuais aspectos culturais, tanto pela palavra como pelo som. Estas letras foram elaboradas em períodos distintos, mas evidenciam, de maneira progressiva, reflexos culturais patentes, uma cidade "maravilhosa" que passa a ser metáfora de uma cidade-organismo, nas palavras de Renato Cordeiro Gomes (2008). Ainda, na perspectiva do pesquisador, tais registros são necessários, tendo em vista que é por meio destes que a memória social preserva cidades, pois as que não são narradas, são esquecidas, ou seja, "se o passado se congela, se torna um ramo seco sem possibilidade de germinação, está destinado ao esquecimento" (GOMES, 2008, p. 47). Neste sentido, para a realização dessa pesquisa, seguiremos os pressupostos teóricos de Néstor Canclini, que discute sobre globalização e processos híbridos culturais, Yi-Fu Tuan, sobre o espaço e o lugar, entre outros estudos necessários ao longo do estudo.

74

REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NA NARRATIVA FILME DEMÊNCIA, DE CARLOS REICHENBACH

TERESA CRISTINA DE OLIVEIRA PORTO | UFPI

Nas últimas décadas, tornou-se notória a crescente nos estudos, no âmbito literário e cinematográfico, sobre a análise do espaço nas narrativas, assim como também a legitimidade da linguagem cinematográfica enquanto narrativa de representação. Nessa perspectiva, este trabalho objetiva analisar como os mecanismos de espacialidade são relevantes para a produção de sentido de uma obra fílmica. Desse modo, a observação será feita pelo viés da mise en scène (encenação), além do espaço geográfico da metrópole e do litoral paulista, afim de elucidar como esse ambiente influencia e acentua o comportamento alucinatório da personagem protagonista. Sendo uma obra cinematográfica, Filme Demência (1985) – inspirado na peça de Fausto (1829), Goethe - o objeto de estudo para esta pesquisa, o conceito de espaço, por sua vez, será apreciado considerando o cenário. Bem como o espaço físico e simbólico que permeiam a cinematografia de Carlos Reichenbach. O intuito é de evidenciar o processo de constituição da encenação e da espacialidade no cinema como elemento responsável pela funcionalidade de uma obra. Para tanto, este trabalho se fundamentará em teóricos relacionados à linguagem cinematográfica, como Martin (2005); aos estudos sobre a mise en scène, como Bordwell (2008) e Oliveira Jr (2013), além de teorias sobre o espaço literário, a exemplo de Borges Filho (2016) e também do espaço geográfico, Santos (1977).

O ESPAÇO DA RODA E A RODA NO ESPAÇO DO SAMBA NA BAHIA

GUTIERY SILVA DA ANUNCIAÇÃO | IFBA-SANTO AMARO

Ao pensar a cultura brasileira é importante destacar as condições históricas que possibilitaram a formação do país. O processo de colonização portuguesa na América baseou-se na mão de obra escrava e acarretou a diáspora Africana. Uma das primeiras regiões onde desembarcaram escravizados foi o recôncavo baiano, local de plantação de cana de açúcar principal, produto da economia colonial até século XVIII. O processo de escravidão significou a morte física e identitária para muitos povos. Todavia, frente a tantas perdas, a necessidade de sobrevivência produziu novas formas de reinventar e resistir, promovendo, assim, uma matriz Cultural única no recôncavo baiano. Dessa reinvenção surge o samba

de roda cujas características são agregação de danças e ritmos demarcados por instrumentos percussivos ligados a regiões afro-brasileiras. Independente das variações, o samba de roda tem por princípio o fato de a organização espacial entre os participantes ser delimitada pela roda, que baliza relações, limites físicos e simbólicos de entrada e saída do ritual servindo como uma espécie de portal. Este formato circular é adotado por todas as variáveis do samba. Desta maneira, o presente artigo estuda a representação do espaço físico e metafísico da roda de samba nas composições *Tire essa mulher da roda* e *Roda baiana*, dos compositores baianos Roberto Mendes e Roque Ferreira. Ao analisar as composições, destaca o espaço da casa como lócus representativo da sociedade matriarcal africana, onde a mulher abre as portas do espaço físico para receber a festa e as portas do espaço espiritual para o diálogo com a ancestralidade. Nestes termos, o presente artigo entende a roda como espacialidade primeva que simboliza a criação e o contínuo retorno às mais variadas formas da existência, destacando como, no contexto nacional associa-se, como sinédoque, ao Estado da Bahia.

O ESPELHO EM AS MENINAS DE VELÁZQUEZ: UMA RELAÇÃO HETEROTÓPICA

PATRÍCIA PILAR FARIAS | UFPI

O presente trabalho dedica-se ao estudo da tela "As Meninas", Diego Velázquez, que traz na pintura uma composição enigmática que possibilita levantar questionamentos entre a relação de realidade e ilusão, criando assim uma relação de incerteza entre o observador e as figuras representadas e também na perspectiva do apreciador frente a pintura. A pesquisa tem por objetivo verificar as relações de outros espaços existentes na obra de arte para compreender a relação entre o olhar do observador e a visão do pintor sobre o quadro partindo dos conceitos apresentados por Michel Foucault no que diz respeito a relação da heterotopia com o espelho, para assim compreender o objeto artístico. Através da correlação entre os conceitos de heterotopia e espelho apresentados por Michel Foucault torna possível compreender melhor a relação de espaços múltiplos contidos na pintura de Velázquez. A pesquisa apoia-se nas contribuições de Foucault (2013). A metodologia utilizada é a bibliográfica, com o método hipotético-dedutivo na formação da investigação. Os resultados obtidos apontam para uma releitura do fazer observar através do espelho, ou seja, é através dele e do olhar externo juntamente com o entender dos espaços que possibilitam ao espectador ter uma ampla visão da tela, fazendo com que o apreciador participe e compreenda a produção e a recepção da obra não apenas como produto cultural inserido em uma determinada sociedade, mas possibilitar percorrer diversos espaços para a contemplação do objeto artístico.

O ESPAÇO-TEMPO NAS PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS NEORREGIONALISTAS COMO ELEMENTOS CONFIGURADORES DE UMA NOVA ESTÉTICA

HERASMO BRAGA DE OLIVEIRA BRITO | UESPI

Através das narrativas acontece à atualização do presente pelo passado, como também ocorre a promoção do futuro no presente como atesta Edward Forster em *Aspectos de um Romance* (1998). Esta ideia pode nos parecer estranha porque estamos acostumados em vê-la ao contrário, no entanto, através da presença da tradição regionalista no neorregionalismo cinematográfico é que percebemos essa configuração de atualização com apresentação de um tempo diferenciado que só irá acontecer devido ao espaço existente para isso. Podemos exemplificar esta assertiva nos filmes *Mãe e Filha* (2012) de Petrus Cariry e *Cipriano* (1997) de Douglas Machado. O tempo nas narrativas caracteriza-se por um não tempo cronológico devido à configuração do espaço vigente que não é externo aos personagens, mas algo vivo no seu interior. Assim, este tempo-espaço diferenciado e expresso nas narrativas fílmicas só acontece pela subsistência de um espaço problematizado e pulsante nas personagens. Neste sentido é que podemos perceber que através deste espaço-tempo corrente nos filmes neorregionalistas é que ocorre a atualização do presente pelo passado, pois na manutenção das tradições e na diferenciação do agora é que se resgata nas obras neorregionalistas cinematográficas elementos virtuosos do passado e assim se retoma uma busca de sentido histórico-social-cultural valorativo. O nosso intuito de trabalho é regido, portanto, para se analisar esta configuração do espaço-tempo problematizador que atualiza o passado

pele presente. Para isso utilizaremos os seguintes autores para fundamentarem a nossa discussão: Brito (2017, 2019), Brandão (2013), Bachelard (1993).

ENTRE O SUJEITO E A CIDADE: REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DO CORPO E A CIDADE DE TERESINA ATRAVÉS DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS

KARINE DE ARAÚJO LIMA | UFPI

A transferência da capital do Piauí para a sua atual localização, realizada no ano de 1852, fora concebida como uma tentativa de imprimir a esse estado uma posição mais universalista, uma vez que o novo centro de poder seria fincado às margens do rio Parnaíba – um largo caminho de água que banha grande parte do território mafrense. Com efeito, o desenvolvimento de uma cidade construída a margem de dois rios é notório e acentuado. Mais do que atuar no cenário econômico da região, os rios constituem importantes mecanismos para a formação de uma identidade urbana, para o direcionamento político da cidade e para a estruturação de determinados segmentos socioculturais. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo refletir sobre a representação artística da cidade de Teresina, através de uma investigação de cunho antropológico, buscando evidenciar os paradigmas indiciários sob os quais se organizam o espaço geográfico e a memória cultural da cidade. Através da investigação da vida cultural teresinense, analisaremos o modo pelo qual os espaços demandam ações dos corpos que experienciam a cidade, resultando na construção de uma narrativa voltada para as linguagens artísticas. Serão destacados alguns pontos importantes, como a relação intrínseca entre o corpo e a cidade, a construção das práticas corporais na cidade de Teresina a partir dos movimentos artísticos e dos movimentos de resistência e, por fim, a configuração do espaço urbano mediada pelos processos sociais. Para tanto, a pesquisa se apoia em alguns pressupostos teóricos, a citar a Corpografia urbana (2006), termo criado por Paola Berenstein Jacquesé, a Teoria do espaço literário (1964), de Luís Alberto Brandão, a A natureza do espaço (2008), de Milton Santos, a Fenomenologia da percepção (2015), de Maurice Merleau-Ponty, e O corpo utópico, As heterotopias (2013), de Micheu Foucault.

76

ESCREVER EM DERIVA: CARTOGRAFIA DE DESLOCAMENTOS AFETIVOS

MATHEUS MARQUES DA CUNHA CARVALHO | PUC-RIO

Este trabalho apresenta anotações processuais a partir de um mal-estar instaurado pelo desejo/objeto de pesquisa. Nele, investiga-se o processo de pesquisa como um movimento; as imagens de deriva e ancoragem nos servem para inquirir o espaço cartográfico do processo de pesquisa. Seguindo/buscando os objetos concretos da pesquisa em curso, o autor registra/discute um derivar pela cidade em busca de pichações textuais - lidas como coreorasuras: ação coreopolítica (LEPECKI, 2012) dissensual em que corpos resistentes inscrevem a si próprios no espaço da cidade – tangível imóvel da estrutura incorporal da lei (LEPECKI, 2012). Após/durante o mapeamento dessas coreorasuras, dessas rachaduras no Estado das coisas, ou dessas fissuras no organismo edificado da cidade (DELEUZE; GUATTARI, 1977), o autor investiga como estas escrituras atravessam o seu corpo. Ou então: como a sua resistência acontece como corpo, incorpora os acontecimentos (PIRES, 2007). Assim, chega-se à noção que o autor vem propondo como AUTOFRICÇÃO: práticas literárias de si nas quais figuram um forte atrito entre uma experiência fragmentária vivida e a tarefa de transpô-la ao texto. Como mais uma etapa do processo de pesquisa, tal qual um work in progress, este trabalho explora a noção de deriva como inerente à trajetória do pesquisador, apresentando os conceitos, noções, e variáveis leituras a respeito do processo teórico-poético de pensar e escrever o corpo do autor/relatante em fricção aos sistemas de poder e forças de captura.

O ESPAÇO PROBLEMATIZADO NAS NARRATIVAS CINEMATOGRAFICAS NEORREGIONALISTAS

LETÍCEA MARIA ALVES BRAGA | UFPI

Antonio Candido, na obra Literatura e Sociedade (2000), afirma que o estético precede a outros fatores na produção literária. Essa observação elucida algumas questões importantes para a leitura e interpretação de aspectos relacionados à literatura e sua relação com outras artes. No que toca a análise

do diálogo entre literatura e cinema devemos levar em conta os aspectos externos e internos de maneira dialética. Assim, não podemos tomar a literatura como documento ou mera descrição da realidade e muito menos o cinema apenas a representação visual de produção literária. Portanto, ao nos referirmos ao termo regionalista, não podemos tomá-lo no sentido local ou meramente espacial geográfico. Mas, sobretudo, como a estilização da realidade sobre um determinado modo em que o cinema irá captar esse universo estético e não somente o enredo. De maneira hegemônica essas obras modernistas de tendência regionalista inserem no crivo literário a problematização das questões sociais brasileiras algo até então tímido nas letras nacionais. Essa mesma consciência problematizadora dos literatos de 1930 irá ser a leitmotiv do cinema brasileiro nos anos de 1960 com o Cinema Novo ao denunciar as explorações e mazelas sociais. Almejando, assim como os literatos regionalistas, uma transformação do público com a formação de uma consciência crítica e engajadora. Diante destes contextos na contemporaneidade temos o cinema neorregionalista caracterizados basicamente pelos seguintes elementos: O primeiro consiste na autonomia das personagens femininas. Elas ousam e rompem com luta e resistência as imposições acometidas a elas nas tramas. Tomam poses dos seus desejos, sonhos, pensamentos e dos seus corpos. Atuam de maneira impositiva de si diante do mundo que a submetem a condição de figurantes da vida. Outro elemento é o trabalho estético de valorização dos aspectos regionais como elemento singularizador dos indivíduos frente a homogeneização da cultura promovida pela cultura artificial globalizante. A terceira caracterização advém da questão do Espaço visto agora não mais como mero cenário ou restrito a uma descrição geográfica. O espaço agora é problematizado e atua na configuração dos sujeitos nas tramas sejam elas literárias ou cinematográficas. Portanto, o nosso objetivo com o presente trabalho é analisar a questão do espaço como elemento problematizador e configurador das personagens na produção cinematográfica neorregionalista *O céu de Suely* (2006) de Karim Ainouz. Para isso utilizaremos os seguintes referências Brito (2017, 2019), Brandão (2013), Bachelard (1993).

LUGARES QUE SE MOVEM EM VERSOS E EM TELA

DIOGO DOS SANTOS SOUZA | UFAL/IFAL

João Cabral de Melo Neto, na atmosfera de sua produção poética que discute o espaço literário, evidencia que o foco do seu interesse artístico é a representação do ambiente natural, num plano em que se coteja a História, a memória e o tempo. Nota-se, assim, que o sertão cabralino é marcado por esses temas supracitados. Por ser uma região que abarca zonas geográficas muito distintas, a construção da imagem do sertão brasileiro é de complexa definição, incutindo no imaginário cultural brasileiro uma forma que muda de acordo do ponto de vista de quem o narra, de quem o observa e de quem o vive. No plano que une esses três posicionamentos, encontra-se a voz lírica viajante do livro *Morte e Vida Severina: Auto de Natal Pernambucano* (1954-55), de João Cabral, em que observamos, na personagem Severino, um reflexo da terra ossuda da qual se deseja distanciamento. Pensando, então, nas relações interartes que podem ser constituídas entre o discurso literário e o discurso cinematográfico, intentou-se realizar o diálogo desse livro com a sua adaptação fílmica. Em 2010, a Fundação Joaquim Nabuco adaptou para o cinema a versão homônima dessa obra através do gênero animação, apresentando ao espectador o sertão nordestino por intermédio de uma visualidade monocromática. Alguns elementos de composição dos espaços percorridos por Severino são refigurados na tela, criando uma releitura do texto literário e fazendo com que o leitor viaje por outros espaços que estão imprimidos pela seca, pela morte e pela vontade de fuga. O objetivo deste trabalho é investigar as relações entre a Literatura e o Cinema, tendo como eixo o estudo da representação do espaço na construção literária, analisando a sua ida à tela através do procedimento de adaptação fílmica. Nessa perspectiva, a maneira como o poeta evoca criaturas e paisagens, concebidas pela imaginação, são revisitadas pelo cinema, proporcionando a produção de novos sentidos ao texto primevo. Por exemplo, no filme, há uma exploração da imagem do rio como um cemitério, interpretando-o como uma cova feita de águas. Portanto, propõe-se examinar como a realidade material é transformada (nesse caso, a realidade nordestina que o autor conhece) em poesia, bem como o modo em que o autor opera a representação do espaço (e como o diretor do filme a

recompõe), lendo-o, assim, no plano de uma categoria de análise que se relaciona com outros elementos de composição do dizer literário: em especial, a personagem e o tempo. Uma das complexidades da análise da representação da espacialidade poética em *Morte e Vida Severina* se dá pelo fato de haver uma transposição da imagem do espaço para o retirante, que se torna um canal de expressão do lugar. Logo, é possível dizer que a voz do rio, tal qual a do sertão, continuam presentes, mas, dessa vez, movem-se através do olhar do homem nordestino e residem no corpo retirante que tanto é afetado pelo espaço em que vive.

BASQUIAT E A SUA LUTA CONTRA A TÉCNICA

LUA ISIS BRAGA MARQUES | UNB

Este artigo visa fazer uma criptoanálise sobre as obras de Michel Basquiat à luz da teoria da tecnologia discutida e debatida pelo filósofo Albert Borgmann (1984). Essa metodologia, criptoanálise, busca analisar obras de arte, seja literária ou não, e tem o sentido de trazer para superfície aquilo que se encontra escondido (criptografado) dentro da obra. A negação da técnica, experimentada pelo autor, é fator determinante em sua produção, portanto, o esforço de aproximar a discussão fenomenológica da tecnologia como consequência do pensamento racionalista e materialista do mundo moderno com os questionamentos feitos sobre centralidade da técnica.

HERITAGE VS. QUEER: SOBRE A DIFERENÇA DOS ESPAÇOS NA ADAPTAÇÃO DE MAURICE

JOSÉ AILSON LEMOS DE SOUZA | UFBA

Maurice (1913), romance póstumo de E. M. Forster publicado em 1971, foi adaptado pela Merchant Ivory em 1987. A companhia tornou-se reconhecida pela apurada reconstituição de época em produções que, no contexto inglês, foram designadas como filmes heritage (patrimônio, herança). Trata-se de um termo crítico, muitas vezes interpretado como gênero, que surgiu para abordar negativamente aspectos como a "comercialização" do passado inglês, a nostalgia e o elitismo presente no recorte apresentado em diversos filmes. Andrew Higson (2003, 2006) diferencia essas produções de outros filmes de época a partir da concentração da câmera em monumentos, construções, cenários e figurinos, recurso denominado como "estética da exposição", o qual ressaltaria não apenas as classes mais abastadas do passado, mas uma homogeneidade racial que parecia mais um sintoma de negação do presente multicultural do país na década de 1980. Na década seguinte, percebe-se o surgimento de outros olhares da crítica, que identificam nos filmes discussões sobre gênero e sexualidade, que seriam de grande interesse para pautas contemporâneas. (MONK, 2001, 2011). A proposta do trabalho é apresentar uma leitura sobre os diferentes espaços que conformam a adaptação de Ivory, a partir da perspectiva do reconhecimento da homossexualidade, que, segundo Judith Butler (2015), exprime o encontro com as normas vigentes. As cenas de reconhecimento dividem-se em espaços distintos: heritage (espaços requintados) e queer (espaços escuros, ilícitos). A diferença demarca os domínios do desejo homossexual não realizado daquele que se concretiza. Além disso, concluímos que o romance e a adaptação se interceptam nos significados dados ao processo de reconhecimento enquanto alteridade de classe, que delimita diversas formas de opressão comuns às estruturas de dominação. O presente trabalho é um recorte de tese recém concluída sobre os romances de E. M. Forster adaptados pela Merchant Ivory.

O ESPAÇO VITORIANO NA ADAPTAÇÃO FÍLMICA DO ROMANCE JANE EYRE DE CHARLOTTE BRONTË

GISELLE ANDRADE PEREIRA | UFC

O presente resumo tem como objetivo analisar o espaço vitoriano no romance Jane Eyre, da escritora inglesa Charlotte Brontë, publicado em 1847, e a adaptação fílmica homônima de 1944, dirigido por Robert Stevenson. Investigamos traços de leitura na mudança de sistemas de linguagem com enfoque no processo de tradução do espaço para as telas. O romance, narrado em primeira pessoa pela personagem protagonista Jane Eyre, apresenta diferentes espaços internos e externos que acompanham as transformações da personagem. Destaca-se o espaço doméstico, em especial as casas Gateshead, Lowood School e Thornfield Hall, como lugares que representam o desenvolvimento da personagem da

infância à fase adulta, perfazendo ainda seu crescimento de uma jovem submissa para uma mulher empoderada. Em nossa análise observamos como esses espaços foram adaptados para o filme, em relação com as mudanças e comportamentos da personagem nesses locais. No livro, na medida em que a personagem vai se locomovendo de um espaço para outro, ela se torna mais protagonista de sua vida e de suas ações. No filme, por outro lado, há uma reversão do desenvolvimento de Jane Eyre, em que ela aparece questionadora na infância, no entanto, torna-se submissa na vida adulta. Tais mudanças corroboram a ideologia e a poética presentes no contexto dos anos 1940, quando a felicidade da mulher era determinada pela obediência ao homem. Como base teórica, utilizamos os textos de Lefevere (2007) e Hutcheon (2013) que discorrem sobre os conceitos de reescritura e adaptação fílmica, respectivamente; Genette (2015) e Bachelard (2008) que escrevem sobre espaço na literatura; e, por fim, Bordwell e Thompson (2013) que refletem acerca do espaço fílmico.

Espaço, Historiografia & Crítica Literária

O NEOCOLONIALISMO CONTEMPORÂNEO NAS OBRAS DE JOSÉ J. VEIGA

WANICE GARCIA BARBOSA | PUC-GO

Este artigo tem por foco analisar partindo da crítica literária brasileira nas obras produzidas em Goiás na perspectiva da filosofia de margem, mostrado através do fantástico-absurdo, o imaginário, a transfiguração através do silêncio e suas relações rizomáticas, além das questões correlacionados aos micro e macro poder ocorridos com o avanço do neocolonialismo no sertão goiano nas seguintes obras de José J. Veiga: que se encontram ligados ao romance A hora dos ruminantes (1988), obra escrita em 1966 e a novela Sombras de reis barbudos (1988), publicada em 1972. Objetiva-se analisar as obras de José J. Veiga tendo como aportes teóricos as teorias contemporâneas do fantástico utilizando o subtema o rizoma na visão Gilles Deleuze e Félix Guattari Mil Platôs (2000), Zygmunt Bauman, modernidade líquida (2001), e Era do Vazio (1993) de Gilles Lipovetsky que tratam do processo que se vive na atualidade, ou seja, o ser humano e sua constante busca em ser "Como o ser no mundo Busca-se, partindo dessas perspectivas, analisar os amplos processos que envolvem a construção do ser, como os ambientes familiares, sociais, as frustrações e os diferentes processos de individuação contemporâneo. A intenção desse trabalho é o de tentar evidenciar que as obras de José J. Veiga trazem no plano do simbólico uma longa reflexão sobre os dilemas éticos e políticos da sociedade, reflexão em constante transformação voltada para o cotidiano das pessoas mais simples, onde as rotinas são quebradas ou desviadas de seu percurso natural, e que não podem conter os fatos e fenômenos da neocolonização no desbravar do sertão, momentos históricos da modernidade, sofrem por isto, mas aceitam esta modernidade líquida que se molda a todo momento num eterno ciclo vital.

INTERSECÇÕES ENTRE OS PROCEDIMENTOS DIEGÉTICOS DE NATALIA GINZBURG E DE CARLO GINZBURG: PRINCÍPIOS BASILARES PARA UMA MICRO-HISTÓRIA LITERÁRIA

JUCELINO DE SALES | UEG/SEEDF/UNB

Essa investigação vincula-se ao projeto de pesquisa, "De conto em conto, a micro-história: narrativa literária e produção historiográfica no epicentro da substância fictícia e o elemento de convergência discursiva", que coordeno na UEG. Uma de suas finalidades, advinda duma crítica genealógica (FOUCAULT, 1996), é relacionar alguns trabalhos literários de Natalia Ginzburg com alguns trabalhos historiográficos de Carlo Ginzburg, seu filho, a partir dos procedimentos diegéticos que ambos os autores exercem em suas práticas narrativas. Esse historiador, partindo do que denominou de paradigma indiciário, estabeleceu, junto com Giovanni Levi (1992), os fundamentos do método historiográfico da micro-história, que consiste na redução da escala para análise histórica de grandes proporções sob o crivo detido em torno de pessoas comuns, famílias, pequenas comunidades etc. Uma das hipóteses do projeto nos leva a considerar que parece existir uma estreita ligação entre os procedimentos diegéticos de Natalia no trabalho de elaboração de suas obras fictícias, e as estratégias narrativas de Carlo na construção do argumento histórico. As obras de Natalia, geralmente se enredam num espaço reduzido, o espaço micro-familiar, e a partir desse topus lastreiam a dimensão histórica de uma época, isto é, suas personagens desvelam as angústias e inquietações presentes na mentalidade de dado período, como é o caso de "A família Manzoni", "Caro Michele" e "Léxico familiar". Propõe-se nessa comunicação discutir essa especificidade nessas três obras da autora com base na micro-história, pois esse método não refuta a natureza fictícia da fonte, mas propõe a costura historiográfica a partir do elemento construtivo,

extraindo a história possível do acervo documental. Além disso, propõe-se discutir o termo "micro-história literária" que nos parece se projetar como uma inovação na formulação de seu conceito, enquanto um modelo a ser praticado em torno da evidência literária disposta na fonte documental cuja dimensão espacial do enredo é estreitamente reduzida.

NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA NOS COMENTARII DE BELLO GALLICO: FRONTEIRAS ENTRE O FICÇIONAL, O MEMORIALÍSTICO E O LITERÁRIO

EDILANE VITÓRIO CARDOSO | UFC

*O objetivo precípua do estudo que ora apresentamos é discutir as significativas relações fronteiriças entre ficção, história e literatura nos relatos presentes nos dois primeiros livros que compõem a narrativa bélica *Commentarii de bello gallico*, da autoria de Caius Iulius Caesar (100-44 a. C.). A obra, que, dentre outros aspectos, conflui elementos ficcionais, dados historiográficos e literatura memorialística, foi redigida entre os anos 58 e 51 a. C., período em que seu autor, exercendo a função de general e estrategista bélico, a serviço do senado de Roma, comandou uma expedição militar cuja principal ambição era subjugar tribos gaulesas e anexar seus territórios ao domínio romano. Já que contempla a intercessão de vários estilos de expressão, a narrativa bélica de César pode ocupar uma posição de destaque não só na literatura latina, mas também em vários outros campos do conhecimento. Nesse sentido, a discussão aqui pretendida circunscreverá as noções de ficção, história e literatura no texto latino. Desse modo, para o debate proposto, o trabalho se ancora nas contribuições teóricas de Le Goff (2003), Gagnebin (1997), Plutarco (1998), Aristóteles (1987), Rommily (1998), Brandão (2015), Costa Lima (2003), dentre outros.*

"O SERTÃO ESTÁ EM TODA A PARTE": HOBBSAWM, INTÉRPRETE DO SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA

EVERTON LUÍS FARIAS TEIXEIRA | UFPA

*Esta proposta forja um estudo comparativo entre *Grande sertão: veredas* (1956) de João Guimarães Rosa e a historiografia de Eric Hobsbawm, enfeixada em *Bandidos* (1969) e *Era dos Extremos* (1994). O fio aparente que liga as produções destes dois observadores do século XX é a preocupação de ambos com o homem comum em detrimento aos fatos históricos e aos espaços geográficos demarcados. O presente exame busca demonstrar como a história ocidental no século XX infiltra-se na particular inscrita do autor brasileiro, seja pelo cosmopolitismo do terror, seja pelo remoto sertão caracterizado como o próprio mundo pela fala do protagonista Riobaldo. Acerca desta obra, afirma-se que sua topografia, diferente da vislumbrada na tradição literária regionalista, se erige tal qual uma metonímia de todos os lugares marcados pela violência e pelos desmandos do Estado, portanto, distante de um saudosismo do sertão no plano estético. Muitos exemplos dessa ressonância histórica abundam nesse romance, como os grandes fenômenos vivenciados no século passado, tais como: a emancipação feminina e a crítica aos modelos liberais, os quais geraram os bandidos sociais em algumas regiões remotas do globo. Assim, os temas da "nova mulher" e dos movimentos de resistência social nas periféricas zonas capitalistas são de grande relevância tanto para a obra rosiana, quanto para o trabalho do intelectual britânico, pois, em ambos, a documentação histórica se constitui em algo circunstancial no qual as dimensões míticas dialogam com as composições ideológicas. Por fim, a leitura dialética proposta neste trabalho, por um lado, amplia o estudo do tema do banditismo hobsbawmiano, acrescentando-se à sua tipologia a figura do jagunço, por outro, denota-se em Guimarães Rosa uma atitude excepcional diante da violência e da barbárie observada em um período de exceção como o nosso em que todas as escritas se configuram em cantos de sobrevivência ou réquiens da liberdade.*

"MEMÓRIAS": A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE PARNAÍBA/PI NO FINAL DO SÉCULO XIX NA OBRA DE HUMBERTO DE CAMPOS

ALEXANDRE CÉSAR MENDES ARAÚJO | UESPI

A pesquisa que se segue tem como objetivo apresentar uma caracterização da cidade de Parnaíba - Piauí nos últimos anos do século XIX através da obra "Memórias" publicada em 1933 pelo maranhense Humberto de Campos, ocupante da cadeira número 20 da Academia Brasileira de Letras (1919-1934) que

retrata o período em que o escritor viveu na cidade do litoral piauiense (1894-1899) e em regiões próximas como os Morros da Mariana e a Praia da Pedra do Sal. A mudança para a região piauiense acontece após a morte de seu pai, onde juntamente com sua mãe e suas tias buscava melhores condições de sobrevivência. Na obra é possível observar o lugar que o espaço ocupava no seu imaginário sob a ótica da criança Humberto de Campos que é moldada a medida em que ele se insere no meio e passa a se familiarizar com a cidade, seus espaços, sua arquitetura e suas paisagens, ressaltando que esse processo é concomitante ao período de letramento e alfabetização do autor. O apanhado das memórias e o apanhado das situações descritas na obra nos proporcionam um observatório dos costumes, da organização social e da própria estrutura física da cidade que se modela através do ideário infantil do autor, onde a construção do espaço pelo homem é também a construção do homem pelo espaço em um processo simbiótico. "Memórias" ganha um lugar de destaque na obra de Humberto de Campos - composta ainda por crônicas e poesias - tornando-se uma referência historiográfica nos estudos sobre a cidade.

EURICO, O PRESBITERO NOS CURSOS DE LITERATURA DE CÔNEGO FERNANDES PINHEIRO E SOTERO DOS REIS: ENSINO DE LITERATURA, NACIONALIDADE E MEMÓRIA CULTURAL

LUÍS FERNANDO PORTELA | UFRGS

Este artigo propõe uma leitura da representação da obra Eurico, o presbítero, de Alexandre Herculano nas produções didáticas de história da literatura do Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (Curso Elementar de Literatura Nacional) e de Francisco Sotero dos Reis (Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira). Pretende-se fazer uma análise crítica dessa produção historiográfica como espaço de constituição de memória cultural e afirmação da nacionalidade literária em constante tensão com a herança cultural portuguesa no cenário das letras brasileiras do século XIX. Para tanto, o foco no discurso a respeito do romance de Alexandre Herculano por esses autores pode se tornar capaz de revelar certos aspectos implícitos ou incongruentes do projeto de construção de uma identidade cultural nacional inspirada pelo romantismo: tanto na forma de se representar essa obra contemporânea aos críticos, quanto em seu caráter histórico e épico como ponto de apoio para a distorção dessa representação e apropriação cultural de seu conteúdo. Uma vez que essas são produções de professores, voltadas especificamente para o ensino de literatura, busca-se traçar um panorama de sua inserção nesse âmbito, da consonância das propostas pedagógicas com a orientação crítica e historiográfica de seus cursos, além de uma visada às suas estratégias de ensino. Esta análise será sustentada por pesquisas historiográficas a respeito da leitura, do livro didático e do ensino de literatura no século XIX no Brasil, em trabalhos como os de Regina Zilberman e Marisa Lajolo sobre a formação da leitura no país (1996), bem como por contribuições teóricas acerca da formação do cânone literário e da memória cultural, com atenção às produções de Antonio Candido (2000) e Aleida Assmann (2011), respectivamente.

O ESPAÇO LITERÁRIO: REFLEXÕES

MARLI LOBO SILVA | PUC-GO

A literatura como qualquer outra manifestação artística acompanha as transformações culturais. Seu campo de abrangência é fértil e seu valor não é absoluto, assim, assume um caráter transgressor, cujo discurso reconstrói-se à medida que seu objeto de estudo, o texto literário, é lido e interpretado. Partimos do entendimento que a literatura presentifica essas manifestações de uma maneira muito específica, pois fornece elementos que possibilitam o entendimento da literatura, mesmo quando parte de realidades distintas em que ela "denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas" (CANDIDO, 2011, p. 177). O texto, ao se constituir em inúmeras possibilidades de investigação abrange uma série de discussões, daí sua movência em transitar em diversos contextos e ainda ser capaz de agregar o "diverso" e "excludente" como uma alternativa à realidade do dia-a-dia (GUMBRECHT, 1998, p. 111). Dessa forma, mais que agregar discursos, o texto literário reúne possibilidades de diálogos multiculturais, considerando que as tensões nele representado, podem ser visualizadas como uma forma de repensar seu espaço e o que a representação desse espaço

designa. Nesse sentido, o objetivo da proposta é refletir sobre as possibilidades de discursões do espaço literário, sejam elas estéticas ou político-sociais, que agregam o texto literário. Palavras-Chave: Literatura. Espaço. Texto Literário. Tensões literárias.

A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO NA OBRA CABEÇA A PRÊMIO, DE MARÇAL AQUINO

VALDENISE MARIA MENDES RIBEIRO | UESPI

O presente trabalho estuda os aspectos do Neorregionalismo Brasileiro, de Herasmo Brito, que significa novo regionalismo e passa a predominar desde a década de 60, onde ocorrem algumas mudanças, por exemplo, no regionalismo da década de 30 o espaço é rural, a mulher era submissa ao homem primitivo, só havia fome, miséria e seca, o que predominava era o localismo, tendo também características de memória, já no novo regionalismo o espaço se torna urbano e não estagnado, tendo também variadas perspectivas de espaço, como por exemplo, o espaço personagem, espaço memória, espaço lembrança e também o espaço subjetivo, a mulher passa a ter autonomia das suas atitudes e desejos, as obras possuem uma escrita engajada e com dilemas contemporâneos, é possível perceber que há diálogos entre o texto e o contexto, essas são algumas características do Neorregionalismo de 1960, que é uma nova tendência da Literatura brasileira. Tem como objetivo principal analisar o Espaço, e para isto foi escolhida a obra Cabeça a prêmio, de Marçal Aquino, para mostrar como o espaço é retratado nela, buscando uma visão contemporânea de espaço e assim apresentar as peculiaridades presentes dentro da obra. Por ser uma nova teoria, pretende-se que o futuro professor de literatura possa aprofundar seus conhecimentos através das reflexões feitas e se sentir instigado à leitura para assim despertar o interesse de seus futuros alunos, que com este estudo obtém opiniões formativas através das leituras dos escritores Neorregionalistas. A metodologia desta pesquisa é de cunho teórico e bibliográfico, que tem como base teórica os autores BRITO (2017), BRANDÃO (1964), CANDIDO (2000) e WATT (2010).

A PRODUÇÃO LITERÁRIA EM OURO PRETO: UM ESPAÇO DE CONTINUIDADES

FERNANDO SERAFIM DOS ANJOS | UFSCAR

O presente trabalho tem como premissa analisar como algumas ocorrências artísticas, principalmente ligadas à arquitetura à escrita literária deram à cidade mineira de Ouro Preto um notório caráter de continuidade. Esse traço se associa diretamente à ideia de manutenção daquilo que, muitas vezes, é considerado como elemento pertencente única e exclusivamente a momentos pregressos. A cidade de Ouro Preto é comumente associada a contextos anteriores, principalmente no tocante às temáticas atreladas ao período brasileiro conhecido como ciclo da mineração. Porém, a antiga Vila Rica não permaneceu ligada apenas ao seu passado. Uma série de elementos faz com que, nessa cidade, passado e presente estejam em constante confluência e, nesse sentido, a arquitetura e a literatura ali produzidas emergem e permanecem como ponto essencial de ligação entre períodos remotos e a contemporaneidade. Ouro Preto é permeada, ainda, por outras formas de arte, as quais também serão evidenciadas no trabalho em questão. Tendo como um dos pilares de sustentação teórica as análises propostas por Antonio Cândido na obra Formação da literatura brasileira – com destaque para o fato de que o teórico, não ao acaso, optou por iniciar tais estudos acerca da formação literária no Brasil a partir do Arcadismo, período no qual a produção literária despontava em algumas cidades mineiras –, o trabalho em voga busca evidenciar a ideia de que Ouro Preto, através da literatura e das construções arquitetônicas, constituiu-se como um local que não apenas observa, de maneira inerte, o seu próprio passado, mas que evidencia também a percepção de um tempo presente; uma Ouro Preto de continuidades.

"SUOR" E "SONHAR É POSSÍVEL?"

LEICE DAIANE DE ARAÚJO COSTA | UFBA

Mediante a observação do estado de consolidação dos processos de urbanização, modernização e industrialização que vivemos no Brasil, criou-se o desejo de analisar e problematizar os reflexos destes processos dentro de esferas marginais deste país, através de um recorte que possibilite uma análise

literária e sociológica interdisciplinar, com base em discussões acerca de concepções de representação dentro das ciências sociais e humanas, a partir de um estudo intertextual (KRISTEVA, 2012) entre as obras literárias "Suor", de Jorge Amado (1934), e "Sonhar é possível?", de Giselda Laporta Nicolelis (1984), que têm como cenários e personagens centrais ambientes de habitação coletiva (cortiços), os quais representam contextos de marginalização de parte da população brasileira em cortiços, em momentos históricos e espaços geográficos distintos, mas que denunciam a resignificação ou manutenção de modelos sociais excludentes. Na obra "Suor", encontramos um enredo que explora as condições sociais no Brasil republicano de início do século XX, conduzido pelo governo Vargas, no centro histórico da sua primeira capital, a cidade de Salvador. "Sonhar é possível?" traz uma abordagem sobre as condições de moradia de um grupo de inquilinos de um cortiço localizado no bairro do Bixiga (atual Bela Vista), situado no centro da cidade de São Paulo de final do século XX. Diante do exposto, tem-se como intuito realizar uma apresentação oral sobre a tese de doutorado que vem sendo desenvolvida no PPGLitCult aportada na proposta de pesquisa aqui sintetizada. Assim, o recorte aqui delimitado irá permitir uma leitura acerca de representações de habitações coletivas no curso da história do Brasil, ao longo do século XX, em duas das suas principais capitais: São Paulo e Salvador.

SOBRE OS PARTICIPANTES



CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Luis Alberto Brandão



É professor titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, onde atua na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. É pesquisador do CNPq e da FAPEMIG, e atualmente desenvolve o projeto *Espaços da Obra, Ficções do Espaço*. Também é líder do grupo de pesquisa *Espaços Literários e Transdisciplinares*. Ensaísta e ficcionista, publicou, entre outros, os livros **Teorias do espaço literário** (finalista do Prêmio Jabuti, na categoria "Teoria/crítica literária"), **Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional** (finalista do Prêmio Jabuti, na categoria "Teoria/crítica literária"), **Um olho de vidro: a narrativa de Sérgio Sant'Anna** (Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte, categoria ensaio) e **Sujeito, tempo e espaço ficcionais** (em parceria com Silvana Pêsoa de Oliveira).

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

Márcia Manir



Docente permanente dos Programas de *Mestrado em Letras* (linha de pesquisa: Estudos teóricos e críticos em literatura) e em *Cultura e sociedade* da Universidade Federal do Maranhão - UFMA (linha de pesquisa: Expressões e processos socioculturais). É líder do *Grupo de estudos de paisagem em literatura – GEPLIT* e vice-líder do *Grupo de pesquisa em estudos da paisagem nas literaturas de Língua portuguesa*. Márcia Manir tem uma vasta produção científica voltada para os seguintes temas: literatura e paisagem, literatura portuguesa e africana de língua portuguesa, cultura, identidade, memória e exílio. Entre outros volumes, é autora de **A representação do espaço e do poder em Mário de Carvalho** e organizadora do livro **Literatura e paisagem**.

Mesa 1 | POR UMA TEORIA DO ESPAÇO NA POESIA



Oziris Borges Filho - É professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM e docente do *Programa de Mestrado*

em *Estudos da Linguagem* da Universidade Federal de Goiás - UFG, campus de Catalão. É um dos líderes do *TOPUS – Grupo de pesquisa interinstitucional sobre espaço, literatura e outras artes*, cadastrado na plataforma do CNPq. Borges Filho tem ampla e reconhecida produção científica voltada para os estudos do espaço literário, sendo que os seus temas mais recorrentes são: espaço- tempo e literatura, cronotopo literário e literatura mediúnica. É assessor *ad hoc* da FAPESP e bolsista PET. Publicou o volume **Espaço e literatura**: introdução à toponálise, e - em parceria com Sidney Barbosa - organizou os volumes **Poéticas do espaço literário** e **Espaço, literatura e cinema**.

88



Sidney Barbosa - É professor de Literatura francesa no Departamento de teoria literária e literaturas - TEL da Universidade de Brasília - UnB. É um dos líderes, juntamente com Oziris Borges Filho, do *TOPUS – Grupo*

de pesquisa interinstitucional sobre espaço, literatura e outras artes. Também coordena, com a cooperação da professora Alessandra Matias Querido, o *Grupo de pesquisa LiterArtes*, consagrado ao estudo das relações entre literatura e outras artes. As pesquisas de Sidney Barbosa versam primordialmente sobre a relação da literatura com outras artes (fotografia, pintura, quadrinhos, música, arquitetura, teatro, dança e cinema), o romance afro-brasileiro, o romance europeu, o *nouveau roman*, o teatro do absurdo e a representação da natureza na literatura. Traduziu alguns livros solo e em parceria

com Álvaro Lorencini e foi o responsável pela tradução da **Antígona**, de Jean Anouilh (2009). É parecerista da FAPESP e membro do Conselho editorial de algumas

publicações acadêmicas. No ano de 2008, recebeu do Ministério da Educação da França a comenda da *Ordem Palmes Académiques*, no grau de Chevalier.



André Pinheiro - É professor da Universidade Federal do Piauí - UFPI, onde atua como docente e pesquisador no *Curso de graduação em Letras vernáculas* e no *Programa de Pós-Graduação em Letras*.

André Pinheiro é o criador e coordenador do *Núcleo de pesquisa em literatura contemporânea (NUPLIC)* da UFPI e líder do *Grupo de pesquisa em teorias do espaço ficcional*, que está cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPq. Desenvolve estudos na área de “Literaturas de Língua portuguesa” e “Teoria da Literatura”, sendo que o foco de suas investigações recai sobre a teoria do espaço e sobre a poesia brasileira contemporânea. Pinheiro tem uma produção científica primordialmente voltada para os seguintes temas: o espaço na poesia, o espaço como redução estrutural, teorias do espaço ficcional e lírica contemporânea.

Mesa 2 | ESPAÇO NOS CONFINS DE UMA LÍRICA ULTRAMARINA



Fernando Alexandre Lopes - É professor adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu, em que ocupa, no momento, o cargo de Diretor do *Departamento de Ciências da Linguagem* e ministra diversas unidades curriculares nos cursos de graduação e pós-graduação na área da Língua e Cultura Portuguesa. É membro de algumas Associações Científicas e de Unidades de Investigação em Portugal. Autor de

diversos ensaios científicos distribuídos em livros e revistas acadêmicas, as suas pesquisas giram majoritariamente em torno do seguintes temas:

literatura de expressão portuguesa, teatro, literatura para a infância e didática do português.



Marisa Gama-Khalil - É professora da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, onde atua no curso de *Graduação em Letras, no Programa de Pós-*

Graduação em Estudos literários e no Mestrado profissional em Letras. Gama-Khalil é pesquisadora de produtividade em pesquisa - CNPq e líder do Grupo de pesquisas em especialidades artísticas/CNPq. A professora também lidera o *GT da ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional.* Atualmente faz parte do núcleo de investigadores do *Centro de Literatura Portuguesa* da Universidade de Coimbra. Tem livros, artigos e capítulos de livro publicados, com ênfase nas reflexões sobre o espaço ficcional e sobre a narrativa fantástica, nas questões inerentes à literatura infantil e juvenil e ao letramento literário, bem como nas relações plausíveis entre Teoria Literária e Análise do Discurso.



Elisabete Barbosa - É professora e pesquisadora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Por ter

uma formação acadêmica na área de *Letras - Inglês e Literatura*, sua produção científica se volta com mais afinco para os seguintes temas: os processos de criação literária e a representação do espaço em obras de língua inglesa. Desenvolveu projetos de pesquisa sobre recursos de espacialidade na obra de Elizabeth Bishop, tais como: *A construção dos espaços na obra de Elizabeth Bishop: diálogos entre criação literária e as diversas territorializações* e *A poética dos espaços na obra de Elizabeth Bishop: um estudo da criação do signo literário a partir do manuscrito moderno.*

Mesa 3 | POESIA NOS ESPAÇOS ADJACENTES



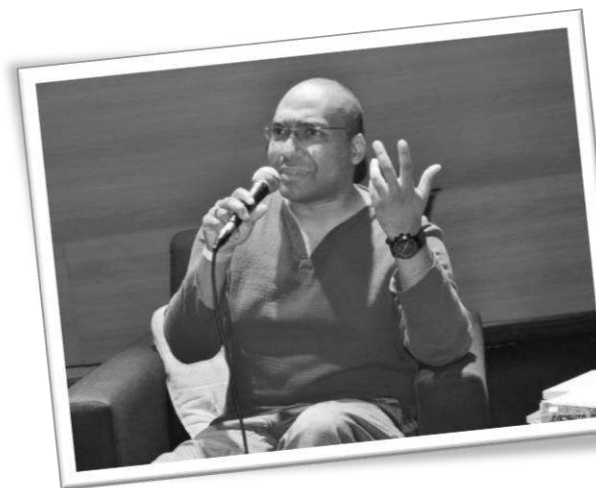
Silvana Pantoja - É professora do *Mestrado acadêmico em Letras* da Universidade Estadual do Piauí - UESPI e do *Curso de Graduação* e do *Mestrado em Letras* da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Silvana Pantoja desenvolve pesquisas no âmbito da relação entre literatura,

espaço e memória. Coordena o *Grupo de pesquisa interdisciplinar em literatura e linguagem - LITERLI*, da UEMA e também é membro do *Grupo de Pesquisa Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa*. Atua nas linhas de pesquisa sobre Literatura e suas interfaces com a Memória e o Espaço. As suas produções acadêmicas normalmente se voltam para os estudos da cidade na literatura. Silvana Pantoja é autora de **Literatura e memória entre os labirintos da cidade** e organizadora de uma série de volumes, como **Entre a face e o dorso: diálogos com a poética de Ferreira Gullar**, **Josué Montello entre memória, ficção e cultura** e **Literatura, subjetividade e memória: diálogos com a escrita de autoria feminina**.

91



Marli Furtado - É professora da Universidade Federal do Pará – UFPA. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, literatura infantil, Dalcídio Jurandir, literatura regional e ensino de literatura. Marli Furtado desenvolveu projetos de pesquisa voltados para a temática do espaço, tais como *A Amazônia em narrativas dentro e fora do cânone* e *Dalcídio Jurandir e o realismo socialista*. Dentre outros títulos, é autora de **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir** e organizadora de **Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias**.



Jorge Marques de Moraes - É professor efetivo do Colégio Militar do Rio de Janeiro e professor efetivo titular do Colégio Pedro II. Seu campo de pesquisa cobre diferentes aspectos da literatura brasileira, contudo, tem atuado com mais afinco nos seguintes temas: estudos de gênero, narratologia, topoanálise e música popular brasileira. Como crítico literário, é autor de **As lacunas do amor, personagens femininas: confinamentos, deslocamentos** e **Finas flores: mulheres letristas na canção brasileira**.

PROGRAMAÇÃO CULTURAL





voz + viola + sanfona

VAGNER RIBEIRO

VII JOEEL



26 DE JUNHO

VII JOEEL

CORAL DA UFPI





A MAGIA DO
CORDEL...

É NA VII JOEEL!



28 DE JUNHO

VII JOEEL

QUARTETO DE CORDAS
UFPI



VII JOEEL



A ARTE DO REPENTE



VII JOEEL

ORQUESTRA DA UFPI



27 DE JUNHO



Xilogravuras & Calcografias

YOLANDA CARVALHO

EXPRESSÃO | VII JOEEL



Entre o cosmo e o caos

Akemi Moraes
Alana Santos
Érico Ferry
Herbert Jr.
José Ailson
Malcom -|-|-|
Victor Martins

27 de junho às 16h
Hall 1 do CCHL

exposição
artística





Exposição de Maquetes

VII JOEEL | Curadoria: Ana Negreiros



VII JOEEL

CORPOVERSO

performance poética em libras



FOTOS













RESUMOS EXPANDIDOS



ESPAÇOS EM PERSPECTIVA NO CORDEL DE SALETE MARIA DA SILVA

Ana Célia Sousa de Oliveira¹ | Maria das Graças Meirelles Correia²

109

APRESENTAÇÃO

Salette Maria da Silva é uma cordelista brasileira que nasceu em São Paulo, atuou no Ceará e hoje reside e trabalha na Bahia. É pesquisadora, advogada popular e professora na Universidade Federal da Bahia (UFBA) – atuante no curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade. Suas obras contribuem para a ressignificação da literatura de cordel, ao apresentar esse gênero como um instrumento também educacional. Estrategicamente, não utiliza linguagem rebuscada, permitindo fácil compreensão do conteúdo para o público, principalmente jovem, pois termina por despertar consciência política e atenção para camadas populares subalternizadas por um sistema social excludente, auxiliando na transformação de mentalidades, muitas vezes, estagnadas pelo senso comum. Seus cordéis possuem temáticas múltiplas, mas com ênfase em questões de gênero, feminismo, direitos humanos e outros assuntos marginais periféricos. Mescla o uso da linguagem conotativa, com o discurso político. Para a análise da construção da obra literária de Salette, se faz necessário, assim, compreender a estruturação do discurso literário com vistas a alcançar a adesão do leitor para algumas causas.

Os elementos a opção da voz lírica, na composição da obra, é subverter concepção histórico-culturais que determinam lugares sociais que podem ser ocupados por mulheres, bem como as formas de violência a que são submetidas durante a passagem dos séculos. Assim, a plurissignificância da obra surge não com as palavras que foram usadas, mas sim na fundamentação que existe na escolha delas. Entende-se aqui que um dos principais propósitos que pode ser alcançado pela leitura dos cordéis de Salette Maria é permitir ao leitor repensar aspectos criados e reforçados pelo senso comum, no que tange aos espaços reservados à mulher, pois a autora incita-o a caminhar por entre os espaços apresentados na obra, fazendo-o enxergar, por outra perspectiva, como estes podem ser

¹ Estudante de Tecnologia da Informação no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Santo Amaro, integrante do projeto Oxé: literatura baiana contemporânea. E-mail: anaoliveirasousaz@gmail.com;

² Professora EBTT do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Santo Amaro, coordenadora de projeto Oxé: literatura baiana contemporânea. E-mail: maria.correia@ifba.edu.br

protagonizados por figuras femininas e resultar em desdobramentos sociais e políticos além dos ditames patriarcais.

OBJETIVOS

O presente artigo visa a analisar *topus* sociais fundamentados pela cordelista Salete Maria da Silva, no texto Lugar de Mulher (Vento Leste, 2009). Por intermédio desta construção literária, a autora referencia lugares que sugerem acomodar e sustentar discursos segregacionistas, tangenciais às relações de gênero. Ao relacionar “mulher” enquanto ser retratado não apenas biologicamente, mas construído socialmente, e “lugar”, como termo de significado plurívoco, que pode alcançar diversas esferas, o cordel revela uma multiplicidade de espaços – compreendidos como públicos, privados e transitórios – cujas delimitações culturais legitimam discursos de subalternização do gênero feminino. Portanto, ao sugerir, por meio do discurso artístico, que o “lugar de mulher é em todo lugar”, a autora o faz como estratégia pedagógica para que o leitor repense como relações sociais acontecem nos referidos espaços, oportunizando-lhe entender como se constroem esses *topus* e até onde tal conjuntura pode atuar na sociedade, potencializando estruturas sexistas, patriarcais e androcêntricas

METODOLOGIA

A participação no projeto Oxe: literatura baiana contemporânea permitiu conhecer as obras da autora que, apesar de não haver nascido na Bahia, reside no estado e tem realizado produções de cordel no Estado. Após a leitura de material – cordéis – físicos e outros disponíveis em meio virtual através do site <http://cordelirando.blogspot.com/>, foi selecionado um cordel, *Lugar de Mulher* (Vento Leste, 2009) que se adequasse mais especificadamente à análise do espaço literário. A partir da definição da obra, foram lidas obras teóricas ligadas à análise literária bem como os conceitos em torno do espaço literário.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

No cordel “Lugar de Mulher”, cada verso constitui uma síntese de pensamentos que discute o habitar e transitar do corpo feminino nos espaços.

Nesse contexto, buscando trazer reflexões de como a figura da mulher seria vista nos espaços, a voz lírica faz uso de várias referências tópicas para, por meio delas, aludir a *topus* sociais – sendo estes espaços físicos ou não, que possuem representações sociais que repercutem de forma direta na sociedade, como uma máxima do senso comum e ao mesmo tempo uma priorização da rima. Por isso, todo cordel gira em torno de uma nova perspectiva de mundo, a qual Salete trabalha a concepção de

macro e micro-história, que trazem, respectivamente, identificação de elementos culturais que sustentam o pensar, o fazer, o perceber e sentir do ser humano; e recortes específicos para uma compreensão mais profunda desses elementos. Cabe ressaltar que conseqüentemente, macro e microespaços também são abordados. Estes representam uma opção de análise do texto a partir da divisão da topografia literária, sendo o conceito apresentado Borges Filho (2008), que considera espacialidades macro – referentes a espaços maiores, polarizados em regiões ou países – e espacialidades micro – pequenos espaços que compõem a macro espacialidade e têm como base características de dois espaços: cenário e natureza, aos quais se ligam o ambiente, a paisagem e o território.

Para que o leitor não veja apenas o plano, mas entenda o espaço e sua profundidade, isto é, como esses espaços físicos implicam na condição da mulher – a autora apresenta sua perspectiva, por isso o “eu”. Nesse sentido, apresenta variados lugares que seriam constituídos por conjunturas sociais, podendo ser compreendidos aqui como elementos que instituem o “mundo”.

Assim, a construção do cordel se desdobra entre o estudo de três concepções de espaço: físico, social e transitório. O espaço físico pode ser entendido como lugares mencionados na obra – ambientes físicos, tanto públicos quanto privados. Já o social é entendido como construção sociocultural. Para tanto, toma-se as reflexões de Milton Santos (2007, p. 30) para quem “o espaço se converte numa gama de especulações de ordem econômica, ideológica, política, isoladamente ou em conjunto”. Por meio desta colocação, evoca-se a ideia de que o espaço que se habita ou transita pode ser constituído por discursos individuais ou coletivos que, mesmo sendo criados e justificados por conjunturas dubitáveis, respondem pela constituição de relações em uma sociedade. Tal conceito representa a concepção de que o espaço é também uma construção social. Já o espaço transitório pode ser discutido como o “não-lugar” apresentado por *Marc Augé (1994)*. Segundo o autor, o não-lugar é representado pelos espaços públicos de rápida circulação, como aeroportos, rodoviárias e meios de transporte. Este poderia ser definido como um espaço que não se pode compreender nem como identitário, nem como relacional, o que significaria dizer que nesses espaços as relações ocorridas são tão céleres e passageiras que se formam como espaços de socialização. Feitas essas colocações, torna-se possível caminhar no cordel, agora restando compreender o uso de cada signo e sua simbologia nos versos da obra.

O cordel se inicia trazendo o ideário de rompimento com o discurso do senso comum com o uso de um discurso metalinguístico. A primeira relação entre macro e micro-espaços apresentada é, respectivamente, expressa pela acepção dos termos “mundo” e “colher” – o que nos sugere a correlação do objeto “colher” com uma mulher, advindo da perspectiva em que ela é o mais feminino entre os talheres, uma vez que a faca e o garfo são objetos mais fálicos. O mundo aqui condiz ao discurso sexista e patriarcal do senso comum, a partir do qual a sociedade foi constituída e deveria ser

desconstituída por meio de uma “colher”, que simboliza o discurso artístico do cordel a ser usado pelo eu lírico para romper com essa estrutura.

Do ponto onde me encontro / Na janela dum sobrado/ Daqui donde me defronto/ Com meu presente e passado / Fico metendo a colher / Do meu 'lugar de mulher/ Neste mundo desgarrado

No primeiro verso da 2ª estrofe, o eu lírico apresenta a ideia de um ângulo obtuso – entre 90° e 180° – formado em um canto do que sugere ser uma gaveta. O uso de um termo geométrico nesse contexto contempla não só uma ideia de aprisionamento, mas também um espaço com um alcance pequeno, que pode se expandir; onde o afrouxar de um parafuso possibilitaria essa expansão. Sendo o parafuso o elemento que permitirá a saída daquele confinamento, ao arrancá-lo, torna possível desmanchar a estrutura que aprisionava uma “andorinha”.

Nesse contexto de simbologias, “ângulo” seria a perspectiva do eu lírico sobre onde as mulheres se encontram; “camarinha” ou “gaveta” seria o lugar limitado de fala, de participação. O ato de afrouxar o “parafuso” simboliza uma ação mínima, mas capaz de despertar pensamentos e liberar novas perspectivas de mundo que não condizem com situações de aprisionamento; libertando uma “andorinha”, liberta-se mais uma mulher das amarras sociais, e conseqüentemente, a estrutura – metaforicamente representando a estrutura patriarcal – se desmancha. Assim, com uma fechadura agora arrancada, permite a mais mulheres se encontrem nessa nova perspectiva, possibilitando que mulheres se libertem de uma vida limitada pelo discurso patriarcal determinador de padrões, os quais – por séculos – muitas mulheres acreditaram que deveriam seguir.

Do meu ângulo obtuso / Num canto da camarinha / Afrouxo um parafuso/ Liberto uma andorinha/ Desmancho uma estrutura / Arranco uma fechadura/ Desmonto uma ladainha.

“Ladainha”, no último verso, traduz a ideia de uma fala repetida, sem reflexão. Nesse caso, sugestivamente referência a história do mundo da primeira estrofe, afirmando que a história do lugar a ser ocupado por mulheres seja baseada em um discurso repetitivo, não racionalizado, contudo, para se sustentar secularmente.

Reza a história do mundo /Que mulher tem seu lugar/ É um discurso 'corcundo' /E prenhe de bla-bla-blá/ Eu que ando em toda parte/ Divulgo através da arte/ Outro modo de pensar:

O desmontar da “ladainha” também sugere o rompimento que o eu lírico quer propor desse “discurso corcundo” na 3ª estrofe. Os três últimos versos, “Eu que ando em toda parte/ divulgo através

da arte/ outro modo de pensar” sugerem a saída de um lugar pessoal, que nesse caso seria a sua concepção da estrutura patriarcal, onde o “divulgar” do seu discurso, refere-se ao romper e/ou interferir nessa estrutura social por meio do discurso artístico, que seria a literatura de cordel – aqui em função pedagógica.

*Lugar de mulher é quarto/ Sala, bodega e avião/ Lugar de mulher é mato /
Cidade, praia e sertão / Lugar de mulher é zona/ Do Estado do Arizona / À
Vitória de Santo Antão”*

A partir da 4ª estrofe, depois de demarcar as espacialidades no texto, a autora começa a trabalhar os espaços, usando-os para sustentar o discurso artístico, que se propõe emancipatório. Visto isso, pode-se observar menções tanto a espaços considerados socialmente adequados quanto aqueles considerados totalmente inadequados para as mulheres. Estes seriam, simbolicamente, espaços públicos mais agressivos e vulgarizados em oposição a espaços privados, considerados mais adequados, que reforçariam a ideia de limitação da mulher. As palavras “quarto” e “sala” sugerem lugares privados e remetem à estrutura domiciliar onde as mulheres são sempre induzidas a permanecerem; “cidade”, “praia” e “sertão” seriam espaços transitórios, os “não-lugares” onde a figura feminina também transita e pode ser suscetível a alguma prática de violência.

*Lugar de mulher é sauna / Capela, bonde, motel / Lugar de mulher é fauna /
Terreiro, campus, quartel / Lugar de mulher é casa / Seja na Faixa de Gaza /
Ou no Morro do Borel.*

O mesmo acontece em algumas estrofes seguintes. Na 11ª estrofe, por exemplo, as palavras “favela” e “gol”, podem ser discutidas como dois ambientes públicos considerados não adequados a mulher. A “favela” é tomada como ambiente hostil, onde mulheres que ali habitam, trabalham ou simplesmente transitam, são potenciais vítimas de violências sexuais, justificadas por estarem no lugar errado e na hora errada. O “gol” seria uma posição em que as mulheres costumam muito a chegar, visto que remete ao futebol que, dentre outros esportes, se constituiu hegemonicamente como de atuação masculina, tanto em esfera profissional como amadora, e que, em relação ao contexto recreativo, por muito tempo não participava das opções de lazer feminino.

Na 5ª estrofe, há a abordagem de espaços como “quartel”, “sauna”, “capela” e “motel”, seguidas – e outra antecedida – pela marcação da seguinte citação “lugar de mulher é fauna” – termo muito usado pelas ciências biológicas para representar a presença de um conjunto de seres vivos. O quartel, por exemplo, está atribuído a um ambiente de valentia, luta, coragem e força, destinado por

muitos anos apenas para os homens, por conta da brutalidade e aspereza que é considerada totalmente contrária a fragilidade feminina. Este abriga uma relutância histórica em abrir espaços para o público feminino, visto que mulheres não são consideradas física ou mentalmente aptas para o serviço. “Sauna” e “motel” são, ambos, espaços físicos mais íntimos, em que as mulheres estão mais vulneráveis e são retratadas de forma mais erotizada, estes dois lugares contrastam com “capela”, que é um ambiente santo, puro, evangelizado, que por muitos anos as mulheres foram direcionadas a estar para manter as aparências sociais, como figuras bondosas e piedosas, que não se deixam levar pelo desejo.

Lugar de mulher é cama/ Seresta, parque, novena/ Lugar de mulher é lama/ Escola,
laje, cinema
Lugar de mulher é ninho/ Dos becos do Pelourinho/ Às águas de Ipanema.

Seguindo para a 6ª estrofe, que mantém a mesma linha de questionamentos e contrastes acerca dos ambientes, destaca-se os versos que citam “Ipanema”, bairro da zona sul do município e estado do Rio de Janeiro, e o “Pelourinho”, bairro do município de Salvador, na Bahia. Visto que marcam uma linha social polarizada, que sugere pessoas pertencentes a duas esferas econômica-sociais diferentes. Esta discussão perpassa o contexto histórico de ambos os lugares e como podem interferir na vida das mulheres que os habitam. Os becos do pelourinho, por exemplo, são ambientes marginalizados, que carregaram por anos um cenário de muita pobreza e prostituição, enquanto que Ipanema é um dos bairros mais caros do Rio que engloba mulheres economicamente mais abastadas, com boas condições de vida, como é cantado em *Garota de Ipanema (1977)*, de Tom Jobim. Nesse sentido, entendemos que independente de onde as mulheres habitem, seja em qualquer um dos dois cenários sociais, devem ser respeitadas igualmente.

*Lugar de mulher é show/ Favela, brejo e poder/ Lugar de mulher é gol
Ringue, desfile e lazer/ Lugar de mulher é creche/ Das bandas de Marrakech /Às vilas do ABC”*

CONCLUSÃO

As manifestações verbais apresentadas na cordeliração de Salete Maria da Silva resultam de bases assentadas na teoria de gênero e de uma opção política. Desse modo, a autora alicerça a arte poética ao seu conhecimento jurídico e constitui um trabalho que evidencia que, não existiriam lugares permitidos ou interditados para as mulheres, mas sim que qualquer lugar é lugar de mulher estar. Para isso, Salete utiliza do cordel analisado no presente trabalho, como “revisitação histórica”, conduzindo seu discurso artístico com uma função emancipatória para a entidade feminina.

Desse modo, com o desejo de despertar a consciência da população para a discussão da temática feminina, aborda-se a ideia do “desmontar” e “romper” como principal marca do cordel, visto que em toda colocação da obra, Salete utiliza de referencialidades tópicas as quais, para o senso comum, não são reconhecidas como lugar de mulher. O objetivo é que haja a partir dessa nova perspectiva apresentada no seu discurso artístico, uma revisitação do leitor nesse senso comum que constitui a sociedade, para que ao perceber a estrutura desigual e subalternizada a qual as mulheres se encontram, ele entenda que a função do texto é interferir no senso comum, de forma a enfrentar o patriarcado, reforçando a ideia de que qualquer lugar é lugar de uma mulher estar.

REFERÊNCIAS:

- [1] CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*: – 30.ed. –Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.
- [2] SILVA, Salete Maria da. *Cordelirando: mulher também faz cordel*. Salvador: Vento Leste, 2012.
- [3] SANTOS, Milton. *Pensando o Espaço do Homem*. – 5. ed. – São Paulo: USP, 2007.
- [4] AUGÉ, Marc. *Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade* – Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- [5] FILHO, Oziris Borges. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Belo Horizonte: UFTM, 2008.

MEMÓRIAS: A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE PARNAÍBA/PI NO FINAL DO SÉCULO XIX NA OBRA DE HUMBERTO DE CAMPOS

Alexandre César Mendes Araújo



APRESENTAÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma caracterização da cidade piauiense de Parnaíba - Piauí nos últimos anos do século XIX através da obra "Memórias" publicada em 1933 pelo maranhense Humberto de Campos, ocupante da cadeira número 20 da Academia Brasileira de Letras (1919-1934) que retrata o período em que o escritor viveu na cidade do litoral piauiense (1894-1899) e em regiões próximas como os Morros da Mariana e a Praia da Pedra do Sal tendo lá se alfabetizado e iniciado os primeiros passos no ofício de tipógrafo em alguns jornais da época. A mudança para a região piauiense acontece após a morte de seu pai, onde juntamente com sua mãe e suas tias buscava melhores condições de sobrevivência.

Muitas das memórias do autor remontam aspectos da organização da sociedade parnaibana e sob duas óticas distintas, a do menino recém-chegado na cidade e a do escritor no final da vida registrando suas memórias. Isto posto, através de algumas passagens do livro intenta-se propor uma aproximação histórica do texto com o respectivo momento retratado como destaca CHARTIER

trata-se, portanto, de identificar histórica e morfológicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido. (CHARTIER, p.1)

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Deste modo, para dar sentido à construção do discurso do autor neste caso é fundamental conhecer o meio onde ele acontece e se transforma. Assim, o capítulo de número XVIII no qual reside a primeira menção a cidade de Parnaíba nos permite observar uma primeira impressão que o autor tem da cidade além de aspectos da infraestrutura da mesma:

As ruas eram largas e numerosas, mas de areia solta: dos seus seis sobrados, três se achavam em ruínas, desabitados, e entregues aos morcegos e às corujas; o comércio guardava o seu sortimento nas prateleiras, nada deixando fora do balcão. Não tinha gás, não tinha carruagens, não tinha bondes. (CAMPOS, 2009, p.84)

O autor ainda faz uma aproximação com a sua cidade natal a então Miritiba- MA, atual Humberto de Campos, “A impressão que Parnaíba me deu foi, em suma, a de uma Miritiba grande.” A cidade de Parnaíba apesar de possuir um território maior, se apresenta para o observador como menos desenvolvida dada a aparência de suas ruas, pelo sistema de tráfego e o funcionamento do comércio como também a disposição das moradias. O contraponto com o estado do Maranhão¹ é realizado a partir da transição econômica que o estado do Piauí faria apenas no século XX como destaca CIARLINI (2016):

Quando então o século XX se abriu, anunciando o crescimento econômico ao norte piauiense e, por consequência, a modernidade, comerciantes e industriais parnaibanos e estrangeiros que fixaram residência na cidade empreenderam “campanhas cívicas” de interesse ao município, que já àquele tempo ansiava por melhores estruturas para seu intercâmbio comercial com outros países. (CIARLINI, 2016, p.59)

A então chegada dos Campos no Piauí ocorre no ano de 1893, com o falecimento do pai a família se muda em busca de melhores condições de subsistência, o que pode soar contraditório tendo em vista a relação de desenvolvimento entre os dois estados, mas como destaca o autor a família após a perda do pai não pode se manter e foi forçada a migrar tendo ainda como ele próprio atribui a sua formação o impacto da mudança, não só física mas de posição social na nova cidade:

A NOSSA mudança de Miritiba, onde meu pai era tudo e não nos faltava nada, para Parnaíba, onde éramos nada e nos faltava tudo, começou a influir, muito cedo, na formação do meu caráter. Eu reconhecia intimamente a inferioridade da minha condição. No meio de primos que possuíam pai, e cujo pai os podia cercar do necessário e do supérfluo, doía-me o tratamento que me davam, quando era encontrado sozinho, e que se modificava um pouco na presença de minha mãe. (CAMPOS, 2009, p.100)

A caracterização das fronteiras sociais as quais o autor se encontrava imerso são indiciários também de uma operação que correlacionam educação e política como determinantes do futuro das

porções da sociedade parnaibana da época e também do regime de um dos principais fatores que contribuiu para a transição da cidade para um novo ciclo econômico a circulação de periódicos, vejamos, pois como se dá essa relação:

Havia, assim, entre os filhos do sr. James Clark e a maior parte dos meninos de Parnaíba uma escada com 25 degraus. E essa escada exercia em nossa educação e nos nossos destinos a influência, que Eliseu Réclus descobriu, e a que Joaquim Nabuco se refere, das quedas d'água na vida dos peixes. Essa escada era uma cachoeira que determinava a formação de duas faunas ictiológicas nas águas rolantes do mesmo rio". (CAMPOS, 2009, p.130)

Aqui o autor faz referência a uma das famílias que mais exerceu influência na cidade os Clark², nota-se aqui ainda que de forma poética que a divisão entre as diferentes classes existia de forma evidente materializada aqui na escada de um sobrado onde residiam os filhos de pessoas influentes como é o caso dos já mencionados Clark. Concomitante a isso, deve se destacar a movimentação de periódicos e o tipo de relacionamento que a cidade mantinha com a prática da leitura, para isto destacamos:

Em Parnaíba, assim como em outras cidades do país, os jornais eram escassos. Humberto de Campos relata tal carência na circulação de impressos nos fins do século XIX; segundo ele, estes eram publicados quando "se aproximava uma eleição federal, ou de governador, ou se previa uma cisão política em algum dos grupos tradicionais". Nesse período então "desempoeirava-se um dos dois prelos sexagenários que dormiam em algum recanto do armazém de couros, e surgia um quinzenário de quatro páginas quase apagadas (...)". Por conta disso, "os jornais surgiam e desapareciam, conforme as conveniências do momento". (SILVA, 2018, p.23)

A relação entre a publicação de periódicos e o comprometimento com a notícia é praticamente nulo, exceto pela ocasião de atender a necessidade de determinados nichos políticos, como podemos ver ainda em Memórias, o acesso à informação seja ela de jornalística ou literária era anêmico e o pouco que havia a disposição também se encontrava inacessível para a maior parcela da população:

Parnaíba não possuía bibliotecas nem, sequer, livrarias. [...] Dois ou três rapazes possuíam escondidamente as suas dezenas de volumes, mas não os emprestavam a ninguém. O gosto das letras era, em suma, tão clandestino como os amores dos

homens casados. Existia, mas secretamente. Ninguém falava dele. (CAMPOS, 2009, p.193)

Assim, como já mencionado o período em que Humberto de Campos residiu em Parnaíba consiste na sua fase de letramento, fato este que liga aos demais pontos a situação das escolas e outro aspecto importante para a acepção de espaço, a família.

FOI EM 1894, já nos últimos meses, que iniciei, em Parnaíba, a minha instrução primária. Não era tarde mas, também, não era cedo. Eu ia completar oito anos no mês seguinte, quando, em setembro, surgiu em mim o desejo de aprender. (CAMPOS, 2009, p.103)

Aqui o autor relata a idade tardia a qual teve iniciado seu estudo primário, conferindo a si entusiasmo para com a atividade, porém há que se observar que por mais inclinado ao aprendizado que fosse o mesmo, é na figura materna que encontramos a primeira figura de mestre. Exercendo a primeira de inúmeras operações transformadoras na vida do jovem Humberto:

À noite, enquanto meus tios e tias se achavam na novena, ficava eu, com a minha mãe, na sala de jantar, à claridade do lampião de querosene, curvado sobre o abecedário encardido, ou a cobrir com tinta os riscos, ou as letras, que ela fazia a lápis. (CAMPOS, 2009, p.103)

Dentro da nova configuração a qual se encontravam os Campos é notório que os seguintes fragmentos venham fazer inferência a preocupação da mãe que mesmo sem condições de colocar os filhos na escola os submetia o contato com a leitura e a escrita. Ainda no que se refere à intervenção da figura materna o autor destaca:

minha mãe submetia-me à prova de leituras e, à noite, à de caligrafia. Apenas, como meu avô ensinara minha mãe a escrever apoiando a mão sobre o dedo mínimo, entendia ela que a escrita não sairia certo sem essa particularidade. (CAMPOS, 2009, p.118)

Para além da falta de recursos e estrutura, os residentes da localidade tinham de lidar com outro fator, a distância, com destaque para as situações de enfermidade como é relatado em Memórias:

Foi aí, todavia, que me assaltou a enfermidade mais grave de que se ressentiu a minha infância. Eu devia ter uns dez anos. Foi uma febre, não sei se palustre ou tífica. Sei que foi tão alta, e tão persistente, que perdi os sentidos durante muitos dias. [...] Não havendo farmácia senão em Parnaíba, tinha-se que recorrer à reza e aos remédios caseiros. Minha mãe pegou-se com a Senhora das Candeias e recorreu ao chá de sabugueiro. (CAMPOS, 2009, p.141)

Ainda no tocante a tradição pode se perceber que a crença exercia por vezes o papel de substituto em se tratando de casos como o mencionado, além de por via desta, outra personificação da figura materna nos é revelada, onde na falta de um médico a mãe assumia esta posição recorrendo à medicina popular. Outra questão que se faz necessária para adentrar mais o fundo na caracterização da situação a qual se encontravam não só os campos mas a grande parcela das famílias pobres além das condições de moradia são as de subsistência.

CONCLUSÃO

Apesar da extensão das aéreas do comércio e os investimentos feitos no mesmo e a ideia de progresso que começa a se construir entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX como resultado do ingresso da cidade em um novo ciclo econômico, existe em contrapartida a situação de subsistência a qual os trabalhadores que operam muitas das ações ligadas diretamente com o fluxo comercial, como no caso em que os trabalhadores portuários se encontravam.

Deste modo como destaca SILVA (2018), “é preciso ao reconhecer a habilidade dos dominantes em usar do trabalho como ferramenta de purificação dos hábitos dos pobres; se por um lado havia os que viam na “coexistência da riqueza e da pobreza uma evidência dramática da injustiça social, um constante convite à inveja, descontentamento e dissensão”, outras “a consideravam um meio de melhoria social, e que os luxos dos ricos ofereciam emprego e sustendo aos pobres e assim a oportunidade de ‘melhorar’ (p.73)”.

No primeiro momento o autor compreende os costumes e o modo de agir daqueles homens estigmatizados, que escondem por detrás do ambiente rústico e agressivo uma das formas de aquelas pessoas dispunham para sentirem a mínima segurança ou dignidade, mesmo se encontrando na situação de marginalização. No segundo presenciamos a influência dos costumes, ou “valores” do meio onde Humberto de Campos encontrava-se inserido e a predominância quase inevitável desta mesma na formação do seu juízo de valor.

Isto posto, promove-se uma relação de disparidade entre as partes que relacionam-se como veículo de uma sociedade onde o mesmo advento adentra em esferas reais e de significância

completamente opositoras entre si, a revisitação às Memórias de Humberto de Campos podem servir como um dos pontos de partida para através da construção de um cronótopo entre estas duas faces do da mesma persona e da história aqui sob a ótica das transformações estruturais e do funcionamento de algumas instituições aspiram uma contraposição ao entendimento do progresso no período mencionado:

O apanhado das memórias e o apanhado das situações descritas na obra nos proporcionam um observatório dos costumes, da organização social e da própria estrutura física da cidade que se modela através do ideário infantil do autor, onde a construção do espaço pelo homem é também a construção do homem pelo espaço em um processo simbiótico:

MUITOS OBJETOS E UM CASAL: O LUGAR DA (DES)AFETIVIDADE NOS CONTOS *A CEIA E OS OBJETOS*, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Bruna Gabrielle de Sousa Rocha
Danilo de Oliveira Nascimento (orientador)

APRESENTAÇÃO

Os contos *Os objetos* e *A ceia*, escritos pela autora Lygia Fagundes Telles, encontram-se no livro intitulado *Antes do baile verde*, publicado pela editora Companhia das Letras, em 2009. Nessa edição mais recente, foram reunidos 18 contos, cujas temáticas entrelaçam-se, por revelar em sua essência as profundidades da afetividade humana.

A narrativa *Os objetos*, publicada pela primeira vez em 1970 pela Editora Bloch, descreve-nos a cena de um casal – Miguel e Lorena – que, enquanto conversam sobre a relação, sentados na sala do apartamento em que moram, inserem no discurso a percepção que têm de alguns objetos presentes nesse espaço: sobre a mesa de centro, especificamente. O conto *A ceia*, por sua vez, publicado no mesmo ano, apresenta-nos o reencontro de um ex-casal – Alice e Eduardo – em um restaurante pouco frequentado, onde os elementos cênicos da mesa escolhida por uma das personagens são responsáveis pela condução do enredo.

Essas duas narrativas foram escolhidas para compor o *corpus* deste trabalho, visto que se observou nelas – de modo similar – a enunciação enfática de alguns elementos cênicos (objetos) na descrição de seus espaços centrais. A partir dessa observação, foi possível inferir, a princípio, a construção da dicotomia aproximação/distanciamento entre as personagens, mediada pela relação espaço-personagem.

Nesse sentido, desenhada a hipótese, buscamos compreender as particularidades da construção dos espaços de ambos contos. Isso porque, do mesmo modo que é evidente a pluralidade de sentidos referente ao vocábulo espaço entre as múltiplas áreas de saberes, assim também é extensa e complexa a definição desse termo na perspectiva contemporânea dos estudos literários, como bem delineiam Claudia Barbieri (2009) e Borges Filho (2009, 2015), aporte teórico deste trabalho.

OBJETIVOS

Pretendeu-se nesse estudo analisar a função desempenhada pelos espaços nas narrativas *Os objetos* e *A ceia*, sobremaneira, pelos elementos cênicos que os compõem, acreditando que, por sua recorrência, eles são fundamentais e determinantes no desenvolvimento das ações das personagens.

METODOLOGIA

Uma vez que esta pesquisa é de natureza bibliográfica, buscamos, inicialmente, compreender o caráter multifacetado do vocábulo espaço, a partir de dicionários e enciclopédias de diversas áreas de saberes, como também a sua definição, sob o alicerce dos postulados da arquitetura espacial a partir da percepção sensorial, de Barbieri (2009) e Borges Filho (2009, 2015).

Ao considerar a hipótese inicial de que, semelhantemente, na construção espacial dos contos *A ceia* e *Os objetos* há a enunciação enfática de elementos cênicos que mantêm uma relação estreita com as personagens protagonistas, por estas os perceberem, foi necessário pensar, a priori, na seleção dos objetos predominantes em ambas narrativas.

Posto o desafio, optamos pelo processo de quantificação e registro das referências discursivas aos objetos. Para tanto, o primeiro passo foi realizar uma releitura dos contos, identificando todos os elementos cênicos. Posteriormente, foram circulados os termos lexicais, referentes aos objetos, e agrupados os pertencentes ao mesmo campo semântico.

Assim sendo, construímos, para cada conto, uma tabela com os termos lexicais condizentes aos objetos localizados e o respectivo número de vezes em que foram referenciados.

É relevante elucidar dois pontos fundamentais desse processo de categorização: foram alocados em um só bloco os elementos pertencentes ao mesmo campo semântico; e todos os termos referentes ao mesmo objeto foram registrados na tabela, com exceção dos pronomes relativos.

Assim sendo, na narrativa *Os objetos*, observou-se que os elementos cênicos enunciados com maior frequência – por ordem crescente – são: o colar, o peso de papel, o anjo e a adaga. No conto *A ceia*, por seu turno, os elementos cênicos frequentes, também em ordem crescente, são: o isqueiro, a toalha da mesa, a cesta de pão e o abajur.

Em sequência, dissertamos sobre a funcionalidade desses elementos cênicos, analisando-os qualitativamente e destacando os seus aspectos similares, no que se refere às projeções perceptivas das personagens sobre eles.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

No conto *Os objetos*, de Lygia Fagundes Telles, é possível perceber a presença de um narrador heterodiegético que já nas primeiras linhas descreve-nos, de imediato, o contato de uma das personagens com um elemento cênico: o *globo de vidro*.

Essa ambientação franca, embora inserida de forma breve, revela-nos, de antemão, a captação desse espaço pela personagem por seus dois gradientes sensoriais: a visão e o tato. A personagem, a princípio, percebe o objeto pelo olhar, para depois percebê-lo pelo contato físico, pelas mãos.

Por esse mesmo ângulo, sucede-se a primeira enunciação da caracterização física do globo de vidro, agora, mediada pela própria personagem, que associa a transparência do objeto às *bolhas de sabão*, nas quais, segundo ela, refletia uma certa janela, quando as soprava. A presença de verbos no tempo pretérito imperfeito (*tinha, soprava, era e brincava*), articulados a alguns elementos cênicos, denotam a evocação de um passado: a infância, especificamente.

Dada a recorrência do reflexo de uma janela nas bolhas sopradas pela personagem, infere-se que se trata bem mais que a reconstituição de um evento mental (a lembrança), refere-se à evocação de um espaço, cujos elementos cênicos contrastados são a *janela* e também o *canudo de mamoeiro*, os quais, semelhantes ao globo de vidro, mostra-nos, implicitamente, a proximidade afetiva da personagem por esse elemento, já que "*todo o espaço que se apresenta ou se reapresenta na obra literária está direta ou indiretamente ligado a personagens ou em fase dessa ligação, mesmo que o espaço seja somente imaginado pela personagem*" (BORGES Filho, 2015, p. 18).

Em outro momento, o globo de vidro, que no início da narrativa estreitava os laços de afetividade entre a personagem e o espaço, desconstrói-se pela nova percepção tida a partir desse elemento. Trata-se, portanto, do processo de metamorfoseamento desse objeto. Isso porque, agora, a personagem compara aquilo que antes era um globo de vidro a uma *bola de cristal*, que lhe revela o fim do relacionamento conjugal. Assim, os sentimentos de Miguel, expressos pela *voz pesada* e pela ação de suspirar *gravemente*, convergem-se com a percepção visual que ele possui desse mesmo elemento cênico.

À vista disso, pode-se afirmar que a novidade desse objeto surge em decorrência da sua reconstrução, em uma direção qualitativa/valorativa contrária a que se tinha anteriormente. Isso porque, a ambientação desse futuro, projetada após a presença da *fumaça*, que num primeiro momento impedia a personagem de enxergar tal projeção na então bola de cristal, é responsável por introduzir uma atmosfera densa ao conto. Isso porque, "*pode-se entender o conceito de atmosfera como uma sensação que permeia o texto narrativo, um tom emocional que se infiltra pelo enredo, pelas personagens e pelos espaços*" (BARBIERI, 2009, p. 108).

A presença de uma atmosfera tumultuada na narrativa constrói, nesse contexto, uma fronteira, responsável pela transição das sensações que, interiorizadas pela personagem, são motivadas pelo mesmo objeto. Quanto a isso, BORGES Filho (2009, p. 170) afirma que "*cada ser percebe diferentemente o mesmo espaço. Dois serem colocados no mesmo tempo no mesmo espaço terão opiniões diversas sobre ele*". Nessa lógica, no processo de delineamento das diferentes percepções sobre um mesmo espaço, pode-se pensar em sua divisão, a partir da construção de uma barreira ou obstáculo.

Na narrativa *Os objetos*, essa fronteira, construída pelas personagens, justifica-se, em grande medida, pelo embate dos elementos cênicos utilizados por Lorena, em relação à expectativa mantida por Miguel. Isso porque, a ação desenvolvida por ela, o manuseio de alguns artefatos artesanais (agulha, linha, contas), a fim de produzir um colar, serve-lhe de pretexto ocupacional, de modo que lhe seja possível desvencilhar constantemente das intenções comunicativas de seu parceiro.

Uma vez que a distância se estabelece entre as personagens, em vista da fronteira cristalizada durante a narrativa, Miguel explora – pelos sentidos – outro elemento cênico: a imagem de um anjo, responsável, em grande medida, pela elucidação de seus sentimentos. Isso porque, a personagem, quando questiona à companheira sobre as funções desse objeto, interpela-se também acerca da sua significação naquele espaço, uma vez que se vê, na relação, como os objetos inutilizados, por não ser afetivamente correspondida.

Por fim, a percepção repentina de um novo elemento cênico – a adaga – evoca um outro espaço: o antiquário, cujos elementos cênicos – a gravura e o caixão – reconstituídos minuciosamente por Miguel, explícita e implicitamente, aludem a duas cenas em que a temática morte encontra-se presente, articulando-se ao possível fechamento do conto, o suicídio dessa personagem, embora se trate de uma narrativa aberta.

No conto *A ceia*, as personagens encontram-se num restaurante, espaço imaginoso (co-referencial à realidade), enunciado por um narrador heterodiegético, que nas primeiras linhas destaca a presença de mesinhas cobertas por uma toalha xadrez e sobre cada uma delas um abajur de garrafa, cuja luz era pálida.

Aparentemente, o espaço cumpre na narrativa a função de contextualizar a cena desenvolvida entre as personagens, à medida que os elementos que o compõem são apresentados. No entanto, além de expor o espaço, o narrador mostra-nos, gradativamente, as primeiras ações das personagens quando chegam ao restaurante, sobremaneira, a percepção que a personagem Alice tem acerca do espaço, pois é possível inferir que ela possui preferência pela obscuridade, quando resolve escolher a mesa *menos favorecida pela iluminação*. Ademais, ainda que o abajur projete sobre a mesa um *pálido círculo de luz*, a mulher resolve apagá-lo, acentuando a escuridão do lugar escolhido.

No tocante às preferências das personagens quanto aos espaços, Borges Filho (2009, p. 174) afirma que: *"Da mesma forma que a preferência por determinados espaços pode revelar sentidos interessantíssimos na análise de uma obra ou conjunto de obras, a preferência por determinada cor será igualmente significativa"*.

Nesse sentido, podemos aproximar a preferência pela obscuridade – em oposição à claridade – à fixação por determinada cor, uma vez que, nesse caso, o ato de escolha pressupõe a exclusão de um elemento cênico: a luz.

De modo similar, essa mesma personagem que apaga o abajur explicita em seu discurso a percepção que possui de um elemento cênico trazido à cena: o isqueiro. Quando seu ex-companheiro – Eduardo – aproxima a chama desse objeto a sua face, enquanto acende o cigarro, a personagem expressa a sua aversão à claridade emitida.

Nesse contexto, verifica-se também na narrativa o jogo discursivo construído entre dois elementos cênicos fundamentais para o estabelecimento da dicotomia distanciamento/aproximação entre as personagens: a cesta de pão e a toalha de mesa.

Em determinado momento, Eduardo repara a existência de uma mancha de vinho na toalha da mesa e sente a necessidade de cobri-la com a cesta de pão, logo em seguida. Essa ação, enfatizada pelo verbo *arrastar*, induz-nos a pensar na pretensão da personagem: esconder algo, de modo que o espaço lhe pareça mais confortável. Nesse sentido, Borges Filho (2009, p. 1710) considera que *"um espaço que se mostra pouco acessível à visão é um espaço que aparece geralmente sob o signo do medo, da desconfiança"*.

Como se observa na narrativa, a personagem não concentra seu olhar em uma mancha de vinho qualquer, mas sim em uma *antiga mancha de vinho*. É possível dizer que o acréscimo do adjetivo *antiga* alude, por conseguinte, ao desentendimento que tiveram no passado, ou até mesmo ao último encontro de despedida, a que se referem constantemente na narrativa, em que a mulher quebrara um copo de vidro nas mãos, a ponto de se ferir.

Essa intenção torna-se mais nítida, a partir da observação da mudança expressiva da personagem, demarcada pela mesma interação que tivera com os elementos cênicos, opondo, contudo, a intenção, uma vez que Eduardo se desfaz da ação anterior, ao afastar a cesta de pão da mancha de vinho, tornando-a visível novamente.

O processo de metamorfoseamento desses elementos justifica-se pela instabilidade da ação da personagem sobre eles. Isso porque: *"Um mesmo local pode suscitar impressões diferentes no sujeito, pois existem n variáveis que podem influenciar nessa relação (...) Espaço e sujeito mudam constantemente, como mudam também o olhar, a perspectiva, a situação"* (BARBIERI, 2009, p. 122).

Portanto, observa-se que a personagem, tendo percepção do espaço a partir dos objetos fixados por ela, constrói fronteiras que acentuam a distância entre a expectativa da ex companheira

e a sua desconfiança em relação ao reencontro, delineando, assim, um paradoxo, que ora aproxima, ora afasta as personagens.

CONCLUSÃO

A topoi análise dos contos *Os objetos* e *A ceia* comprova a dinamicidade da construção de seus espaços, afastando-se, por isso, de uma valorização espacial passiva. Isso porque, nessas narrativas – sobre os elementos cênicos – são colocadas lentes de aumento, a partir das percepções sensoriais das personagens.

Nesse sentido, percebe-se que, embora existam os espaços macros – a sala do apartamento e o restaurante – as ações das personagens são determinadas por objetos que elas mesmas selecionam, o que transcende a mera representação espacial, uma vez que, a partir dessa escolha, as personagens arquitetam as suas ações, projetando as suas intenções.

Por conseguinte, além de validar o pressuposto de que os objetos estabelecem a relação dicotômica proximidade/distanciamento entre as personagens, observou-se que, em diferentes momentos, um mesmo objeto é redefinido significativamente a partir das percepções das personagens, revelando o seu caráter insólito.

REFERÊNCIAS:

- BARBIERI, Claudia. Arquitetura literária: sobre a composição do espaço narrativo. In_____. BARBOSA, Sidney; BORGES FILHO, Oziris (orgs.). **Poéticas do espaço literário**. São Carlos: Editora Claraluz, 2009.
- BORGES FILHO, Oziris. Espaço, percepção e literatura. In:_____. BARBOSA, Sidney; BORGES FILHO, Oziris. (orgs.). **Poéticas do espaço literário**. São Carlos: Editora Claraluz, 2009.
- _____. Afinal de contas, que espaço é esse?. In:_____. BORGES FILHO, Oziris ; COSTA LOPES, Ana; LOPES, Fernando Alexandre (orgs.). **Espaço e literatura: perspectivas**. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2015.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do baile verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GEOGRAFIA E GEOMETRICIDADE NA OBRA POÉTICA DE JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO

*Eloíse Gomes Santiago³
Maria das Graças Meirelles Correia⁴*



APRESENTAÇÃO

Para Eric Dardel (2011), o espaço geográfico define-se da seguinte forma:

[...] homogêneo, uniforme, neutro. Planície ou montanha, oceano ou selva equatorial, o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados. O relevo, o céu, a flora, a mão do homem dão a cada uma singularidade em seu aspecto. O espaço geográfico é único [...] (DARDEL, 2011, p. 2)

A partir desse conceito, é possível inferir que o espaço geográfico é tudo aquilo que pode ser construído e modificado pelas mãos do homem, sendo, portanto, o espaço uma dimensão particular e diferenciada. A relação do homem com o desenvolvimento da ciência geográfica se estreita a partir do século XIX, na construção da modernização do homem Ocidental. Oziris Borges Filho (2015) afirma que o espaço literário é pleno de articulações, apresentado por diversos detalhes e nuances que não iremos encontrar em outros espaços. É impregnado de axiologias, pois nenhum espaço literário apresentado no texto é neutro, todos são repletos de significados, que são ressignificados intensamente e de forma constante, pois os personagens vivem, agem e convivem naquele ambiente.

Alicerçando os conceitos de espaço geográfico e espaço literário apresentados pelos autores e comparando-os com as concepções de espaço geométrico, entendido aqui resultante de um processo intelectual de abstração de o espaço vazio, pronto para ser moldado em diversas combinações. Assim, podemos perceber tais aspectos presentes na obra poética de José Inácio Vieira de Melo e, para tanto, toma-se a análise de “Vingança”.

³Estudante de Técnico em Informática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Santo Amaro. Integrante do Projeto Oxe: literatura baiana contemporânea e-mail: elosantiago15@gmail.com;

⁴Professora EBTT do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Santo Amaro. Coordenadora do Oxe: literatura baiana contemporânea, e-mail: maria.correia@ifba.edu.br

OBJETIVOS

O presente artigo “Geografia e geometricidade na obra poética de José Inácio Vieira de Melo” visa a refletir sobre as espacialidades verificáveis no poema “Vingança”, dentro do capítulo *A Calçada dos meus quinze anos*, contido na obra *Roseiral* (Escrituras, 2010), do escritor alagoano radicado na Bahia, José Inácio Vieira de Melo. A partir da compreensão da ideia de espaço como continente de objetos materiais e imateriais, busca-se analisar a manifestação dos espaços interiores e exteriores que ocorrem no referido poema. Nesse sentido, além dos lugares evidentemente materializados no texto, observa-se a recorrência espacial remontada pelas reminiscências memorialísticas angustiantes do eu-lírico entrecortadas aos espaços exteriores, ressaltando, deste modo, um processo de intensificação do vazio, do abandono, do medo e, de certo modo, do rancor, do ódio e da necessidade de vingança a partir das respectivas reverberações vivenciais do próprio eu-poético.

METODOLOGIA

A realização da pesquisa foi possível pela participação no projeto de extensão Oxe: literatura baiana contemporânea cujo foco principal é a leitura, o estudo e a pesquisa de autores baianos. Por meio das ações propostas pelo projeto, houve o contato com as obras do autor José Inácio Vieira de Melo que foram lidas de modo a perceber um tema que se destacasse e pudesse ser estudado. Com a proposição do tema, geografia e geometricidade na obra poética de José Inácio Vieira de Melo, buscou-se identificar referenciais teóricos para o auxílio da construção da análise do poema.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

O poema *Vingança* aponta aspectos referentes à memória do eu-lírico que, trazidas por intermédio de elementos que remetem aos espaços geométricos e geográficos. A percepção desses espaços se torna possível pelo modo como os objetos são dispostos no ambiente do poema e pela posição em que o eu-lírico encontra-se. O título *Vingança* faz referência ao sentimento presente no cerne mais profundo do eu-lírico. O poema revela espaços exteriores e interiores, de certo modo, o sentimento de medo, ódio, vazio e vingança, evocados pela memória do eu-lírico, que procura entender os motivos do abandono.

O autor cria uma linha catártica dentro do poema, dividindo-o em dois momentos: no primeiro, o eu-lírico procura entender o olhar vazio, o medo de saber o que fazer, a sensação de não saber aonde ir, ou seja, o estar perdido; no segundo momento, são perceptíveis os sentimentos de ódio e de vingança que se processam no interior do eu-lírico.

O abandono experimentado pelo eu-lírico é o causador do sofrimento, materializado pelo sentimentos de medo e perda. Sente-se sozinho em meio à imensidão. Sem rumo e sem destino,

surgem o ódio e o medo. Então, por meio da imagem do machado, utilizado como símbolo de força e valentia, o eu-lírico evoca a ideia de justiça. O medo e o não saber causam, no garoto, um sentido de abandono e fraqueza. Os sentimentos negativos que marcam a existência do eu-lírico advêm de reminiscências memorialísticas angustiantes. A angústia apresentada pela referência à memória da infância pode ser explicada como sentimento que sobrevém, inicialmente, diante de um perigo extremo e ameaçador. Assim, a angústia é definida como um:

[...] mal-estar psíquico, mas também físico; uma sensação de aperto na região epigástrica, [...] com palpitações, palidez, impressão de que as pernas vacilam, dificuldade para respirar, em suma, a angústia afeta o corpo. (VANIÉR, 2006, p. 286)

Dentro dessa análise, pode ser percebida a manifestação dos espaços geométricos e geográficos, internos e externos. O posicionamento dos objetos dentro do texto remonta a um processo de visualização dos movimentos realizados pelo personagem. O machado possui como simbologia, em muitas culturas, força, poder, coragem e dignidade, sendo estes motivos principais para a escolha do objeto como forma de demonstrar proteção ao eu-lírico durante a primeira parte do poema. A aplicabilidade de o objeto machado no texto faz com que consigamos identificar a movimentação do personagem e do próprio objeto. O machado, simbolizando a justiça, será usado nas suas funções de corte com vistas a restaurar a justiça: o filho usará o machado do avô para partir o pai ao meio. Ambas as partes do pai podem remeter a ideia de hereditariedade uma vez que o pai contém em si a herança do avô e o legado a ser deixado para o filho. O avô vincula-se à afetividade e a reminiscência da memória da infância que se subordina à presença de representação paterna para o eu-lírico. Outro aspecto remetido ao sentido de memória e segurança é a presença do avô que está interligada com a lembrança do garoto. Assim, os elementos de hereditariedade estão intrinsecamente ligados, uma vez que não é qualquer machado, mas sim, o do seu avô, reforçando o poder contido no instrumento, que ativará a falta paterna.

Eu vou pegar o machado de meu avô para te partir ao meio.

Tu me abandonaste no meio do tempo

E eu ainda estou perdido no meio da mata da tua ignorância.

Eu sou fraco, muito fraco. Eu corri para todos os lados

com os olhos esbugalhados sem saber para onde ir,

porque eu tinha medo, eu tinha muito medo, eu morria de medo.

O *Tu* referido no texto pode ser atribuído ao pai. Nessa perspectiva, sua ausência na vida do eu-lírico promove um sentido de anomia, fazendo com que o garoto sinta-se sozinho e perdido em meio aos espaços concretizado no mundo. A falta de referência de como ativar tais espaços respondem pelo sentimento de angústia, experienciado pelo eu-lírico. Assim, o abandono ocasiona uma angústia que, conforme Vanier (2006, p.288) pode ser entendida como: “A angústia é um sinal no eu, ela adverte o sujeito de um perigo que é o desejo enigmático que envolve seu ser como objeto que pode ser, sem saber qual, para o desejo do Outro”. Essa angústia sobrevém de um perigo intenso e ameaçador. O vazio e o medo do garoto, o impossibilitam de conseguir enxergar uma esperança, um destino a seguir, aumentando o sentimento de abandono e insegurança.

É perceptível a presença de palavras que remetem a espaços externos e internos e possuem certa indefinição. Os “quatro cantos” retratados no poema referem-se a um espaço sem delimitações exatas, que nos remete a uma desreferencialização do próprio lugar. O eu-lírico mostra essas incertezas ao falar da impossibilidade de conseguir enxergar alternativas ao seu redor e um caminho a seguir; o medo o impede de avançar do ponto de partida. Esse medo apresenta-se como um sentimento que ocupa espaços internos e impede a ruptura com a própria consciência do medo. Porém, psicologicamente, o medo é um sentimento dialético: assim como coíbe o indivíduo, também o preserva. Segundo Dalgarrondo (2006),

O medo não é uma emoção patológica, mas algo universal dos animais superiores e do homem. O medo é um estado de progressiva insegurança e angústia, de impotência e invalidez crescentes, ante a impressão iminente de que sucederá algo que queríamos evitar e que progressivamente nos consideramos menos capazes de fazer. (DALGARRONDO, 2006, p. 109)

A indeterminação e incerteza estão referidas na “imensidão”, o eu-lírico se encontra perdido nesse ambiente. Sua incapacidade de enxergar as possibilidades causam um sentimento angustiante que o direciona a um imenso abandono. Essa incapacidade é propiciada pelo medo desse garoto que não consegue ir adiante.

Aí olhei pros quatro cantos e não enxerguei nada.
Eu não conseguia ver a imensidão,
apenas sentia um imenso abandono.

O sentimento de abandono, medo e fraqueza se transformam ao longo do texto. O eu-lírico se conduz para o desejo de vingança e de ódio com mais intensidade e essa pulsão de raiva se torna

ainda mais forte. Assim, o medo, por ser tão terrível e grandioso, causa uma transformação no personagem, de certa forma, torna-o mais forte. O medo vira agente transformador, de insegurança passa a ser fortaleza, de garoto passa a ser um homem em busca da vingança.

Eu vou me vestir de índio para tirar o teu escalpo,
e vou dançar ao redor da fogueira dos tempos,
e no caldeirão dos meus prazeres cozinharei tua carne morena,
e, na brasa das tempestades que gritam o meu desespero,
assarei tuas carnes e banqueteari os que alimentam tua ambição.

A “fogueira”, “brasa”, “caldeirão” e outros termos que se encontram no texto trazem uma ideia de fogo que pode ser relacionada à cultura indígena. Para alguns povos, o fogo traz a significância de poder e simbolizam a força de uma conquista. Deste modo, chega-se a um entendimento que a referência ao fogo traz uma superioridade do eu-lírico perante o seu *pai*, quem, supostamente, no começo do poema, o leitor se depara com a assiduidade do *Tu*.

O escalpo citado pelo autor faz referência ao ritual dos índios norte-americanos que arrancavam a cabeleira do crânio juntamente com a pele e a conservavam como troféu de guerras. O ritual foi introduzido pelos indígenas através dos mexicanos bandoleiros e por caçadores americanos que desejavam ganhar dinheiro com a morte desses índios, onde eram retirados os seus couros cabeludos. Com o tempo, os índios passaram a utilizar essa prática em forma de represália aos seus inimigos. Esse ato possui como significado a retirada da força e a ausência de poder, por meio da perda do cabelo.

Com base nesses significados, se torna possível perceber o ódio e a sede de vingança presentes no cerne do eu-lírico, que detém a necessidade de sacrificar e abandonar sentimentos de medo, fraqueza e insegurança. A carne é transformada em banquete e será ofertada aos porcos que alimentaram, de certa forma, a ambição e que trouxeram o sentimento de raiva para o eu-lírico. A personificação do porco tem dualidade em seu significado, ao mesmo tempo em que traz referência a sujeira e impureza, também carrega o status de riqueza e fartura. Percebe-se, então, que o pai remete a

Através da “fogueira dos tempos”, o eu-lírico consegue retirar e queimar essa carne fazendo alusão ao término de sofrimentos e angústias. Desse modo, o garoto que ao longo do texto se torna adulto, alcança a tão desejada Vingança com a morte do pai e a entrega da carne aos porcos. A referência ao tempo está presente em todo escopo do texto; o tempo se interliga com aspectos memorialísticos que perpassam o cerne do personagem. A figura do avô que remete ao espaço da infância consegue nos mostrar uma compreensão mais clara do passado do garoto.

Já podes sentir a justiça do machado do meu avô:

O teu sangue lava o focinho dos porcos.

A configuração e simbologia do machado perpassam o começo e o fim do texto. Além da referência à justiça pela presença do objeto, a imagem do avô traz também um sentido de segurança e posicionamento perante o vazio presente no eu-lírico. A figura do avô como entidade paterna se inter-relaciona com a ideia de proteção que esta relação pode conter.

CONCLUSÃO

A relação entre os espaços e o tempo atravessa o poema. Ambas as dimensões se entrelaçam com sentimentos angustiantes contidos no cerne do eu-lírico. O presente artigo discute, por intermédio da análise do poema, a visualização dos espaços que se encontram na obra poética de José Inácio Vieira de Melo.

Os espaços memorialísticos estão contidos na obra e perpassam todo poema, compondo o cerne do eu-lírico que traz sentimentos angustiantes, como vazio, medo e abandono. Na obra do autor José Inácio Vieira de Melo, esses sentimentos são essenciais para na estruturação tensiva do poema, já que funcionam como elementos catárticos. A desreferencialidade espacial é o que atormenta o personagem no decorrer de todo texto. Esses espaços não estão presentes apenas na obra *Vingança*, mas também em todo o capítulo onde está inserido, *A Calçada dos meus quinze anos*, em que autor trabalha com reminiscências memorialísticas angustiantes do próprio eu-poético.

Para tanto, os elementos presentes ajudam a compreender que o processo de vingança do garoto, transformado em homem, constitui a linha catártica do texto. Os sentimentos angustiantes que perpassam o poema se transformam por meio do fogo que limpa e queima todo medo e ódio.

REFERÊNCIAS:

- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FILHO, Oziris Borges. **AFINAL DE CONTAS, QUE ESPAÇO É ESSE?**. Belo Horizonte, Ribeirão Gráfica Editora, 2015.
- AZEVEDO, Tiago. **Diferenças entre sensação e sentimento**. 26 set. 2016. Disponível em: <https://psicoativo.com/2016/09/diferencas-entre-sensacao-e-sentimento.html>. Acesso em: 19 jun. 2019.
- VANIER, Alain. **Temos medo de quê?** Revista Ágora. Rio de Janeiro. v. IX n 2 jul/dez 2006.
- ALESSANDRA, Karla de Amorim D'Elía. **Uma abordagem psicológica sobre o medo**. 2013.
- MELO, José Inácio Vieira. **ROSEIRAL**. Escrituras: São Paulo, 2010

AO PÓ VOLTARÁS: ESPAÇOS LITERÁRIOS NA POÉTICA DE SANDRO PENELÚ

Evelyn Letícia de Pinho Santos⁵ | Maria das Graças Meirelles Correia⁶



APRESENTAÇÃO

A noção de Cosmos detém inúmeras definições, inicialmente sua etimologia pode ser atribuída ao grego antigo kósmos que, dentre várias traduções, destaca-se a palavra "harmonia". Nesta acepção, o cosmos é compreendido como algo harmonioso, opondo-se ao caos, que seria a falta de ordem, o estado da matéria anterior a sua organização, a irrealidade marcada pelo vazio. Em suma, o caos representa a desorganização absoluta; é a origem de tudo. Sem o caos, o cosmos não existiria.

Pitágoras, filósofo e matemático grego, foi o primeiro a estabelecer uma sinonímia entre os termos Cosmos e Universo. Entendia o Universo como agrupamento de ritmos, ordens, métodos e proporções do que era harmônico. Posteriormente, o Cosmos passou a ser definido como o universo em sua totalidade, desde o macrocosmo até o microcosmo, ou seja, galáxias, planetas, asteróides e toda e qualquer nano partícula que ocupam este espaço são o Universo. Na contemporaneidade, o astrofísico Carl Sagan, determina o Cosmos como: "tudo o que existiu, existe e existirá" (SAGAN, 1980, p. 16). Neste trabalho, verifica-se, assim, os espaços perpassados pelo eu lírico no poema Escalada, de Sandro Penelú, textualizados por figuras, cujas representações são elementos microscópicos que percorrem trajetórias de um macro espaço, no caso o interplanetário do sistema solar, para outros, o do próprio planeta Terra. Em função disso, o estudo baseia-se no conceito de espaço literário, proposto por Oziris Borges Filho (2015):

O espaço literário é impregnado de axiologias, nenhum lugar representado no texto literário é neutro, todos eles possuem significados, que são re-significados constantemente, pois, as personagens vivem/convivem nele e com ele. [...] Na

⁵ Estudante de Técnico em Informática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Santo Amaro, integrante do projeto Oxé: literatura baiana contemporânea . e-mail: evelynleticia2@gmail.com;

⁶ Professora EBTT do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Santo Amaro. e-mail: maria.correia@ifba.edu.br

Literatura, como no mundo real, espaço e personagens/pessoa não se mostram apartados um do outro, mas intimamente relacionados” (BORGES FILHO, 2015, p. 18-19).

Os cenários atravessados pelo eu-lírico fazem parte da sua transição de um espaço físico para outro, são antagônicos e contrapõem-se a ação utilizada como título do poema, que é um dos principais cerne deste estudo; o significante *Escalada* rememora ao estado de movência e Para auxiliar na compreensão das inter-relações entre macro espaços distintos, que se interligam pelo deslocamento de micro partículas constitutivas da vida na Terra, baseia-se no fato de que os lugares citados pelo sujeito lírico não são neutros e possuem novos significados, já que foram e serão, um por vez, habitados por ele.

O espaço é considerado inseparável do tempo: é o lugar das possibilidades (caos) e das realizações (cosmos). Ao longo da construção do poema, o eu-lírico refere-se a elementos presentes na realidade do leitor, para expor os locais percorridos durante sua trajetória do macro espaço do universo para o macro espaço do planeta Terra, remetendo ao conceito de espaço realista apontado por BORGES FILHO (2015), o sujeito lírico referencia tais espaços por meio dos termos “galáxia, Sol, nebulosa, meteoro”. Este espaço realista aproxima-se ao máximo do leitor, isto é, são lugares que estão presentes no meio que o cerca. Além disso, cita também lugares que não existem no mundo real e são inventados: “infinito dos infinitos, regiões onde os planetas fulguram e faíscas prateadas”. Tais termos remontam a outro conceito desenvolvido por BORGES FILHO (2015), o espaço imaginoso. Por serem lugares inventados, vindos da imaginação do eu lírico, não existe verossimilhança ao mundo real. Para refletir sobre como, no poema em análise, o eu-lírico explora os espaços cósmicos, na construção literária de micros e macros espaços que referenciam os lugares onde transita, considera-se os espaços presentes no universo e no planeta Terra.

OBJETIVOS

O presente artigo objetiva analisar como o espaço do Cosmos é representado na literatura. Para tanto, entende o espaço cósmico como o conjunto de tudo o que existe, desde a relação macrocosmo até o microcosmo. Então, a partir das teorias do astrofísico Carl Sagan, analisa o poema *Escalada*, da coletânea *Passos* (publicação independente, 2002), do escritor baiano Sandro Penelú. Verifica-se, assim, os espaços perpassados pelo eu lírico, apresentados por figuras, cujas representações são elementos microscópicos que percorrem trajetórias espaciais de um macro espaço, no caso o espaço interplanetário do sistema solar, para outros, o do próprio planeta Terra.

METODOLOGIA

A realização do estudo só foi possível pela participação no projeto de extensão Oxe:literatura baiana contemporânea cujo principal foco é a leitura, o estudo e a pesquisa de autores baianos. Por meio das ações do projeto, houve o contato com a literatura baiana contemporânea e com as obras de Sandro Penelú, que foram lidas de forma a perceber um tema que se destacasse e pudesse ser estudado.

Para a execução deste trabalho, foram lidas obras impressas e digitais do escritor baiano Sandro Penelú (disponíveis no perfil do Instagram; @sandropenelu) e selecionado um *corpus* do livro *Passos*, composto por 22 poemas. Na coletânea, e em outras obras, Penelú menciona o espaço cósmico e elementos presentes no universo, em diversos poemas. A partir das teorias do astrofísico Carl Sagan, analisa o poema *Escalada*, da coletânea *Passos* (publicação independente, 2002). Para empreender as análises foram lidos trabalhos teóricos sobre interpretação de textos literários bem como textos que baseassem as análises a partir da temática proposta. Foram realizadas reuniões de orientação – individual e em grupos – que permitiu sumarizar as ideias e propor a escrita do artigo.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Desde os primórdios da sua existência, o homem encontra-se imerso entre inúmeros questionamentos em relação a gênese: tanto da sua quanto do universo que o cerca. Essas questões remetem a um amplo e pretérito debate, no qual mitologia, filosofia, religião e ciência estão atrelados, buscando a idealização de diferentes concepções para respondê-las. O poema *Escalada*, remete a tais incertezas e ainda ao mistério que cerca a ocupação terrestre realizada pelo homem. O eu-lírico remonta à construção do trajeto percorrido, através de figuras, que estão presentes desde o seu lugar de origem até o lugar onde se adaptará e realizará a micro ocupação. No poema, tais cenários são representados pela ótica transcendental, baseando-se no fato do eu lírico ser capaz de ultrapassar um espaço a outro e, por conseguinte, readaptar-se a ponto de se transmutar de um elemento físico para uma condição cósmica em que se encontrava inicialmente

O percurso do eu-lírico pode ser dividido em dois cenários, que são constituídos por macro e micro espaços e remetem a relação macrocosmos (galáxia) e microcosmos (poeira). No poema estes espaço são o interplanetário, o sistema solar, – seu lugar de origem – e o espaço terrestre, – lugar onde se encontra após seu deslocamento e adaptação, sendo capaz de realizar ações possíveis sobre o espaço onde se encontra.

A trajetória do eu-lírico constrói-se, inicialmente, a partir do espaço físico da galáxia que, segundo SAGAN (1980), é a junção de gás, poeira e incalculáveis quantidades de estrelas. Este espaço galáctico aproxima-se da realidade do público, pois está presente na formação do universo que o

cerca, além de ser suscetível à imaginação, comprovando a veracidade deste espaço físico na realidade do leitor. No verso seguinte, a voz que norteia o poema revela aspectos sobre a localização da galáxia, como sua proximidade ao espaço físico do Sol, destacado em letra maiúscula, tornando possível a discussão e reflexão acerca do referido. No ponto de vista simbólico o *Sol* pode ser compreendido por múltiplas e variadas concepções. Para muitos povos, a figura do sol é uma manifestação divina ou o próprio deus. Além disso, o astro é considerado fecundador e, concomitante a isso, é aquele capaz de queimar e matar. No penúltimo verso da primeira estrofe, surge espaço *infinito dos infinitos* – imaginado pelo sujeito –, pois não é físico ou mensurável; este conceito remete à ideia de abismo, haja vista que não se sabe onde tal espaço se inicia ou termina, pois pode ser entendido apenas como um lugar vazio.

A utilização da expressão "vim" rememora um estado de movência, assim como o termo "escalada". Esta ideia de movimento está atrelado ao poema do início ao fim. O uso de macro espaços cósmicos na primeira estrofe: galáxia, Sol, infinito, planetas constroem uma perspectiva de progressão, visto que ela inicia-se com a utilização do espaço da galáxia e estende-se até o do infinito dos infinitos, conforme a estrofe abaixo:

Vim de uma galáxia
Muito aquém deste Sol
Vim do infinito dos infinitos

Na segunda estrofe pode-se observar que o poema, que iniciou-se com a ideia de macrocosmo, transfigurou-se para a do microcosmo, e do espaço realista para o imaginoso. Este processo de transição ocorre no momento em que o eu-lírico utiliza micro figuras, como a poeira germinante e faíscas prateadas, para colocar-se em espaços transitórios.

Das regiões onde os planetas fulguram
Vim da poeira germinante
De uma vasta nebulosa
Vim das faíscas prateadas
Da queda de um meteoro

No primeiro verso da última estrofe do poema, o eu-lírico finaliza o processo de transição do espaço físico interplanetário para o espaço terrestre, iniciando assim a micro ocupação de um território maior, enraizando-se e adaptando-se no espaço do solo; local de germinação e nascimento.

Vim para enraizar-me neste solo
 Beber destas águas
 Aquecer-me deste sol
 E brotar desta terra.

No verso seguinte, há a referência ao espaço físico da água que, simbolicamente, pode ser considerada o ponto de partida para o surgimento da vida – toda a vida vem da água –, fazendo com esteja ligada à figura materna. O ato de beber água remete a realização de movimento que está intimamente relacionado com a própria existência da vida. O espaço do sol aparece novamente, desta vez em letra minúscula, passando a ideia de distanciamento do espaço universal e a vivência no espaço da Terra. No verso inicial da última estrofe do poema, o ato de enraizar-se traz o sentido de inércia, visto que o eu-lírico não perpassará outros espaços, estando fixo na terra, por intermédio de suas raízes.

O último verso do poema remete e traz um entendimento do contexto do poema, pois o significado do termo “escalada” diz respeito a um processo de transição que envolve forças contrárias, visto que o ato de escalar é caracterizado pela ação de deslocar-se de um lugar baixo para um outro alto e esse processo nada mais é do que o ato de brotar, realizado pelo eu-lírico. Após o processo de brotamento, a semente deixará de permanecer abaixo do solo e florescerá indo para um ponto mais alto e tornar-se visível.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a micropartícula é a representação do homem e do seu surgimento na Terra, visto que este possui a capacidade de adaptação e impressão de ações no espaço terrestre. O espaço sideral percorrido pelo eu-lírico é dotado de organização e harmonia, ou seja, é o Cosmos. Todas as figuras constitutivas da trajetória realizada pelo eu-lírico possuem correlações, de sentido e constroem um gradação crescente que parte de um plano para outro. O eu-lírico e o universo estão interligados, haja vista que este – como homem e instância discursiva – está inserido neste espaço.

REFERÊNCIAS:

- SAGAN, Carl. *Cosmos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- FILHO, Oziris Borges. Afinal de contas, que espaço é esse. In: *Espaço e literatura: perspectivas*. Belo Horizonte, Ribeirão Gráfica Editora, 2015.
- PENELÚ, Sandro. *Cosmos*. Feira de Santana. 2002.

O ESPAÇO DA RODA E A RODA NO ESPAÇO DO SAMBA NA BAHIA

Gutiery Silva da Anunciação⁷ / Maria das Graças Meirelles Correia⁸



APRESENTAÇÃO

Ao pensar a cultura brasileira é importante destacar as condições históricas que possibilitaram a formação do país. O processo de colonização portuguesa na América baseou-se na mão de obra escrava e acarretou a diáspora Africana. Uma das primeiras regiões onde desembarcaram escravizados foi o recôncavo baiano, local de plantação de cana de açúcar, principal produto da economia colonial até século XVIII. O processo de escravidão significou a morte física e identitária para muitos povos. Todavia, frente a tantas perdas, a necessidade de sobrevivência produziu novas formas de reinventar e resistir, promovendo, assim, uma matriz cultural única no Recôncavo Baiano. Dessa reinvenção, surge o samba de roda cujas características são agregação de danças e ritmos demarcados por instrumentos percussivos ligados a regiões afro-brasileiras. Com o passar do tempo, acaba assumindo peculiaridades em cada região que se estabelece, em geral, utilizando instrumentos como cavaquinho, espécie de violão com som mais agudo que possuem quatro cordas e é originário do norte de Portugal; o pandeiro, criado no oriente médio, trazido pelos colonizadores e, em princípio, utilizado para manifestações religiosas; já o surdo, principal instrumento de marcação, é risonável por dá o ritmo binário típico do gênero. Independente das variações, o samba de roda tem por princípio o fato de a organização espacial entre os participantes ser delimitada pela roda, que baliza relações, limites físicos e simbólicos de entrada e saída do ritual servindo como uma espécie de portal. Assim, para compreender a representação do espaço físico e metafísico da roda de samba será empreendida, neste trabalho, análise das canções “Tira essa mulher da roda (feat Lenine)”, faixa nº7, do álbum Cidade e Rio (2007) de Roberto Mendes e “Roda Baiana” faixa nº3, presente no álbum Terreiros (2015), de Roque Ferreira. Ambas são compositores e cantores baianos, cujas respectivas obras se vinculam ao gênero musical samba de roda.

⁷ Estudante de Eletromecânica no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Santo Amaro, integrante do projeto Ox: literatura baiana contemporânea. E-mail gutiery.g7s@gmail.com;

⁸ Professora EBTT do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Santo Amaro, coordenadora de projeto Ox: literatura baiana contemporânea. E-mail: maria.correia@ifba.edu.br

OBJETIVOS

O presente artigo objetiva estudar a representação do espaço físico e metafísico da roda de samba nas composições *Tire essa mulher da roda* e *Roda baiana*, dos compositores baianos Roberto Mendes e Roque Ferreira. Ao analisar as composições, destaca o espaço da casa como lócus representativo da sociedade matriarcal africana, onde a mulher abre as portas do espaço físico para receber a festa e as portas do espaço espiritual para o diálogo com a ancestralidade.

METODOLOGIA

Para a composição do presente artigo foi proposta a audição dos álbuns *Cidade e Rio* (2007) de Roberto Mendes e *Terreiros* (2015), de Roque Ferreira com vistas a definir um eixo de investigação relacionado aos estudos do espaço literário. Com esta proposta, foi selecionado um *corpus* em que era possível analisar a presença da roda como espaço material e simbólico nas composições. Após leitura e análise de textos de teoria literária e análise poética, foram produzidos os primeiros esboços dos textos e, durante as sessões de orientação, foram realizadas discussões a fim de solidificar as análises.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A roda – enquanto forma de organização espacial – possibilita a inserção inconsciente de conceitos simbólicos passados de geração a geração. No curso desta transmissão, não podemos ignorar os valores ancestrais que levaram ao enraizamento deste paradigma criando pelo estabelecimento da própria roda. Assim, o samba de roda – enquanto expressão sociocultural e artística – é uma espécie de grande caldeirão que agrupa práticas culturais de todo tipo e de povos diferentes. Origina-se no Recôncavo Baiano e se caracteriza pela agregação de danças e ritmos centro-africanas da região Congo-Angola, tambores religiosos e do candomblé de ketu. Em sua gênese, o samba se potencializa na medida em que se transforma a cada vez que interage com uma nova forma de sentir e se expressar. Nesse sentido, a forma geométrica da roda representa, em seu simbolismo, o que o samba de roda representa: a criação contínua e a representação de ciclos de renovações.

No início da obra “*Tire essa mulher da roda*”, podemos constatar a importância da roda como elemento de interação de poder, na medida em que o eu-lírico demonstra uma espécie de incômodo com uma pessoa do gênero feminino que ocupa o espaço da roda de samba.

Tire essa mulher da roda meu deus
Que o samba não pode parar
Tire essa mulher da roda meu Deus

O espaço central de uma roda é, tradicionalmente, ocupado por aqueles que sambam a música que está sendo cantada e tocada. Todavia, há diferenças nos modos de ocupação deste local, a depender da variação do samba. A chula – variante predominante no recôncavo Baiano – só permite mulheres ocupando o centro da roda; uma delas de cada vez e somente quando os tocadores estão em solos musicais com seus instrumentos, não podendo haver a ocupação da roda quando se está cantando. Nesta modalidade, é estabelecida a obrigação da mulher de “correr a roda”, passando em frente de cada um dos tocadores. Tradicionalmente, por conta de valores morais da sociedade, por muito tempo, foi estabelecido que as mulheres não poderiam entrar na roda para se comportar de maneira muito sensual. Ao desobedecer esta regra, uma figura masculina próxima – pai, irmão ou marido, principalmente, interviria na dança e a tiraria da roda. Por meio dos versos, é possível assinalar que, ao solicitar intervenção divina para que a mulher fosse retirada da roda, o eu-lírico propõe uma maneira de exaltá-la pela sensualidade, localizando-a no plano do divino, sendo somente um ser supremo capaz de fazê-la parar.

Nesse trecho, o eu-lírico sinaliza o samba como espaço identitário do estado da Bahia, uma vez que a figura da baiana é imprescindível não só para a ocorrência como para a qualificação de uma roda de samba. A baiana é uma figura forjada a partir de formas de caracterização histórica e função social, as mulheres negras presentes principalmente nos centros urbanos do século XIX foram estereotipadas pelo jeito peculiar de se vestir com suas indumentárias, além das vestimentas, chamavam à atenção por estarem presente com tabuleiros recheados de iguarias da culinária afro brasileira. As vestes da baiana tradicional é a mesma utilizada pelas mulheres no terreiro de candomblé, a parte visual da baiana tem ligação direta com a cultura ioruba, grupo étnico-religioso que ocupava uma vasta região da África Ocidental. Para este grupo a roupa serve de expressão estética associada à lealdade, respeito e compromisso. Essa figura tem, por muitas vezes, além do papel de dançar, também o de servir todos que ali participam do evento com quitutes tradicionais da culinária da Bahia. A vestimenta é uma característica de quem ocupa a posição de sambadeira, saias compridas e pés descalços são um padrão a ser seguido.

Na sequência, a canção prossegue exaltando a importância dessa figura, acrescentando uma abordagem mais sedutora da situação. A baiana, por ter origens deste grupo de mulheres descendentes de África, carrega, além da sensualidade demonstrada na dança, uma carga de erotismo histórico. Por muito tempo, no Brasil, uma série de normas proibia o casamento entre raças, o que tornou a imagem da mulher negra para o homem branco algo inacessível e, ao mesmo tempo, mais desejado. O jeito exótico aos olhos do não baiano acaba por despertar uma sensação parecida em relação à baiana, isso é refletido na literatura e reforçado na música, como é o caso.

Bota a baiana no samba que eu já vou chegar
Se tem baiana na roda nem precisa me convidar
Na beira da fogueira baiana me acendeu
Caiu por cima de mim por cima dela oie eu.

No primeiro verso da segunda estrofe o eu-lírico chama à atenção de que o samba teria validade, de fato, com a presença de uma baiana na roda, sendo ela elemento indispensável para realização da atividade. Em sequência, condiciona a própria presença para integrar a roda à participação de uma baiana. Esta estrofe remete a uma prática popular que se caracteriza em ocasiões de festejos particulares em propriedades privadas, onde o anfitrião, por ocasião de uma festa social, logo se forma – no espaço interno da casa ou arredores na varanda, quintal ou laje – uma roda de samba. Por vezes, pode ocupar, inclusive, um espaço público, a rua, na porta de casa, por exemplo. Assim foram formados os festejos com samba de roda, quase sempre realizados após uma manifestação religiosa. Na casa do anfitrião, a comunidade reunida trata de iniciar a parte profana. Apesar de a festa ocorrer em propriedade particular, as portas da casa ficam abertas para acolher a sociedade. A roda passa a ser, portanto, o único elemento que demarca estar dentro ou fora do espaço físico e simbólico do festejo. O papel da mulher ganha muito mais importância quando consideramos que é responsável por abrir as portas da casa, acolhendo a comunidade, centralizando o processo religioso através de rezas e cantos que conduzem rituais litúrgicos ancestrais. É oferecido, na maioria das vezes após e durante esses rituais, alimento para quem esteja presente, podendo ser pratos elaborados ou simples. A escolha do prato também é simbólica e está ligada diretamente com o tipo de ritual e religião, sendo a mulher detentora do encargo do prepara da alimentação. A baiana tem importância na abertura do espaço físico e metafísico do samba de roda, por conta disso nenhuma colocação é mais justa do que a do eu-lírico, ao afirmar “só vou em samba de roda que tem baiana”, entendendo baiana como toda mulher participante dessa comunidade.

No terceiro e quarto verso da segunda estrofe é ressaltado, mais uma vez, uma relação metafórica entre o termo fogueira, que remete com facilidade ao campo semântico da palavra fogo, com a ideia de sensualidade. A metáfora é utilizada para sugerir excitação durante o galanteio entre o eu-lírico e a baiana. Segundo Milton Moura, a baianidade é um quadro de referências em modo de ser que esta pautada em três pilares: a religiosidade, a sensualidade e a familiaridade. O estereótipo construído de baiano conduz ao pensamento que para ser baiano é necessário agir de maneira pré determinada dentro da valorização destes três pilares. Sobretudo, a baiana não pode jamais deixar o pilar da sensualidade de lado, possuindo, no imaginário popular, a ideia de ser uma excelente parceira sexual disponível para dar prazer a todo o momento.

A quarta estrofe da canção Roda baiana continua a reproduzir o estereótipo da baiana.

A morena entrou na roda deixa a moça requebrar
Eu conheço uma baiana pela volta que ela da
Deixe as cadeiras buli, a barra da saia rodar
Deixe a morena mexer pra ver se é baiana.

No trecho, o destaque é para a ocupação do espaço e o comportamento dentro da roda. Neste espaço, é estabelecido o arquétipo construído historicamente pela tradição africana da dança da mulher na roda herdada pela baiana. A descrição dos movimentos fica destacada como a volta da baiana em “eu conheço uma baiana pela volta que ela da”. Este verso referencia o movimento de giro durante a dança das mulheres na roda. É interessante destacar a relação do movimento circular dentro da roda: o círculo – além de, simbolicamente, significar o retorno às formas da existência, também representa o desenvolvimento da relação entre a instância divina e o homem. No caso específico da roda de samba, podemos entender o círculo como uma forma de organizar e dispor uma conexão com a ancestralidade afro-brasileira.

Na segunda estrofe da composição “Tire essa mulher da Roda”, de Roque Ferreira, aparecem elementos do espaço físico que dialogam com a origem do samba, cuja responsabilidade recai sobre estratos populares da sociedade. No curso da história, entre as camadas populares, grupos sociais se reúnem em torno da fundação, organização e manutenção de grupos de samba de roda que, numa estrutura, por vezes familiar e religiosa, se renovam por gerações. Devido a esta origem popular, é muito comum nas composições de letras de samba serem destacados cenários em que ocorrem ações de trabalho. Nos sambas de compositores baianos, por exemplo, há referências, principalmente, a cenários envolvendo o mar/rio que até hoje significam para essas comunidades uma relação de dependência por se tratar do principal recurso de sustento tanto para a extração de alimento como do comércio de produtos para obtenção de fontes de renda. O samba de roda, ao se formar no Recôncavo Baiano, local de forte ligação com a Baía de Todos os Santos, agrega características únicas de suas comunidades, como elementos que – historicamente – remetem a saberes e fazeres da pesca artesanal. Estes valores e experiências, modulados a partir da geografia física do lugar. Tais características são determinantes nos modos de se fazer o samba.

Vou embora moro longe
Tenho filho pra criar
Se ela fica até Altas horas meu deus
Em casa não posso entrar
Quando sambo o mundo gira
Fico tonto a beira mar
As ondas vêm e me cobrem

Eu não quero me afogar
A maré sobe me leva perco o rumo de voltar

A primeira parte da estrofe reforça a ideia central do texto, a sensualidade da mulher. O eu-lírico alega ter responsabilidades, apesar de estar ali encantado com a mulher na roda, preocupa-se por estar na rua durante longo período. Este fato, sinalizado ficcionalmente na composição, tem verossimilhança com as práticas tradicionais no Recôncavo. Em geral, as festas em que há rodas de samba ocorrem no período da noite; como são sem limite de tempo para terminar, sendo, muitas vezes, finalizadas na manhã do dia seguinte. A segunda parte da estrofe apresenta elementos espaciais ricos em significados. As ondas e o mar representam simbolicamente um estado transitório de incerteza, relacionando-se diretamente com a tentativa de tomada de decisão do eu-lírico de ir para casa ou continuar no samba de roda. Porém, o mar representa ao mesmo tempo, o coração humano como lugar das paixões, sendo possível de compreender – pelo contexto da canção analisada relativo ao contexto socio-histórico de produção do gênero – também se relaciona com o estado emocional de encantamento pela mulher. O afogamento neste mar representaria a entrega ao estado emocional da paixão, o que pode fazê-lo optar em permanecer na festa, como expresso no último verso da estrofe, quando é citado “A maré sobe me leva perco o rumo de voltar”. Vale destacar ainda que a maré é, também, símbolo circular da dinâmica da vida, de idas e vindas, porém, como criação contínua, pois, sempre volta diferente. A quarta estrofe é marcada pela personificação, e interação de elementos da natureza com acontecimentos da roda.

Violão quebrou a corda só de ver ela sambar
Reco-reco ficou doido meu deus, pandeiro não quer parar
Essa mulher quando samba vira o tempo vira o vento,
A canoa não tem remo não tem porto pra chegar
Temporal virou o tempo o meu barco vai virar.

Na primeira parte dessa estrofe, temos a referência dos principais instrumentos musicais utilizados no gênero. O violão, reco-reco e pandeiro ganham vida dentro da música com caracterização de comportamentos humanos para dar ênfase ao poder da mulher que ocupa a roda. A sequência da estrofe utiliza também a personificação, só que agora acrescentando a interação com elementos da natureza. O vento é símbolo de inconstância e vaidade, assim, ao relacioná-lo com atitudes da ocupante da roda, o eu-lírico aponta características da personagem. Segundo o simbolismo hindu, o vento é considerado intermediário entre o céu e à terra, reforçando a ideia de interação entre divindades e sambistas no espaço metafísico da roda. A canoa aparece como meio de

transporte no sentido de ajudar a atravessar o mar, ou seja, é um meio para atravessar o estado transitório de incerteza, dando um rumo para se chegar a uma decisão, a um destino. Todavia, isto de fato não acontecerá, pois o temporal é força proveniente das ações da mulher que deixa o homem em estado de embriaguez, posto que agita os ânimos levando-o a não transpor um estado de ludicidade para um de racionalidade. Assim, durante todo o desenvolvimento da música, o eu-lírico tenta decidir-se e acaba por não obter êxito gerando, mais uma vez, a noção de circularidade e repetibilidade dos eventos.

CONCLUSÃO

Através das canções *Tire essa mulher da roda* e *Roda baiana*, respectivamente de Roque Ferreira e Roberto Mendes, podemos analisar elementos característicos do samba de roda, relacionando-os com as modificações sócio-históricas sofridas pelo gênero. Associando à organização espacial da forma geométrica da roda, é possível perceber o espaço da roda como símbolo de criação contínua, representando a solidificação do samba como manifestação por meio da agregação de elementos da cultura afro-brasileira. A Bahia como berço legítimo do samba imprime característica da baianidade em sensualidade, familiaridade e religiosidade para o gênero. Atualmente, após uma série de perseguições e repressões esquemáticas por ser uma manifestação cultural do povo negro, o samba se afirma como símbolo de identidade nacional. Porém devemos sempre lembrar das raízes que possibilitaram a resistência e desenvolvimento dessa manifestação e sobretudo nas terras onde essas estão fincadas. Nestes termos, o presente artigo entende a roda como espacialidade primeva que simboliza a criação e o contínuo retorno às mais variadas formas da existência, destacando como, no contexto nacional associa-se, como sinédoque, ao Estado da Bahia.

.REFERÊNCIAS:

MOURA, M. Carnaval e baianidade: arestas e curvas na coreografia de identidades no carnaval de Salvador. 2001. Tese (Doutorado), (UFBA), Salvador, 2001

CHEVALIER, Jean e GHERRBRANT, Alain . Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, número). Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

CASTRO, Gustavo: Mulheres do samba de roda. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=SuqgE24YQWl> (2017)

FERNANDES, Cláudio. Origem do Samba. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/origem-samba.htm> acesso em 14 de maio de 2019.

Samba de roda do recôncavo baiano. disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/worldheritage/intangible-cultural-heritage-list-brazil/samba-de-roda-do-reconcavo-baiano/> acesso em 14 de maio de 2019.

ESPAÇOS EM TRANSE: FLUXOS E IDENTIDADES NA OBRA DE EDERVAL FERNANDES

João Victor de Jesus Santos⁹ / Maria das Graças Meirelles Correia¹⁰

APRESENTAÇÃO

A compreensão do termo espaço é heterogênea entre as áreas do conhecimento, evidenciando, desse modo, seu caráter transdisciplinar. Na literatura, temos o conceito topoanálise – estudo do espaço na obra literária –, definido pelo filósofo francês Gaston Bachelard como “o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima” (BACHELARD, 1989, p. 28). Ampliando a linha de pensamento de Bachelard, Oziris Borges Filho (2010) concebe a topoanálise ultrapassando a compreensão psicológica da obra literária e abarcando abordagens sobre o espaço como interferências sociológicas, filosóficas, estruturais; não se restringindo à análise da vida íntima, mas também a vida social e todas as relações do espaço com o personagem, seja no âmbito cultural ou natural.

O conceito de espaço literário se constitui principalmente a partir da interação do narrador, eu-lírico ou personagem com elementos que referenciam espaços tópicos (referências a lugares reais e/ou imaginários) ou espaços psicológicos (apresentados por meio de lembranças e/ou recordações) no texto literário. Assim, de acordo com Paulo Astor Soethe, o espaço literário pode ser definido:

[...] como conjunto de referências discursivas, em determinado texto ficcional e estético, a locais, movimentos, objetos, corpos e superfícies, percebidos pelas personagens ou pelo narrador (de maneira efetiva ou imaginária) em seus elementos constitutivos (composição, grandeza, extensão, massa, textura, cor, contorno, peso, consistência), e às múltiplas relações que essas referências estabelecem entre si. Esse conjunto constitui o entorno da ação e das vivências das personagens no texto e surge sob a visão mediadora de um ou mais sujeitos perceptivos no interior da obra, que o apreendem (ou imaginam) e que elaboram

⁹Discente do 2º ano do Ensino Médio Integrado em Informática do Instituto Federal da Bahia – IFBA – campus Santo Amaro, integrante do Projeto Oxé: literatura baiana contemporânea, e-mail: joavbraullio@gmail.com;

¹⁰Docente EBTT do IFBA campus Santo Amaro, coordenadora do Projeto Oxé: literatura baiana contemporânea, e-mail: maria.correia@ifba.edu.br.

verbalmente o resultado da percepção (própria ou alheia, seja com recursos objetivos e descritivos, seja com formulações criativas, metafóricas e associativas). (SOETHE, 2007, p. 3)

A partir dessa definição, o espaço em uma obra literária está diretamente associado aos recursos discursivos utilizados para construí-lo. No que diz respeito a esses recursos, para construção deste presente trabalho, foram analisados, nos poemas “Três tristes tópicos” e “Saudades da Bahia”, a construção do espaço literário a partir de ironias e intertextualidades. Deste modo, busca-se evidenciar as trocas culturais e identitárias no fluxo migratório Brasil-Portugal e como o espaço da memória destes trânsitos é constituído discursivamente pelo eu-poético.

OBJETIVOS

O presente estudo objetiva analisar o espaço da memória construída pelo fluxo migratório na perspectiva das relações transatlânticas Portugal-Brasil-Portugal presentes nos poemas “Três tristes tópicos” e “Saudade da Bahia”, que integram a obra *Novas ofertas de emprego para Ederval Fernandes* (Boto-cor-rosa/paraLeLo13S, 2018), do poeta baiano Ederval Fernandes. A partir desse enquadramento, é passível a análise das trocas culturais abordadas pelo eu-poético nas conjunturas de colônia-metrópole e colonizador-colonizado, num espaço-tempo do passado; bem como as inter-relações entre ambos os países na contemporaneidade. Tais cenários se constituem fundamentados em ótica melancólica e trágica, baseados em sentimentos de não-pertença e saudosismo transcritos simbolicamente nos poemas a partir de ironias e intertextualidades. Nesse sentido, essas imagens são construídas diante de referências tanto brasileiras como ibéricas, trazendo elementos identitários edificados, – ao longo dos séculos – nesses processos transatlânticos. Por sua vez, mostra ainda como estes mesmos processos são geradores de matrizes identitárias

METODOLOGIA

Para a composição do presente artigo foi proposta a leitura de duas obras do autor com vistas a selecionar um *corpus* relacionado ao conceito de espaço literário. Assim, após leitura e análise prévia da obra *Novas ofertas de emprego para Ederval Fernandes* (Boto-cor-rosa/paraLeLo13S, 2018) foram selecionados os poemas “Três tristes tópicos” e “Saudade da Bahia” e definida o eixo de análise. Após isto, foram realizados encontros de orientação a partir dos quais se definiu o aporte teórico e discutidas as temáticas enunciadas nos poemas. Paralelo aos encontros de orientação, foi sendo elaborado, discutido e revisado o texto do artigo.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Em “Três tristes tópicos”, desde o título, verifica-se referências intertextuais e fônicas para construção da crítica sobre processos transatlânticos colônia-metrópole. Para além do título, referências tópicas de Feira de Santana são elencadas no poema fazendo alusão à colonização: apresenta tópicos da cidade por intermédio de lugares reais – Rua Aderbal Miranda e Conjunto Feira VI – e introduz elementos discursivos que apontam constatações do processo colonial português. A seguir, o texto:

Em Feira
podemos identificar
três grandes
formas de tristeza

A da rua
Aderbal Miranda.
A do conjunto
Feira VI.

E a tristeza portuguesa. (2018, p.47)

Primeiramente, o título referencia a obra de Claude Lévi-Strauss “Tristes Trópicos”. Neste livro datado de 1955, o antropólogo constrói, através de uma ótica melancólica, narrativa etnográfica sobre comunidades indígenas presentes no Brasil. Por esta perspectiva, Strauss mostra a vulnerabilidade a que o processo colonial relegou às comunidades, cuja perda identitária já era gritante nos anos 30. Além da intertextualidade, é possível também tecer reflexões a partir da composição fônica apresentada no título que constitui a figura sonora da aliteração. Os encontros consonantais nas palavras remetem a um trava-língua, indicando a questão linguística como fator preponderante nas relações transatlânticas. Desse modo, a ideia do trava-língua – jogo verbal cujos versos ou frases são formados por sílabas de mesmos sons e, portanto, difíceis de pronunciar – no contexto da obra remete ao desafio da linguagem e do entendimento nos processos migratórios.

Ao analisar os espaços tópicos apresentado pelo poema, observa-se que o pano de fundo das três grandes tristezas presentes em bairros representativos da cidade onde se pode notar algum tipo de influência portuguesa, visto que os locais apresentados possuem correspondências com instituições implementadas durante o processo colonial. A primeira modalidade de tristeza apresentada pelo poema é de caráter tópico e se refere a um espaço realista, definido por Oziris como o que “semelha-se à realidade cotidiana da vida real” (2008, p.3), a “rua Aderbal Miranda” cujo nome é Rua Monsenhor Aderbal Miranda. O título de Monsenhor remete a uma titulação eclesiástica

fornecida pelo Papa a padres que se destacam no serviço da Igreja Católica, trazida para o Brasil, a partir da colonização portuguesa. A Igreja Católica teve como função principal durante aquele período a catequização forçada dos povos que aqui habitavam. Deste modo, o discurso construído pela Igreja Católica através do domínio da evangelização é apresentado como um dos causadores de tristeza. A partir da catequese, a noção de pecado foi introduzida para submeter às populações ao conjunto de valores europeus.

Por sua vez, a segunda diz respeito ao Conjunto Feira VI, conjunto habitacional da cidade de Feira de Santana. Este bairro localiza-se geograficamente ao lado da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Com base nessa informação, analisa-se que a causa da experiência de tristeza nesse espaço fundamenta-se em a inserção da universidade como instituição cujos conhecimentos produzidos são creditados como superiores aos demais, sobretudo aos empíricos que sustentavam os nativos colonizados.

Por conta da vinda da família real para o Brasil, elementos que constituíam as experiências europeias foram considerados fundamentais para a estadia da corte no Brasil. A partir de 1808, o Brasil, tornando-se Reino Unido de Portugal e Algarves, deixou de ser reconhecido como “espaço selvagem”, visto que seriam construídos subsídios da civilização ibérica para promover uma vivência harmoniosa aos colonizadores. Sendo assim, a inserção da universidade teve caráter imprescindível para que o ideal de civilização presente na metrópole se perpetuasse pelo reino, podendo ser classificado, destarte, como uma nova espécie de catequização. O discurso científico, assim como o religioso, configura-se como *modus operandi* da dominação europeia sobre os países colonizados.

Por fim, a última forma de tristeza apontada pelo eu-poético é a “tristeza portuguesa”. Essa última apresenta-se como a melancolia presente nos indivíduos enviados de Portugal para o Brasil. Nesse sentido, destaca-se o sentido de não-pertencimento presente na última estrofe. À vista disso, é útil ressaltar as considerações da escritora Lídia Jorge (2009, p.19): “Cada cidadão é um ser complexo e nele se fundem vários sentidos de pertença”.

Nesse contexto, os sentimentos de não-pertença e saudosismos são expressidos com mais ênfase no poema “Saudades da Bahia”, que aponta referências brasileiras, trazendo à tona elementos identitários construídos por meio de trocas transatlânticas. A seguir, um fragmento do poema:

Porque lá os nativos
dançam e cantam
o samba.

E de camisa aberta
e certa calça

americana,

sempre rindo

e sempre

Gabriela

trepas no telhado.

E eu agora

errante,

errado,

onde trepo? (2018, p.41)

A referência intertextual se materializa através do advérbio “lá”, presente na primeira estrofe, apresentando-se como elo da relação entre o espaço tópico e o espaço tempo. Partindo dela, percebe-se a intertextualidade com o poema “Canção do Exílio”, do poeta romântico brasileiro Gonçalves Dias. No fim da primeira estrofe, Dias retrata o Brasil da seguinte maneira: “*As aves que aqui gorjeiam, / Não gorjeiam como lá*”. Os sentidos dos advérbios “aqui” e “lá”, nesse contexto, são construídos a partir de dêixis, propriedade linguística do discurso que permite a cada situação comunicativa que os interlocutores marcam suas posições na fala por meio de marcas de interlocução, do tempo e o espaço de enunciação, da indicação de objetos, entidades e processos constitutivos do contexto situacional e a referenciação de signos utilizados no discurso. Nesse sentido, “aqui” (Portugal) e lá (Brasil) visto que Gonçalves Dias escreve esse poema durante os estudos na faculdade de Direito de Coimbra, em 1843.

Em seguida, o poema volta a fazer uso de referências brasileiras para evidenciar o sentimento de saudade e não-pertença. O nome “Gabriela” remete à obra “Gabriela Cravo e Canela” do modernista Jorge Amado. O sentido em que eu-poético traz Gabriela subindo no telhado reflete o anseio em alcançar uma nova condição de vida. “*E eu agora / errante, / errado, / onde trepo?*”, nessa estrofe. Há ainda intertextualidade com a música de Caetano Veloso “Terra”, visto que a utilização da palavra “errante” é abordada oito vezes na música. Nela, o compositor também retrata um sentimento de saudade pela Bahia, reforçando a ideia temática que aproximam os textos.

"O errante navegante/ Quem jamais te esqueceria?... / Nas sacadas dos sobrados / Da velha são Salvador / Há lembranças de donzelas / Do tempo do Imperador / Tudo, tudo na Bahia/ Faz a gente querer bem/ A Bahia tem um jeito..."

Na estrofe em análise, é perceptível um marcante sentimento de não-pertença, visto que, a partir das intertextualidades, o eu-poético encontra-se longe de casa e, nesse momento, aborda o espaço tópico da Bahia como referência, corroborando, assim, para a reedição dos espaços a partir dos fluxos migratórios presente no poema.

Por fim, na última estrofe, é demonstrado o resultado desses fluxos por intermédio de uma ótica trágica. A seguir, a última estrofe:

E na gaveta,
dormindo
sob contas e poemas,
o revólver aguarda.(2018, p.43)

A partir do micro-espaço "gaveta", tem-se que as "contas" e os "poemas" engavetados configuram-se, simbolicamente, em fracasso financeiro. O eu-poético apresenta o processo de saudosismo como peça chave da construção memorial do espaço da memória de sua terra natal.

CONCLUSÃO

A partir da leitura dos textos, é perceptível a construção do espaço da memória se dá a partir dos usos de linguagem no discurso poético de Ederval Fernandes. Nesse sentido, os trânsitos reeditados são transcritos através de ironias e intertextualidades para que o leitor, sobretudo falantes da língua portuguesa, se identifiquem a partir dos ambientes referenciados. Para tanto, em ambos os poemas é apresentado elementos que se relacionam com a influência ibérica durante o processo colonial do Brasil.

Em "Três tristes tópicos", o autor evoca espaços tópicos da cidade de Feira de Santana-Ba apontando, em teor irônico, as interferências portuguesas na constituição do discurso de uma elite brasileira, utilizando-o como ferramentas de crítica ao processo colonial. Já em "Saudade do Bahia" o autor, a partir de intertextualidades brasileiras, evidencia as condições do eu-poético em busca de elementos identitários sendo estes reconfigurados pelo curso da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS:

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

FERNANDES, Ederval. **Novas Ofertas de Emprego para Ederval Fernandes**. Salvador: ParaLeLo13S, 2018.

FILHO, Ozíris Borges. **Espaço e literatura: introdução à toponálise**. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), 2008.

FILHO, Ozíris Borges. **Afinal de contas, que espaço é esse**. 2015.

JORGE, Lúcia. **Contrato Sentimental**. Portugal: Sextante, 2009.

SOETHE, Paulo Astor. **Espaço literário, percepção e perspectiva**. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, Paraná, 2007.

RONCARI, Luiz. Tristes trópicos / Trópicos tristes: o olhar de fora. **Teresa**, São Publico, 2015.

INTERSECÇÕES ENTRE OS PROCEDIMENTOS DIEGÉTICOS DE NATALIA GINZBURG E DE CARLO GINZBURG: princípios basilares para uma micro-história literária

Jucelino de Sales

APRESENTAÇÃO

Essa investigação vincula-se ao projeto de pesquisa, *De conto em conto, a micro-história: narrativa literária e produção historiográfica no epicentro da substância fictícia e o elemento de convergência discursiva*, que coordeno na UEG – câmpus Formosa. Uma de suas finalidades, advinda duma crítica genealógica (FOUCAULT, 1996), é relacionar alguns trabalhos literários de Natalia Ginzburg com alguns trabalhos historiográficos de Carlo Ginzburg, seu filho, a partir dos procedimentos diegéticos que ambos os autores exercem em suas práticas narrativas.

Esse historiador, partindo do que denominou de paradigma indiciário, estabeleceu, junto com Giovanni Levi (1992), os fundamentos do método historiográfico da micro-história, que consiste na redução da escala para análise histórica de grandes proporções sob o crivo detido em torno de pessoas comuns, famílias, pequenas comunidades etc. Uma das hipóteses do projeto nos leva a considerar que parece existir uma estreita ligação entre os procedimentos diegéticos de Natalia no trabalho de elaboração de suas obras fictícias, e as estratégias narrativas de Carlo na construção do argumento histórico.

As obras de Natalia, geralmente se enredam num espaço reduzido, o espaço micro-familiar, e a partir desse *topos* lastreiam a dimensão histórica de uma época, isto é, suas personagens desvelam as angústias e inquietações presentes na mentalidade de dado período, como é o caso de *A família Manzoni*, *Caro Michele* e *Léxico familiar*.

Propõe-se discutir essa especificidade espacial nessas três obras da autora com base na micro-história, pois esse método não refuta a natureza fictícia da fonte, mas propõe a costura historiográfica a partir do elemento construtivo, extraíndo a história possível do acervo documental.

Além disso, propõe-se discutir o termo *micro-história literária* que nos parece se projetar como uma inovação na formulação de seu conceito, enquanto um modelo a ser praticado em torno da evidência literária disposta na fonte documental cuja dimensão espacial do enredo é estreitamente reduzida.

OBJETIVOS

Refletir sobre a micro-história, no contexto da redução da escala espacial em obras de Natalia Ginzburg a partir da visada teórica de Carlo Ginzburg;

Compreender a significância que ambos os autores, a escritora Natalia e seu filho, o historiador Carlo, auferem à espacialidade;

Ponderar a respeito de uma visada teórica estabelecida a partir de uma micro-história literária.

METODOLOGIA

No foro analítico, o arranjo teórico se comprimiu numa articulação a partir do material interpretado para operar a análise, que objetivou a compreensão do objeto simbólico na sua produção de sentidos cuja efetividade acontece na consumação das obras literárias. Tratou-se de rastrear pela remontagem de um paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) o lastro formal que no espaço de transição entre o discurso literário e o discurso histórico entrelaça uma e outra forma num equivalente arremedo de condições aproximadas.

A prática investigativa que na historiografia da história surgiu com o nome de micro-história, lançou suas bases metodológicas no segundo quartel do século XX, fundada pelos historiadores italianos Giovanni Levi e Carlo Ginzburg. O método, em detrimento de seu caráter condensado, exige um trabalho heurístico minucioso na exumação do manuscrito, conforme Giovanni Levi pontua: “a micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (LEVI, 1992, p. 36).

O historiador Carlo Ginzburg deteve-se nesse aspecto relacionado aos rastros indiciais, baseado no método indiciário do historiador da arte, o italiano Giovanni Morelli, que considerava que não se deve basear nas características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, “pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos, das mãos e dos pés” (GINZBURG, 1989, p. 144).

O método centra-se sobre os resíduos, sobre os dados marginais, sobre um traço geralmente ínfimo e específico em que “[...] minúsculos detalhes proporcionam a chave para uma realidade mais profunda, inacessível por outros métodos” (GINZBURG, 1983, p. 98). Assim, partindo desse tipo de análise, Ginzburg assevera que é possível enredar na ficção da forma narrativa os aspectos gerais em torno dos vestígios textualizados, até mesmo estabelecer na natureza desse espaço pontualmente detalhado o universo mental de toda uma época.

Se considerarmos que, em alguma medida, os textos históricos publicados por Carlo, são posteriores e/ou concomitantes à publicação das três obras de Natalia, ponderando que ambos, mãe

e filho, estavam pesquisando, escrevendo e publicando no interregno de um mesmo período – entre 1960/1990 – a hipótese de uma genealogia da forma diegética, semelhante no estilo discursivo de ambos se fortalece, uma vez que trabalham, em suas narrativas, com micro-espacos. Assim, a redução espacial da escala, em suas narrativas, participa da própria diegese textual. A narrativa tanto elabora a trama de um espaço reduzido, isto é, uma micro-história familiar, no caso de Natalia; uma micro-história das práticas inquisitoriais e do imaginário sobre a feitiçaria, no caso de Carlo, quanto a diegese dos próprios narradores – do texto literário e do texto histórico – é empurrada para essa constrição espacial.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A escritora italiana Natalia Ginzburg dispõe de uma produção ficcional substancialmente atrelada à consciência histórica, na medida em que se acusa em algumas de suas obras uma remissão historiográfica que conduz àquilo que a canadense Linda Hutcheon exprime como ajustado a uma poética do pós-modernismo. Sua diegese é carregada de elementos paródicos, irônicos e contraditórios, os quais lançam luz sobre um certo passado, que por já ter existido “[...] seu acesso está totalmente condicionado pela textualidade. Não podemos conhecer o passado, a não ser por meio de seus textos: seus documentos, suas evidências, até seus relatos de testemunhas oculares são *textos*” (HUTCHEON, 1991, p. 34, grifos da autora)”.

É o caso dos livros, *Léxico familiar*, *Caro Michele* e *A família Manzoni*, textos ficcionais que podem ser classificados, segundo a taxonomia de Linda Huntcheon, no subgênero *metaficção historiográfica*, pois que carregados de vestígios textualizados de densa substancialidade histórica que são, não somente remissivos a um passado, mas cuja matriz discursiva do texto ficcional transporta em sua moldura a própria diegese da história – ou da historiografia, sua produção discursiva – superpondo-os como elementos diegéticos da própria infraestrutura dos três romances (SALES; CASTRO, 2019, p. 160).

O texto metaficcional, segundo a teoria literária, se define a partir do reconhecimento do próprio texto sobre sua natureza fictícia, caracterizado por uma autoconsciência tanto teórica quanto histórica, por meio da reflexão de si mesmo enquanto criação humana e, portanto, ficção (HUTCHEON, 1991, p. 22). Em *Léxico familiar*, por exemplo, em muitos trechos, a narradora constrói uma discussão em torno da poesia, com citação de poetas ou com o destaque a poemas de autores consagrados, o irmão dela Mario lia os clássicos Dante, Heródoto, Homero, e dos modernos lia Baudelaire e Leopardi (GINZBURG, 2018, p. 125), ou rememorando poesias produzidas por amigos, por conhecidos, ou por ela mesma sob a centelha da infância ou os arroubos da juventude.

Nesse sentido, o texto fictício discute a si próprio na diegese de sua interioridade textual. Ocorre uma conjunção entre os domínios da literatura, da história e da teoria, os quais,

interseccionados na obra fictícia redimensionam esses três discursos – o literário, o histórico e o teórico – investidos numa tessitura intertextual que transformam o relato romanesco numa metaficção historiográfica que fala de si, sobre si, para si e, ainda, para os outros, problematizando a própria consciência histórica no âmago do relato ficcional. Elementos diegéticos que transitam nas três narrativas de Natalia, formalizando-os sob a identidade de uma poética pós-moderna.

Além dessa arquitetura metaficcional, trata-se ainda de uma narrativa historiográfica, pois a história desse núcleo familiar virtualiza uma experiência que se imiscui num único bloco à história da escalada do fascismo na Itália da primeira metade do século XX, formando uma narrativa integrada e justaposta dessas duas instâncias, que ao mesmo tempo narra e problematiza a atmosfera fascista a partir de uma unidade familiar de origem judia, conforme o trecho: “No tempo do fascismo, os poetas viram-se obrigados a exprimir somente o mundo árido, fechado e silibino dos sonhos” (idem, p. 182).

A reflexão sobre o tempo histórico constitui a diegese do texto de Natalia de uma camada historiográfica. Sua narrativa desvela as fraturas e os destinos humanos imersos numa época de angústia, perdas e dor, uma vez que essa narrativa recupera o cenário sombrio dos anos de 1930, entrementes às duas Grandes Guerras, antecipando em termos da particularidade familiar os destroços da guerra do holocausto porvir. Além de tudo isso, Natalia tece um exercício historiográfico de micro-história familiar, uma vez que a partir de um léxico específico que circulou na sua própria família na primeira metade do século XX desenvolve um relato bastante apurado sobre as sombras do fascismo que nesse período assombrou não somente a Itália, mas uma Europa inteira sob os riscos de uma ideologia totalitária.

Um exercício semelhante de micro-história é também empregado por Natalia na monumental narrativa de *A família Manzoni*. Diversas remissões históricas se diluem no corpo o texto, de maneira que se interpõem os relatos sobre a história familiar dos Manzoni e a história político-social da Itália na época de Napoleão e de sua posteridade.

Na costura diegética desse romance biográfico, a escritora articula subsídios das técnicas que empregou nos dois livros anteriores. Assim como ocorre em *Léxico familiar*, trata-se de vasto relato de memórias biográficas de personagens históricos encabeçados pelo próprio Alessandro Manzoni, os membros de sua família, amigos íntimos e poucos conhecidos, compostos por figuras ilustres do meio literário, da política, da aristocracia etc., no decorrer do século XIX, conservadas por meio de missivas remetidas que circulou entre esse conjunto de pessoas de estreito relacionamento com a família, análoga à narrativa de *Caro Michele*.

Para Hutcheon, “a ficção pós-moderna sugere que reescrever ou reapresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico” (HUTCHEON, 1991, p. 147). As três obras de Natalia sinalizam essa apoteose:

presentificam um passado historiografado na própria pena da escritora sem demandar uma conclusão, afinal, o texto fictício é inesgotável.

CONCLUSÃO

Diferentemente da terminologia micro-história de uso detido na historiografia da história, mais especificamente desde as décadas de 1960-70 do século passado, desconhecemos a divulgação do uso da expressão *micro-história literária* nos meios científicos afins ou propriamente nos estudos literários, como proposta de investigação histórico-literária.

Nessa esteira, consideramos um *achado* importante de nossa proposta investigativa a visada teórica a partir dos procedimentos desse método historiográfico como método auxiliar aos apontamentos histórico-literários para refletirmos a respeito da produção literária de Natalia Ginzburg nos três livros que dela abordamos.

Assim, os princípios basilares da micro-história, fundamentados por Carlo Ginzburg (em conjunção com os apontamentos de Giovanni Levi, seu primo), se instrumentalizam como procedimento teórico-analítico para a compreensão do modo diegético costurado pela mãe do historiador em suas ficções, as quais conferem à família o micro-espço temático de tessitura discursiva. Além disso, as obras em questão, sob o coeficiente da historicidade, por meio da condução do paradigma indiciário, assumem condições temático-formais que possibilitam construir uma micro-história literária da literatura italiana, do século XIX em *A família Manzoni*, e do século XX em *Léxico familiar* e *Caro Michele*.

Trata-se de salientar o elo que liga o caráter das fontes, isto é, dos documentos literários que possuímos em mãos com o exercício de interpretação literária na exegese do texto com a finalidade de extrair desse acervo que se contém no micro-espço familiar articulado por Natalia um universo mental sobre a história da literatura nacional italiana entre os séculos XIX e XX, na perspectiva de uma micro-história, por isso, uma micro-história literária da literatura italiana dispersa na ficção de Natalia Ginzburg.

Como o próprio Ginzburg ressalta o procedimento com o elemento construtivo, “[...] o texto é uma entidade, profunda e invisível, a ser reconstituída através e para além dos dados sensíveis à disposição [...]” (GINZBURG, 1983, p. 106). Nesses termos, considerando a multiplicação das histórias parciais e a heterogeneidade das cronologias que geram contradições nos relatos históricos, o uso do paradigma indiciário como elemento construtivo para a narração e a explicação de uma história da literatura cujas fontes instalam sua temática e sua forma numa dimensão de caráter micro e localizado, se imbui, a nosso ver, de procedimento válido para o investimento numa abordagem histórico-literária.

REFERÊNCIAS:

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria**: literatura e senso comum. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GINZBURG, Carlo. Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. Em: ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas A. (Orgs.). **O signo de três**: Dupin, Holmes, Peirce. Tradução Silvana Garcia. São Paulo: Perspectiva, 1983, pp. 89-129.

_____. Introdução. Em: GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução Rosa Freire d' Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 7-14.

GINZBURG, Natalia. **A família Manzoni**. Tradução Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Caro Michele**. Tradução Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Cosac Nayfi, 2010.

_____. **Léxico familiar**. Tradução Homero Freitas de Andrade. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HUTCHEON, Linda. **Poéticas do pós-modernismo**: história, teoria e ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. Em: BURKE, Peter (org). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução São Paulo: Editora da UNESP, 1992, pp. 133-162.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SALES, Jucelino; CASTRO, Lilian Monteiro de. **A narrativa literária de Natalia Ginzburg e a produção historiográfica de Carlo Ginzburg**: a micro-história no epicentro da substância fictícia e o elemento da convergência discursiva. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3412/2772>>. Acesso em: 28 de jul. de 2019.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **História da literatura**: trajetória, fundamentos, problemas. 1 ed. São Paulo: É Realizações, 2014.

ESPAÇO E MEMÓRIAS NA NARRATIVA DE LÍLIAN ALMEIDA

Maria Aparecida Brandão Farias¹¹ | Maria das Graças Meirelles Correia¹²



APRESENTAÇÃO

No conto *Avó*, da escritora baiana Lílian Almeida, a protagonista, Maambi, se incomoda com a diarista (Graça) quando ela mexe na cadeira de balanço da falecida avó que guarda, dentre outros objetos, cuidadosamente. Maambi é jornalista e se irrita com a notícia de um caso de estupro. A vítima da violência sexual entrevistada pelo jornal justifica o crime pelo fato de ser mulher. Ao comentar o fato com a diarista, Maambi surpreende-se por ela concordar com a moça entrevistada e a resposta de Graça a faz lembrar da avó. Maambi, mesmo desolada ao constatar que o imaginário coletivo está povoado de ideia sobre a inferioridade feminina, volta ao passado em que Dona Dejanira (avó) relata sua trajetória para a neta como mulher de baixa renda, mas inconformada com a sociedade machista. No conto *Avó* – publicado virtualmente por intermédio do Oxé: Portal literatura baiana contemporânea (2016) – Maambi é interrompida das suas lembranças por Graça que se assusta ao ouvir a patroa dizer que esteve com Dona Dejanira novamente.

Assim, o artigo *Espaços e memórias na narrativa de Lílian Almeida*, a abordagem foca o estudo do espaço físico e memorialístico presente no conto *Avó*. Por meio da referência ancestral, compara antigas concepções do imaginário coletivo sobre a posição social da mulher com o momento atual. Relativo à espacialidade literária, a narrativa se alicerça na caracterização física e psicológica de objetos presente no macro espaço do apartamento; tais objetos estabelecem conexão com a memória, para apresentar aspectos referentes a questões de gêneros mostrados da perspectiva matriarcal que servem para justificar o presente.

Na perspectiva geográfica, o texto se inicia dentro do macro espaço físico que é o apartamento, onde acontece a maior parte da narrativa. O aspecto urbano influencia Maambi em seu

¹¹ Estudante de Educação básica, técnica e tecnológica, do curso de Tecnologia da Informação, do Instituto Federal da Bahia – IFBA – campus Santo Amaro, integrante do Projeto Oxé: literatura baiana contemporânea. e-mail: mariafaria456@gmail.com

¹² Professora EBTT do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Santo Amaro, coordenadora do Projeto Oxé: literatura baiana contemporânea. e-mail: maria.correia@ifba.edu.br

modo de pensar sobre as questões da mulher. E depois sai desse espaço e entra no micro espaço, a sala, onde fica a cadeira de balanço ponto crucial da abertura de outro espaço, o memorialístico.

Desta maneira, as mulheres ocupam espaços não só físicos e atuantes, mas também se consolidam na base construtiva da formação humana, no início da vida onde as primeiras noções de mundo são aplicadas. Em um dos trechos do conto, Maembi relembra:

E escola, vó, não tinha? Tinha. Não pra menina mulher, era só pra menino-homem. Os meninos botavam água do poço pra casa, cuidavam dos animais do patrão, galinha, porco, boi, o que tivesse na sobrevivência. De tarde, iam pra escola. Eu ficava com mãe, cosia as roupas furadas no trabalho da roça, se tinha mandioca trabalhava na casa de farinha de seu Tonho, se não, era na maré ou em casa mesmo. (Lílian Almeida (<http://oxe.insix.com.br/avo/>)).

O diálogo entre a personagem principal e sua avó demonstra o quanto a divisão de gênero e a submissão privilegiam o sexo masculino, vez que, desde a infância, às mulheres é imposto o modelo machista.

OBJETIVOS

O objetivo do estudo é entender como, na configuração do conto *Avó*, da escritora baiana Lílian Almeida (Oxe: Portal literatura baiana contemporânea, 2016) a instância narrativa perpassa o espaço da memória. Por sua vez, o espaço memorialístico consorcia reminiscências que remontam a lembranças de ancestrais. Nesse sentido, as recordações relacionam fatos do passado, com destaque para a posição social da mulher, com elementos da atualidade. Na análise do macro espaço que é físico, através da lembrança da personagem, surge outro espaço: o social. Dona Maembi, numa conversa com a diarista Graça, volta-se para o ambiente psicológico de onde encontra argumentos ao rememorar a figura da avó. Na narrativa, mesmo a Avó que intitula o conto sendo personagem secundária, responde por formar o espaço social que – ao longo da história – as mulheres ocuparam.

METODOLOGIA

Para empreender a análise, o artigo toma o conceito de espaço social da geografia e relaciona-o com os estudos do espaço literário, propondo-se a destacar também – por intermédio do conceito de identidade, advindo dos estudos culturais –, o modo como a personagem principal se observa diante do processo de evolução do papel da mulher na sociedade. Tais observações, apresentadas ao leitor no curso da narrativa, revelam características sociais e psicológicas da personagem, sua visão de mundo frente aos desafios que acerbam a igualdade de gênero, bem como destaca seu lugar de

fala no mundo contemporâneo. Desta maneira, a análise da narrativa observa como a fusão entre o espaço físico e limitado do apartamento transcende, por meio do espaço tempo da memória, para apresentar ao leitor, as modificações decorridas no espaço social ocupado pelo sexo feminino, buscando, por meio da literatura, apresentar teorias feministas. A produção do trabalho ocorreu devido à participação no projeto Oxe: literatura baiana contemporânea, por meio do qual, em sessões de orientação, foram lidos textos literários da autora de modo a selecionar um *corpus* de análise, bem como definir um tempo para as leituras e discussões teóricas.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Avó: Espacialmente símbolo genealógico carregado de reminiscência.

A princípio, o assunto do texto se contorna na base familiar, que constrói a moral de uma determinada cultura: o passado influencia fortemente o presente. A questão do ser mulher nos dias atuais requer mais atenção e luta numa sociedade com consciência e atos machistas. O conto da autora baiana Lilian Almeida abre a discussão feminista sobreposta ao afeto de Maembi, apresentado por intermédio das lembranças da avó. Os objetos presentes na narrativa preenchem a memória coletiva, em especial a cadeira de balanço, pois não é apenas um móvel em desuso, visto que se desobjetifica na medida em que deixa de ser um objeto e para se tornar artefato repleto de possibilidades interpretativas. Na literatura este procedimento compreende a figura retórica da alegoria que é conceituada como figura de linguagem bastante poética e de influente peso estético, pois eleva os enunciados a um plano que também existe fora daquilo sobre o que se fala, construindo ilustrando a respeito de determinada ideia com base na relação subjetiva perante outros aspectos, sejam concretos ou abstratos. O objeto, cadeira de balanço, fica em local estratégico na sala; a personagem principal reserva-o para manter a memória. Ele consiste na representação concreta com referências abstratas, pois o ambiente influencia e recebe influências desse estado do alma da personagem (FILHO, 2009). Além de carregar a lembrança, a cadeira é apresentada de modo personificado:

Minha casa tem espaços vivos e a sala só tem vida por causa dessa cadeira de balanço.

Desculpe, dona Maembi, não quis ofender não. Ela foi de sua avó, né?

Exatamente por isso. (ALMEIDA, 2016)

A personagem tem apego à cadeira de balanço da avó. Nessa alegoria, há personificação já que, em si, do objeto é tirado seu sentido denotativo e, por intermédio da relação afetiva que a neta, no caso Maembi, vira outra coisa: espaço de memória. No conto, há um local reservado onde estão

dispostos todos os objetos antigos: tiras plásticas; cadeira de ferro; abajur; crochê; sofá e a correntinha. Eles assumem importante papel na preservação da memória, cada um desses móveis remete a ligação de Maembi com sua avó que representa a composição de sua identidade, bem como suas experiências e vivências. Como salienta Maurice Halbwachs:

Não é uma simples harmonia e correspondência física entre o aspecto dos lugares e das pessoas. Mas cada objeto encontrado, e o lugar que ocupa no conjunto, lembram-nos uma maneira de ser comum a muitos homens, e quando analisamos este conjunto, fixamos nossa atenção sobre cada uma de suas partes, é como se dissecássemos um pensamento onde se confundem as relações de uma certa quantidade de grupos. (HALBWACHS, 1968, p.131)

O conto se aproxima da realidade nos trechos em que predomina o espaço realista, pois narra um acontecimento corriqueiro. Maembi, a personagem principal é jornalista e escreve uma matéria para o jornal em que uma mulher foi violentada sexualmente num estacionamento da faculdade e, mesmo sendo a vítima, se sente culpada pelo crime, justificando-o pelo fato de ser mulher. Notícias como a referida no conto são extremamente comuns em jornais impressos, digitais e programas televisivos e permitem inferir a vulnerabilidade social e política em que as mulheres se encontram no país. Esta insegurança interfere também no modo de agir e pensar das famílias. Dentro da narrativa, existe o discurso feminista por parte da personagem:

Graça, tudo isso é responsabilidade da sociedade machista em que a gente vive. Ela faz a gente se sentir culpada por tudo, até por existir. A responsabilidade do estupro é do estuprador, ele é o criminoso, deve responder pelo seu crime. A moça não deve sentir culpa, não tem responsabilidade nisso, é vítima. (ALMEIDA, 2016)

A apropriação desta teoria inclusa no espaço físico, apartamento, que representa o mundo contemporâneo e, ao mesmo tempo, se conecta ao espaço memorialístico na posição da vida de Dona Dejanira em outro contexto social. Ou seja, o argumento feminista não era possível na época da avó. Porém, a avó tem um entendimento muito à frente do modelo social do período em que vivia, discordando do sistema machista onde estava inserida. Maembi reveste-se do lugar de fala na contemporaneidade para elucidar o modo como opera o discurso patriarcal. Os argumentos da vítima e da diarista eram de submissão: ambas se culpabilizam por serem mulheres.

Para o geógrafo Milton Santos (2008), todo o espaço físico se configura em espaço social na medida em que abriga experiências humanas e modos de ser em um determinado território. Assim, na conformação do espaço físico do apartamento – localizado num edifício em um centro urbano –

Maembi se depara com duas esferas discursivas: o discurso externo, próprio à instância do senso comum e o interno, calcado nas suas memórias infantis. Assim, neste espaço se constrói uma situação em que os discursos internos e externos perpassam o tempo em que se sucedem. O argumento de Dona Dejanira, referente a um contexto do passado, é avançado, pois afirma que a mulher existe para ser bem-sucedida na vida e ocupar todos os lugares, enquanto o de Graça parece sedimentar a noção de prática inerte, tomada de Sartre e explicada por Santos (2008) como:

Prático-inerte é uma expressão introduzida por Sartre, para significar as cristalizações da experiência passada, do indivíduo e da sociedade, corporificadas em formas sociais e, também, em configurações espaciais e paisagens. (SANTOS, 2008, p.317)

Como salienta Milton Santos, no livro “A natureza do espaço”, a expressão pratico-inerte denota a relação do personagem com o espaço que ocupa. Como podemos observar no trecho do conto:

É, dona Maembi, pode até ser, mas o certo é que mulher sofre e não é pouco. E mais, a gente é um ser acanhado, se encolhe por um tudo, e numa situação dessas só quer sumir. Olhou atentamente para a diarista, aquela fala era familiar. Mirou a cadeira de balanço. Era assim que a avó dizia: “a vida, minha filha, diz que é pra gente viver encolhida, mas eu acho que não”. (ALMEIDA, 2016).

Ao olhar para a cadeira de balanço, o narrador volta-se para o passado da personagem. Portanto, há transição entre os espaços e os tempos. Maembi, ao ouvir o argumento da vítima de estupro que é reforçado por Graça, sua diarista, busca relacionar os argumentos de ambas diante do enaltecimento do homem sobre a mulher com as discussões propostas por sua avó em um passado longínquo. Logo, no conto literário, o narrador cuidadosamente insere o leitor nos espaços e tempos constitutivos da identidade da personagem. Nestes termos, é possível destacar que a identidade de Maembi baseia-se nos saberes e na convivência com Dona Dejanira ao mesmo tempo que é forjada pelas discussões contemporâneas sobre questões de gênero e emancipação feminina. O ser humano é movido pelas memórias, visto que é o acúmulo dos valores éticos que constroem a personalidade.

CONCLUSÃO

Desta maneira, o presente artigo avalia como a categoria espaço se desenvolve na narrativa do conto *Avó*, de Lilian Almeida. Assim, observa que o espaço narrativo se estrutura em três tipos:

espaços físico (apartamento), social (o papel da mulher) e o psicológico (memória da avó). O desenvolvimento deles é simultâneo: a maior parte acontece no físico, se efetiva no psicológico em torno do social.

Ao longo do texto, o espaço da narrativa vai oscilando entre esses espaços, a personagem possui interiormente dois pontos de projeção da memória e instância discursiva de projeção de voz: o espaço urbano, delimitação geográfica que congregado ao tempo presente articula a voz da personagem frente às concepções patriarcais e machistas; e o outro ponto é o espaço psicológico que articulado ao tempo passado traz os argumentos da avó de modo subjetivo para que a voz da personagem irrompa através de análises sobre o papel mulher. As articulações destes duplos de espaço e tempo formam a identidade de Maembi na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS:

GOTLIB, Nádia Battella. *A teoria do conto*. Disponível em <file:///C:/Users/Gal/Downloads/Nadia%20Battella%20Gotlib%20-%20Teoria%20do%20Conto.pdf> acesso em 20 de maio de 2019.

SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção -4*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FILHO, Oziris Borges. *AFINAL DE CONTAS, QUE ESPAÇO É ESSE?*. Belo Horizonte, Ribeirão Gráfica Editora, 2015.

GANCHO, Cândida Vilares. *Introdução à Poesia*. São Paulo: Atual, 1989

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. *O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico*. Disponível em http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf acesso em 20 de maio de 2019.

Verbete Alegoria. Em: *Tudo sobre figuras de linguagem*. Disponível em <https://figurasdelinguagem.com.br/alegoria/>. Acesso em 20 de maio de 2019.

